

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**“ PERCORRENDO OS CAMINHOS NA CONSTRUÇÃO DA
SEXUALIDADE ADOLESCENTE:
SIGNIFICADOS DO MUNDO VIVIDO”**

LOURDES MARIA BRAGAGNOLO FRISON

**Dissertação apresentada, ao
Programa de Pós Graduação em
Educação, da Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul, como
requisito parcial para a obtenção do
grau de Mestre em Educação.**

Prof^a. Dr^a. Berta Weil Ferreira

Orientadora

Porto Alegre, julho de 2000.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**“PERCORRENDO OS CAMINHOS NA CONSTRUÇÃO DA
SEXUALIDADE ADOLESCENTE:
SIGNIFICADOS DO MUNDO VIVIDO.”**

LOURDES MARIA BRAGAGNOLO FRISON

Comissão Examinadora

Prof^a. Dr^a. Berta Weil Ferreira- PUCRS - Orientadora

Porto Alegre, julho de 2000.

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)

Agradecimento Especial

À professora Mirian que, com seu estímulo, ensinou-me a ressignificar muitas das minhas vivências compreendendo os diferentes caminhos existentes.

À professora Berta que me acolheu, apoiou e acompanhou. Com a sabedoria de uma verdadeira mestra promoveu o diálogo e pontuou buscas teóricas, denotando competência e solidariedade.

Agradecimentos

Ao meu marido, Paulo, que pelo seu amor, carinho, dedicação e compreensão viveu comigo a construção e a realização deste projeto de vida.

Aos meus filhos, grandes instigadores e estimuladores da concretização de mais este sonho tão acalentado.

À minha amiga Lúcia, que, com suas críticas e reflexões, se tornou minha incentivadora, a quem devo muito desta caminhada.

Aos colegas do Curso do Mestrado pelos momentos de estudo, pela amizade construída e troca de experiências. Em especial a Suzana, Rosana, Cristhianny, com as quais dividi muitas alegrias e apreensões.

Aos sujeitos desta pesquisa pela oportunidade ímpar de compartilhar de seu mundo vivido.

À Escola Edgar Luiz Scneider pelo abertura e colaboração recebida.

Aos professores do Curso de Mestrado da Faculdade de Educação pelas oportunidades oferecidas de construção de conhecimentos e abertura de novos caminhos, em especial Dr^a Maria Helena Abraão, Dr^o Roque Moraes, Dr^a Marlene Grillo e Dr^a Nara Bernardes.

A meus familiares que souberam compreender minhas inquietações, ausências e respeitar o tempo necessário para a realização deste sonho.

SUMÁRIO

RESUMO	8
ABSTRACT	10
RESUMEN	12
CAPÍTULO I	
DE ONDE VIM PARA ONDE VOU.....	15
CAPÍTULO II	
O CAMINHO PERCORRIDO E A POSSIBILIDADE METODOLÓGICA.....	22
CAPÍTULO III	
O ENCONTRO: MOMENTO DE DESVELAMENTO E DESCOBERTA.....	37
CAPÍTULO IV	
DENOMINAÇÃO DOS SUJEITOS: SEUS NOMES, SEUS MISTÉRIOS.....	42
Transformações: Sua Vida... Sua História... Seus Significados.....	46
CAPÍTULO V	
O ENCONTRO DAS ESSÊNCIAS E SUAS DIMENSÕES.....	48
CAPÍTULO VI	
PERCORRENDO OS CAMINHOS DA ADOLESCÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DA SEXUALIDADE.....	54
LAÇOS FAMILIARES NA CONSTRUÇÃO DA SEXUALIDADE.....	70
Família e Identidade Sexual.....	74
Relações Parentais: Aproximações, Conflitos e Rupturas.....	91
ENVOLVIMENTO DA ESCOLA COM A SEXUALIDADE ADOLESCENTE.	16
Falas e Silêncios : A Inexistência do Diálogo.....	120
Fracassos e Exclusões: A Omissão da Escola.....	132

AMIGOS: CADINHO DE EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS	144
Diálogo e Trocas: A construção de Aprendizagens Sobre Sexualidade.....	145
Drogas: Marcas se Delineiam no Mundo Vivido.....	152
VIVÊNCIAS PRECOSES DA SEXUALIDADE: EXPERIÊNCIAS, SENTIMENTOS E EMOÇÕES.....	163
Ficar – Namorar: Novas Descobertas, Novas Relações.....	164
Transar: Experiências Desencadeadora de Sentimentos.....	169
Gravidez e Doenças: Preocupações Emergentes.....	177
Compreensão e Ressignificação das Vivências.....	187
CAPÍTULO VII	
CONSIDERAÇÕES FINAIS: MEDIAÇÕES POSSÍVEIS.....	195
ANEXOS	
205	
BIBLIOGRAFIA	

RESUMO

O presente estudo busca compreender os sentimentos e as vivências que perpassam a vida dos adolescentes de 8ª série do Ensino Fundamental, relacionadas ao fenômeno da sexualidade no ambiente escolar e renovar a reflexão no que se refere à atuação profissional do educador na escola. Esta investigação teve como locus uma Escola Estadual de Porto Alegre.

A metodologia utilizada é qualitativa, de cunho fenomenológico, pretendendo compreender **os significados das vivências e dos sentimentos dos adolescentes relacionados ao fenômeno da sexualidade no ambiente escolar**. Nesta perspectiva, foram realizadas entrevistas semi estruturadas, com 11 alunos de ambos os sexos, com idades entre 14 e 16 anos. Este instrumento oportunizou a coleta de informações de forma a desvelar o mundo-vivido dos participantes.

A análise dos achados da pesquisa foi feita pelo método fenomenológico, proposto por GIORGI (1985) e COMIOTTO (1992). Através da intersubjetividade dos sujeitos pesquisados, foram desveladas vivências individuais e grupais, possibilitando a compreensão do fenômeno de modo a desvelá-lo para chegar às essências e às dimensões que constituem o mundo da vida dos adolescentes. Todas as essências interagem, formando entre si uma corrente sistêmica, em que uma completa a outra, de modo similar ao que ocorre no ciclo vital do ser humano. As quatro essências encontradas, com suas devidas dimensões são: **Laços familiares na construção da sexualidade**, desvelada pela identidade sexual e pelas relações parentais; **Envolvimento da escola com a sexualidade do adolescente**, evidenciada nas falas e silêncios, fracassos e exclusões; **Amigos: cadinho de experiências compartilhadas**, fundamentada nas trocas, diálogos e no uso de drogas. Ainda, **Vivências precoces da sexualidade: experiências, sentimentos e emoções**, constituídas pelas experiências individuais e pessoais do ficar, transar e nas preocupações com a gravidez e doenças sexualmente transmissíveis. A compreensão de suas vivências adolescentes permeia seus mundos-vividos em busca de resignificação.

A partir das constatações desta investigação, pretende-se fundamentar uma necessária mudança na ação educativa, apontando para um novo projeto da ação político-

pedagógica, que contemple as preocupações, as necessidades e os sentimentos dos adolescentes. Encaminha-se também, para criação de cursos de formação para professores, para que eles possam: interagir na escola e na comunidade; trabalhar de forma integrada com a família; responder às necessidades evidenciadas pelos adolescentes. A base do processo se fundamenta na relação dialética e dialógica entre pais, professores e alunos, numa dimensão informativa e preventiva.

Esta investigação aponta para a necessidade de a escola descobrir novas formas de inserir Orientação Sexual como tema transversal no currículo, através de projetos que contemplem respostas aos questionamentos dos jovens.

Palavras chave: *sexualidade, sentimentos, essências, fenomenologia, proposta pedagógica.*

ABSTRACT

The present study seeks to understand the feelings and experiencing that occur in eighth-grade adolescents' the Primary Education, which are related to the sexuality phenomenon in the school setting, and to renew reflections on the educators' professional performance in the school. This investigation had a State School of Porto Alegre as its locus.

The methodology employed is qualitative, of a phenomenological character, and is intended to understand the meanings of adolescents' experiencing and feelings related to the sexuality phenomenon in the school setting. In this perspective, semistructured interviews with 11 students of both sexes, aged between 14 and 16, were carried out. This instrument enabled information collecting, so as to unveil the subjects' lived-world.

The analysis of the research findings was conducted by the phenomenological method, which was proposed by GIORGI (1985) and COMIOTTO (1992). Through the intersubjectivity of the subjects researched, individual and group experiencing was disclosed, making the phenomenon understanding possible, so as to reveal it in order to reach the essences and dimensions that constitute adolescents' world life. All the essences interact, making up a systemic current among themselves, where one completes the other, in a way which resembles what occurs in human beings' vital cycle. The four essences which were found, with their due dimensions, are: **The family ties in the sexuality** build-up, unveiled by sexual identity and by parental relations; **The school's involvement with the adolescents' sexuality**, evidenced in utterances and silences, failures and exclusions; **Friends, a melting pot of shared experiences**, based on exchanges, dialogues and drug use; **Early sexuality experiencing: experiences, feelings and emotions**, made up of individual and personal experiences of caressing, having sex and worries about pregnancy and sexually transmitted diseases. The understanding of their adolescent experiencing pervades their lived-worlds in search of resignificance.

Taking the findings of this research as a starting point, the author aims at expounding the foundations of a necessary change in the educational action, pointing to a new project of politico-pedagogical action, which takes into account adolescents' worries, needs and feelings. The author also points to the creation of teachers' training courses, so that they may interact in the school and in the community; work in an integrated way with the families; meet the needs evidenced by adolescents. The process basis lies on the dialectic and dialogical relation among parents, teachers and students, in an informative and preventive dimension. This investigation points to the need of the school's finding new ways of inserting sexual orientation as a transversal theme in the curriculum through projects that may consider answers to youngsters' questionings.

Key words: *sexuality, feelings, essences, phenomenology, pedagogical proposal.*

RESUMEN

El presente estudio busca comprender los sentimientos y las vivencias que atraviesan la vida de los adolescentes de 8° grado de la enseñanza fundamental relacionados al fenómeno de la sexualidad en el ambiente escolar y renovar la reflexión en lo referente a la actuación profesional del educador en la escuela. Esta investigación tuvo como foco una Escuela Estadual de Porto Alegre.

La metodología utilizada es cualitativa, de carácter fenomenológico, pretendiendo comprender **los significados de las vivencias y sentimientos de los adolescentes relacionados al fenómeno de la sexualidad en el ambiente escolar**. A este tenor fueron realizadas entrevistas semi estructuradas, con once alumnos, de ambos los sexos, con edades entre catorse y dieciséis años. Este instrumento de colecta de informaciones posibilitou ver el mundo-vivido de los participantes.

Al análisis de los resultados de la investigación fue aplicado el método fenomenológico, propuesto por GIORGI (1985) y COMIOTTO (1992). A través de la intersubjetividad de los sujetos investigados, fueron desvelados vivencias individuales y grupales, posibilitando la comprensión del fenómeno de manera a revelarlo para llegar a las esencias y a las dimensiones que constituyen el mundo de la vida de los adolescentes. Todas las esencias interactúan, formando entre si una corriente sistémica, en la que una completa a la otra, de manera similar a lo que ocurre en el ciclo vital del ser humano. Las cuatro esencias encontradas, con sus debidas dimensiones, son: **Lazos familiares en la construcción de la sexualidad**, desvelada por la identidad sexual y por las relaciones parentales; **Envolvimiento de la escuela con la sexualidad del adolescente**, evidenciada en las charlas y silencios, fracasos y exclusiones; **Amigos crisol de experiencias compartidas**, fundamentada en trueques, diálogos y en el uso de drogas. Y aun, **vivencias precoces de la sexualidad: experiencias, sentimientos y emociones**, constituídas por las experiencias individuales y personales del quedar, firtar y en las

preocupaciones con el embarazo y enfermedades sexualmente transmisibles. La comprensión de sus vivencias adolescentes atraviesan sus mundos-vividos en busca de resignificación.

A partir de las constataciones de esta investigación, se pretende cimentar una necesaria modificación en la acción educativa, apuntando para un nuevo proyecto de la acción político-pedagógica que contemple las preocupaciones, las necesidades y los sentimientos de los adolescentes. Encaminha-se, también, para la creación de cursos de formación para profesores que puedan: interactuar en la escuela y en la comunidad; trabajar de forma integrada con la familia; responder a las necesidades evidenciadas por los adolescentes. La base del proceso se apoya en la relación dialéctica y dialógica entre padres, maestros y alumnos en una dimensión informativa y preventiva.

Esta investigación apunta por la necesidad que la escuela tiene de descubrir nuevas formas de inserir educación sexual como eje transversal en el currículo, a través de proyectos que lleven en cuenta respuestas a los cuestionamientos de los jóvenes.

Palabras llave: *sexualidad, sentimientos, esencias, fenomenología, propuesta pedagógica.*

“Quanto mais entendemos os principais problemas de nossa época, mais somos levados a perceber que eles não podem ser entendidos isoladamente. São problemas sistêmicos, o que significa que estão interligados e são interdependentes”.

Capra.

CAPÍTULO I

DE ONDE VIM E PARA ONDE VOU

Na minha trajetória profissional, de mais de 20 anos, na vivência com adolescentes de 5ª a 8ª séries, tenho acompanhado jovens em suas diferentes vivências e tenho buscado ajudá-los na compreensão das transformações psíquicas e físicas que ocorrem nesta etapa, de vida.

Ser adolescente demanda um investir de energias muito grande, pois muitos dos conflitos existenciais se manifestam nesta idade, o que torna o jovem sensível, vulnerável e muitas vezes agressivo.

O adolescente recebe significativa influência da escola. Ainda que o ser humano se construa como sujeito durante toda vida, a pessoa vive no ambiente escolar, exatamente os principais anos de constituição da subjetividade, de construção de identidade, de elaboração de seu projeto de vida.

O que busco compreender ao empreender esta pesquisa não é algo distante e passivo, mas é algo que perpassa toda a história da minha vida, que se oferece aos meus sentimentos e à minha percepção.

Meu interesse é entender os sentimentos e as vivências dos adolescentes, relacionados ao fenômeno da sexualidade, na escola. Pretendo também renovar a reflexão no que se refere à atuação profissional. Através das constatações daí advindas, desejo fundamentar

uma possível mudança na ação educativa e apontar para um novo projeto de ação psico-político-pedagógica.

Acreditava que ao buscar as razões desta pesquisa no meu vivido, encontraria as respostas na minha trajetória profissional. Hoje, ao escrever esta dissertação, percebo que os movimentos realizados até aqui, pessoais e profissionais, estão interligados. Os elos se unem desde minha adolescência, perpassam minha vida profissional e atingem o momento presente.

Posso afirmar que não sou elemento estranho, dissociado do contexto em que se insere este problema: por duas décadas, minha atuação profissional, em escolas, esteve direcionada aos adolescentes.

Definir minha escolha sobre a temática sexualidade na adolescência, relacionada com as vivências e os sentimentos dos jovens não foi difícil. Tomar esta decisão foi apenas um retornar à época em que eu estava nesta fase e me confrontava com os mesmos questionamentos que os jovens, atualmente, repetem nas escolas. Sendo assim, posso afirmar não serem estes questionamentos aleatórios ou ocasionais, eles estão vinculados à minha história vivida e à minha trajetória profissional. Meu olhar sempre esteve voltado para estas questões que preocupam pais, educadores mas principalmente adolescentes por interferirem diretamente na construção da sua identidade.

O próprio adolescente tem necessidade de entender os vários aspectos de sua existência - seus sentimentos, seus afetos, suas vivências, sua sexualidade, sua interação com o outro - daí partiu minha

vontade de buscar compreendê-lo e ajudá-lo a compreender a si próprio, como também entender minha própria existência.

É o meu eu que se faz presente buscando a compreensão intuitiva do vivido. Desde muito tempo, algumas questões que movem esta pesquisa se repetem na minha cabeça como um eco à procura de respostas. Na minha busca muitas vezes me vi frente a situações-problemas, envolvendo questões da área sexual, quer junto a alunos com suas dúvidas e angústias, quer junto a pais e professores também carregados de dúvidas e angústias.

Há pelo menos uma década, escuto dentro de mim uma inquietação que me move nesta direção. Nem sempre estas inquietações surgiram de processos de percepção interna, inúmeras vezes surgiram dos olhares, dos silêncios, dos risos e das perguntas dos adolescentes, de seus pais e dos educadores.

Este perguntar dos adolescentes que escuto como um eco, tornou-se relevante impulsionando-me à procura de um sentido. Este ressoar instigou-me a uma busca mais aprofundada que viesse a contribuir para a construção de novas e melhores estratégias de abordagem do tema da sexualidade no ambiente escolar.

Com certeza, não foram poucos os pais que me procuraram e solicitaram entrevistas comigo, trazendo situações de seus filhos por não saberem como as enfrentar. Entre elas, as mais freqüentes foram namoros, beijos na boca, relações sexuais, uso de preservativos e anticoncepcionais, interesse por parceiro do mesmo sexo, gravidez e aborto.

Também não foram poucos os alunos encaminhados a mim por haverem desenhado órgãos sexuais, escrito bilhetes sexualmente provocativos, tido gestos e atitudes apelativas, namorado nas salas e corredores, masturbado-se, transado nos banheiros.

Foi assim que, na prática cotidiana na Orientação Educacional, ao longo de minha carreira, constatei ser a escola articuladora de vínculos afetivos com seus alunos, mas, quando diz respeito à abordagem da educação sexual, os educadores têm grande dificuldade de lidar com este tema. Muito se tem falado, nas escolas, em educação sexual, mas pouco se tem avançado nesta área- especialmente no ensino estadual.

Há algum tempo, havia uma quase proibição de se tratar o tema sexualidade nas escolas, salvo sob o ponto de vista biológico. No final da década de 70, vivi uma experiência extrema: um aluno foi expulso da escola pública por estar olhando uma revista pornográfica em sala de aula.

Com certeza, nos anos seguintes este tipo de discurso foi se modificando pelo surgimento de várias experiências e pela abertura do debate sobre o tema sexualidade em cursos, palestras, seminários, mas as angústias dos professores, dos alunos, dos pais, no entanto, persistem até hoje.

Veladamente, a escola segue realizando o pedido impossível de que os alunos, ao nela entrarem, deixem sua sexualidade do lado de fora. No ambiente escolar, a sexualidade é vigiada e até mesmo negada.

Parece que ocultar, reprimir, não responder às dúvidas e às perguntas dos adolescentes tem sido as respostas mais comuns dadas pelos profissionais da escola aos questionamentos relativos à área sexual, trazidos pelos adolescentes.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de 1996 apontam para a inclusão da Orientação Sexual como tema transversal nos currículos. A articulação desse tema estabelecido nestes Parâmetros Curriculares indica mudanças significativas no avanço da questão educação sexual.

Mesmo tendo havido avanços, trabalhar a temática da sexualidade na escola parece ser bastante difícil e complicado. Alguns poucos professores iniciam um trabalho alternativo porém, raramente, conseguem dar a devida continuidade.

A problemática da sexualidade está, neste momento, sendo alvo de grandes questionamentos e desafios. Situados no contexto histórico, eles envolvem questões culturais, sociais, éticas e psico-político-pedagógicas.

A grande maioria dos professores, quando se trata de sexualidade, faz da sala de aula uma redoma em que a vigilância, a observação e a interpretação equivocada rotulam o aluno. Neste ambiente controlador e normativo, quais as possibilidades abertas para que se expressem dúvidas, se busquem informações, se esclareçam curiosidades? Como esta repressão repercute no sentimento do aluno?

A sexualidade faz parte da teia de relações sociais e das interrelações da vida em grupo. Se os educadores a reprimem ou a

negam, onde e com quem os alunos buscam a resposta para suas dúvidas e questionamentos?

Na escola a fala sobre sexualidade evolui lentamente, ficando em descompasso com as outras falas sobre este tema, como a da mídia, que tem sido extremamente apelativa.

Quando eu estava na 7^a série, o conteúdo sexualidade integrava o último capítulo do livro de biologia. O que mais os alunos desejavam era chegar a este capítulo, no entanto, nunca se conseguiu alcançá-lo.

Nas escolas onde, recentemente, atuei como orientadora educacional, constatei continuar a sexualidade sendo parte do conteúdo de biologia, com a diferença de que, agora, os alunos conseguem “estudar” este capítulo. Lentamente, começam a surgir projetos para tratar da sexualidade, mas ainda de uma forma segmentada e distanciada da realidade e dos desejos do aluno.

Vejo adolescentes de minha família deslumbrados diante da televisão, vendo programas de auditório que, de modo apelativo, “ensinam” sobre sexualidade. Milhares de adolescentes estarão, como eles, tentando compreender sua sexualidade através de uma via deturpada pois não encontram outra forma de realizá-lo. Alguns privilegiados poderão dialogar com seus pais, a maioria apenas compartilhará suas idéias com amigos da mesma faixa etária. Surgem-me perguntas: qual a responsabilidade da escola frente a tal situação? Quanto o silenciar do educador pode influenciar comportamentos do aluno tais como ansiedade, tensão, desorganização, dificuldades de relacionamento, introspecção?

Existem os que negam ser a educação sexual missão da escola, afirmando ser ela responsabilidade dos pais, por ter implicações quanto a questões de credo, de ética e de moral.

Talvez por isso a escola se apresenta assexuada no seu contexto educacional, em seu currículo. A sexualidade, porém, faz parte da escola: nas conversas de grupo, no olhar perdido de alguns a contemplar o nada, nos escritos dos banheiros que a escola só faz lavar e pintar.. pintar e lavar ..inúmeras vezes durante o ano letivo, sem ao menos pensar que mensagens os alunos estão revelando nestes escritos. O mesmo ocorre nas piadas e brincadeiras, nos empurrões que significam aproximações afetivas, nos abraços e beijos de corredores e de dentro da sala de aula, enquanto o professor explica os acidentes geográficos, as baías, as colinas, os vales... e eles pensam nas formas de um corpo ou nas pernas da colega ao lado.

Estes questionamentos me levaram à presente investigação em que busco ver algo além dos fatos, além das repetições. Quero compreender os adolescentes e os reflexos do mundo que os cerca a partir de suas vivências e seus sentimentos, num encontro com as minhas vivências e os meus sentimentos.

Estamos, alunos e educadores, constantemente nos mostrando um ao outro, nos fazendo ver. Ao nos fazer ver, estabelecemos uma inter-relação, uma interligação do meu eu com o eu do outro. Pesquisador e pesquisado intrinsecamente envolvidos num viver-reviver, num construir-reconstruir, na compreensão do mundo vivido.

CAPÍTULO II

O CAMINHO PERCORRIDO

E A POSSIBILIDADE METODOLÓGICA

Ao revisitar minha história de vida pessoal e profissional, percebo ser ela permeada de vivências, de buscas, de certezas e incertezas, que me mobilizaram a compreender algo em que estive por longo tempo envolvida.

Tinha necessidade de esclarecer dúvidas sobre questões ligadas à sexualidade dos adolescentes. Inquietações que surgiam constantemente. Queria entendê-los, ajudá-los a enfrentar seus problemas, suas angústias. Percebia que em mim buscavam ajuda porque encontravam um “*porto seguro*”, alguém que os ouvia, partilhava e refletia conjuntamente.

Surgiam perguntas como: De que forma ajudá-los a enfrentar este momento de vida? Por que a escola se cala, frente a situações tão claras de pedido de ajuda? Como os adolescentes lidam com seus problemas ligados a sexualidade? A família, como reage frente às manifestações de sexualidade dos filhos?

Quando decidi realizar minha dissertação de mestrado, na temática da sexualidade, percebi que esta opção não era uma escolha aleatória ou eventual. Era fruto de uma busca, de uma vivência impregnada de questionamentos surgidos, ao longo dos anos, no meu fazer profissional, que palpitavam e me mobilizavam a esta investigação.

Nesta busca descobri, em mim, a articulação dialética de três diferentes dimensões: a tensão do aluno, a tensão da escola e a tensão do conhecimento. Me permito neste momento explicitar um pouco mais detalhadamente cada uma dessas tensões.

Inicialmente, a tensão do aluno: minha ação estava centrada em ajudá-lo a descobrir e perceber sua sexualidade. A encontrar tranquilidade para superar os conflitos surgidos das descobertas e dificuldades sexuais, ajudando-o a tomar decisões mais refletidas, aprendendo a controlar e a educar a impulsividade.

Depois, a tensão da escola: a centralização da ação foi a de ajudar educadores e pais a superar suas limitações e dificuldades ao tratar a temática da sexualidade. Ambos, inseridos num contexto social controlador e normatizador, não sabiam como proceder para ajudar este jovem.

Finalmente, a tensão do conhecimento ou fase da construção, que surgiu de uma forma natural e gradativa. Sentia-me impulsionada a buscar algo mais. Só o que estava fazendo não bastava. Era preciso ir além.

Assim, meu pensamento e minha ação estão voltados para produzir este conhecimento, a fim de ajudar o aluno, a instituição escolar, pais e professores a encontrarem alternativas de atuação dentro de uma proposta ético-político-pedagógica.

Este trabalho tomou conta de mim e desafiou-me a procurar compreender através dos seus sentimentos e do mundo vivido, o que se passa na vida dos adolescentes. O que eles pensam e sentem.

Para desenvolver este estudo foi preciso tomar coragem e desafiar a mim mesma. Parti para entender a complexidade do problema. Percebi a importância de compreender os paradigmas existentes através da ciência e de como eles influenciam, determinam e norteiam a vida das pessoas.

Paradigma é uma visão de mundo. É a forma como eu enxergo as coisas. São os “óculos” com os quais se vê a realidade. É o nosso olhar frente à vida. É o conjunto de pressupostos que levam a interpretar a realidade de uma maneira. É um esquema teórico, uma forma de compreensão do mundo. Uma sociedade se desenvolve segundo paradigmas, que acabam direcionando os caminhos a serem seguidos pelos indivíduos.

Surgiram muitas idéias de como percorrer o caminho desta investigação. A metodologia qualitativa se desvelou de forma apaixonante e reveladora, indicava a possibilidade de compreender o significado do que observava e do que ouvia dos adolescentes.

A escola estava repleta de idéias prontas e acabadas. Alguns professores tinham receitas interessantes, consideradas infalíveis, usadas em múltiplas situações. Eu, envolvida neste processo, permanecia com um sentimento de incompletude. Teorias de neutralidade, isolamento e alienação não mais cabiam neste fazer, buscava uma nova realidade.

A experiência me mostrava que eram necessários envolvimento, parceria, cumplicidade. O método qualitativo se mostrou o mais adequado.

Ele me permitiria entrar no mundo pessoal do sujeito, compreender o significado particular da ação de cada um.

“...penetrar no mundo dos sujeitos, buscando a compreensão, o significado particular da ação das pessoas e utiliza como critério a evidência do acordo intersubjetivo no contexto educacional. Pretende, ainda, desenvolver conhecimento ideológico, assumindo que a descrição pode mostrar uma realidade dinâmica, múltipla e holística”(Engers, 1994, p.66).

Engers (1994) integra questões pertinentes a uma investigação mais ampla, emergindo daí o conjunto das significações que constituem o mundo em que vivemos.

Ao percorrer este caminho, fui mergulhando na compreensão do fenômeno que pretendia investigar.

Os significados das vivências e dos sentimentos dos adolescentes relacionados ao fenômeno da sexualidade no ambiente escolar a partir das seguintes questões norteadoras:

- expectativas dos adolescentes quanto à abordagem de temas de seu interesse relacionados à sexualidade;
- interferência da questão da sexualidade na construção da identidade;
- percepções do aluno quanto ao seu momento de vida frente às questões sobre sexualidade;
- relações intra e interpessoais do adolescente na dimensão sexualidade na vivência grupal e no ambiente familiar;

- conflitos existenciais relativos à sexualidade que interferem na tomada de decisões do adolescente e encaminham para seu projeto de vida;
- sentimentos dos alunos quanto à abordagem feita pelo professor sobre sexualidade na sala de aula;
- interferências da compreensão da sexualidade na aprendizagem.

Encontrei na abordagem fenomenológica apoio necessário para realizar esta investigação, compreender e responder as questões norteadoras.

A fenomenologia se descortinou para mim. Permitiu compreender o fenômeno de modo a desvelá-lo para chegar à sua essência. Ela não se limita a uma descrição passiva dos fatos. É simultaneamente tarefa de interpretação que consiste em pôr a descoberto os sentimentos menos aparentes, o que o fenômeno tem de mais fundamental.

Ela não propõe simplesmente uma direção a ser seguida mas sinaliza um envolvimento efetivo do pesquisador com o pesquisado. Propõe que na relação dialética se encontre a compreensão do vivido pelo sujeito. Emergem daí as essências e as dimensões do fenômeno.

Este fenômeno é compreendido e não explicado, porque não se interpreta nenhum fato. Trata-se de descrever e não de analisar ou explicar. Busca-se compreender o fenômeno se envolvendo cada vez mais na sua essência, desvelando aos poucos o que está encoberto. A compreensão das experiências relatadas pelos sujeitos deve estar isenta de nosso pré-conceito.

A fenomenologia se define como o estudo dos fenômenos. Fenômeno é tudo o que se mostra, tudo o que se deixa ver. É preciso partir de algo concreto, não abstrato. O caminho a percorrer é uma incógnita, não se sabe o que surgirá. Ao ser trilhado exige do pesquisador abertura e coragem. Abertura para evitar preconceitos e coragem para assumir riscos de uma investigação que se transforma ao longo de sua realização.

Zilles (1994) refere que fenômeno é:

“tudo aquilo de que possamos ter consciência, de qualquer modo que seja. Fenomenologia, no sentido husserliano, será pois o estudo dos fenômenos puros, ou seja, uma fenomenologia pura” (p.125).

Para este autor os fenômenos da consciência são apenas o caminho para examinar os diferentes sentidos ou significados do ser. A fenomenologia tem como objetivo estudar a significação das vivências da consciência. Considera que a palavra fenomenologia é antiga na história da filosofia ocidental. *“O nome, na sua origem grega, deriva de fenômeno, que designa aquilo que aparece, que se manifesta ou se revela” (1990, p.13).*

A fenomenologia procura descrever acuradamente o mundo como aparece, em todos os seus aspectos, como se apresenta no próprio fenômeno, na consciência.

Por ser a fenomenologia uma *“filosofia e um método,”* como enfatiza Moraes (1993), nos permite chegar à compreensão dos fenômenos que se deixam ver, que se tornam visíveis, diferenciando-se de uma ciência que estuda as coisas como objeto. É preciso olhar para o vivido tal como ele se apresenta e como ele é vivenciado.

Comiotto (1992) corrobora:

“a fenomenologia só é acessível a um método fenomenológico e, sendo um método, a fenomenologia quer atingir o fenômeno através de uma visão categorial e assim poder captar sua essência” (p.176).

Esta metodologia não tem a intenção da mudança, mas ela poderá ocorrer em decorrência da análise do mundo vivido, das evidências dos sujeitos pesquisados. O que um sujeito intencionalmente evidencia podem outros sujeitos evidenciar, surgindo daí os significados que constituem o mundo vivido. Minha intenção, ao analisar as entrevistas, é compreender o que se passa com os entrevistados e descobrir as essências a partir das suas falas.

Zilles (1990) salienta Husserl, por ser ele o pai do movimento fenomenológico contemporâneo. Ele nos ajuda a compreender esta metodologia quando enfatiza *“a volta às coisas mesmas, o retorno à experiência vivida do mundo” (p.16)*. Para ele fenomenologia é estudar o sujeito tal qual ele se apresenta no próprio fenômeno. Explica que para chegar ao fenômeno puro, ele suspende o juízo em relação à existência do mundo exterior, reduzindo-o à consciência. A essa suspensão designou epoqué. Para Comiotto (1992) *“a epoqué é ascender ao transcendental: à subjetividade, à intersubjetividade” (p.178)*.

Busca, na subjetividade, compreender os significados das vivências das pessoas, em relação à sua existência, seus sentimentos, seu mundo vivido. Através da subjetividade se estabelece a intersubjetividade, é o meu eu que se encontra com o eu do outro; a partir deste encontro se efetiva uma compreensão do fenômeno vivido. A subjetividade isolada não pode proporcionar significados e respostas. É preciso buscá-las na intersubjetividade dos sujeitos em interação.

Para ter uma postura fenomenológica precisamos estar envolvidos com o fenômeno, precisamos estudar o ser como ele se apresenta, priorizando as significações e valorizando a consciência como elo de ligação entre o homem e o mundo material.

A volta-às-coisas-mesmas é a finalidade da fenomenologia, através delas o sujeito pode revelar sua abertura ao mundo. A percepção do fenômeno sempre é subjetiva, de cada pessoa, de forma única e insubstituível. A análise dos fenômenos é a busca da compreensão dos significados das vivências da consciência. É da consciência que surgem alternativas de compreensão dos fenômenos. Husserl considera que a consciência é intencional e intersubjetiva.

Ela é intencional porque interage com o mundo, por ser consciência de algo, busca a compreensão do sentido com os sujeitos envolvidos no fenômeno. A fenomenologia possibilita a análise intencional dos fenômenos da consciência. Intencional porque interage com o mundo e dos fenômenos da consciência por ser algo específico e único de cada pessoa .

Capalbo (1987) afirma

“a descrição intencional do vivido caracteriza-se por estar situada num mundo, no qual se vive, se trabalha , se ama ou se odeia, se sofre as influências da educação e da cultura, se experimentam as contradições e as alienações, em suma, tudo aquilo que neste estar situado no mundo faz parte da experiência humana que envolve a cada um e a todos nós” (p.6).

A fenomenologia é intersubjetiva porque o sentido que atribuímos ao mundo pode ser compartilhado.

Morais (1993) considera

“Intersubjetiva na medida em que as evidências intencionais vivenciadas por um sujeito, o são também por outros sujeitos, emergindo daí o conjunto das significações que constituem o mundo em que vivemos”(p.18).

A fenomenologia parte do irrefletido e leva o ser humano a pensar sobre fatos que envolvem o cotidiano da sua vida, ao fazê-lo internaliza esta reflexão, que assumida pela pessoa vai modificando-a e transformando-a. Os valores, os conceitos, as certezas passam a ser questionados a partir da própria existência.

Esta abordagem não busca o “*porquê*” dos fenômenos, mas impõe que seja buscada a significação do fenômeno na vida de quem o vive. À medida que o sujeito expressa suas vivências, caminha em busca de uma verdade que está dentro de si para ser descoberta. Precisa assim estabelecer uma comunicação interior.

Merleau-Ponty (1971) afirma que o ser humano não é um ser que “*repousa em si*” mas é um ser cuja essência é a de “*fazer ver*”, é portanto um sair de si e se “*fazer ver*” a si mesmo e se configura no se “*fazer presente*”.

A fenomenologia é o estudo das essências, dos fenômenos, como se apresentam à consciência. Merleau-Ponty (1971) considera uma filosofia que recoloca as essências na existência, onde a intencionalidade, “*deixa de ser a propriedade da consciência, para ser característica de um sujeito voltado ao mundo*” (Comiotto, 1992, p.179). Fenomenologia se define como a ciência das essências e não dos fatos.

Para Paviani (1990), na fenomenologia *“a solução de um problema passa necessariamente pela definição de sua essência. Chegar às essências é atingir o mundo como está aí antes da reflexão”*(p.28).

O estudo das essências busca da compreensão do fenômeno vivido. O que se pretende é o desvelamento do fenômeno, o significado da vivência, do irrefletido. Foi preciso colocar entre parênteses minha teoria, meus valores, meus conceitos, para no momento das entrevistas e da análise conseguir chegar às evidências do fenômeno, sem estar presa a conceitos e definições.

Neste metodologia, ao encontrar uma essência no fenômeno vivido se volta a este fenômeno, buscando encontrar novos significados, desvelando aos poucos o que está encoberto. Para atingir as essências é necessário um esforço de retorno à experiência original, priorizando o mundo vivido do sujeito, a experiência e o irrefletido.

Toda análise fenomenológica é um redescobrir-se, é ter um olhar para si mesmo. Ela é, na sua essência, uma autodescoberta, porque estabelece processos de avaliação consigo mesmo.

Através deste método, busquei compreender o significado das vivências dos adolescentes no que diz respeito à questão da sexualidade. Com cada adolescente, procurava entender sua forma de vida e suas preocupações latentes. É importante salientar que eu não tinha clareza do caminho a ser percorrido, ele foi se delineando e se construindo à medida que o palmilhava.

Fazer pesquisa fenomenológica é trilhar um caminho um pouco incerto. É conviver com o que for surgindo na medida em que se vai

avançando. Não é, entretanto, um caminho suave, nem contínuo e linear. Para Moraes (1993) realizar pesquisa fenomenológica “*consiste em delinear o caminho durante a caminhada, em saber conviver com a insegurança de uma pesquisa aberta para modificações no próprio curso de sua realização*”(p.21). Para ele a fenomenologia precisa “*valer-se da linguagem*), *já que é através dela que o sentido surge e se manifesta*” (p.20).

Realizei entrevistas de cunho fenomenológico. Elas foram gravadas e, posteriormente, transcritas. A sua análise, possibilitou-me um profundo olhar sobre o vivido no que se refere aos fenômenos da sexualidade. Esta metodologia descortina um caminho coerente com a sua proposta. Utilizei-me dela para compreender e não explicar causas ou razões.

Após a transcrição, realizei uma análise detalhada das informações obtidas. Utilizei para esta análise a metodologia proposta por GIORGI (1997). Ela apresenta cinco passos na aplicação do método, seguido por um sexto passo, proposto por Comiotto (1992).

Giorgi havia proposto, inicialmente, quatro passos (1985). Posteriormente, acrescentou mais um (1997). O passo de Comiotto (1992) que era conhecido como o quinto passo do método, passou então, a ser o sexto.

Giorgi, em 1997, ao introduzir a coleta de dados, a colocou antes dos demais passos já existentes.

Por considerá-lo fundamental e de extrema importância na coleta de informações, Comiotto, já orientava seus mestrados para que executassem este passo, por primeiro, mesmo antes da publicação de Giorgi.

ANÁLISE DAS ENTREVISTAS: PASSOS REALIZADOS

1º - COLETA DE INFORMAÇÕES VERBAIS:

Para Giorgi (1997), este passo deve constar de entrevistas, depoimentos ou ambos. Realizei entrevistas gravadas e posteriormente transcritas e analisadas. Por serem entrevistas gravadas posso ouvi-las tantas vezes quantas forem necessárias. Qualquer dúvida, alteração de entonação ou outro tipo de reação, manifestados pela pessoa no decorrer da entrevista, ficam registrados.

Entrevistas em que o entrevistador registra a fala dos sujeitos de forma escrita, não são fiéis aos momentos vividos pelo entrevistado, prejudicando o entendimento, a compreensão do fenômeno.

2º - O SENTIDO DO TODO:

O entrevistador realiza releituras com o objetivo de impregnar-se do sentido geral, buscando a compreensão do mundo-vivido de cada participante. Assim, realizei a transcrição das entrevistas tal qual foram verbalizadas. Eu as li e reli a fim de impregnar-me do sentido do todo.

3º - DISCRIMINAÇÃO DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO:

Consta da releitura do texto, destacando as unidades de significado. Dividi o texto em unidades de significado, numeradas e separadas por um travessão. Neste passo mantive a linguagem original do sujeito pesquisado.

4º- TRANSFORMAÇÕES DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO EM LINGUAGEM DO ENTREVISTADOR:

Foram feitas transformações de linguagem. Cada unidade de significado do entrevistado foi transcrita para a linguagem formal do entrevistador. Esta transcrição se torna necessária para a organização das idéias, muitas vezes expressas desencadeadas ao longo das entrevistas. Esta organização ocorre sem modificação das idéias do sujeito. É necessário manter-se fiel aos aspectos que revelam o fenômeno, procedendo somente a redução fenomenológica.

5º - SÍNTESE DO TODO:

É o momento de sintetizar. Isso foi feito de acordo com as unidades de significado, buscando identificar tudo aquilo que havia de essencial nas entrevistas de cada um. Construí desta forma uma visão sintética e integrada das idéias do sujeito entrevistado.

6º - DIMENSÕES FENOMENOLÓGICAS:

Este passo foi proposto por Comiotto (1992), na sua tese de doutorado. A partir das sínteses realizadas, encontrei as dimensões que me levaram à interpretação e à compreensão das essências do fenômeno.

“As dimensões são partes constitutivas das essências. Através das dimensões as essências se desvelam” (Comiotto, 1999).

Realizados estes seis passos foi feita, com o devido apoio teórico, a interligação dos dados extraídos da síntese das entrevistas.

Apresento a seguir o diagrama do método fenomenológico.

digrama metodológico

CAPÍTULO III

O ENCONTRO:

MOMENTO DE DESVELAMENTO E DESCOBERTAS

Pela natureza da pesquisa os dados foram coletados através de entrevista de cunho fenomenológico porque ela permite ao sujeito liberdade e espontaneidade na manifestação de seus sentimentos. A entrevista foi organizada de forma semi-estruturada tendo presente seu desenvolvimento essencialmente dialógico.

As entrevistas foram gravadas, com a autorização dos participantes, a fim de serem analisadas posteriormente.

Capalbo salienta que é pela metodologia fenomenológica que se pode: *“mostrar, descrever e compreender os motivos presentes nos fenômenos vividos e que se mostram e se expressam a si mesmos na entrevista empática”* (1987.p.6).

Esta autora complementa explicando que a entrevista se dá sob a forma de existência situada no encontro.

“O encontro existencial não é programado. Ele é um encontro que se apresenta de maneira imprevista, ou seja, é um acontecimento com o qual me defronto e que vai exigir de mim um novo posicionamento”(p.7).

Neste tipo de entrevista estão implícitas peculiaridades complexas em seu conjunto. Não basta apenas ouvir os relatos dos sujeitos entrevistados, é necessário percebê-los e captá-los. Conhecer o universo subjetivo do indivíduo, sua visão de mundo, o conjunto de suas preocupações, a realidade tal como ele a percebe. Isso exigiu de mim uma postura de acolhimento e abertura, assumindo uma posição de igualdade com os entrevistados. A entrevista fenomenológica é eminentemente relacional e intencional.

Esta opinião é sustentada por Carvalho (1987) quando afirma:

“Uma entrevista fundamentada em uma metodologia fenomenológica, conseqüentemente, não submete a situação observada e o participante a uma análise conceitual, classificadora, orientada por um esquema de idéias e direcionada para determinados fins” (p.30).

Na entrevista, fluem o mundo vivido, o saber do entrevistado e não as idéias do entrevistador. Segundo esta autora, a entrevista fenomenológica é uma maneira de penetrar na verdade, seja ela qual for, sem qualquer falseamento ou deslize, preconceito ou impostura.

Consiste portanto, em captar a maneira como o sujeito está vivenciando o seu mundo. Durante a entrevista, na intersubjetividade do diálogo, o sujeito consegue explicitar para si mesmo e para o outro tudo aquilo que realizou, deixou de realizar ou que poderá vir a realizar.

Moraes (1993) salienta que, ao fazer uma entrevista fenomenológica, se chega a uma aproximação da verdade, mas que *“nunca se atingirá a essência definitiva” (p.19).*

As essências fazem parte da vida do sujeito e de como ele percebe o mundo em que vive. Nesta abordagem o enfoque principal se encontra na sensibilidade, na intuição e na empatia. É um momento ímpar para o sujeito, é como estar na frente de um espelho onde ele se desvela no seu eu mais particular, onde narra através da sua fala os acontecimentos e os sentimentos mais significativos.

Morais (1993) destaca que o ser humano se desvela através da linguagem e que, para a fenomenologia, a linguagem é mais do que um instrumento de comunicação, pois a palavra está embebida da essência do ser. Por esta razão, a fenomenologia vale-se das manifestações orais do sujeito pois *“não há pensamento sem palavras”* (p. 20).

No diálogo o sujeito se expressa, se desvela também por outras manifestações como gestos, lágrimas, expressões faciais... Este desvelamento é a expressão da subjetividade.

Carvalho (1987), ao referir ao encontro durante a entrevista ressalta:

“...desvelando o gesto do cliente, é possível captar a coerência de sua realidade no mundo e a maneira de se posicionar frente a eles; os momentos explicativos de sua conduta e de sua vida, no que se refere aos fatos e acontecimentos do mundo objetivo” (p.66).

A entrevista não pode ser dirigida, nem pode seguir um esquema pré-determinado. Ao contrário, busquei, através da interação e do diálogo, compreender o fenômeno, envolvendo-me cada vez mais na sua essência, desvelando aos poucos o que estava encoberto.

Esta investigação realizada entre julho e dezembro de 1999, teve como locus uma Escola Estadual de Porto Alegre. Foram realizadas entrevistas semi estruturadas, com 11 alunos de ambos os sexos, com idades entre 14 e 16 anos, da 8ª série do Ensino Fundamental.

A escolha dos participantes foi feita aleatoriamente pelos professores da própria escola, respeitando a vontade do aluno de participar. Eles foram informados sobre o tema da pesquisa, para que decidissem livremente em participar ou não.

A duração média das entrevistas foi de 60 minutos. Elas foram precedidas de um encontro no qual expliquei aos participantes os objetivos da pesquisa. Combinei com cada um o dia e horário do encontro individual. Todos ocorreram no ambiente da escola, na sala do Serviço de Orientação Educacional, pois esta apresentava condições favoráveis para realização da entrevista.

Para realização das entrevistas, organizei um roteiro de questões que poderiam norteá-las. Não tinha a intenção de utilizá-lo com rigidez. O acerto desta decisão ficou evidente no decorrer das entrevistas. Cada participante aproveitou o encontro a seu modo, relatando sobre seu mundo vivido e como o percebia.

Tive, como norteadora das entrevistas, a questão:

“FALA-ME DOS TEUS SENTIMENTOS E VIVÊNCIAS SOBRE AS QUESTÕES DA SEXUALIDADE COMO ESTUDANTE DESTA ESCOLA.”

Para realização das entrevistas, segui, de forma flexível, o seguinte roteiro:

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Dados de Identificação

Nome suposto:

Idade:

Sexo:

Série:

Data:

Questão central:

“Fala-me dos teus sentimentos e vivências sobre as questões da sexualidade como estudante desta escola.”

Tópicos Geradores:

- sentimentos em relação à sexualidade
- expectativas dos adolescentes
- construção da identidade
- compreensão do momento de vida
- relações intra e interpessoais com os amigos e a família
- tomada de decisão-projeto de vida
- abordagem do professor sobre sexualidade
- relação entre adolescência, sexualidade e aprendizagem
- o que mais gostaria de dizer

Avaliação da entrevista pelo entrevistado
Avaliação da entrevista pelo entrevistador

CAPÍTULO IV

DENOMINAÇÃO DOS SUJEITOS:

SEUS NOMES, SEUS MISTÉRIOS.

O homem tem em seu ser uma energia propulsora que o conduz à busca do prazer, da alegria, da beleza, da sabedoria. Esta energia flui em seu interior e se transforma em força, garra e coragem.

Busquei, para denominar os sujeitos desta investigação, algo que simbolizasse esta força que existe no ser humano. Encontrei nas pedras este fascínio. Elas traduzem beleza, encanto e uma certa magia em todos nós. As pedras carregam mistérios que despertam no homem curiosidade e questionamentos.

Fiz a escolha motivada também pelos próprios sujeitos. No dia do primeiro contato, ao chegar na escola, encontrei-os envolvidos e deslumbrados com uma encantadora exposição de pedras.

O mistério das pedras, encontradas na natureza é a ponte que une a magia e a ciência. O fascínio, o misticismo das pedras mexe com nossa imaginação. Muitas lendas nos falam delas, de seu encantamento e sua representação mística.

As pedras simbolizam a força energética que cada um tem dentro de si. O mistério encontrado nas pedras e o que elas representam pode ser comparado aos mistérios que a sexualidade apresenta para os adolescentes.

Escolhi para cada sujeito a pedra que, por sua peculiaridade e simbologia, mais se aproximava das características por ele reveladas na entrevista.

Para maior compreensão da leitura, após o nome da pedra símbolo de cada entrevistado, coloquei entre-parênteses a indicação do sexo - masculino (M), feminino (F) - e da idade do sujeito à época da entrevista.

A seguir, apresento o quadro de associação entre a pedra e o adolescente.

NOME	SEXO E IDADE	CARACTERÍSTICA DA PEDRA	CARACTERÍSTICAS PERSONALÓGICAS
Hematita	feminino 16 anos	Sua denominação se deve à cor de sangue que apresenta em algumas partes, quando quebrada. Tem origem grega: aimaktos significa sangue.	Vive num ambiente familiar onde predomina a violência. Sua história de vida é carregada de momentos difíceis. Busca a harmonia e a reconciliação consigo mesma.
Malaquita	feminino 14 anos	Estrutura-se em diferentes camadas. Quando cortada, exibe o efeito ótico de uma estrela, devido às fibras que ocorrem em seu interior	É uma jovem de muita fibra, apresenta coragem, garra, determinação. Constrói sua teoria de vida, traça planos e objetivos para o futuro. Harmoniza a todos. Possui muito dinamismo e alegria.
Opala	feminino 16 anos	Irradia todas as cores do arco-íris. É uma pedra extremamente sensível e deve ser tratada com cuidado. Sob certas condições perde suas cores que retornam quando reconquista a umidade.	Viveu experiências marcantes. Graças à sua força interior e ao amor e ao apoio do namorado procura dar um novo sentido à sua vida. É muito sensível, traz muitas recordações de sua infância e pré-adolescência. Busca equilibrar-se e encontrar-se como mulher.
Ametista	feminino 15 anos	Cresce dentro de geodes cinzentos, em sua rocha-mãe. Tão logo a rocha seja rompida e os cristais encontrem luz, eles começam a brilhar.	Reflexiva e introspectiva questionase sobre suas vivências. Aprendeu com a mãe o que é a vida. Ela é seu apoio incondicional. Sofreu experiências difíceis com o namorado. Seus pais vivem em conflito e ela se sente dividida entre os dois.
Cristal de rocha	feminino 15 anos	É formada pela silícia cristalizada em prismas hexagonais incolores, completamente transparentes. Possui o extraordinário poder de polarização rotatória da luz. Ótimo condutor de calor.	Procura estar sempre disponível. Tem um forte desejo de ajudar os outros. Seus sentimentos manifestam-se de forma prismática, para cada situação encontra formas alternativas de solução. É sonhadora e sensível, sofre com as dificuldades alheias.

Turmalina	masculino 16 anos	Esta é uma pedra notável. Quando aquecida fica carregada de eletricidade estática -positiva numa extremidade e negativa na outra . Em determinada posição, deixa passar a luz de forma perfeita.	É muito tímido e introvertido Encontrou na bebida o meio para vencer sua timidez e sua insegurança. Está em busca de ressignificar estas vivências, num processo de crescimento pessoal.
Ônix	masculino 14 anos	Sua cor varia do preto ao branco translúcido. As formas e padrões internos do Ônix levam alguns a dizer que a pedra tem uma figura em seu interior que conta uma história ou traz um ensinamento.	Sensível, vive muitas modificações nos seus vínculos. Perdeu o amor da namorada. Houve uma total desorganização em sua vida. Sente tristeza e depressão. De repente, o mundo ficou cinza e ele não encontra mais o colorido da vida.
Quartzo	masculino 15 anos	Esta pedra se constitui de sílica. Ela é uma substância que, nos caules longos e ocos, os ajuda a ficarem eretos e a se refortalecerem depois de terem sido dobrados pelos ventos.	Ele sofre demais pela separação dos pais. O afastamento do pai o abalou muito. Vai deixar de estudar por causa do futebol. Porém, está feliz pois encontrou o amor. Só assim, conseguiu acalmar suas angústias.
Jaspe	masculino 14 anos	Ocorre livremente nos cascalhos dos jardins. É opaco e compacto. Na antigüidade, atribuíram-lhe propriedades mágicas	É tímido, quieto, reservado.. nao expressa seus sentimentos, porém é muito disciplinado e dedicado ao futebol. Canaliza toda sua energia para o esporte. Luta para conseguir o que deseja. É persistente em sua maneira de ser e de conquistar seus espaço.
Ágata de Fogo	masculino 16 anos	Fogo é o nome dado à maneira pela qual um raio de luz cintila de volta das profundezas de uma pedra quando a reavivamos. Esta pedra parece ter em seu interior uma brasa acesa.	É paixão, é energia. Sonha e faz planos. É uma pessoa feliz. Por onde passa irradia calor, alegria, harmonia. Está de bem com a vida e deslumbrado consigo mesmo.

HAVIA UMA PEDRA EM MEU CAMINHO,
EM MEU CAMINHO HAVIA UMA PEDRA.

(versos de Carlos Drummond de Andrade)

Transformações: Sua Vida... Sua História...Seus Significados...

As entrevistas são reveladoras, estão permeadas de vivências e sentimentos narrados pelos adolescentes. Cada qual expressou seu momento de vida único e singular. Confiou-me algo seu, precioso como uma jóia. Permitiram-me conhecê-los melhor e entender também, os demais adolescentes que vivem situações similares.

Carvalho (1987) salienta que a entrevista fenomenológica:

“É uma cunha que cravamos no presente, um marco a atestar que nesse momento surgiu algo que o ser esperava ou queria dizer desde sempre. Algo que não findará nunca, se não de ser verdadeiro, pelo menos de significar e excitar nosso aparelho pensante, se preciso arrancando dele verdades mais compreensivas do que aquela. Nesse momento, alguma coisa foi fundada com significação, uma experiência foi transformada em seu sentido, tornou-se verdade” (p.35).

As entrevistas revelam as falas e as emoções dos adolescentes.

Optei em inserir, no final da dissertação, as sínteses das entrevistas realizadas para esta investigação, pela riqueza e pela complexidade de fatos e sentimentos que cada uma apresenta. Elas auxiliarão na compreensão de algum fato que possa ter ficado obscuro ao longo da apresentação deste relatório.

A seguir, são apresentadas frases que caracterizam cada entrevistado como sujeito da pesquisa.

“São vários os motivos que me afastam da escola: uns dizem respeito ao meu momento de vida, outros à própria incompetência da escola.”

QUARTZO

“... minha avó degolou (meu pai) com um fio de náilon. Apesar de tudo o que aconteceu não lembro de nada .”

HEMATITA

“Minha mãe nunca tratou comigo sobre assuntos de sexualidade, nem eu com ela.”

TURMALINA

“Esta entrevista é muito especial porque hoje estou fazendo 15 anos.”

CRISTAL DE ROCHA

“Penso que sexualidade e aprendizagem estão interrelacionados, um tem a ver com o outro.”

MALAQUITA

“Muitas vezes eu chegava de manhã cedo no colégio ‘ já chapada’ e as minhas amigas me olhavam diferente.”

OPALA

“Eu e minhas amigas conversamos bastante. As dúvidas sempre aparecem. Em conjunto, escrevemos para essas revistas de adolescentes para esclarecer dúvidas...”

AMETISTA

“Sexo, interfere na aprendizagem, porque muitas vezes me surpreendo pensando neste assunto.”

ÁGUA-MARINHA

“Quando o resultado do exame da AIDS chegou, eu me senti aliviado, fiquei feliz por não estar com a doença.”

JASPE

“Na hora das transas o adolescente pensa que é poderoso, que com ele nada vai acontecer. Eu sempre penso assim: “Deus é bom comigo ele não vai deixar acontecer nada comigo”.

ÁGATA DE FOGO

“A escola deveria ter uma aula de sexologia. Uma aula que ajudasse os alunos a entender que sexo tem o seu tempo que não precisa ser imediato..”

ÔNIX

CAPÍTULO V

O ENCONTRO DAS ESSÊNCIAS E SUAS DIMENSÕES.

Os relatos dos adolescentes pesquisados possibilitaram a compreensão dos sentimentos e dos significados de cada momento vivido. Ao contarem suas vidas, desvelavam suas experiências pessoais, individuais. Assim como uma pedra lapidada tem diferentes ângulos de incidência e reflexão da luz, os sujeitos entrevistados mostraram suas histórias sob diversos prismas impregnados de um colorido todo especial.

Nos encontros, emergiam das falas, carregadas de extrema emoção e fortes sentimentos, vivências longínquas ou atuais que mobilizavam muita energia do adolescente entrevistado. Falar, lembrar, sentir e viver... acompanhavam estas falas. Alguns dos relatos foram sofridos, difíceis, outros, alegres, descontraídos mas não menos carregados de emoção e sentimento.

Ouvir estes adolescentes foi algo inesquecível e irrepetível. Suas histórias únicas e verdadeiras foram desveladas ao longo das entrevistas, impregnadas de dúvidas, certezas e esperanças.

Aos poucos descreviam a grandeza de suas caminhadas, talvez nunca imaginável. As falas me conduziram à descoberta de pensamentos e sentimentos ainda não manifestos. Descortinaram para mim uma nova visão

e compreensão do adolescente, saltando aos meus olhos as essências e as dimensões desta investigação.

As essências e as dimensões fenomenológicas emergiram das falas dos adolescentes carregadas de emoção e sentimentos.

Agnes Heller (1982) considera que nenhuma ação, nenhum pensamento vem desvinculado dos sentimentos. Os sentimentos nada mais são do que a implicação do meu eu com algo.

Ao falar sobre sentimentos Comiotto (1992) afirma que o “*mundo dos sentimentos*” cobre todas as demais essências fenomenológicas, dando matiz e colorido ao mundo-vivido e não – vivido, pelos sujeitos. Ela salienta: “*não há ação humana que não esteja impregnada de sentimento. Nada é, para nós, indiferente*”(p. 419).

A mesma autora complementa: “*A tarefa da fenomenologia é, pois, buscar o significado das vivências que nasce de uma teia inseparável de relações*” Comiotto (1999, anotações de aula).

Quando a autora fala em uma “*teia inseparável de relações*” a imagem que me surge é a de uma tecelã que com suas mãos habilidosas entrelaça regularmente os fios, ultrapassando os limites do intransponível.

Percebo que a tecelã tem em suas mãos um tear, mas ele nada representaria se não existissem nele os fios, com seus coloridos e texturas próprias. Ao tramá-los ela vai construindo um trabalho de artista. Assim eu me vejo, num tear onde os fios são os sentimentos dos adolescentes e o entrelaçar destes sentimentos é o ressignificar da própria vida.

Comiotto, (1992) ao referir sobre sentimentos enfatiza: *“muitas vezes refreiam-se os sentimentos, relegando ao plano da insensibilidade, determinadas situações ou reações afetivas normais”*(p.87). Acabamos esquecendo que os sentimentos estão presentes na nossa vida e eles são manifestados à medida em que vivemos. Freá-los não seria nem saudável, nem adequado pois eles podem bloquear nossa produção e construção pessoal. Podem impedir a construção de aprendizagens.

Stearns (1990) ao falar em sentimentos salienta:

“Vivemos numa sociedade cujo lema é dar um jeito nas coisas, onde as pessoas acham que a forma de ajudar é nos fazer vivenciar outros sentimentos que não os que estamos realmente experimentando”(p.31).

Inúmeras são às vezes, em que ouvimos os outros dizerem para esquecermos fatos e os sentimentos por eles causados. Estas falas indicam o menosprezo às expressões emocionais naturais. Acabamos não lhes dando o devido valor e importância, como se elas não fizessem parte da vida. Somos educados a rejeitar a raiva, a dor, o medo, como sentimentos pouco nobres, os quais preocupam e, muitas vezes, nos afastam das pessoas.

“Aprendemos muito cedo a negar o que sentimos, a usar uma máscara e, afinal, a perder contato com muitos aspectos do nosso eu interior” (Branden, 1992, p.110).

Para nos ajustarmos ao mundo exterior, deixamos de lado parte fundamental de nosso ser.

Para Merleau-Ponty, conforme Paviani (1990) *“a fenomenologia procura é a experiência e a consciência de nós mesmos antes de ser objetivada pelas significações da linguagem científica”*(p.29).

Entender o mundo da vida é poder entender os sentimentos, que até pouco tempo não podiam ser considerados como temas para trabalhos

científicos. Hoje há um resgate e um respeito muito grande pelos sentimentos vividos

Stearns (1990) comenta:

“não se pode “dar um jeito” nos sentimentos, como se fossem uma colcha de retalhos, rasgada, precisando de um remendo. Como um lençol mofado, os sentimentos precisam, de luz do sol, dia após dia, até que este por fim limpe o mofo frio, branqueando o lençol”(p. 31).

As entrevistas mostram os sentimentos dos adolescentes e como é importante falar sobre eles. A partir de um incentivo desvelaram suas vidas e trouxeram sentimentos bastante remotos, alguns deles vividos na infância. Ao relatá-los iam tecendo sua colcha. Alguns momentos estavam permeados de alegria e esperança, outros carregados de dor e sofrimento. À medida que a trama era urdida, eles ressignificavam suas vidas.

Sentimentos são reações afetivas, muitos deles deixam marcas significativas podendo ser carregadas ao longo da vida. Poder falar sobre estas reações, possibilita repensar a história pessoal. Entendê-las é buscar a raiz da cientificidade, é reconstruir a vida.

Os sentimentos pertencem a nós mesmos, à nossa individualidade, à nossa identidade, ao nosso mundo vivido. Percebi que ao mesmo tempo que eu buscava a compreensão do fenômeno, os adolescentes reconstruíam a vida.

As entrevistas se apresentam tão permeadas de sentimentos que não posso separá-los do todo. Eles são o todo. Desta forma, eles estarão impregnando todas as essências e formarão a essência das essências.

Ao escrever e elencar as essências, não priorizei nenhuma delas, todas me pareceram fundamentais. Todas interagem entre si formando uma

corrente sistêmica. Não poderia haver nenhuma delas se não houvesse a subsequente e vice-versa. Uma completa a outra. É como o ciclo da vida.

Desta forma, procurei dar às essências a ordem do ciclo vital. A primeira, a família na qual nascemos, nosso primeiro grupo social. Depois a escola, em que construímos novas relações. Em seguida, os amigos, com quem fortalecemos vínculos. Por último, mas não menos importante, a essência do “sujeito” do “adolescente”, o “*ser único e insubstituível*” que, com suas vivências, seus sentimentos e emoções, inspirou este trabalho.

A seguir apresento de forma esquemática, o encontro das essências com suas respectivas dimensões.

“O ENCONTRO DAS ESSÊNCIAS E SUAS DIMENSÕES”

<p>LAÇOS FAMILIARES NA CONSTRUÇÃO DA SEXUALIDADE</p>	<p>⇒ <i>Família e Identidade Sexual;</i></p> <p>⇒ <i>Relações Parentais: Aproximações, Conflitos e Rupturas.</i></p>
<p>ENVOLVIMENTO DA ESCOLA COM A SEXUALIDADE DO ADOLESCENTE</p>	<p>⇒ <i>Falas e Silêncios: A Inexistência do Diálogo;</i></p> <p>⇒ <i>Fracassos e Exclusões: A Omissão da Escola.</i></p>
<p>AMIGOS: CADINHO DE EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS</p>	<p>⇒ <i>Diálogos e Trocas: A construção de Aprendizagens Sobre Sexualidade;</i></p> <p>⇒ <i>Drogas: Marcas se Delineiam no Mundo Vivido.</i></p>
<p>VIVÊNCIAS PRECOCE DA SEXUALIDADE: EXPERIÊNCIAS, SENTIMENTOS E EMOÇÕES</p>	<p>⇒ <i>Ficar - Namorar: Novas descobertas, Novas Relações;</i></p> <p>⇒ <i>Transar: Experiência Desencadeadora de Sentimentos;</i></p> <p>⇒ <i>Gravidez e Doenças: Preocupações Emergentes;</i></p> <p>⇒ <i>Compreensão e Ressignificação das Vivências.</i></p>

CAPÍTULO VI

PERCORRENDO OS CAMINHOS DA ADOLESCÊNCIA

NA CONSTRUÇÃO DA SEXUALIDADE

Percorrer caminhos é olhar, é buscar a compreensão das experiências e das vivências. Neste caso em especial, os caminhos percorridos são a vida dos adolescentes relacionada à temática da sexualidade.

Dos encontros com cada entrevistado, emergiu o significado, a importância da sexualidade e de como eles vivem este momento de descobertas.

Inicialmente, parecia-me um pouco difícil os adolescentes descreverem e relatarem suas experiências, seus vínculos e rupturas, enfim sua história pessoal. Surpreendi-me, ao ouvi-los, à medida que narravam seus momentos tão íntimos e tão próprios.

Com os adolescentes, aprendi muito. Relembrei ter vivido as mesmas fases e etapas relatadas por eles. Revivi meus sentimentos e minhas emoções da época da adolescência. Todos eles com significados muito especiais. Naquele momento, como agora também, não só entendia os adolescentes, como percebia que seus relatos já

faziam parte da minha vida, já ouvira relatos parecidos de algum outro adolescente, na escola, ou eu mesma, tinha vivido, na minha adolescência, algo similar.

Percebi que o adolescente aproveitou este momento da entrevista para falar sobre o seu mundo vivido, suas experiências, seus medos, temores, alegrias...

A adolescência era considerada, até pouco tempo, uma etapa da vida definida como a fase de transição. Atualmente, é entendida como uma etapa do desenvolvimento humano e tem sido foco de estudo das mais diversas ciências na busca de uma maior compreensão de suas características. Podemos dizer que esta faixa etária é uma etapa evolutiva em que há um processo maturativo biopsicossocial, com transformações psicossociais acompanhadas de modificações biológicas.

Osório (1992), ao se referir à adolescência, considera ser ela: “*o momento crucial do desenvolvimento do indivíduo, aquele que marca não só a aquisição da imagem corporal definitiva como também a estruturação final da personalidade*” (p.10).

Este autor culmina afirmando que a adolescência “*é uma etapa evolutiva peculiar ao ser humano*” que ela é um processo maturativo biopsicossocial do indivíduo. Não se pode compreender a adolescência estudando separadamente aspectos biológicos, psicológicos, sociais ou culturais.

Ao pesquisar definições sobre a adolescência, percebo terem elas algo em comum: etapa marcada por mudanças significativas consideradas transformações físicas-psíquicas-sociais, na busca de uma identidade pessoal que mais tarde determinará a personalidade.

Há quem diga ser esta etapa um segundo nascimento, primeiro se nasce e depois na adolescência se começa a viver. Outros definem como uma idade intermediária entre a infância e a vida adulta. Alguns sugerem ser esta etapa uma fase de conflito e de interrogações.

A adolescência é considerada um fenômeno universal, porém apresenta características dependentes do ambiente sócio-cultural em que o indivíduo está inserido.

Knobel (1988) considera a adolescência uma das etapas evolutivas do ser humano, vinculada a fatores histórico-sócio-culturais. Esta fase é um momento crucial no desenvolvimento do jovem, pois ele precisa vencer a dependência infantil, enfrentando modificações biopsicossociais. Para que isso ocorra com mais tranquilidade o adolescente precisa do apoio e da compreensão dos pais.

Segundo este autor e alguns outros (Ferreira 1995, Bee 1997, Outeiral 1994), a adolescência inicia pelas transformações biológicas, culminando com modificações sociais e psicológicas. O jovem aprende a lidar com o próprio corpo, a aceitá-lo e a fazer uso dele. Aprende a conhecer e lidar com suas emoções, a exercitar os papéis masculino e feminino a serem assumidos na maturidade.

O conjunto de mudanças que ocorrem nesta fase constitui o que Knobel (1988) denomina a “*síndrome da adolescência*”. Nela, o jovem está em conflito interno, o que pode ocasionar interferências também na relação familiar. Inicia-se então o auto-questionamento, a busca de uma identidade permanente.

No relato das entrevistas dos adolescentes percebem-se os conflitos, causados pela incerteza, pela indecisão, pela passagem da

infância à idade adulta. A busca de um relacionamento afetivo com os amigos e, de modo especial, com o sexo oposto são importantes neste período. A busca da identidade tem seu pico nesta fase. Os adolescentes se questionam, buscam entender quem são e o que pretendem vir a ser.

Corroborando com os conceitos trazidos dos teóricos, destaco a seguir um trecho das entrevistas realizadas com os adolescentes que explicitam momentos de mudança e transformação vividos na adolescência.

Ametista (15, F) ao falar sobre adolescência, enfatiza o apoio recebido de sua mãe e explica as mudanças ocorridas nesta fase: *“para mim não foi uma mudança tão brusca. A minha mãe vinha me preparando desde pequena. Ela sempre me explicou tudo. Eu não senti uma mudança muito rápida. Realmente não senti.”*

Hematita (16, F) relata o sofrimento vivido na infância e relembra os problemas advindos desta época e diz que na adolescência:

“estou vivendo momentos difíceis, passando por uma fase muito complicada. Faz duas semanas que toda hora mudo de humor. Até os professores tem notado que, na aula, ando muito estranha e distante”.

Opala (16, F) viveu uma adolescência confusa, envolvida com drogas, traficantes e experiências sexuais frustrantes.

“... tive um período muito complicado, comecei a fumar maconha. Fumávamos na casa de uma amiga...depois passei para a cocaína, que eu adorava... Comecei a ficar com

este traficante, pois me dava drogas e me sentia atraída por ele”.

Ágata de Fogo (16, M) reflete sobre experiências sexuais precoces na adolescência e a conseqüente gravidez da namorada: *“Logo que tivemos certeza, deu uma angústia e um medo terrível. Tinha medo, pois pensava que minha família não aceitaria... Imaginei: eles vão me mandar embora de casa”.*

Cristal de Rocha (15, F) fala sobre sexualidade na adolescência:

“Eu até sinto muita curiosidade. Parece algo meio misterioso. Me dou conta disso agora falando contigo pois estou quase sussurrando, parece até um segredo”.

Jaspe (14, M) explica o lado masculino no que diz respeito à afetividade na adolescência: *“Olhando a adolescência pelo lado masculino, eu acho que os homens não dão muita importância para o afetivo. Eles querem é transar com as gurias Quantas mais melhor!”*

Quartzo (15, M), vivendo conflitos, toma a decisão de se afastar da escola:

“Este ano, por mais que eu me esforce, não consigo ter vontade de estudar, de vir para a escola. Cheguei no meu limite, estou desistindo, não adianta mais querer continuar, não tenho mais estrutura para agüentar”.

Sobre a adolescência, Água-marinha (15, M) verbaliza o que sente: *“Gosto de estudar, de sair, gosto dos meus pais. Temos que saber o que queremos da nossa vida e assim fazer acontecer tudo aquilo que buscamos”.*

Turmalina (16, M) busca na bebida segurança para encarar a adolescência:

“ Percebia que, quando estava numa festa o álcool me ajudava. Me sentia mais seguro e com mais coragem de enfrentar as meninas. Parecia que bebendo me sentia como se fossem duas pessoas numa só. Uma tímida e outra não. Bebendo muito percebia libertar-me da outra pessoa tímida de dentro de mim. No dia seguinte, eu lembrava só vagamente dos acontecimentos ocorridos durante a noite”.

Malaquita (14, F) faz uma reflexão da postura dos pais em relação à gravidez na adolescência:

”Quando ocorre de a menina ficar grávida ou de o menino engravidar a namorada, os pais que iludiram a si mesmos fazem uma história, dizem que foram os últimos a saber. Na verdade, eles já sabiam o que estava acontecendo, só ficavam tapando o sol com a peneira, faziam o jogo, dizendo não saber nada”.

Ônix (14, M) expressa seus sentimentos na adolescência, após o término de uma namoro:

“O fato de ela ter me deixado, me abalou muito, fico constantemente de mau humor. Estou quase sempre bravo, irritado, revoltado, rebelde, não consigo mais me relacionar com os meus pais, com meus amigos. Está muito difícil viver assim “.

Dúvidas, conflitos, certezas e incertezas está presentes e fazem parte da adolescência. O adolescente não se considera mais criança, mas ainda não é adulto, com isso vive numa instabilidade entre estes

dois extremos. Este duplo movimento - o abandono da infância e a tentativa de assumir os papéis de adulto - constituem a própria essência da “*crise*”, do “*progresso psíquico*” atravessado pelo adolescente.

Erikson (1987) acredita que durante toda a vida o homem se move ao redor de oito idades que se caracterizam como etapas evolutivas do desenvolvimento humano. Elas apresentam características próprias - positivas (sintônicas ou adaptativas) ou negativas (distônicas ou inadaptativas) - que incorporadas à personalidade do indivíduo determinarão de que forma este sujeito vai se desenvolver e viver.

O indivíduo ao se auto-construir recebe significativa influência da família, da sociedade, da escola, pois a pessoa vive estabelecendo relações e isso influencia a construção da sua identidade pessoal, sexual, a elaboração de seu projeto de vida, de sua constituição como sujeito.

A sexualidade humana transpassa o ser humano na sua formação e expressão da personalidade e isso ocorre ao longo do seu desenvolvimento. Ferreira (1995), ao se referir à teoria psicanalítica de Freud, salienta

“o homem é visto como resultado de lutas e acordos entre motivos, impulsos, necessidades e conflitos. E o objetivo da maturidade emocional do indivíduo é alcançar um relacionamento amoroso com o sexo oposto, usar os seus talentos pessoais e libertar-se dos conflitos e ansiedade” (p.13).

Para tratar da questão da sexualidade humana é preciso tecer algumas considerações e fundamentar alguns conceitos básicos que nos auxiliarão na compreensão desta temática.

Cabe, portanto, distinguir o que se entende por: corpo, sexo, sexualidade e educação sexual.

O que é corpo?

É matéria desprovida de emoções?

Os adolescentes também se perguntam:

“O que representa este corpo?”

“O que traz ele dentro de si?”

Ao falar sobre o corpo Merleau-Ponty, fundamenta:

“é justamente meu corpo que percebe o corpo do outro e encontra aí como que um prolongamento milagroso de suas próprias intenções, uma maneira familiar de tratar o mundo; doravante, assim como as partes de meu corpo formam juntas um sistema, o corpo do outro e o meu são únicos, o avesso e o direito de um único fenômeno e a existência anônima – da qual meu corpo é, em cada momento, o traço – habita doravante esses dois corpos ao mesmo tempo” (Carvalho, 1987, p. 73).

O sujeito é corpo. Poderia dizer que ele é o eu relacionando-se com o mundo. O corpo é a vida do ser humano, através da qual irá apropriar-se do mundo. *“Através dele que o mundo se designa, se representa, se constitui e adquire significado e, ao se significar, me significa” Comiotto (1992, p.131).*

O sujeito, ao tomar consciência de si mesmo, passa a sentir-se seguro e autodeterminado, seu corpo adquire um significado especial. O corpo expressa energia, vida. esta expressão surge do interior, da consciência de cada sujeito.

Lowen (1979) faz uma reflexão muito importante quando afirma *“sem esta consciência da sensação e atitudes corporais, a pessoa torna-se dividida: um espírito desencarnado e um corpo sem alma”*(p.16).

O meu corpo não existe, se eu não existir. Com o corpo do outro, ocorre o mesmo fenômeno, ele não pode afastar-se de seu corpo, está intimamente imbricado. Corpo e sujeito constituem uma unidade.

Comiotto (1992) fundamenta que o corpo:

“por estar unido ao consciente que sou, de modo indivisível, eu posso dizer que sou meu corpo, já que não posso separar sujeito e corpo” (p.133).

A autora completa dizendo que, de forma idêntica: *“ao ser meu corpo, eu o possuo. Tenho meu corpo e, ao viver em um mundo, sou o meu mundo, logo, tenho meu mundo”*.

Os adolescentes trouxeram à tona seus sentimentos, vivências, experiências e o fizeram buscando na sua consciência os significados, expressos na entrevista através do seu corpo. Esta etapa do desenvolvimento é muito marcada pela pulsão sexual bem como carregada de curiosidade sobre as manifestações corporais.

Na verdade, a experiência do prazer é para o adolescente carregada de corporeidade e de sexualidade. Uma não se desvincula da

outra, pois fazem parte da vida e da continuidade da reprodução da espécie humana. Porém, para o adolescente é muito mais intenso a relação corpo e sexo.

Gauderer (s/d) explica que o adolescente sente em seu corpo sensações novas acompanhadas de:

mudanças e transformações, se vê impulsionado sexualmente, queira ou não, tendo maturidade ou não. Sente-se perdido e confuso dentro de si e, ao mesmo tempo, gratificado e extasiado com essa sua nova forma, com seu novo potencial”(p.13).

As mudanças que surgem nesta etapa do desenvolvimento se manifestam no corpo do adolescente e ele se vê confuso, inseguro, desafiado a se acostumar com estas transformações. Inicia uma fase em que precisa se acostumar e gostar desta nova identidade. Tudo o que o adolescente sente, expressa através de seu corpo.

Rotenberg (1999) afirma que o indivíduo:

“como consciência, expressa-se através do corpo. Quando começa a tomar consciência de si mesmo, passa cuidar mais de si, por estar se gostando. Permite-se caminhar na direção da busca de maior prazer no contato”(p.88).

Referindo-se à relação existente entre sexualidade e corporeidade este autor cita Lowen (1979) o qual afirma que a sexualidade é acompanhada por um orgulho de seu próprio corpo.

Na filosofia clássica os gregos postulavam a idéia que corpo e alma eram distintos. Esta concepção foi assumida pelo pensamento cristão que, de alguma forma, perdura até os dias de hoje. Atualmente,

o ser humano é visto como uma unidade que se totaliza na integridade dos níveis: psicológico, biológico, social e espiritual.

Portanto, sexo e sexualidade não estão centrados apenas no plano biológico, mas referem-se também a componentes emocionais e psicológicos. Sendo assim, corpo e sexo são formas inseparáveis do ser.

O que é sexo e sexualidade?

O termo sexo, segundo Ferreira (1986), significa:

“conformação particular que distingue o macho da fêmea...atribuindo-lhes um papel determinado na geração e conferindo-lhes certas características distintas. Conjunto de pessoa que possuem o mesmo sexo. Órgãos genitais externos. Ter relações sexuais” (p.1580).

O termo sexo tem a conotação de divisão sexual, de atividade sexual, de acasalamento como atividade prazerosa centrada na zona genital.

Guimarães (1995), define o que é sexo.

“Sexo é relativo ao fato natural, hereditário, biológico, da diferença física entre o homem e a mulher e da atração de um pelo outro para a reprodução. No mundo moderno o significado dominante do termo passa a ser fazer sexo, referindo-se às relações físicas para o prazer sexual”(p.23).

Segundo esta autora, sexo no senso comum é “relação sexual”, “orgasmo”, “órgãos genitais”, “pênis”, “vagina”. Sexo se refere, também, à diferença biológica entre macho e fêmea, incluindo diferenças físicas, anatômicas e hormonais.

E sexualidade?

Guimarães (1995) ao referir-se sobre sexualidade explica que este termo surgiu no século XIX, alargando o “*conceito de sexo pois incorpora a reflexão e o discurso sobre o sentido e a intencionalidade do sexo*” (p.24).

Este termo ainda é entendido por muitos como “*relação afetiva*”, “*amor*”, “*sensualidade*”, “*erotismo*”, “*intimidade*” não tem a conotação de chegar a uma “*relação sexual*”.

O Padrão Referencial de Currículo, estabelecido pela Secretaria de Educação do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, para implementação da educação sexual nas escolas, apresenta a seguinte conceituação:

“A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas. Manifesta-se desde o nascimento até a finitude, de formas diferentes em cada etapa da vida. Construída ao longo da existência, fica marcada pela história, cultura e ciência, assim como, pelos afetos, sentimentos e emoções, expressando-se com singularidade em cada ser humano. A sexualidade, assim como a inteligência, é construída a partir das possibilidades individuais e da interação com o meio e a cultura”(1998,p.23).

Refletir sobre sexualidade é ir além do meramente biológico. É buscar compreensões fundamentadas no afetivo, envolvendo emoções, sentimentos, valores, crenças, atitudes, conceitos que definem os princípios de cada ser humano, que sofrem a influência e a interferência da cultura e dos valores de uma determinada sociedade.

Para Merleau-Ponty (1971),

“É a sexualidade que faz com que um homem tenha uma história. Se a história sexual de um homem oferece a chave para sua vida, é porque na sexualidade do homem projeta-se sua maneira de ser a respeito do mundo, quer dizer, a respeito do tempo e a respeito dos outros homens”(p.219).

A sexualidade é, portanto, um conjunto de fenômenos da vida que envolve o ser como um todo e influencia fundamentalmente na maneira de viver, de buscar e definir sua identidade, por meio da qual se relaciona com os outros, encontrando satisfação, prazer.

Segundo Freud (1972), a sexualidade, por ser algo do próprio organismo, deveria ser tratada pelos pais e educadores da mesma forma com que tratam outras questões corporais. Freud defendia a idéia que a mola motivadora básica do ser humano era a energia sexual. Acreditava que os impulsos são derivados de instintos inatos e que eles exercem influência sobre o indivíduo. Em contrapartida, outros teóricos que o sucederam definem o sexo como controlável, portanto, passível de ser aprendido, estudado e aprofundado.

Adultos, adolescentes, crianças partilham dentro do mesmo universo do que é sexo e sexualidade. Através de vivências, experiências, orientações e recomendações evidenciadas no cotidiano, os seres humanos aprendem a lidar com sua sexualidade.

A Organização Mundial de Saúde (1975) define:

“A sexualidade forma parte integral da personalidade de cada um. É uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. Sexualidade não é sinônimo de coito e não se limita a presença ou não de orgasmo. Sexualidade

é muito mais do que isto. É a energia que motiva encontrar o amor e a intimidade e se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas e como estas tocam e são tocadas. A sexualidade influencia pensamento, sentimento, ações e interações e, portanto, a saúde física e mental. Se saúde é um direito humano fundamental, a saúde sexual também deverá ser considerada como um direito humano básico”.

Esta definição esclarece que a sexualidade faz parte do indivíduo como uma unidade que se totaliza na integralização dos níveis: biológico, psicológico, social e espiritual.

Tiba (1992), ao tratar da questão da sexualidade, afirma que ela:

“é uma manifestação física que envolve uma parte corporal e outra psicoafetiva. A primeira é regida por leis genéticas, contando com o desenvolvimento natural dos órgãos sexuais e de sua fisiologia. As influências culturais, religiosas, familiares, as características de personalidade e o sentimento envolvido com a pessoa complementar fazem parte da psicoafetiva”(p.5).

O primeiro aspecto, envolvendo a parte corporal, faz referência ao sexo e o segundo enfoque, psicoafetivo, fundamenta a questão da sexualidade.

Ao longo deste texto venho explicitando as concepções de corpo, sexo e sexualidade e do sentido que eles representam na vida do ser humano. Passo a tratar a questão da educação sexual que engloba todos estes aspectos e elucidam a compreensão do fenômeno revelado pelos adolescente.

Para Ribeiro (1990) a educação sexual trata:

“...dos processos culturais contínuos desde o nascimento que, de uma forma ou de outra, direcionam os indivíduos para diferentes atitudes e comportamentos ligados à manifestação de sua sexualidade” (p.2).

Acompanhando a idéia do autor: *“esta educação é dada indiscriminadamente na família, na escola, no bairro, com os amigos, pela televisão, pelos jornais, pelas revistas” (p.3).* Cada época, cada sociedade, estabelecem seus próprios padrões sexuais.

Para este autor, estudar educação sexual é ter presente a questão do diálogo, o senso crítico que deve ser estimulado e aguçado para que o jovem possa trocar idéias sobre seus questionamentos e angústias sobre o sexo.

Considero que a educação sexual é algo abrangente, norteador de valores vitais, da auto-construção do ser humano. Não pode se basear apenas em informações arbitrárias repassadas aos indivíduos. Desconsidero aquela educação sexual que tem como prática o autoritarismo, reprodutora de sujeitos submissos, alienados e conformados.

Vitiello e Conceição (1991) enfatizam que educar, num sentido amplo e humanístico, é fornecer condições para que a pessoa humana se desenvolva de forma a adquirir e a solidificar seus próprios valores.

Gale (1989) sustenta a opinião que a educação sexual inicia precocemente. Os pais começam a dar educação sexual aos filhos desde que a criança nasce e possivelmente antes mesmo de seu nascimento.

Sendo assim, a família assume seu papel na educação sexual. Desde que a criança é concebida e ao longo do seu desenvolvimento, os pais continuam a cuidá-la e orientá-la. Mais tarde, quando a criança entra na escola, ela passa a receber a influência do grupo de amigos e do novo ambiente.

Segundo Ribeiro (1990) torna-se necessário abordar educação sexual criticamente de forma que ela:

“reflita a sexualidade partindo de um enfoque sócio-cultural, passando pelo psicológico, até chegar aos aspectos fisiológicos, sempre levando em consideração a importância fundamental do diálogo, ampliando o senso crítico e a visão de mundo do jovem, permitindo discussões e debates”(p.18).

Assim, a educação sexual deixa de ter a conotação meramente biológica ou unicamente moral e passa a centrar-se numa proposta dialógica, de troca e de construção pessoal. Passa a ser uma abordagem completamente oposta à do ensino tradicional, centrada no repasse de conteúdos, referida por Paulo Freire (1997) como *“educação bancária”*.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) 1997, apontam para a inclusão da Orientação Sexual como tema transversal nos currículos, anunciando mudanças significativas no avanço da questão *“educação sexual”*.

Uma das justificativas apresentadas para a implementação do tema transversal *“Orientação Sexual”* nas escolas, foi *“a preocupação dos educadores com os altos índices de gravidez indesejada entre adolescentes e o risco da contaminação pelo HIV (vírus da AIDS), entre os jovens” (PCNs.1997, p.111).*

O tema transversal Orientação Sexual, segundo os PCNs, está organizado em blocos de conteúdos, divididos em três partes: corpo, relações de gênero e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

Frente a esta abertura de implementar a Orientação Sexual no currículo é importante que ela não se restrinja à escola, mas que haja uma ação conjunta de pais, professores, profissionais com formação específica para a função de Orientação Sexual.

Ao pensar em Orientação Sexual proponho que se faça uma reflexão, questionando: A quem ela se destina? Que sujeitos são estes? O que pensam e sentem?

Debruçando-me sobre as entrevistas realizadas com os adolescentes, percebo que elas estão impregnadas de sentimentos e emoções que acompanham suas vidas. Essas vivências e sentimentos não foram apenas relatados, mas se manifestaram ao longo do diálogo através de gestos, palavras, lágrimas, raivas, revoltas e muita emoção...

Nos relatos encontrei as essências e as dimensões que passo a apresentar. Entrelaço as falas de cada entrevistado com a fundamentação teórica para melhor elucidar o fenômeno que busquei entender.

LAÇOS FAMILIARES NA CONSTRUÇÃO DA SEXUALIDADE.

Os entrevistados falam, ao longo de seus relatos, dos laços familiares, existentes em sua vida até o momento atual, a adolescência. A relação entre adolescência, contexto familiar e contexto sociocultural é, sem dúvida, um dos fatores mais importantes, a serem considerados no estudo deste momento de vida.

O papel exercido pelas figuras parentais é de fundamental importância no desenvolvimento do adolescente. É na relação entre pais e filhos que ocorrem os primeiros aprendizados de hábitos e costumes. Estas aprendizagens contribuem para a formação da personalidade do sujeito.

É na família que se concretizam os direitos da criança e do adolescente como o de desenvolvimento físico, psíquico e social. A família é tão importante na vida do indivíduo, que na falta dela, busca-se uma “*família substituta*” ou instituição para que ela cumpra as funções paterna e materna de cuidados e transmissão de valores e de normas culturais, que servirão de base para vida futura.

Na família inicia-se a construção de laços interpessoais. Entende-se por laços todas as relações que se estabelecem, quer sejam aproximações, no sentido de ajuda mútua, entendimento, apoio e carinho; quer sejam conflitos e rupturas decorrentes das relações que emergem da convivência diária. A pessoa, ao longo de sua vida, estabelece laços e fortalece relacionamentos.

Delors (1999) sustenta que a família:

“constitui o primeiro lugar de toda e qualquer educação e assegura, por isso, a

ligação entre o afetivo e o cognitivo, assim como a transmissão dos valores e das normas” (p.111).

Existem inúmeros tipos de famílias e cada qual influencia de forma diferenciada, intensa e significativa a construção da identidade de seus membros.

Mesmo que os jovens busquem autonomia, eles “*encaram seus pais como fontes consistentemente elevadas de carinho e atenção*” (Bee, 1997,p.360).

Acompanhando a idéia da autora:

“Paradoxalmente, nem o aumento temporário dos conflitos familiares, nem o “distanciamento” dos pais parecem significar que o apego emocional subjacente do jovem tenha desaparecido ou enfraquecido sobremaneira”(p.359).

Nas diferentes famílias, ocorrem relações tanto de afeto como de desafeto entre adultos, crianças, jovens e idosos. Tradicionalmente, cabe a ela oferecer segurança, possibilitar a construção e reconstrução dos valores. Ela é responsável pelas primeiras noções sobre normas e padrões sexuais. Porém, o que se percebe em algumas das famílias dos entrevistados é exatamente o contrário, é o desrespeito, a violência, a desumanização, a degradação familiar.

Sentimentos como carinho, amor, atenção, cumplicidade, parceria, raiva, ódio, inveja, ciúme e medo fluem no ambiente familiar, facilitando ou dificultando as relações estabelecidas.

Rotenberg (1999) salienta a contribuição de Toro, sobre sentimentos:

“um estado de afinidade profunda com os seres, capaz de originar sentimentos de amor,

amizade, altruísmo, maternidade, paternidade, companheirismo. Obviamente sentimentos opostos como ira, os ciúmes, a insegurança, a inveja, podem considerar-se componentes do complexo fenômeno da afetividade” (p.115).

Rotenberg complementa dizendo que para este autor, a identificação das pessoas umas com as outras, se dá através da afetividade. Só através dela se é capaz de compreender, amar e proteger, bem como de rechaçar e agredir.

Guimarães (1995) ao falar sobre família, fundamenta que:

“... a família é o lugar onde a natureza se objetiva e tem sido o núcleo de desenvolvimento da cultura, pois é nela que homens e mulheres nascem, se reproduzem e morrem, ocorrendo aí o processo de continuidade das gerações. É na família que surgem as bases das atitudes sexuais que são culturais mais do que inatas” (p.29).

A grande maioria das famílias não tem se preocupado com temas da sexualidade, principalmente quando a criança é muito pequena. Os pais não se dão conta que a educação sexual acompanha o ser humano por toda a vida.

Os cuidados que os pais costumam ter com os filhos influenciam diretamente na sua formação e na construção da identidade sexual. Para ocorrer uma verdadeira educação sexual, é preciso haver a superação de tabus e de preconceitos existentes na sociedade em relação às questões de sexualidade. Muitas vezes, os pais, carregados de conflitos mal resolvidos em relação à sua sexualidade, acabam interferindo equivocadamente na construção da sexualidade dos filhos.

Ao falar sobre tabus, Vitiello e Conceição (1991) salientam que na família:

“Seus membros adultos trazem toda uma carga de desinformação, preconceitos e inibições, adquiridos em sua própria formação. Sabemos que a imensa maioria dos adultos, na atualidade, encontra dificuldades em lidar até mesmo com sua própria sexualidade, quanto mais com a de seus filhos” (p.16).

A criança, o jovem, o adolescente aprendem sobre sexualidade copiando os modelos parentais, vivendo situações diversas no cotidiano das famílias, no grupo de amigos e também assistindo a cenas no cinema, na televisão, nos vídeos. Sexualidade se constrói, se aprende.

As famílias estão muito preocupadas em explicar o que acontece na adolescência, mas esquecem da urgência em atender as curiosidades infantis. A orientação adequada nesta idade contribuirá para o desenvolvimento integral e harmonioso do futuro adolescente. No entanto, a família não se acha preparada para responder questões de sexualidade a seus filhos.

“A atual geração de adultos não recebeu, nem formal nem informalmente, qualquer orientação para bem educar-se, quanto mais para educar seus filhos” (Vitiello e Conceição, 1991, p.16). É evidente que cada família possui uma forma própria de se relacionar e orientar os filhos e por isso se torna impossível determinar normas ou regras comuns a todos.

Nesta essência, é possível perceber a influência dos laços familiares na construção da sexualidade. As dimensões que surgiram, em decorrência desta essência, também se fundamentam nas relações parentais - as aproximações, os conflitos, as rupturas. - E elucidam a construção da identidade sexual.

Família e Identidade Sexual

“A identidade tem sua crise normal na adolescência. É determinada pelo que aconteceu antes ao indivíduo, em seus contatos com outras pessoas, assim como irá determinar o que acontecerá depois”.

Ferreira, 1995.

A Identidade, determinada por fatores internos e externos à pessoa, movida por contatos familiares e extra familiares, está, portanto, em permanente construção.

Brepohl (1983) salienta que nos últimos anos, alguns estudiosos avançaram nos estudos sobre a identidade e segundo eles *“já existe no feto uma certa identidade pessoal, onde os padrões básicos de reação às diversas situações da vida começam a se definir”*(p.12).

Esta autora afirma que a identidade se estrutura na vida intra-uterina, onde o feto é capaz de assimilar em seu corpo as emoções vividas pela mãe. A identidade demarca seu início antes do nascimento e continua por toda a vida, até a morte e está intimamente ligada a fatores sociais e culturais.

Ferreira (1995) complementa esta idéia afirmando que o adolescente utiliza todas as energias do passado para construir as dimensões culturais do futuro.

Mosquera (1977) faz uma reflexão sobre a questão da identidade:

“O processo de formação da identidade está sempre em constante mudança e desenvolvimento, desde os primeiros dias de vida até que decline o poder de recíproca afirmação do homem. A identidade tem sua crise normal na adolescência. É determinada pelo que aconteceu antes ao indivíduo em seus contatos com outras pessoas, bem como irá

determinar o que acontecerá depois. O adolescente precisa da figura e dos valores do adulto para se tornar adulto” (p.9).

Britzman (1996) refere que:

“a idéia de identidade ainda permanece, com muita freqüência, presa à visão equivocada de que as identidades são dadas ou recebidas e não negociadas – social, política e historicamente” (p.73).

Os teóricos citados são unânimes em afirmar que a identidade se constrói ao longo da vida.

Na construção da identidade, a sexualidade está presente, se estruturando desde o nascimento e se desenvolvendo ao longo da vida, através de diferentes etapas. Segundo Erikson (1987), tais etapas são chamadas de ciclos vitais ou ainda as oito crises da vida, pois retratam os dilemas, as certezas, os conflitos, os acertos e desacertos, o equilíbrio e o desequilíbrio no desenvolvimento de cada fase. A adolescência é o período das maiores revoluções internas.

Para alguns teóricos, o ponto central da “*crise de identidade*” do adolescente é a procura da resposta à pergunta: “*Quem sou eu?*”

Concordo com Sheehy (1985) quando ela afirma:

“No entanto, a plena realização da identidade não se esgota em decidir quem somos e o que vamos fazer no mundo; tais decisões estão sujeitas a mudanças, com o passar dos anos“ (p.49).

Segundo Bee (1997), uma forma de entender a identidade do adolescente é “*através das lentes da teoria de Erikson*” (p.353). A tarefa central está implícita na questão da identidade versus confusão de papéis e é desta forma que o adolescente se percebe, confuso. Erikson (1987) se

refere a tal período como aquele em que a mente do adolescente está em transição entre a infância e a vida adulta.

Esta transição é um fator determinante na construção da identidade pessoal e influencia diretamente na imagem de si mesmo, isto é, na formação da auto-imagem.

Branden (1992) define auto-estima como: *“a soma da auto-confiança com o auto-respeito. Ela reflete o julgamento implícito da nossa capacidade de lidar com os desafios da vida”* (p. 9).

Se na vida o indivíduo acredita em si mesmo, se auto-supera. Ele passa a ser respeitado e adquire respeito próprio. Passa a se destacar no grupo social, mostrando suas qualidades e defeitos. Por outro lado, se o indivíduo sofre ao longo de sua vida sentimentos como insegurança, culpa, medo, pressão, violência, seja moral ou física, seu sentimento será de que não é capaz, não pode, não consegue. Estes sentimentos de incapacidade são muitas vezes projetados no adolescente pela própria relação parental e isso conflitua a definição de sua identidade sexual.

Assim, conforme Mosquera (1984), ao longo da vida estabelecemos com os outros vínculos que influenciam de forma decisiva nossa personalidade. Concordo com ele, quando afirma: *“a auto-estima serve como protetora do nosso ego ante as necessidades impostas pela sociedade e os estímulos que o ambiente cria”* (p. 62).

Para Gale (1989), a auto-estima é fator fundamental na identidade sexual do adolescente. Fundamenta que a família tem papel preponderante nesta construção:

“A auto-estima é um componente de alta importância para o amadurecimento sexual do adolescente. É improvável que ele se sinta positivo com relação a si próprio como ser sexuado quando a baixa auto-estima o priva da

confiança necessária para se relacionar com as pessoas de sua idade.(...) Ao mesmo tempo, inseguranças sobre a sua sexualidade ou sentimentos de culpa e vergonha podem lesar sua auto-estima (...) Os pais desempenham papel fundamental no desenvolvimento da auto-estima dos filhos adolescentes, assim como podem também contribuir bastante para destruir-lhes a auto-confiança”(p. 67).

A relação que os pais estabelecem desde o nascimento com o filho vai influenciar seu desenvolvimento sexual. Um adolescente vai se sentir melhor ou pior a partir dos estímulos e das mensagens que recebe. Todos nós aprendemos e vivemos melhor quando somos elogiados pelo que realizamos, do que quando somos criticados por aquilo que não realizamos. Comentários depreciativos só diminuem as pessoas, tornando-as mais inseguras e, portanto, com baixa auto-estima.

Auto-estima e sexualidade se relacionam. Se o sujeito está bem, se sua vida flui normalmente, se sente realizado. Se o sujeito está mal, nada do que faz ou sente lhe dará prazer. Isso engloba aspectos físicos, emocionais, sexuais.

Comiotto (1992) afirma que é um equívoco pensar que a construção da identidade termina na adolescência. Ela deve ser percebida como um processo contínuo e duradouro durante a vida.

Para alguns autores a palavra identidade está associada ao conceito de crise, de modificações corporais.

Osório (1989), ao se referir à identidade, a define como sendo “a consciência que o indivíduo tem de si mesmo como um ser do mundo” (p.14) e considera a tarefa básica da adolescência a “aquisição de identidade pessoal” salienta que a “crise evolutiva do processo do adolescente é sobretudo uma crise de identidade” (p.15).

Alguns dos entrevistados falaram sobre sua convivência com seus familiares e sobre as marcas indeléveis que ficaram. Expressaram como elas influenciaram significativamente a identidade de cada um deles.

Hematita (16, F) revela as influências marcantes que sofreu na infância interferindo no processo de construção da identidade:

“Trago lembranças tristes da minha infância que me acompanham ao longo da minha vida...O que me faz sofrer é lembrar como vivíamos, todos os dias sob ameaças e brigas. Elas faziam parte do cotidiano da nossa vida”.

Stearns (1990) falando em experiências antigas reflete: *“não é fácil nos dessensibilizarmos em relação a experiências antigas. A dor emocional do passado tem a tendência de voltar muitas e muitas vezes”*(p.157).

Hematita (16, F) narrou um fato muito marcante em sua vida, seu relato foi feito com forte emoção, suas lágrimas a acompanharam nesta vivência tão sofrida:

“Minha irmã nos levava para o colégio, mas tínhamos que ir escondidos. Caso o pai percebesse não nos deixaria ir. Minha irmã era obrigada a ficar em casa, ele não permitia que ela frequentasse a escola, não a deixava estudar. Era dominada por ele, tinha que cuidar da casa e também servir a comida para nós. E mais do que isso, quando saíamos, ele abusava sexualmente dela e ninguém sabia. Isso aconteceu quando ela tinha uns doze ou treze anos. Nesta época eu tinha seis anos”(16).

Ao falar do passado Stearns (1990) refere

“As cicatrizes ficam. Com o passar dos anos, os fortes sentimentos de abandono, medo, culpa, mágoa ou raiva que você vivenciou podem voltar a persegui-lo durante períodos de crise subseqüentes... A verdade é que as experiências dolorosas exigem, de fato, um longo tempo para se consumir por completo”(p.158).

Estas cicatrizes, marcas sofridas, se manifestam hoje, nas lágrimas derramadas por Hematita (16, F) durante a entrevista e ao longo dos dias de sua existência. Vários foram os incidentes vividos pela menina, na sua infância. Neste momento eles são revividos por lembranças que lhe causam dor e sofrimento. Mas, de acordo com STEARNS (1990), estes sofrimentos são fortes indicadores de mudança. Para ele: *“As lágrimas trazem a cura”* (p.55). Acredito e concordo com o autor, pois este pode ser o momento da purificação e reconstrução de uma nova vida. Pode ser o início da cura.

Hematita (16, F) refere que aos seis anos não sofreu o abuso sexual como a irmã, mas viveu sob ameaça dele acontecer. Eis um fato que não se pode deixar de considerar na questão do sexo: o estupro e o incesto. Eles podem ser provocados por coação física ou verbal. Muitas vezes pelo próprio pai, outras pelo padrasto, primo, namorado amigo...

Caminha (2000), coordenador do curso sobre Violência Doméstica, da Unisinos, relata que, em média, 18% da população feminina já sofreu abuso sexual e, de cada 10 crianças violentadas, sete são meninas. Acrescenta que cerca de 30% de crianças e adolescentes sofrem maus-tratos e que as agressões intra-familiares deixam seqüelas biológicas e sociais nas vítimas. Uma criança exposta diariamente a uma situação de violência desenvolve um comportamento como de um indivíduo que foi a guerra. Afirma: *“É um transtorno pós-traumático.”* Segundo ele: *“Mulheres que sofreram na infância abuso sexual, hoje são vítimas dos companheiros e continuam perpetuando o clima do sofrimento”*.

No caso de Hematita (16, F), a irmã foi abusada sexualmente pelo pai. No caso de Ametista (15, F), a insistência do namorado equivalia a uma coação verbal. No caso de Opala (16, F), ela foi abusada por um rapaz de 29 anos, numa situação inusitada, em que ela estava completamente embriagada. Esta adolescente relembra fatos ocorridos naquela noite

“...fui até o apartamento da minha amiga e seu irmão se aproveitou de mim. Na época tinha recém feito 14 anos e estava na sexta série. Me arrependo muito que tenha acontecido daquela maneira. Pensar no fato ocorrido me deixa muito triste, porque eu realmente não quis assim. Na hora eu não conseguia avaliar a situação, estava muito envolvida, havia muita emoção e eu estava embriagada”.

Embora não sendo um tema tratado por muitos autores, Gale (1989) fundamenta a questão do incesto. Para este autor:

“Tratar de qualquer agressão sexual é algo bastante difícil, mas para a maior parte das famílias é ainda mais difícil lidar com a trauma do incesto. O incesto é qualquer contato claramente sexual entre pessoas que tenham um parentesco próximo, de sangue ou por circunstâncias familiares “(p.170).

Para este autor o incesto mobiliza toda a família e não apenas a vítima da agressão. Fundamenta esta questão quando afirma:

“Quando uma relação incestuosa é descoberta, o trauma e a perturbação nas relações familiares são muito mais complicados que numa agressão sexual não incestuosa” (p.171).

A criança, o adolescente que vivem nestas condições familiares sofrem e carregam marcas para vida adulta. Os traumas causados por abuso podem deixar seqüelas emocionais irreparáveis. É possível perceber, ao

longo da história de Hematita (16, F), o sofrimento calcado na convivência familiar, centrado na figura do pai.

Stearns (1990) ao falar sobre os sentimentos fundamenta: *“Acabamos sabendo, de forma opressivamente pessoal, que não temos nenhuma imunidade especial contra o sofrimento”* (p.27).

No caso de Ametista (15, F), a pressão exercida pelo namorado era verbal, ele a pressionava toda hora para transar. Deixou-a transtornada ... Ela sem encontrar soluções se afastou de tudo e de todos, não sabia como resolver a situação:

“Ele me pressionava muito para transar com ele, na época eu tinha 12 anos. Eu era muito nova, eu ainda acho que sou muito nova. Eu não queria de jeito nenhum, não queria, não queria e ele me largou”(16).

Stearns (1990) ressalta que: *“se uma mulher já foi violentada, física ou simbolicamente, nunca mais poderá ser a mesma”* (p.29). Pode superar a experiência traumática, mas não eliminar que sofreu uma agressão à sua dignidade.

A autora explica que os sofrimentos machucam de maneira inconcebível, e *“não conseguimos mais esquecer por completo a fragilidade de nossa condição humana, não importa quão corajosamente sobrevivamos”* (p. 30). Esta análise faz-nos entender as lembranças dos entrevistados.

Rappaport, Fiori, Davis (1982), frente a isso, afirmam: *“Restará um apego mórbido ao passado, um pedido de proteção que é simultaneamente uma acusação e uma culpa”* (p. 16).

Montoro (1982), ao referir-se ao apego, salienta que o mesmo pode se desenvolver como apego-seguro ou um apego-ansioso. *“A criança que*

vive com apego-ansioso gasta sua energia para sobreviver, em nível de segurança, para não sucumbir afetivamente” (p.31).

Não havendo, na infância, proteção dos pais, não haverá segurança na adolescência. É a segurança do crescimento que estimulará o jovem a assumir a vida adulta.

As pessoas diretamente envolvidas com a criança, se tornam responsáveis pela elaboração dos laços afetivos e vínculos que ela vai desenvolver ao longo da sua vida. O apego-ansioso se manifesta nas situações de violência, separações, incesto e rupturas que marcam certas relações familiares.

Comiotto (1992) refere que este modelo de vínculo gerará:

“... a pessoa amorosa e confiada ou fria e desconfiada, no transcorrer da vida, em especial, na vida adulta, refletirá, segundo o autor, inevitavelmente, a maneira como foram vividos e elaborados os primeiros vínculos...” (p.113).

Jaspe (14, M) relembra não poder manifestar seus sentimentos, no grupo, porque os guris são educados para serem machos. Relata momentos vividos:

“Quando pequenos, não podem chorar. O que sempre se ouve é: “Tu és homem guri, tu vais brincar de boneca?” Desde cedo, impõem que temos que gostar de mulher, que tu tens que ser homem macho, durão. Chorar é coisa para mulherzinha e os sentimentos não devem ser expressos”.

Quartzo (15, M) sofre a ausência do pai. Verbaliza que por duas vezes consecutivas sua mãe se separou, rompendo desta forma com as relações afetivas que havia construído...

“...meu pai e minha mãe brigaram e se separaram. A separação aconteceu quando eu tinha oito meses... Ele se apaixonou por outra mulher... Minha mãe casou com outro homem...eles acabaram se separando também. Eu fiquei sem pai mais uma vez. Isso balançou e balança muito minha vida”.

Turmalina (16, M), relembra fatos que não pode mudar...seus pais se separaram quando ele tinha 7 anos,

“...fui morar com ele um tempo, mas a convivência com minha madrasta foi muito difícil... Passados seis meses acabei voltando... Ultimamente quase não tenho falado com ele. Sinto saudade de estar com ele. Comecei a beber com meu pai, quando eu fui morar com ele. Bebíamos, mais na rua do que em casa”.

Ametista (15, F) se pudesse, mudaria o relacionamento com seu pai, pois a relação entre os dois é muito complicada. Até hoje nunca conseguiu conversar com ele, gostaria de poder mudar esta situação...

“Meu pai é muito ignorante, ele não mede as palavras. Na hora ele fala e não interessa se ele vai magoar ou outro ou não. Ele já me magoou muito com palavras... Na última vez que brigamos, fiquei dois meses sem falar com ele. Fazem dois anos que tentamos nos entender, mas ainda não deu certo”.

Cristal de Rocha (15, F), questiona por que tem que ser assim o relacionamento com seu pai? Por que tudo é tão complicado com ele? Nada está certo. Só ele é que sabe. Com estes questionamentos e sentimentos verbaliza:

“Meu pai está vivendo hoje com a cabeça no tempo antigo. Muita coisa que viveu quando era jovem, está querendo passar para mim. Eu sempre digo para ele,

agora mudou, tudo é diferente.... Falo para o pai me ajudar, me fazer entender este momento. Não ficar só criticando e falando estas coisas negativas para mim”.

Esta mesma adolescente continua relembando fatos relacionados ao pai que a deixam inconformada:

“Fico até constrangida de falar num outro fato. Na sala em que minha mãe trabalha tem muitas mulheres. Meu pai diz que elas são “machorras”. Ele é horrível, chega a pensar que minha mãe está saindo com elas...”

Ribeiro (1990), ao falar sobre sexualidade, faz uma reflexão sobre os valores, os conflitos e os sentimentos que acompanham o indivíduo...

“Os valores e a história de vida que acompanham o indivíduo desde a infância estão de tal modo incorporados que dificilmente o jovem consegue viver sua sexualidade sem os tabus, os conflitos e os sentimentos de culpa, em consequência do conforto entre estes valores e os que a sociedade oferece hoje, entre as regras e o desejo”(p.16).

A questão da sexualidade perpassa a questão da totalidade do ser humano e é necessário que seja discutida, refletida, analisada e trabalhada considerando todos os aspectos que a envolvem, sejam eles afetivos, emocionais, sociais ou intelectuais. Há uma idéia genérica de que o inato ao ser humano, inclusive a sexualidade, não sofre interferência de diferenças sociais, econômicas ou de aprendizagem.

Neste sentido é importante citar Reche (1998)

“Se ao contrário, o ambiente manifesta hostilidade e repressão diante das manifestações sexuais, é muito provável que o indivíduo desenvolva sentimentos de negação e intolerância com relação à sua própria

sexualidade. A sexualidade poderá assim, ser vivenciada de um modo problemático, com angústias e incertezas tanto para o indivíduo quanto para as pessoas que estão diretamente relacionadas com ele”(p.51).

As características individuais de cada pessoa – sua forma de agir, de falar, de sentir, seus valores, conhecimentos, visão de mundo, sua relação com os outros – dependem de sua interação com o meio físico e social. Seguindo esta linha, é bastante lógico supor que as manifestações da sexualidade do adolescente dependem basicamente das interações que ele possa ter no ambiente familiar, social e escolar.

A influência da relação parental é muito forte como aponta Gale (1989): *“Provavelmente a maior fonte de informação sobre sexo e sexualidade para os adolescentes são os pais”(p.13).*

A sexualidade acompanha o desenvolvimento humano. Ela está presente quando a criança é concebida, durante gestação, depois do nascimento e ao longo do desenvolvimento, passando por diferentes etapas, designadas por alguns autores como estágios ou ciclos vitais.

Malaquita (14, F) relata que, atualmente, alguns pais conversam com seus filhos sobre sexo, porém outros:

“acham isso absurdo e pensam que a escola também não deve falar sobre este assunto. Parece incrível, mas ainda hoje, quase no ano 2.000, existirem pais bastante alienados e preferindo calar a orientar seus filhos”.

A mesma adolescente faz uma reflexão sobre a importância de dialogar, na família, a respeito de sexo: *“Os pais deveriam dar liberdade para os filhos falarem este assunto em casa, conversar sobre as dúvidas. Pai e mãe são as pessoas nas quais a gente mais confia”.*

Hematita (16, F) passou por momentos de muita dificuldade na infância, relata esta realidade ... triste, difícil...

“Quando minha mãe chegava do serviço, ele (o pai) sempre achava motivos para desentendimentos e acabava batendo nela, em mim, no meu irmão. Minha irmã tentava intermediar na expectativa de acalmá-lo e com isso apanhava muito mais. Foram inúmeras vezes que vivi esse drama dentro de casa”.

Neste ambiente era difícil Hematita (16, F) ter suas necessidades de diálogo e orientações sobre sexualidade atendidas. O medo constante do pai fazia com que todos permanecessem calados. O pai abusava sexualmente da irmã. Hematita é alertada pela mãe, sobre ser ela a próxima vítima a ser abusada pelo pai, na entrevista verbaliza:

“Graças a Deus ele nunca abusou de mim. Eu nem tinha pensado nisso. Só me dei conta quando a mãe comentou que se ele não tivesse morrido a próxima seria eu, era só uma questão de tempo. Eu penso que, com certeza, ele teria abusado de mim. Ele era muito agressivo e violento”.

Muitas vezes, a criança é violentada moral ou fisicamente, no seio da própria família, tanto pelo pai como pela mãe que deveriam ser seus protetores. O lar que deveria ser um lugar sagrado, de cuidado e proteção, é maculado por abandono, negligência, violência psicológica – acontecimentos comprometedores do desenvolvimento saudável da criança e do adolescente.

Esta opinião também é sustentada por Bernardi (1985), quando analisa os papéis desempenhados na família.

“A família é habitualmente uma cópia miniaturizada da sociedade, com um governo constituído pelo pai e uma população de

governados constituída pelos filhos. Assim chamada autoridade intermediária é representada pela mãe, que se encontra com um pé na área governamental e outro na dos subordinados. A família tende a imprimir na personalidade dos subordinados uma determinada estrutura psíquica, aprovada pela sociedade, e para isto vale-se de meios sugeridos pela própria sociedade. A família é uma escola de submissão, de obediência e de resignação”(p.24).

O pais, que viveram ao longo de sua história momentos de repressão sexual, conflitos, preconceitos, tabus, acabam repassando aos filhos os mesmos problemas, gerando, muitas vezes, culpa e medo.

Ametista (15, F) está muito marcada pela repressão do pai. Ela lembra do que aconteceu quando ele a viu dar seu primeiro beijo no namorado:

“Meu pai viu quando dei meu primeiro beijo. Estávamos na praia, eu tinha quase onze anos. Ele não aceitou aquilo, achou horrível. Para ele era o cúmulo, uma guria de onze anos beijando na boca. Meu pai me xingou, me deixou dois dias de castigo, sem sair na rua” (15).

Gale (1989) fundamenta que *“Os problemas de comunicação entre pais e adolescentes freqüentemente surgem porque ambos se sentem constrangidos ao tratar do assunto sexo” (p.36).*

Esta opinião também é sustentada por Ribeiro (1990) ao referir sobre educação sexual: *“Na verdade, a própria família necessita receber educação sexual”(p.41).* Fundamenta sua opinião apontando que tal educação deve ocorrer, mas num contexto mais amplo:

“...encontramos vozes apelando para que a família também seja orientada da melhor maneira na educação dos filhos. E aí não estão pedindo apenas educação sexual, mas educação

para a vida, num mundo conflitante que está abandonando valores humanos e que se esqueceu da própria dignidade da pessoa” (p.43).

Existe, no ambiente familiar, ambivalência, entre falar e não falar sobre sexualidade com os filhos. Entre os jovens entrevistados, alguns apresentam relatos em que os pais assumiram um papel de ajuda e orientação.

Ametista (15, F), ao longo da entrevista, relata o estímulo recebido da mãe e enfatiza que esta a preparou para a vida:

“ela me explicou tudo sobre o sexo, desde pequena. O diálogo com ela sempre foi muito aberto. Tenho que agradecer a ela o que eu sou hoje. Tudo o que ela não teve oportunidade de saber quando jovem, procurou me explicar”(15).

Água-marinha (15, M) emociona-se contando sobre a compreensão do pai, em relação à sua iniciação sexual. Relata que ele abriu a oportunidade de poderem conversar: *“ praticamente me autorizou a transar em casa e de o fazer sem culpa. Isso para mim é bem tranquilizador, mas esta não é a realidade da maioria de meus amigos”.*

Este mesmo adolescente, ao falar sobre diálogo com os pais, afirma:

“Muitos de meus colegas não sabem quase nada sobre sexualidade . Eles não falam com seus pais, por vergonha ou constrangimento, então, ficam sem saber muitas coisas, sem ter certeza do que buscam descobrir”(15).

Malaquita (14, F), no que diz respeito ao diálogo com os pais, salienta que, ao tomarem conhecimento que os filhos estão transando, eles deveriam falar: *“meu filho é preciso ter cuidado, é preciso usar camisinha,*

porque se tu tiveres um filho, nesta idade, vai atrapalhar toda a tua vida. São poucos os pais preocupados em orientar e conversar abertamente”.

Gale (1989) aponta: *“Uma conversa com adolescentes sobre sexo não é fácil nem para os pais nem para os filhos” (p.14)*. Entendo que, além da dificuldade do diálogo entre pais e filhos, existe a preocupação destes pais, questionando-se se devem ou não falar sobre este assunto. Entendem que ao fazê-lo desencadeiam a curiosidade e pensam que os instigam a práticas sexuais antecipadas.

Malaquita (14, F) salienta esta idéia ao referir:

“Consideram ser eles muito jovens e pensam que informá-los equivale a estimulá-los à prática do sexo. Para qualquer pai o filho sempre é muito novo, acha sempre muito cedo iniciar a conversa sobre sexo”.

Suplicy (1988) faz uma análise das dificuldades enfrentadas pelos pais afirmando:

“Muitos pais acham difícil falar sobre sexo com os filhos. Educados em outra época, eles sentem dificuldades em agir de forma diferente, apesar de acharem que a educação que receberam não foi boa para eles e desejarem que tivesse acontecido de outra forma” (p. 33).

Esta autora ainda complementa que alguns pais ao serem surpreendidos com algumas perguntas não sabem o que responder. *“Alguns sentem vergonha de dizer que não sabem e que vão se informar” (p.33).*

Outros relatos mostram a omissão sobre falar com os filhos a respeito da sexualidade, mas mesmo esta omissão significa para o adolescente alguma mensagem, que serve como modelo de vida e de construção de sua identidade pessoal e sexual. Algumas vezes, conforme o que aponta Gale

(1989), os pais fazem que não vêem e verbalizam: *“Não quero saber nada sobre o que está acontecendo”*(p.37).

Ametista (15, F) encontra na mãe apoio ilimitado, mas o pai a condena. Relata que após ter rompido com seu namorado, pelo qual estava perdidamente apaixonada, o pai a condenou, por ter ouvido alguns comentários que o rapaz vinha espalhando. Suas palavras:

“Alguns dos comentários que o rapaz vinha espalhando, chegaram aos ouvidos de meu pai. ...Ele pensava que eu fazia e acontecia. Nem meu pai, nem meus irmãos me apoiaram.... Meu pai só não me expulsou de casa porque eu era muito nova. Ele não me ajudou em nada. Foi horrível para mim superar tudo, foi horrível mesmo”.

Jaspe (14, M) relata que sente vergonha de falar com a mãe. A relação com ela é difícil. Parece até que ela tem dificuldade de entender que ele já cresceu:

“Eu acho que tenho vergonha. Se eu for falar com ela, assim como estou falando agora, sobre transar com alguma guria, eu tenho certeza que ela não acreditará....Ela não quer acreditar que já estou crescendo e já posso ter transado com alguém. Eu falo muito pouco com ele”.

Jaspe (14, M) não se conforma com as palavras da mãe: *“Minha mãe está sempre me xingando, outro dia ela estava com pressão alta. Eu fico muito preocupado. Se ela morrer, vou me sentir culpado”.*

Gale (1989) enfatiza que os jovens terão de encarar muitas decisões com relação à sexualidade durante toda a adolescência e pelo resto da vida. Para se transformar em adultos bem ajustados os adolescentes precisam dispor de uma enorme quantidade de informações.

Este autor salienta:

“Saber o que dizer sobre sexo a seu filho adolescente já é bastante difícil...A educação sexual é um processo contínuo e vai se desenvolver durante o resto da vida de seu filho...Tudo o que se pode fazer é abrir a porta, ajudá-lo a dar os primeiros passos e deixá-lo com uma sensação de conforto, de modo que consiga empreender o restante da jornada tranqüilamente e com um interesse saudável” (p.18).

Os adolescentes, embora procurem os pais para obter informações, sentem-se igualmente constrangidos. Parece não haver liberdade para abordar este assunto com naturalidade. A questão sexual é constrangedora para quase todos, porém é essencial que se abra o diálogo. Conversar com os filhos adolescentes é muito importante, principalmente para protegê-los dos perigos da vida sexual ativa como: doenças sexualmente transmissíveis, AIDS e gravidez indesejada.

Relações Parentais: Aproximações - Conflitos - Rupturas

Essa dimensão tem por objetivo tratar a questão das relações parentais em suas aproximações, conflitos e rupturas. O adolescente normalmente reclama independência, autonomia e individualidade, mas permanece muito dependente do núcleo familiar, pois está apenas iniciando sua busca de estruturação de identidade e de auto-afirmação.

Nas famílias, as relações que se estabelecem podem ser de acertos e desacertos, podem oferecer encontros e desencontros, podem chegar perto da perfeição ou da incoerência total.

Comiotto (1992) salienta a contribuição de Riegel:

“Nessa dinâmica interação de dialéticas internas e externas, o homem não só transforma o mundo exterior no qual ele vive, mas ele mesmo é transformado pelo mundo que ele e outros criaram” (p. 44).

As aproximações podem ser definidas, como momentos de plenitude, realização e de busca de solução de conflitos. A busca de solução nos leva a aproximações, à ajuda mútua e ao apoio incondicional. Os conflitos também podem ser agravados ou resolvidos a partir das vivências pessoais no grupo familiar. Os conflitos surgem quando a sincronia é rompida. Por ruptura entende-se a quebra, a violação do equilíbrio.

Surge, assim, um movimento dialético: aproximações versus conflitos; aproximações versus rupturas; conflitos versus rupturas. Este processo é próprio do ser humano e das organizações nas quais está inserido. O Homem se transforma e pode transformar o outro através de suas palavras, ações e emoções.

Percebe-se nesta investigação, movimentos dialéticos que caracterizam o mundo vivido de cada sujeito, ao longo do processo da dinâmica da vida.

Aproximações

Por aproximações entende-se o compartilhar, o estar junto. O aconchego que todos buscam encontrar ao longo da vida.

É como olhar as estrelas no firmamento. Muitas vezes, não as vemos, mas mesmo assim sabemos que elas estão lá. Nas aproximações familiares também é assim. Busca-se encontrar nelas a fortaleza do amor, da

compreensão e da tranqüilidade. É saber que tudo está em seu devido lugar, sem medos e ameaças. Elas são na sua essência, o desejo de poder encontrar a paz, esta fortaleza que acalma, orienta e permite enxergar o que muitas vezes fica encoberto pelos percalços da vida.

Os adolescentes podem encontrar este apoio em pais, irmãos, avós, madrastas, padrastos, tios... A estrutura familiar ainda continua sendo um fator importante e determinante na vida dos adolescente. Mesmo que, por vezes, a interação deles com seus pais, possa ficar bastante conflitante, a necessidade do apego permanece forte.

Apresento a seguir vivências significativas que se entrelaçam com estes pensamentos.

Turmalina (16, M) relatou que estabeleceu uma relação de empatia, afeto e proteção com um tio, preenchendo a carência de apego que sentia. Para ele este tio foi a luz, foi sua estrela, pois lhe deu coragem e força de enfrentar a vida e viver mais feliz.

Segundo a fala deste adolescente, fica evidente que o apego é um ponto indispensável para que haja condições de diálogo, principalmente no que diz respeito à Orientação Sexual. Num ambiente sem aconchego, num clima de hostilidade o jovem não se sentirá apoiado para esclarecer suas dúvidas.

O mesmo entrevistado relata que este tio é um modelo de pai, alguém com quem se identificar, com quem dividir suas angústias, mesmo que superficialmente.

“Este tio é quem me dá muita força. Eu gosto muito dele, ele me ajuda sempre até nos trabalhos escolares. Não moramos juntos, mas faz um pouco o papel de pai, ele mora aqui perto da escola”.

Por sua vez, Jaspe (14, M) relata uma aproximação, uma relação afetiva com o pai, mas mesmo assim um distanciamento na questão do diálogo sobre sexo.

“Eu tenho mais liberdade para falar com meu pai do que com minha mãe. Ele me diz muitas coisas. Parece que com ele me sinto melhor. Por ser homem, me entende mais. Mesmo assim, nunca falei com ele sobre minhas dificuldades e curiosidades na área sexual”.

Água-marinha (15, M) relata a aproximação com seu pai e expressa a gratidão por ter sido entendido por ele. Fala do apoio do pai, dando-lhe confiança e segurança para decidir o que queria fazer.

“Converso bastante com meu pai. Falo com ele sobre dúvidas que temos na adolescência, por exemplo, como acontecem as transas na adolescência, se é bom, se é ruim, como se relacionar – como, com quem, quando, onde....Ele me falava sobre os cuidados que se deve ter num relacionamento: ver se é a pessoa certa, se a gente gosta realmente da pessoa, se é o momento adequado”.

Acompanhando o relato de Água-marinha (15, M), percebe-se que não foi fácil tomar a decisão de falar com o pai sobre transar:

“Quando tomei a decisão de falar com o meu pai sobre transar com uma menina, confesso que fiquei muito nervoso porque eu não sabia como ele ia reagir, como é que eu ia falar... Estava de fato angustiado antes de falar com ele, mas depois que dialogamos tudo passou. Quando comecei a namorar, eu contei para ele”.

Água-marinha (15, M) encontrou no pai uma relação de amizade, cumplicidade e parceria e com isso encontrou toda a orientação que precisava a respeito de suas dúvidas e dos cuidados que deve ter em relação

à escolha da parceira, ao uso de anticoncepcional e às doenças sexualmente transmissíveis. Acima de tudo encontrou apoio, afeto, amor, compreensão e diálogo.

Quanto à questão dos pais apoiarem, orientarem incondicionalmente seus filhos em relação à sexualidade Gale (1989) afirma: *“De todas as dádivas que um pai pode conceder a um filho adolescente, talvez a mais preciosa seja a permissão para ser uma pessoa sexuada”*(p.68).

Mesmo que algumas vezes sejam transmitidas aos filhos mensagens conflitantes, porque existem sentimentos ambivalentes quanto à sexualidade, é importante que os filhos ouçam de seus pais orientações sobre este assunto. Alguns pais desejam que seus filhos aprendam a desfrutar da própria sexualidade, mas ao mesmo tempo tentam protegê-los dos perigos que acompanham o sexo. Não basta apenas mostrar-lhes os aspectos positivos, prazerosos do sexo, sem levá-los a entender os perigos e responsabilidades que acompanham uma pessoa sexualmente ativa.

Percebe-se pelos relatos dos entrevistados que poucos recebem apoio de suas mães. Entre os que recebem, a maioria é do sexo feminino.

Malaquita (14, F) fala que alguns amigos seus encontram muitos obstáculos para conversar sobre sexo com os pais. No seu caso, encontra apoio na mãe:

“...todas as minha angústias eu divido com ela. Com ela tenho muita liberdade, esclareço dúvidas perguntando - lhe tudo o que quero saber. Vejo que muitos de meus amigos não tem esta liberdade de perguntar aos pais e acabam tendo idéias erradas”.

Cristal de Rocha (15, F) também encontra apoio na mãe, com ela partilha seus problemas e recebe orientação. Quando está namorando ou ficando com um guri, esta jovem sempre fala que ainda não chegou a hora de ter um relacionamento mais íntimo com ele. No entanto, ela diz:

“...se eu quiser e achar que está na hora de transar, devo avisá-la. Ela me levará ao médico para que ele me dê as orientações necessárias quanto ao uso do anticoncepcional. Ela também me adverte que é preciso usar camisinha para evitar doenças”.

Ametista (15, F) é mais uma das entrevistadas que recebe apoio da mãe. Sempre foi orientada por ela e isto ajudou-a a compreender a vida.

“A mãe começou a me explicar as mudanças do corpo,...sobre a primeira menstruação, como é que ia ser... Eu fiquei menstruada muito nova, aos dez anos. Não foi um choque muito grande, porque eu sabia exatamente o que estava acontecendo comigo, minha mãe já me explicara tudo. Posso dizer que ela me preparou para o mundo. Tenho que agradecer a ela o que sou hoje”.

Ágata de Fogo (16, M) é o único do sexo masculino que conta ter recebido apoio da mãe. Isso foi quando ele apareceu com a namorada grávida em casa. Lembra ter sido um momento difícil, mesmo assim, sentiu apoio da mãe. Ao relembrar do fato verbaliza: *“Eu e minha namorada não estávamos sós. Minha mãe que não tinha feito nada, estava disposta a ajudar a gente”.*

Das meninas, somente Opala (16, F) relata que teve o apoio do pai e isso ocorreu quando, já viciada em drogas, foi morar junto com ele em outro estado. Relembra: *“graças ao carinho e a persistência da minha irmã e do meu pai, consegui sobreviver neste período”.*

Conforme assinalado, a mãe foi referida como ponto de apoio, ajuda e afeto por algumas das meninas entrevistadas, dos meninos somente um deles aponta ter recebido esta ajuda.

Concordo com Bee (1997) quando ela enfatiza o quanto os adolescentes, nas mais diversas situações precisam dos pais e neles se apoiam.

“Paradoxalmente, nem o aumento temporário dos conflitos familiares, nem o distanciamento dos pais parecem significar que o apego emocional subjacente do jovem para com os pais tenha desaparecido, ou enfraquecido sobremaneira” (p.359).

O jovem vive cheio de incertezas e contradições, busca encontrar apoio e afeto. O apego representa para ele uma oportunidade de aconchego, de esclarecimentos de dúvidas e incertezas. Normalmente busca-o na família. Porém, através dos relatos dos adolescentes, evidencia-se que as aproximações no ambiente familiar são momentos raros e incomuns. No que foi desvelado, poucos jovens do sexo masculino encontram apoio, amizade e cumplicidade na relações com o pai. Nas aproximações dos filhos com as mães este apoio é insignificante.

Na relação das filhas com as mães, a ajuda e o diálogo surge com mais frequência, porém o apoio do pai, esperado por elas, inexistente. Percebe-se constrangimento e distanciamento.

Para ambos, rapazes e moças, o compartilhar com os pais são momentos insuficientes. Sendo assim, eles se apoiam em outras pessoas, que possam, de alguma forma, substituir os pais, um parente próximo, como é o caso de um jovem ou os amigos, como a maioria relata que faz.

Conflitos

“Quando estiver sofrendo, examine de novo seu coração, e vai perceber que, na verdade, está chorando por aquilo que foi sua alegria.”

KAHLIL GIBRAN

O ser humano vive num mundo em constantes mudanças e transformações, isso gera certa instabilidade e desequilíbrio. Os momentos de tranquilidade acabam sendo raros, pois as crises, os conflitos integram este processo. Na tentativa de encontrar o equilíbrio e o bem estar o sujeito busca constantemente formas alternativas de superação.

Os conflitos emergem no cotidiano da vida, como parte de um processo vital. Eles surgem da sincronia rompida. Este rompimento significa e representa o confronto existente. Ele pode ser de idéias, valores, conceitos, hábitos, atitudes. Em decorrência, surgem as crises. Para cada tese, cada situação nova que surge na vida do sujeito ou que ele mesmo constrói em sua trajetória, existe uma antítese. Na síntese é buscado o equilíbrio.

Os adolescentes narraram momentos de insatisfação e conflito na relação estabelecida com a figura do pai. Relatos de algumas meninas, nos mostram seus sentimentos.

Cristal de Rocha (15, F) tem dificuldades no relacionamento com pai, relata que o diálogo com ele é muito difícil, ele não a quer ver namorar tão jovem, fica repetindo: *“tu só tens catorze anos, é muito cedo. Questiona: “por que se entregar logo, para o primeiro namorado que aparece?” Na opinião dele, não deve transar”. Por ele, eu posso continuar virgem até os dezoito, vinte anos..”* Nesta situação, vivida pela adolescente, percebe-se a

falta de diálogo, de compreensão do pai. Ela se emociona ao contar e lembra: *“o pai fica falando sem parar, diz palavrão, fala desgraçada... ele é muito estourado”*.

Ametista (15, F), ao referir-se ao pai, diz estar ainda magoada com ele por não tê-la ajudado quando mais precisava. Ele condenou a filha, acreditando nos comentários depreciativos, feitos pelo ex-namorado. Ela relata que com o pai nunca teve um diálogo aberto. *“Ele nunca me deu liberdade para trocar idéias com ele. Já tentei, mas não consigo”*. Sente um constrangimento muito grande, principalmente nas questões relacionadas à sexualidade:

“Até um tempo atrás, eu não gostava de ver, na frente dele, uma cena de beijo na televisão. Quando apareciam cenas de sexo, eu saía, não conseguia permanecer perto dele. Acho que pelo fato de nunca termos conversado, sempre sentia vergonha....”

Hematita (16, F) lembra de uma infância e uma adolescência marcadas pelo sofrimento ligado à figura do pai. Ele era extremamente rígido nos hábitos familiares e isso despertava um pavor terrível nela:

“Uma vez, isso não vou esquecer nunca, eu estava comendo arroz e feijão com o prato na mão, ele chegou na porta e me olhou, só com aquele olhar o prato voou para o chão, tinha muito medo dele bater em mim”.

No relato, Hematita (16, F) apresenta fatos de seu mundo vivido e o faz com muita dor e sentimento. Sofreu e ainda sofre as pressões que foram imputadas a ela e à sua família durante o período em que o pai estava vivo. Relembra a noite em que ele foi morto pela avó:

“Nesta noite, acabei dormindo. Não sei bem o que ocorreu. Apesar de tudo o que aconteceu eu não lembro de nada. Só sei

que minha avó deu com uma barra de ferro na cabeça de meu pai e, com isso, abriu seu crânio. Depois, ela o degolou com um fio de nylon”.

Stearns (1990) faz a uma reflexão a respeito da morte. Aproprio-me dela para entender os momentos conflituosos vividos por Hematita (16, F). A morte pode significar a libertação da violência, da dor, da ameaça. Porém, em decorrência dela, pode iniciar um novo processo, não menos carregado de dor e sofrimento, porque ficaram as lembranças e o sentimento que deixou de existir a possibilidade de ele ser e bom pai e de ajudar caso o filho(a) precisasse.

Ainda, existe nas relações parentais da Hematita (16, F) cumplicidade e silêncio sobre o que aconteceu na noite da morte do pai. Todos sofrem vítimas de suas lembranças e marcas desta época:

“Há uns dois ou três anos atrás eu perguntei para minha mãe sobre a morte do meu pai, mas ela não acrescentou nada. Ninguém toca no assunto. Sempre soube que ele foi uma pessoa muito má. Viemos do interior para a capital porque lá ele matou uma pessoa”.

Entre os adolescentes pesquisados, alguns verbalizam o quanto sofreram e sofrem na família. Seja porque ela foi desfeita, seja por violência, excesso de bebida, falta de apoio... Na grande maioria, os pais bloquearam a afetividade deixando um vazio existencial muito grande em cada um dos adolescentes. Hoje, o que eles sentem é falta de vínculo afetivo, carência, desejo de ser amado.

Stearns (1990) afirma que: *“Acabamos sabendo, de forma opressivamente pessoal, que não temos nenhuma imunidade especial contra o sofrimento” (p.27).*

Hematita (16, F) passou toda sua infância com medo do pai, um medo excessivo que a colocava em pânico estando na sua presença. O medo da dor, do sofrimento acompanha o ser humano. Para fugir dele, para se proteger, o indivíduo o nega e com isso cria novo sofrimento.

Este pânico vivenciado por Hematita (16, F) é explicado por Hamachek (1979) quando se refere ao medo excessivo. Salienta que este pode determinar uma resistência ao crescimento, bloqueando o desenvolvimento harmonioso. As vivências desta adolescente mostram o que as palavras deste autor fundamentam, explicitando suas dificuldades. Ela salienta que se não for constantemente estimulada não consegue estudar, ter prazer e viver plenamente.

Marcelli, Braconnier (1989), destacam que:

“Pais e adolescentes encontram-se, assim, confrontados a uma crise em que são postos em questão os fundamentos de identidade de cada um, os modos de resolução edipiano, a escolha anterior do objeto sexual. Esta crise denominada “crise parental”, destacando os principais pontos conflituais correspondentes às grandes linhas da crise do adolescente”(p.307).

Segundo este autor e através das experiências trazidas pelas jovens entrevistadas constatamos, que as relações estabelecidas com a figura do pai, estão marcadas pela agressão, rigidez, afastamento e solidão. Elas reclamam que encontraram no decorrer de suas vidas, poucas palavras de estímulo, esclarecimento e conforto de seu pai.

No que diz respeito ao relacionamento entre mãe e filho homem se percebe uma vergonha muito grande de conversar abertamente sobre sexualidade. Suas falas estão impregnadas de desentendimentos, conflitos, carências e ciúmes. Água-marinha (15, M) e Jaspe (14, M) não conseguem conversar com sua mãe, dizem: *“parece vergonha entre mãe e filho”*.

Referem que a aproximação com a mãe é difícil. Jaspe (14, M) justifica que ela está sempre ocupada com os irmãos mais jovens. Os demais entrevistados também fazem referência à dificuldade de entendimento com as mães.

Quanto ao relacionamento do pai com o filho homem, encontrei nas vivências de Jaspe (14, M) situações específicas de conflito. Para este adolescente o diálogo com o pai sobre sexualidade sempre teve pouca orientação. Percebe-se até uma certa coação, nas mensagens do pai, pois segundo ele: *”Meu pai sempre afirmava: “se engravidares alguém, tu vais ter que largar o futebol”.* A orientação se resumia: *“tens que usar camisinha. Não falavam assim, diretamente, explicando como era, como tinha que ser. Eu é que fui me virando, fui aprendendo com meus amigos...”*

Os entrevistados referem que, de forma em geral, as famílias não conseguem estabelecer um diálogo sobre sexualidade com os filhos. Eles, de fato, não aprenderam a lidar com este assunto e ao tentar dialogar se sentem inibidos e despreparados.

Concordo com Vitiello e Conceição (1991), quando afirmam sobre o que ocorre na família na questão da educação sexual:

“Em vez de uma atitude educadora, que oriente os jovens para o exercício de uma sexualidade sadia, essas famílias tentam cercear os impulsos sexuais através de ameaças e de repressões mal disfarçadas” (p.17).

A mãe de Opala (16, F) soube por intermédio de sua irmã que ela tivera relação sexual, numa situação bastante inusitada. Mesmo assim, omitiu-se de conversar com ela a este respeito. Não houve diálogo mãe e filha, mas silêncio. Ignorar o fato, não significa diminuir o sofrimento.

Ela relata:

“Minha mãe ficou sabendo que eu havia perdido a virgindade com aquele rapaz, naquela noite, por intermédio da minha irmã do meio... Nunca conversamos a respeito, nem para negar, nem para confirmar. Acho que é vergonha entre mãe e filha”(16).

Assim, Hamachek (1979), ao citar Maslow afirma: *“Muitas vezes é melhor não saber, porque se você soubesse de fato, você seria obrigado a agir”(p.21)*. Entendo, portanto, que muitas vezes, existe o medo de saber, porque ele pode instigar uma tomada de decisão. Assim, é melhor ignorar, para não ser obrigado a agir.

Vitiello, Conceição (1991) salientam que entre pais e filhos é importante existir um canal de comunicação aberto em ambos os sentidos, durante todo o tempo: *“A atual geração de adultos não recebeu, nem formal nem informalmente, qualquer orientação para bem educar-se, quanto mais para educar seus filhos.”(p.16)*

Os conflitos e as contradições familiares manifestam-se nas falas dos entrevistados. No relato de Ametista (15, F) percebe-se que sua mãe, contra a vontade e a opinião do marido, orienta e ajuda a filha a compreender seu momento de vida. Ela é a única filha mulher, a caçula da família. Seus irmãos são mais velhos do que ela. Eles estão sempre falando:

“que minha mãe me explicou tudo muito cedo e, por este fato, eles têm medo que eu vá fazer alguma coisa errada e que já acontecer comigo também o que acontece com outras jovens. Existem muitas adolescentes grávidas por aí. Meu pai tem medo também, eles condenam minha mãe por ela ter me explicado tudo”.

No entanto, sua mãe dizia: *“eu prefiro explicar, para que ela esteja bem orientada. É melhor do que não ter orientação nenhuma”.* Ametista

(15, F) completa: *“Eu acho que recebi uma boa orientação. Nunca precisei de psicólogo”*.

Turmalina (16, M) tem um relacionamento difícil com a mãe, pouco diálogo, não consegue falar sobre sexo com ela, disputa o amor da mãe com os irmãos...sente ciúmes. Verbaliza: *“Eu até tento conversar com minha mãe, mas acabo sempre me desentendendo. Este desentendimento é causado pelo ciúme, porque ela só dá atenção para os meus irmãos menores”*. Ele explica que é o filho mais velho, a impressão que ele tem é que ela não se importa muito com ele: *“Minha mãe nunca tratou comigo sobre assuntos de sexualidade, nem eu com ela. Eu sinto um pouco de vergonha de abordar estes assuntos com minha mãe. Não consigo falar”*.

Os irmãos exercem forte influência uns sobre os outros. Participam da mesma problemática familiar, mas não necessariamente da mesma forma, nem na mesma intensidade.

Turmalina (16, M) sente falta da atenção da mãe. Manifesta o ciúmes que sente dos irmãos:

“Somos quatro irmãos, o menor tem dois anos... Meu sentimento é que ela só cuida dele, nunca tem tempo para conversar comigo, precisa atendê-lo ou está sempre ocupada com outras coisa”.

Hematita (16, F) ao relembrar fatos relacionados à irmã, se emociona e chora muito como agora. Não se conforma, se sente excluída:

“Me dou conta o quanto minha mãe protegia e ainda protege minha irmã. Comigo ela briga o tempo todo. Faço tudo o que precisa ser feito, mas qualquer coisa errada a culpada sou eu. Para brigar é só comigo. Se pergunto algo, já me agride. Esta proteção com a minha irmã a estraga, ela sempre faz tudo errado. Penso que já não

justifica o que meu pai fez com ela, já passaram nove anos que o fato aconteceu”.

Ao falar na irmã, Jaspe (14, M) relembra problemas vividos na relação familiar:

“Eu tenho uma irmã mais velha do que eu. Ela tem um filho. Minha relação com ela não é muito boa. Ela seguidamente me coloca contra a minha mãe...”

Em outros momentos, porém, Jaspe (14, M) diz que ela lhe dá algumas dicas, mostra alguns problemas que ela já enfrentou e passou:

“Ela me alerta para me cuidar bastante, cuidar com as amigas que podem me levar para um caminho errado. Diz para eu não usar drogas, pois para sair delas é muito difícil. Minha irmã até me ajuda bastante”.

Opala (16, F) relata que suas irmãs não agüentavam mais vê-la drogada, o convívio estava difícil: *“Minhas irmãs já estavam cansadas, queriam me mandar para fora de casa...”*

Turmalina (16, M) sofre a falta do pai, ocasionada pela separação e não tem um bom relacionamento com o irmão:

“Quando eu fui para Minas Gerais, meu irmão sentiu muita saudade, mas nunca expressava seu sentimento. Manifestava em forma de raiva, ele dizia que estava bravo, não queria falar comigo. Na verdade ele queria que eu voltasse. Ele sofria calado e não falava nada.... Brigamos mais que conversamos”.

Ametista (15, F) relata que nunca teve apoio dos irmãos mais velhos, só críticas e mensagens de que ela era uma menina vulgar. Relata que eles:

“acham que eu sou uma dessas que daqui a uns dias vai aparecer grávida dentro de casa. Eles sempre falam isso”.

Percebe-se que, entre os irmãos de ambos os sexos, existem conflitos e esses estão relacionados à problemática familiar e às vivências individuais. O ciúme- desejo de ser o único amado na família- a competição pelo afeto, a atenção exclusiva, as queixas constantes centradas no outras chantagens emocionais... tudo isso dificulta o entendimento entre os irmãos.

Os entrevistados referem que os conflitos existem e fazem parte das relações parentais, entre pai, mãe e irmãos. É difícil estabelecer um diálogo sobre sexualidade neste contexto. Os conflitos, porém, instigam a busca do amadurecimento, de novos padrões de relacionamento, mais integrados, satisfatórios e felizes.

Rupturas

*... se os sonhos morrem a vida é um pássaro de
asas quebradas que não consegue voar.
... quando os sonhos se vão a vida se torna um campo
estéril gelado como a neve.*

Langston Hughes

Podemos comparar as rupturas com a morte do sonho e o pássaro de asas quebradas simboliza o adolescente, este poderá ter muita dificuldade para alçar vôo, mas não significa que seja impossível. Ele precisa ressignificar sua vida, dando-lhe um novo colorido.

As rupturas nas relações familiares ocorrem quando há um distanciamento, uma quebra, uma perda, uma ausência, causando mal estar, infelicidade e sofrimento.

O adolescente tem necessidade de construir seu caminho de forma autônoma e para que isso aconteça rompe com os vínculos familiares. Algumas vezes, uma ruptura mesmo restrita acaba sendo geradora de mágoas e ressentimentos. Outras vezes, provoca separações definitivas, ocasionadas pela dificuldade de os pais lidarem com situações conflitantes. É necessário dar o tempo que o adolescente precisa para encontrar, por si próprio, seu caminho. Os pais, muitas vezes, necessitam de ajuda para entendê-lo e suportá-lo.

Marcelli, Braconnier (1989), salientam

“Uma das particularidades do adolescente, reside em ser uma pessoa que com vigor reclama sua autonomia e individualidade, mas que permanece ainda profundamente dependente do contexto familiar da sua infância”(p.303).

Entende-se que existem rupturas dramáticas relacionadas a problemas existenciais vividos na família e que delas decorrem marcas, sofrimentos, medos, que vão se internalizando ao longo da vida.

Assim, as rupturas fazem parte da história do sujeito e o conduzem a um amadurecimento, muitas vezes antecipado.

STEARNS (1990) concorda ao dizer:

“Os acontecimentos dolorosos por que passamos também não devem ser sumariamente eliminados de nossa vida. Toda experiência ajuda a formar as pessoas que somos agora. Aquilo que vivenciamos ninguém pode tirar de nós, nem deve”(p.176).

Nas falas dos entrevistados percebe-se que os conflitos vividos na infância emergem na adolescência.

Hematita (16, F) ao relatar o abuso sexual sofrido pela irmã, complementa dizendo que:

“Quando a mãe descobriu o que o pai fazia com minha irmã, ela foi mandada para a casa da minha avó. Meu pai começou a segui-la e fazer ameaças para toda família, se ela não voltasse para casa”.

Hematita (16, F) fala de agressões, violências que provocavam medo e rupturas familiares.

“Certa vez, a mãe esqueceu de dar o troco de uma conta de luz, para o pai.... Ele nem pediu explicações, foi direto nela e deu-lhe um soco no olho, que ficou roxo. Ela tem um dedo quebrado e outro torto por causa dele. Minha mãe tem muitos problemas pelas agressões sofridas. Ela nunca fala do que sofreu, do que passou vivendo com ele”.

Marcelli, Braconnier (1989) escrevem serem muitas as razões que levam as rupturas familiares:

“notam que as dificuldades psicológicas durante a adolescência estão associadas a diversos índices de patologia familiar: divórcio ou desentendimento parental crônico, doença mental parental, instabilidade dos pais”, ainda fundamentam que alguns pais são “muito ou muito pouco severos, demasiado inacessíveis ou demasiado invasores...”(p.303).

Entre os adolescentes pesquisados, vários apresentam situações vividas, similares às que estes autores retratam.

Cristal de Rocha (15, F) fala sobre isso quando aborda os problemas vividos com o pai e o sofrimento desencadeado pela sua maneira de ser:

“Acho que meu pai está precisando de um tratamento. Ele não anda muito bem, está muito revoltado. Às vezes, eu paro para conversar com ele, mas vejo que não adianta, ele manda eu calar a boca. Ele diz para mim sair de perto. Percebo que ele não me entende, não sei realmente o que eu poderia fazer”.

Ela complementa expressando o que acontece com o pai em relação aos seus sentimentos:

“a raiva dele parece que está centrada na mãe Porém sempre ‘sobra’ para nós que estamos em casa, é em quem ele descarrega. Quando ele está com muita raiva, ele xinga muito. Ele diz palavrão, fala ‘desgraçada’”.

Ametista (15, F) consegue perceber os problemas existentes relacionados aos pais e fica em dúvida sobre uma possível separação:

“Eles chegaram a ficar oito meses brigados e para mim foram os piores oito meses da minha vida. Eu ouvia queixa da minha mãe de um lado e do meu pai de outro. Eu tinha que ficar quieta, eu não podia reclamar”.

Na tentativa de resolver os problemas familiares, Ametista (15, F) fez tudo o que pode para unir pai e mãe novamente. Hoje ela relata que se arrepende de ter tentado unir novamente o casal porque viver junto com eles está ficando insuportável:

“Hoje, sinceramente me arrependo. Em casa, moramos só nós três. Às vezes, eles passam um pelo outro dentro de casa e um não olha para o rosto do outro. Eu me sinto mal, me sinto muito mal”.

Perder alguém significa “*ser privado do seu convívio*”, “*cessar de estar junto*”, deixar de ter alguma coisa. É difícil aceitar a perda do que já se possuía, pois é a ruptura de vínculos que faziam parte da vida.

É o caso de alguns dos adolescentes entrevistados, suas vidas estão marcadas por perdas. Perdas e sofrimentos provocados por morte do pai, separação do casal, convivência difícil, problemas, conflitos, rupturas... “*A sensação de perda pode ser vivenciada como se tivesse ocorrido uma morte*” Stearns (1990, p.16).

Quartzo (15, M) como Turmalina (16, M) tinham o apoio do pai, mas em função da separação eles perderam estes laços de aproximação. Nos seus relatos manifestam seu sentimentos.

Quartzo (15, M) sente falta do pai para conversar. O jeito que ele tinha para falar com o filho era o de uma conversa simples, fácil como se fosse sempre brincadeira. Com a separação, Quartzo (15, M) se sentiu atingido:

“me abalei, fiquei triste. E no fundo, no fundo, isto foi e está sendo um baque. Ficar sem pai é horrível. Vivendo todo dia com ele, saindo com ele, jogando bola, convivendo como nós convivíamos, é muito difícil. À medida que o tempo passa, a gente vai se acostumando, se distanciando ... mas é uma situação muito difícil”.

Este adolescente complementa: “*Continuamos saindo, vamos ao jogo, fazemos muitas coisas juntos. Assim mesmo tenho sofrido muito, porque é totalmente diferente. Só o vejo de vez em quando e não todos os dias como era antes*”.

Esta situação é igualmente vivida por Turmalina (16, M). Ele relata que uma das coisas de que sente mais falta é da presença do pai para poder conversar com ele. Mesmo assim:

“Conversar com meu pai não era tão fácil assim, porque quando ele morava conosco, ele estava sempre trabalhando. Quando chegava em casa eu estava dormindo, quase não o via. Mesmo assim, conversar com ele sempre foi mais fácil do

que com minha mãe. Com mulher parece mais difícil conversar certos assuntos O bom é que no final de semana saíamos um pouco. Ficávamos juntos. Trocávamos algumas idéias”.

Evidencia-se, pelos relatos dos adolescentes homens, que a falta da figura do pai dificulta o esclarecimento de suas dúvidas. Eles sentem vergonha de falar com a mãe e perderam o vínculo com o pai. Com quem tirar dúvidas?

Esta situação também é referendada por Gale (1989). Ele esclarece:

“A vida de um pai sozinho é diferente da de pais casados. Não necessariamente melhor nem pior; apenas diferente. Do mesmo modo que, para os filhos de pais divorciados, separados, viúvos ou que nunca se casaram, as experiências de vida são diferentes das que eles teriam se ambos os pais estivessem educando no mesmo lar. ... principalmente com relação às influências que moldam a sexualidade e os valores sexuais deles” (p.174).

Seguindo a idéia do autor ao referir sobre sexualidade: *“Até com relação à sexualidade e à educação sexual, os filhos de pais sozinhos estão numa situação diferente da de seus amigos que vivem com ambos os pais” (p.174).* Sentir tristeza pela perda do pai ou da mãe por separação ou morte é um processo muito semelhante. A tristeza é uma parte natural do ajustamento à perda de um dos pais e esse sentimento pode continuar durante meses e até mesmo anos. Para este autor: *“cada indivíduo tem seus próprios sentimentos diante da perda” (p.165).*

Rupturas por separação geram para alguns dificuldades e problemas. Quartzó (15, M) continua relatando: *“Minha mãe acha que a separação é um dos motivos por que eu estou mal na escola. Eu digo que não é culpa dela, que é minha culpa”.*

Opala (16, F) relata que a ruptura de vínculos familiares aconteceu em função das drogas:

“Minhas irmãs já estavam cansadas, queriam me mandar para fora de casa. Minha mãe não agüentava mais, estava transtornada comigo...tomou a decisão de me mandar para Santa Catarina onde meu pai estava trabalhando...Senti muita raiva de minha mãe por ela ter me mandado embora”.

Opala (16, F) tem consciência do estado a que chegou em função do abuso de drogas e relata momentos de ruptura com a mãe surgidos nesta época difícil:

“Uma vez a mãe queria bater em mim, porque ela percebia que eu estava no limite. Ela falava e eu não ouvia. Não queria saber de nada, incomodava. Saía de casa e quando voltava chegava tarde. Neste dia ela veio, se avançou em mim e eu não quis aceitar. Não via nela a minha mãe, mas uma mulher qualquer, alguém a me pressionar e querer bater em mim. Não deixei ela chegar perto, revidei com força, agarrei ela dando-lhe uns tapas”.

Opala (16, F), envolvida em drogas, não avaliava o que fazia e o que dizia, mas sua raiva pela era muito grande. Hoje ela relembra: *“Me arrependo muito de ter feito minha mãe sofrer, já lhe pedi perdão. Ela tentava muito me ajudar e eu não queria”.*

Stearns (1990) fala em arrependimento e salienta que *“nenhuma outra emoção humana é tão torturante e dolorosa quanto o arrependimento”*(p.42).

Conforme Stearns (1990), Madow enfatiza: *“A raiva é uma forma de energia. Não pode ser destruída ou esquecida. Tem de ser transformada”* (p.59).

Opala (16, F) nunca esqueceu este sentimento vivido com tanta força e intensidade. Na verdade ela sofria pelo uso e abuso de drogas e achava que tinha que ser entendida por este motivo, Esta adolescente até hoje se culpa por ter tratado a mãe daquela maneira, já lhe pediu desculpas. Mesmo assim ela sofre com esta lembrança.

Concordo com Stearns (1990), quando afirma que: *“É importante para a maioria de nós que ... expressemos nossos sentimentos de raiva. Quanto mais tempo ficam escondidos, tanto mais difíceis eles se tornam”*(p.70). Estes sentimentos aparecem também nas falas de outros entrevistados em relação à separação, aos conflitos familiares e à violência.

Ainda Stearns (1990) aponta que todos nós poderíamos ter amado melhor diversas pessoas próximas:

“nossos pais, nossos filhos ... Sentimo-nos culpados na hora da perda porque somos seres humanos. Sempre seremos capazes de mais sabedoria em nossa mente do que em nossos atos” (p.40).

Hematita (16, F) tem visões do passado que a atormentam. Traz muitas lembranças dos problemas que viveu. Relata:

“Eu não tenho pai. Ele morreu, em 1990, quando eu tinha uns 6 ou 7 anos. Isto aconteceu uma ou duas semanas depois do meu aniversário. Ele tanto nos prejudicou que mereceu morrer...Nunca sinto sua falta, mas, às vezes, eu vejo vultos e penso que é ele”.

O pai se foi, mas a lembrança no coração dela continua vividamente presente. Ficaram marcados nela os momentos de intenso sofrimento, de medo e hoje ainda revive estes fatos vendo vultos que parecem o pai.

Esta opinião é sustentada por Stearns (1990) quando ele refere: *“Aqueles a quem amamos ou com quem temos questões pendentes costumam*

ficar conosco de forma vívida”(p.22). Este autor reforça a idéia que existem lembranças causadoras de muito sofrimento, dolorosas, angustiantes. Elas deixam as pessoas ansiosas mas ao mesmo tempo confortadas. Lembrar pode ser o início da cura.

Mesmo neste contexto, a família precisa acreditar na sua capacidade e potencialidade de orientar sexualmente os filhos. Quer queiram ou não, os pais estão sempre passando aos filhos suas preocupações e orientações sobre sexo e sexualidade. Preocupações como gravidez indesejada e doenças sexualmente transmissíveis estão subjacentes nos discursos proferidos a cada vez que o jovem sai de casa para ir a uma festa.

Alguns pais sabem que a educação sexual deve começar na família, entretanto, não estão preparados para realizá-la, é o que afirmam Vitiello e Conceição (1991)

“A educação sexual deve iniciar na família, mas seus membros adultos trazem toda uma carga de desinformação, preconceitos e inibições, adquiridos em sua própria formação. Sabemos que a imensa maioria dos adultos, na atualidade, encontra dificuldades em lidar até mesmo com sua própria sexualidade, quanto mais com a de seus filhos” (p.16).

Malaquita (14, F) lembra que não é culpa dos pais não conseguirem falar sobre sexo com os filhos, ela adverte:

“eles têm muitas dificuldades em relação a isto, até na sua própria vida. Certos pais não conseguem falar, sentem dificuldades ao fazê-lo, pois estão despreparados. Alguns dão muita liberdade para seus filhos, outros fingem não saber das suas vivências”.

Os pais são, em geral, omissos e não estão preparados para falar sobre sexualidade com os filhos. Há os que reprimem e os que libertam demais, criando conflitos e incertezas na vida pessoal. Os pais ainda não se sentem preparados para aceitar e participar de programas de Orientação

Sexual nas escolas, pensam que os profissionais poderão com isso, influenciar os adolescentes para a busca da sexualidade precoce.

Ainda há pais que acham que a orientação sexual deve ser restrita à família, sem nenhuma ligação com a escola, mas segundo as falas dos adolescentes eles mesmos se sentem despreparados para fazê-lo e sugerem: “*Os pais precisam confiar na escola, estimulando na implementação deste trabalho, relacionado à sexualidade*” é o que diz Malaquita (14, F).

Conforme Ribeiro (1990), antes havia total ausência de educação sexual, hoje:

“ presença da educação sexual nos meios de comunicação, nas novelas, nos filmes, nas revistas, nos órgãos do governo que ensaiam os primeiros passos de projetos de orientação sexual” (p.43).

Surge um grande questionamento: Não estará existindo um descompasso entre a educação sexual oferecida pela família e a transmitida pelos meios de comunicação? No momento atual, sexo está em toda lugar: na televisão, no cinema, nas revistas. Só que, conforme relatos dos entrevistados, na maioria das famílias, os pais ainda apresentam grandes dificuldades de abordar este assunto.

Os(as) filhos(as), buscam orientações nas relações parentais, mas na maioria das vezes não as encontram. Sentem vergonha ou não encontram espaço para suas dúvidas. Percebem que na família existe a dificuldade do diálogo sobre sexo. Surgem, em alguns casos, mensagens indiretas como: não vá engravidar... use camisinha..., mas a maioria sente falta de uma troca, de uma conversa amiga.

Enfim, é possível perceber que as rupturas acontecem na vida dos adolescentes pesquisados. A partir delas há uma novo enfoque. Uma reorganização e uma reconstrução de valores e de relações. O sofrimento

causado por estas rupturas alicerça mudanças e fortalece o amadurecimento.

ENVOLVIMENTO DA ESCOLA

COM A SEXUALIDADE DO ADOLESCENTE

“Escolas... são mais um importante ponto de encontro e conspiração. Caso as escolas já não valham tanto por aulas, elas ainda valem muito por seus corredores, pátios, diretórios estudantis e cantinas. São espaço político.

Escolas... seguem ignorando o princípio humano do prazer pois tratam o corpo do aluno como um fardo inexpressivo, quando este é o berço de todas as significações da vida.”

Regis de Moraes

Se a escola já não vale tanto pelas aulas, como diz Moraes, vale pelo que ela representa aos adolescentes: um lugar de lazer, de convivência e de possibilidades para construir relações de amizade. A escola, enquanto instituição, constitui-se como local próprio e competente para a transmissão de conhecimentos e, por isso, está voltada para a formalização de conteúdos. Embasada em aulas teóricas e distante da realidade do aluno, reprime seu corpo e subtrai seus interesses. Os professores que estabelecem um vínculo forte com o aluno, criam relações de parcerias, permitem o diálogo com o conhecimento, possibilitam uma aprendizagem mais interativa e eficiente.

Desde o nascimento, durante o período da infância e no decorrer da adolescência, o ser humano interage basicamente com sua família que é seu primeiro grupo social. Num segundo momento, a escola

passa a ter forte influência e, juntamente com a família, apóia o adolescente para que ele encontre a si mesmo e a seu lugar no mundo.

Ribeiro (1990) faz uma reflexão: “*A escola está sendo a instituição mais indicada pelas autoridades educacionais, pelos especialistas e pela sociedade em geral como sendo o campo fértil e ideal para se dar a Orientação Sexual*” (p.31). No entanto, a escola permanece ainda omissa aos apelos e questionamentos trazidos pelo aluno.

A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira determina que os estabelecimentos escolares adotem a Orientação Sexual no currículo. Porém, a inclusão da disciplina educação sexual tem sido sistematicamente barrada por forças sociais, por despreparo dos professores ou mesmo pelas famílias que não a consideram assunto da escola.

Malaquita (14, F) enfatiza a questão da orientação sexual e do pouco preparo que a família e a escola apresentam, salienta: “*devido à falta de preparação psicológica da família e do não envolvimento da escola nos assuntos de sexualidade, o adolescente fica sem nenhum apoio. Os pais não falam, a escola menos ainda*”.

Grande parte de pais e professores acredita que a educação sexual se restringe às informações sobre fisiologia, anatomia do corpo, mecanismo da reprodução. Sexo é muito mais que isto. Sexo é prazer, é descoberta. E é também proibição, perigo, erro, doença e culpa. Os jovens experenciam a dialética desejo / repressão.

Controlar a reprodução é uma necessidade, principalmente dos jovens que não estão preparados para serem pais. A desinformação ou a informação equivocada acabam gerando ansiedades e, muitas vezes,

conduzindo os adolescentes à iniciação sexual precipitada. Surgem assim, como decorrência de transas precoces, gravidez indesejada ou doenças sexualmente transmissíveis.

Ágata de Fogo (16, M) enfatiza que os jovens precisam aprender os métodos de prevenção *“como se coloca a camisinha... A maioria dos jovens não sabem usá-la, nem como colocá-la. Se esta orientação ocorresse, os jovens teriam mais presente os cuidados necessários para evitar problemas posteriores”*.

Ametista (15, F) ao falar sobre a desinformação, verbaliza: *“A maioria das adolescentes que ficam grávidas, possivelmente, não tiveram orientação, não lhes explicaram nem em casa nem no colégio”*.

Para evitar uma gravidez indesejada, os jovens buscam meios razoáveis de proteção e de sexo seguro. Para compreender que sexo é importante, buscam o diálogo, pois sentem necessidade de ouvir e de falar sobre sexualidade. Vivem, nesta etapa do desenvolvimento, fortes e significativas transformações tanto em seu corpo como em seus sentimentos, desejos, fantasias.

Béria (1998), ao falar sobre o papel da Orientação Sexual no ambiente escolar, aponta:

“a escola, contudo, enquanto instituição, tem dificuldade em tratar dessa temática. Quando o faz é de maneira formal, professoral, universal, científica, distante das questões emergenciais do cotidiano, não tendo, desta forma, para os adolescentes, um real significado”(p.66).

Cristal de Rocha (15, F) percebe que o sexo está na escola, mas que ela não trata destas questões: *“o sexo sempre faz parte das relações que se estabelecem na escola, só não tão claramente”*.

Malaquita (14, F) corrobora com esta idéia e afirma que: *“sexo não é um tema para ser falado em sala de aula. Sexo é um assunto para descobrir sozinho e de preferência não comentar com ninguém. Esta é a filosofia de muitas escolas”*.

A mesma adolescente faz uma reflexão no que diz respeito à postura dos adultos frente à sexualidade: *“alguns afirmam que sexo não é proibido, mas continua sendo algo que todo mundo esconde, ninguém fala. Passa a ser então, reprimido”*.

Complementa dizendo: *“no fundo existe uma certa proibição: os assuntos de sexo devem permanecer fora da sala de aula”*.

Há como que um descaso em relação ao desenvolvimento da sexualidade dos adolescentes que, justamente neste momento, passam por transformações e problemas próprios da faixa etária.

Dizem os adolescentes que gostariam de ser mais ouvidos, de encontrar na escola um respaldo para suas preocupações. Esperam que ela realize práticas pedagógicas com enfoque na Orientação Sexual, mudando sua postura omissa e fragmentada.

Ametista (15, F) enfatiza que muitos adolescentes gostariam de falar sobre sexo mas dizem que: *“não tem como perguntar em casa, eles esperam ajuda da escola”*. A falta de diálogo franco e aberto entre jovens, pais e educadores, coloca os adolescentes distante das informações básicas sobre sua própria sexualidade. Esta mesma adolescente continua:

“temos diversas dúvidas, porém não as expressamos. Não que nossos pais ou professores não saibam

responder, mas porque eles vão ficar meio chocados com as nossas perguntas. Por exemplo: como será a primeira vez?... Nós sempre questionamos isto, para nós mesmas”.

Nesta essência: “Envolvimento da escola com a sexualidade do adolescente”, encontrei as seguintes dimensões: Falas e silêncios e Fracassos e exclusões.

Falas e Silêncios: A Inexistência do Diálogo

“Conversar deve levar sempre a momentos de silêncio, para dar às palavras tempo de se organizar dentro de nós, para analisarmos sua verdade ou seu engano”.

Vasconcelos

Discutir questões de sexo e sexualidade na escola ainda é alvo de muita polêmica. Alguns defendem a idéia de que tais assuntos devam ser abordados apenas pela família. Outros enfatizam que eles devem ser trabalhados pela escola, abrindo horizontes ao adolescente, superando os limites e os bloqueios da própria família.

A escola faz parte da vida do jovem, ela não pode simplesmente se omitir e ficar alheia ao que acontece com o adolescente. É importante que ela se dê conta da necessidade de abrir espaços para o debate das questões da sexualidade como algo normal da vida, orientando e suprindo deficiências do lar.

Malaquita (14, F) percebe a omissão da família e da escola, ela verbaliza: *“este assunto não é conversado abertamente. Na escola não se pode falar, em casa não se tem liberdade para abordá-lo”*.

O sexo fica como um discurso quase nunca verbalizado. É visto na televisão, no cinema, nos livros, na rua e nada é dito ou perguntado na escola, pois quando o fazem, não encontram respostas. Dúvidas e receios acompanham os jovens, mas não encontrando apoio na família e na escola, a opção é calar ou buscar apoio em outros locais.

Ametista (15, F) ao refletir sobre dúvidas e receios a respeito da sexualidade salienta:

“eu e minhas amigas conversamos bastante. As dúvidas sempre aparecem. Em conjunto, escrevemos para essas revistas de adolescentes para esclarecer dúvidas ou até mesmo vamos ao ginecologista buscar orientações, depois comentamos uma com a outra”.

Ametista (15, F) conclui referendando ter muitas dúvidas, diz que de alguma maneira a informação aparece na televisão, no rádio...mas isto por si só não basta. Explica: *“O que nos falta são oportunidades de discutir e conversar sobre o assunto, para, de fato, entendermos o que acontece conosco”*.

Malaquita (14, F) faz uma reflexão do que acontece no cotidiano:

“se o sexo fosse tratado como algo mais comum, como parte de nós mesmos, seria bem mais tranquilo, não teria tanto mistério. Por ser uma coisa assim escondida que ninguém fala abertamente, existe a curiosidade para saber como é”.

Conforme a fala dos adolescentes, a omissão da escola nos assuntos relacionados a sexo e sexualidade é muito grande. Nela ocorrem fatos que demonstram ansiedade, curiosidade, angústia dos jovens sobre a sexualidade, por exemplo: piadas, risos, desenhos provocativos, bilhetes, recados apelativos nos banheiros, leituras misteriosas e revistas pornográficas. Frente a isso, os profissionais ficam impactados, sem saber o que fazer ou dizer. O mais comum é estabelecer regras e medidas muito fortes para que os alunos passem a “respeitar” o ambiente escolar. Estas medidas aparecem sob a ameaça de suspensão ou registro de ocorrência. No entanto, o desejo dos alunos é chamar a atenção dos profissionais para que estes conversem abertamente sobre assuntos desta natureza.

Guimarães (1995) salienta que precisamos oferecer ao aluno espaço para a descoberta de si mesmo e da sua sexualidade ao enfatizar:

“O aluno permanece na escola um, cinco, dez ou quinze anos de sua vida, portanto, a escola tem responsabilidade sobre comportamentos sociais. Se ele não é chamado sequer a falar sobre a sexualidade na escola, se ali é proibido revelar as relações de namoro, ele não assumirá essas relações na mesma dimensão transformadora que os outros conhecimentos, que está recebendo na escola, porque elas não lhe parecem legitimadas” (p.110).

A escola, na maioria da vezes, se apresenta normativa não levando em consideração os assuntos e as necessidades dos adolescentes.

Rosemberg (1985) observa que, no ambiente escolar, o discurso formal sobre sexualidade ou é negado ou é usado como pretexto para desencadear comportamentos punitivos.

Cristal de Rocha (15, F) percebe o silêncio da escola no que se refere à educação sexual e afirma que ela

“não ajuda muito os jovens a tomarem suas decisões. Ela não abre o diálogo, não oportuniza momentos de troca de idéias. O que se percebe, é que o assunto de sexo surge nas próprias relações que se estabelecem na escola, nos namoros, no ficar”.

Ágata de Fogo (16, M) também enfatiza que os assuntos relacionados a sexo são pouco trabalhados na escola: *“Na verdade, raras vezes este tema foi tratado com os alunos daqui. Na minha opinião, a escola deveria se preocupar em trabalhar sobre sexo com os estudantes”.*

Com relação à escola, Turmalina, (16, M) diz: *“é muito difícil os professores abrirem espaço para poder perguntar e falar sobre sexo”.* Água-marinha (15, M) enfatiza: *“A escola não nos ajuda a entendermos este momento e o que se passa conosco”.*

Opala (16, F) diz que até hoje teve pouca informação e orientação sobre sexo. Na opinião dela é um assunto muito discutido, mas pouco trabalhado. *“Se ‘badala’ muito a camisinha mas se fala pouco sobre sexualidade e amadurecimento”.*

Por sua vez Hematita (16, F) confirma as palavras de Opala (16, F), quando afirma:

“tenho certeza que poderia ter sido ajudada neste assunto, mas sempre

foi muito pouco o que a escola ensinou... Na escola é difícil os professores cederem um espaço para podermos conversar. Os professores não tentam ajudar”.

Béria (1998), ao referir sobre o silêncio das instituições escolares, afirma:

“O procedimento mais usual que se verifica, na instituição, tanto no currículo como nas demais atividades propostas, é o de silenciar sobre as temáticas corpo e sexualidade. Este procedimento, que se poderia chamar de pedagogia do silêncio, no entanto, fala forte, pois que o silêncio não é vazio, mas, nesta circunstância, um símbolo do proibido, dando ao estudante a dimensão significativa do interdito” (p.66).

Tabus, preconceitos, conflitos e dúvidas fazem parte das vivências dos educandos. O educador ao deixar de ouvir os relatos e as angústias dos jovens se distancia deles, dificultando o diálogo. O ensino fica centrado na doutrinação ou no academicismo vazio. Se estabelece a antinomia: busca de conhecimento específico sobre sexo e sexualidade pelos alunos versus omissão dos professores a respeito deste assunto.

Neste sentido, Guimarães (1995) enfatiza que os professores, em geral, não assumem que estejam educando sexualmente, assim como o aluno também não tem consciência de que está sendo influenciado pela escola, nessa área.

Jaspe (14, M) diz: *“a escola não me ajudou muito”*, relata que foi realizada, no ano passado, uma aula em que a professora explicou sobre gravidez, depois disso: *“A escola não fez mais nenhuma atividade para nos orientar e nos preparar para a vida. Isso eu acho errado. A escola deveria dar um incentivo para ajudar os alunos, mostrar como é, orientá-los como devem se cuidar”*.

Opala (16, F) explica que na “*sétima série, se estuda o corpo humano. Eu, no entanto, não aprendi nada*”.

Da mesma forma Ametista (15, F) complementa:

“na 7ª série, quando a professora chegou no capítulo que falava sobre o aparelho reprodutor, teve um questionamento grande por parte do grupo, mas as explicações, porém, foram muito poucas, insuficientes para tirar todas as dúvidas”.

Nas questões de Orientação Sexual, os professores de fato preferem o silêncio a ter que se comprometer e se expor frente ao aluno, quando o fazem escondem-se sob uma concepção biológica e científica.

Louro (1997) aponta que as escolas brasileiras conduzem suas aulas ou atividades ligadas à educação sexual de forma extremamente científica. O que se constata é a orientação sexual ser repassada ao aluno, na aula de biologia restringindo-se à explicação sobre o aparelho reprodutor masculino e feminino.

A mesma autora (1997) reforça este assunto, quando salienta:

“é possível supor,(...) que essa ainda é uma área onde todos/as se movimentam com extrema cautela e com muitos receios, onde a regra é buscar refúgio no ‘científico’..., evitando a contextualização social e cultural das questões” (p.133).

Desta forma, a questão da orientação da sexualidade fica reduzida a uma questão meramente biológica, desconsiderando a importância dos sentimentos e da vivência individual de cada sujeito.

Conforme Hamachek (1979) *“alunos – de todas as idades – não aprendem coisas e idéias na escola, mas também aprendem a respeito de si mesmos”* (p.187).

Suplicy (1981) analisa o papel do educador, salientando que este deve instigar o conhecimento e o amadurecimento, oportunizando espaços de diálogo.

“não é impor a conformidade a um determinado tipo de padrão de comportamento, mas sim o de proporcionar novos conhecimentos, estimular o questionamento do que se sabe e proporcionar o intercâmbio de opiniões que levem às decisões individuais. O educador deve proporcionar o crescimento através da busca da verdade”.

Ônix (14, M) retrata o silêncio da escola e alerta que não deveria ser assim: *“Esta escola oferece muito pouco aos alunos sobre estes assuntos. Se a escola oferecesse uma aula específica sobre sexo, namoro, amor, acho que me sentiria ajudado”.*

Bernardi (1985) enfatiza dizendo que os educadores, ao falarem em educação sexual, acabam ignorando o conteúdo emotivo, lúdico e prazeroso da sexualidade *“o que no perímetro da escola é tido como educação sexual não é outra coisa senão uma informação desencorajante e enfadonha acompanhada de normas que visam salvaguardar as instituições”* (p.37).

Considerar trabalhos sobre sexo como *“algo à parte”*, oferecendo aos alunos palestras, aulas relâmpago, informações

rápidas, é totalmente insuficiente. A Orientação Sexual requer um compromisso dos professores e da escola. Se faz necessário realizar projetos a serem desenvolvidos a longo prazo.

Água-marinha (15, M) fala da pouca liberdade que os alunos encontram dentro do ambiente escolar onde as manifestações de afeto - abraçar, tocar e beijar - são, de alguma forma, controladas. Ele salienta:

“Eu percebo que a escola não fica punindo os alunos que estão namorando, mas a maioria sabe muito bem as regras do jogo que a própria escola impõe, não ficam de “agarros” e beijos. Nesta área, há pouca liberdade para os alunos”.

Ribeiro (1990) salienta que na escola, muitas vezes, a Orientação Sexual está inserida na proposta pedagógica, mas sem nenhuma preocupação com a realidade dos alunos. Sendo assim, a educação sexual será, no máximo, informação sexual: pura e simples reprodução de definições e conceitos que deveriam ser dados nas aulas de biologia.

Na escola, o aluno é considerado um ser assexuado, não pode expressar seus sentimentos e suas angústias. Neste espaço, o que importa é que o aluno pense, copie, resolva os exercícios e, de preferência, permaneça calado no seu lugar. Seu corpo, muitas vezes, atrapalha na sala de aula, quando expressa sexualidade pois os professores ainda apresentam grandes dificuldades de lidar com estas manifestações. Desta forma, calar, silenciar é a postura mais comum dos educadores. O jovem, no entanto, tem direito ao seu espaço, à sua formação, ao lúdico, ao prazeroso.

Louro (1997) referenda que a sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se despir. A autora salienta:

“A escola gostaria que os alunos deixassem sua sexualidade do lado de fora da escola, mas é necessário que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circula na sociedade, mas que ela própria as produz” (p.81).

Opala (16, F) reflete que a escola poderia oportunizar um espaço no qual os alunos *“pudessem refletir sobre seus sentimentos e debater com outros jovens sobre suas angústias penso que todos seriam mais conscientes e tomariam melhor suas decisões”*.

Cabe salientar que se o adolescente não tiver espaço para debater seus conflitos e ansiedades ou receber informações distorcidas e geradoras de dúvidas, possivelmente carregará ao longo de sua vida medo e culpa em relação à vivência de sua sexualidade.

“A Escola não só poderia se tornar um espaço propício à orientação sexual, um lugar onde, além de receber informações mais completas, os alunos pudessem pensar, questionar, raciocinar e estabelecer juízos de valor. Distorções trazidas desde a infância poderiam ser esclarecidas ou corrigidas”(Ribeiro, 1990, p. 17).

A falta de cursos específicos sobre Orientação Sexual dificulta o trabalho do educador na abordagem deste tema. A falta de diálogo entre professores e alunos serve de entrave para o desenvolvimento de projetos específicos nesta área. A escola ainda vê os assuntos relacionados ao sexo e à sexualidade como algo proibido, malicioso,

tendo pouca coragem de abrir espaço para o debate e possíveis questionamentos.

Malaquita (14, F) aponta uma comparação entre professores e alunos no que diz respeito à informação sexual: *“com os professores aconteceu o mesmo fato quando eles eram jovens: nunca ninguém conversou com eles, como acontece conosco hoje”*.

Esta adolescente, ao se referir à formação e ao preparo do professor para atuar na Orientação Sexual, complementa:

“sem oferecer algum treinamento ou preparo para os professores será bastante difícil conseguir um trabalho efetivo. É preciso ajudá-los para que consigam vencer suas dificuldades e tabus. É necessário fazer cursos, palestras, algum trabalho no sentido de prepará-los melhor, para que possam conversar com os alunos, sem medo e sem rodeios. Na verdade os professores, precisariam ser reeducados em relação ao assunto orientação sexual e assim conseguiremos falar em sala de aula com os alunos”.

Nos relatos dos entrevistados foram mencionados alguns pontos que dificultam a realização de um trabalho específico na orientação sexual, tais como a falta de preparo dos profissionais, a omissão da família e da escola. A escola tem medo de inovar, de realizar projetos para a abordagem desta temática. Os professores acreditam que, ao realizá-los, possam desencadear inúmeras queixas provenientes da família.

Malaquita (14, F) percebe as dificuldades dos professores em sala de aula:

“Eles não conseguem entrar no detalhamento da questão. Ficam com receio de falar, constrangidos de explicar, tem toda uma série de preconceitos morais, acho que isto é muito culpa da sociedade. Para aqueles professores que nunca tiveram contato com orientação sexual, abordar este tema em sala de aula parece ser bastante difícil”.

Nas falas de todos os entrevistados se percebe o desejo e a vontade de que a escola abra espaços de discussão sobre sexo e sexualidade. Acreditam que ela deveria desenvolver programas de Orientação Sexual e sugerem atividades que podem ser trabalhadas no espaço escolar, como palestras, debates, projeção de filmes, pesquisas, aulas em que os próprios adolescentes assumam o papel de preparar e apresentar seus trabalhos.

Vejamos sucintamente as opiniões de todos os entrevistados, quanto a atividades que poderiam ser desenvolvidas no espaço escolar, relacionadas à Orientação Sexual:

Ametista (15, F): *“tem que ser uma aula descontraída, com brincadeiras, todos sentados em círculo, tipo estar batendo papo... deveria ter um professor disponível, que pudesse esclarecer dúvidas”.*

Malaquita (14, F): *“A escola deveria ser mais aberta... Um trabalho alegre e descontraído é que precisa acontecer na escola. Começar com algo simples, como jogos, brincadeira, mobilizando o grupo. Deveria ter mais diálogo. Assim, o aluno teria mais chance de construir seus valores”.*

Jaspe (14, M): *“acho que os alunos poderiam ter palestras, oficinas, oportunidades para perguntar e falar sobre o que precisam saber”.*

Turmalina (16, M): *“designar um professor para conversar ..., num clima em que os alunos pudessem conversar mais à vontade e descontraídos, assuntos como o uso da camisinha...”*

Ônix (14, M): *“Uma aula que ajudasse os alunos a entender que sexo tem o seu tempo que não precisa ser imediato”.*

Cristal de Rocha (15, F): *“a escola pode e deve fazer muito mais do que vem fazendo sobre esta questão. Deveria ter alguém para conversar sobre sexualidade com todas as turmas”.*

Opala (16, F): *“acho que nós mesmos poderíamos explicar em sala de aula com orientação da professor. Poderíamos fazer trabalhos para apresentar aos colegas, realizar oficinas em grupos, conversar, trocar idéias, construir a teoria...”*

Água-marinha (15, M): *“poderia ser uma palestra aberta para pais e alunos, para que os filhos tivessem oportunidade de dizer como se sentem, pudessem trocar idéias com seus pais e estes tentassem entender o que se passa com os jovens”.*

Ágata de Fogo (16, M): *“Seria importante falar como cada um vê a vida, o que cada um pensa. Debater sobre doenças, gravidez e as conseqüências que dela decorrem”.*

Quartzo (15, M): *“se a escola orientasse mais sobre sexo e ensinasse o que precisamos saber, acho que teríamos menos problemas”.*

Hematita (16, F): *“A orientação sexual deveria incluir todos os alunos desde os pequenos”.*

Tais depoimentos nos mostram o quanto ainda é preciso investir na caminhada da implementação da Orientação Sexual, o quão distanciado está o ensino das reais necessidades dos jovens, do que eles realmente precisam e querem saber. As dificuldades de realizar tais atividades, não se restringem somente aos professores, à escola como um todo, mas reflete uma visão de família, de sociedade. Por isso é importante traçar propostas de ação claras e exequíveis que mobilizem e estimulem pais e professores a atuarem integradamente.

Numa proposta de educação sexual efetiva o aluno terá oportunidade de pensar, se sentirá estimulado ao amadurecimento emocional e terá maior capacidade para o exercício de escolhas e de tomada de decisões.

Para o desenvolvimento integral do jovem é fundamental que se oportunizem espaços de discussão, para esclarecer dúvidas e questionamentos. Torna-se necessário que a Orientação Sexual seja desenvolvida de forma crítica, partindo de um enfoque pessoal, psicológico, passando pelos sentimentos de cada um, até chegar a uma leitura social. Neste fazer, é importante dialogar, permitindo debates e discussões, pois é na interação que se constrói a aprendizagem.

Milani (1996) salienta que os adolescentes vivem conflitos próprios da idade e buscam ajuda no ambiente escolar. Estes encontram uma realidade distante...

“múltiplas descobertas em seu mundo interno e tenta amenizar as contradições deste, lutando para reformar o mundo externo e suas contradições, ele percebe que o conteúdo do ensino está dissociado da sua realidade cotidiana e das necessidades práticas da vida” (p.15).

Malaquita (14, F) faz uma análise da ação do professor e a relaciona com o papel da família: “*os pais não estão prontos para falar com os filhos nem os professores com os alunos. O professor não sabe até que ponto pode falar... Cada aluno tem um tipo de formação, se encontra em uma determinada fase*”.

Foi possível perceber, através dos relatos, como ainda são poucos os trabalhos de Orientação Sexual desenvolvidos na escola. Apontam que os professores, ao realizá-los, o fazem apenas numa abordagem de cunho biológico, de forma muito rápida, não oportunizando debates, para esclarecer dúvidas. Demonstram que não existe preocupação quanto aos sentimentos e aos desejos dos alunos. Os adolescentes verbalizam que deveriam ser trabalhados assuntos relacionados a aspectos afetivos e maturacionais, para que pudessem compreender melhor seu momento de vida e fazer opções mais conscientes.

Fracassos e Exclusões: A Omissão da Escola

“Uma das condições fundamentais é tornar possível o que parece não ser possível. A gente tem que lutar para tornar possível o que ainda não é possível. Isto faz parte da tarefa histórica de redesenhar e reconstruir o mundo”.

Paulo Freire

Apresentar idéias com as quais convivemos há muitos anos, como o fracasso e a exclusão é uma tarefa bastante árdua. Tudo parece tão óbvio, mas ao mesmo tempo difícil de expressar. O tema é

complexo porque diz respeito a uma questão em que a não aprendizagem e o abandono da escola fazem parte. Os alunos nos apontam indicadores, seus sentimentos e suas vivências são reveladores na compreensão desta problemática.

Em geral, nas escolas tanto particulares como públicas, a grande maioria dos professores, mesmo sendo alvo de muitos questionamentos e desafios, se mantém calada e omissa na abordagem da sexualidade. Esta questão está centrada no fato de que a escola não se encontra preparada para assumir este desafio e realizar projetos específicos sobre esta temática.

Muitas vezes a escola procura não ver que acontece com o aluno. Ignorar parece ser a resposta mais comum dada pelos profissionais aos questionamentos, relativos à área sexual, trazidos pelos adolescentes. A escola detém na sua estrutura uma organização de controle e de dominação na qual os jovens apresentam um comportamento aceitável dentro das determinações pré-estabelecidas.

Ao fazer a análise dos relatos das entrevistas encontrei dados que demonstram que o fracasso e a exclusão escolar têm uma relação significativa com as dificuldades que o adolescente enfrenta na área da sexualidade.

Malaquita (14, F) salienta: *“Penso que sexualidade e aprendizagem estão interrelacionadas, uma tem a ver com a outra”*. Ela complementa dizendo que esta correlação ocorre fundamentalmente pelo fato de:

“não haver um espaço de aula para conversar sobre sexualidade, os alunos acabam não prestando atenção no que a professora explica,

concentrados apenas nas suas preocupações”.

Ferrari (1987) ressalta que há duas maneiras de o jovem ser expulso da escola. Os excluídos DA escola, que tiveram de abandonar os bancos escolares e os excluídos NA escola, que nela permanecem mas estão alienados do processo de aprendizagem. Nesta última, a não aprendizagem de Ônix (14) se manifesta relacionada à vida afetiva:

“o rompimento com minha namorada tem me causado sérias dificuldades na aprendizagem. Uma mistura de amor e raiva surge quando ela me vem ao pensamento... sofro demais. Fico triste... Não consigo prestar atenção... Me perco nestes pensamentos sofridos”.

Percebe-se nas palavras de Ônix (14, M) um forte sentimento de perda e insegurança. Em função da separação não consegue prestar atenção e realizar sua aprendizagem.

Ônix (14, M) continua explicando que quando sua mãe pergunta o que está acontecendo: *“Eu simplesmente digo a ela que não acordei bem..”.*

Ao pensar na escola ele se dá conta: *“passo um tempo enorme olhando pela janela, para a rua, pensando na namorada. Estou me prejudicando na escola, estou sofrendo demais”.*

Por sua vez Turmalina (16, M) também verbaliza o quanto ficou envolvido no relacionamento com sua namorada:

“O simples fato de estarmos envolvidos com alguém, muda, de alguma forma, a pessoa...Percebi que o nosso interior fica sensível e acaba modificando nossa forma de pensar e prestar a atenção em aula... eu vi que

ficar pensando em sexo não me ajudaria. No final do ano, não seria aprovado novamente”.

Para a maioria das pessoas, o processo de recuperação é difícil e doloroso, principalmente numa situação em que o jovem não encontra apoio na família e na escola.

Stearns (1990) salienta que todas as lições de vida são aprendidas com sofrimento e que uma separação deixa certas marcas e cicatrizes. *“As perdas nos transformam, e mudam o curso de nossa vida”*(p.179). Frente aos problemas cotidianos ninguém permanece o mesmo. *“O eu da pessoa passa por uma transformação”*(p.30).

Isso acontece na escolas. Normalmente, ela não trabalha os problemas, os conflitos, as dúvidas sobre sexualidade de forma preventiva. Não acolhe os adolescentes nas suas dificuldades e muitas vezes os joga para fora deste ambiente, dizendo claramente que estes problemas de ficar, de namoro, devem ser resolvidos extra-muros escolares.

No que diz respeito à sexualidade dos alunos e seus sentimentos, eles não são levados em consideração. O importante é manter a ordem. Todos os alunos nas suas salas de aula e de preferência trabalhando em silêncio.

Mesmo estando o adolescente inserido na escola, seus problemas e dificuldades podem excluí-lo do processo de aprendizagem. Esta exclusão ocorre por não encontrar respostas a suas angústias. Pergunto: Como Ônix (14, M), quantos adolescentes estariam passando pelas mesmas dificuldades? Não seria possível a escola ter um trabalho em que o aluno pudesse falar sobre o que sente?

Hamachek (1979) considera que *“estes alunos abandonarão a escola não devido a um capricho súbito ou a um impulso insensato, mas porque estão de alguma forma expostos a experiências de fracasso que reforçam sentimentos de desvalia e inadequação”* (p.180).

Na escola, surgem fatos que deixam os alunos perplexos. Ao invés do incentivo que buscam para serem mais responsáveis e conscientes, encontram descaso e situações como a que Cristal de Rocha (15, F) relata:

“Já é tradição de muitos anos, os alunos formandos da oitava série realizarem uma excursão...Só que a diretora da escola não nos está permitindo dormir no hotel à noite. Ela usa o seguinte argumento: ‘de sessenta alunos que vão, voltam depois setenta’”.

Cristal de Rocha (15, F) não concorda com a atitude tomada: *“Seria uma excelente experiência, de sabermos como cada um enfrentaria este momento, porém, isso não foi permitido”.* Desta forma, a escola consegue formar no aluno sentimentos de baixa auto-estima.

Por sua vez, Malaquita (14, F), ao observar sua sala de aula, se dá conta que a maioria dos colegas não estão prestando atenção:

“uns poucos alunos prestando atenção no que o professor está falando..., os demais, a maioria dirá que pensa na transa que teve e não usou camisinha ou então que não transou ainda, se tem que fazer isso logo ou esperar. As dúvidas são tiradas com os

colegas, em plena aula, por isso a aprendizagem fica prejudicada”.

Malaquita (14, F) complementa sua fala dizendo: “As preocupações com fatos ligados à sexualidade podem levar o aluno à reprovação”.

Percebe-se, pelas falas dos entrevistados, que a escola oferece pouco espaço de diálogo e troca de experiência. Ela se encontra centrada num paradigma positivista. Ao aluno cabe aprender e registrar conhecimentos. Ao professor cabe repassar conteúdos. Na maioria das vezes, os alunos, fragilizados emocionalmente, são deixados de lado e aos poucos se afastam da escola, conduzidos e sentenciados ao fracasso.

Sendo assim, a escola perde a oportunidade de organizar projetos, realizar oficinas, conversar e dialogar com os jovens sobre sexualidade e sobre as vivências e os problemas reais dos adolescentes. Com certeza, isto acarreta distanciamentos da aprendizagem e conseqüentemente conduz a evasões e reprovações.

Referindo-se ao fracasso escolar, Hamachek (1979) considera que a grande maioria se evade porque simplesmente não consegue tolerar mais fracassos e sentimentos insuportáveis de baixa auto-estima.

Jaspe (14, M) relata que sempre transava sem preocupações, apesar de não usar preservativo. Destas transas, porém, por duas vezes consecutivas, houve a suspeita de gravidez. Em conseqüência desse fato, sua aprendizagem ficou muito prejudicada, pois seu pensamento estava centrado na busca da solução do problema. Os conteúdos desenvolvidos pelo professor em sala de aula estavam muito distantes do seu interesse e de suas preocupações. A pouca abertura para o

diálogo, impossibilitava o desabafo e a construção de aprendizagens. Os próprios adolescentes apontam que poderiam estudar e aprofundar temas a partir de situações concretas. Os jovens, envolvidos com problemas relacionados ao sexo e à sexualidade, muitas vezes, não encontram apoio nem na família, nem em seus professores. Estas vivências geram sérios problemas. No caso de Jaspe (14, M):

“relacionando este fato com a aprendizagem, só posso dizer que isto atrapalhou demais. foi horrível. não conseguia me concentrar na matéria... procurava encontrar respostas, mas não achava uma saída...Este período atrapalhou minha vida. Foram experiências difíceis e sofridas, que vivi na oitava série”.

Ágata de Fogo (16, M) viveu situações similares às de Jaspe (14). Relata sua preocupação com a gravidez da namorada: *“Se a gravidez tivesse ido até o final minha namorada teria que deixar os estudos para cuidar do filho... ela teria que assumir a maternidade”.* Estes fatos possibilitam o entendimento das implicações da sexualidade com a aprendizagem. O adolescente vive uma fase conturbada, traz consigo preocupações e dificuldades inerentes a suas vivências e experiências sexuais. Estas questões agravadas pela desinformação, geram conflitos podendo levar a bloqueios da aprendizagem.

Malaquita (14, F) analisa, com preocupação, a gravidez na adolescência:

“Se a gravidez acontecer, a escola exclui, a sociedade exclui, algumas famílias também fazem o mesmo. Com isso os jovens envolvidos perdem as amizades e acabam ficando isolados numa hora tão difícil”.

Zagury (1996) salienta que, no Brasil, segundo o último censo, o número de nascimentos por ano de crianças filhas de adolescentes é de 1.000.000, por ano. Ela questiona: Será que se os jovens estivessem bem informados sobre sexualidade, isso ocorreria? Talvez, se tivessem acesso a informações, uma parte de sua curiosidade estaria satisfeita.

Não se tem dados precisos de abandono da escola por estes motivos, mas com certeza o número apontado por Zagury é bem significativo.

Suplicy (1988) afirma que a proposta da educação sexual é, informando, criar condições para a discussão de pontos de vista diversos, desenvolver a capacidade de criticar e pensar do aluno, erradicar preconceitos, mostrar a sexualidade como algo natural e incentivar nos jovens o respeito pelo corpo e pelos sentimentos.

Outras vivências de alunos com implicações na questão da sexualidade retratam conflitos existenciais, conduzindo-os à evasão e fracasso escolares.

Ametista (15, F) relembra quando foi reprovada na 6ª série:

“tive um namoro que me abalou muito. Eu estava com problemas sérios em minha casa...não tinha com quem conversar...comecei a ficar com um guri. Ele dizia que me amava, dizia várias coisas para mim e aquilo foi mexendo comigo. Ele me pressionava muito para transar com ele,... tinha 12 anos. Eu era muito nova... não queria de jeito nenhum, não queria, não queria e ele me largou. Ele me largou pelo fato de eu não querer transar com ele. Fui me abalando, me abalando, não consegui mais prestar atenção no colégio e acabei rodando”.

Neste contexto, reflito a questão da omissão da escola e a exclusão na escola. A aluna, mesmo apresentando várias faltas, fazia parte do corpo discente e demonstrava estar com sérios problemas e dificuldades. Ela não fazia provas, não prestava atenção em aula, chorava pelos cantos. Eram indicadores emocionais que denunciavam que ela não estava bem. A escola, no entanto, só fazia cobrar assiduidade, pontualidade e bom desempenho.

Por sua vez, Arroyo (1997) salienta as justificativas do fracasso escolar:

“O tema fracasso-sucesso escolar está posto pela realidade social com toda premência... O que continua preocupante não é apenas a teimosia com que se repetem por décadas os mesmos índices de reprovação, mas, também, a teimosia em continuarmos fazendo as mesmas análises clínicas e individuais” (p.12).

A escola, mesmo frente a fatos reais e evidentes, exime-se de seu papel de auxiliar e orientar o adolescente e a família em seu percurso de descoberta e construção de sexualidade. Parece estar alienada e cega aos apelos cotidianos dos jovens. Muitos professores têm dificuldades de lidar com estas questões e com isso tendem a orientar enfatizando aspectos biológicos e científicos, deixando os existenciais de lado.

Malaquita (14, F) analisa o que acontece na sala de aula com algumas colegas. Elas passam as aulas preocupadas, ficam um longo tempo pensando: *“será que eu engravidei porque transei com ele sem camisinha ontem? Este tipo de preocupação é muito forte e muito comum.”* Esta aluna diz que isso ocorre por não haver um espaço, em sala de aula, para conversar e discutir sobre estes assuntos. Ela continua:

“Se tivesse este espaço para tirar dúvidas sobre sexualidade, no restante do tempo todos prestariam mais atenção nas aulas. Como isto não existe, as dúvidas são tiradas com os colegas, em plena aula, por isso a aprendizagem fica em segundo plano”.

Avanzini (1980) reflete sobre as vivências na escola:

“...os adolescentes são cada vez mais marcados pela experiência escolar, quer seja bem ou mal sucedida. Ela funciona como eixo da sua evolução psicológica e é fator determinante do seu futuro” (s/p).

Opala (16, F) fala da aprendizagem num período em que esteve envolvida com drogas e sexo: *“Minha aprendizagem decaiu muito, ...no último bimestre até zero virgula dois eu consegui tirar. A escola estava sempre me controlando, me cobrando: tu não és mais a mesma, estás muito diferente”.*

A escola coloca no aluno a responsabilidade absoluta por seu fracasso. Avalia apenas seu desempenho cognitivo, dando-lhe uma nota pela seu conhecimento e não pelo que ele construiu no decorrer do processo de sua aprendizagem.

Jaspe (14, M) também faz uma análise da escola e da sua relação com os professores:

“Minha relação com os professores não é muito boa. Eu nunca conversei com eles. Na minha percepção, não gostam de mim, então não falo com eles... A professora de matemática ...jamais interrompe a aula para falar alguma coisa da vida...Ela não consegue perceber o que pensamos

e sentimos. É só contas e mais contas...é cobrança pura”.

Fatos deste tipo se repetem no ambiente escolar. O adolescente busca, neste espaço, afeto, apoio e compreensão. A maneira como ele se relaciona com os professores, com os colegas pode influenciar no aproveitamento e no rendimento escolar. Situações vividas neste ambiente podem acarretar conflitos, traumas e mal entendidos, passageiros ou que perduram por um tempo exageradamente longo. É importante o adolescente encontrar, na escola, uma âncora para se apoiar, para que possa resolver suas angústias e dificuldades a respeito da sua sexualidade.

Considerando este fato, Hamachek (1979) enfatiza que *“Os professores podem ou ajudar os alunos a reconhecer suas forças e possibilidades ou podem lembrar os estudantes reiteradas vezes de suas fraquezas ou falhas”* (p.197).

Jaspe (14, M) complementa mostrando que é possível existir um outro lado na escola, relata: *“A professora de ciências, é diferente. Ela pára a aula e fala sobre a vida, sobre sexualidade. Todo mundo gosta dela porque é amiga, muito amiga dos alunos”.*

Algumas vezes, o professor se torna significativo para o aluno, porque faz com que ele se sinta sujeito dotado de valor e respeito. Mostra a ele o quanto é capaz de atingir objetivos propostos.

Atualmente, poucos professores percebem a necessidade de trabalhar, na formação e construção do ser humano, os aspectos afeto e amizade. A escola encontra-se ainda centrada no cognitivo, com pouca preocupação em buscar um ponto de equilíbrio entre o intelectual e o afetivo.

Cristal de Rocha (15, F) relata sua percepção em relação à sexualidade e ao fracasso escolar:

“Tenho visto adolescentes que ao transarem não estão nem um pouco preocupados e não tomam nenhuma precaução, enfim, não se cuidam...ao se darem conta que podem ter engravidado ou ter pego alguma doença ficam completamente transtornados e isso acaba interferindo na aprendizagem. O estudo acaba ficando em segundo plano, totalmente prejudicado”.

Compreender a necessidade sexual do adolescente não implica em permitir a libertinagem, mas facilitar o contato sadio entre os jovens de ambos os sexos. A sexualidade está no ser humano desde que nasce e dele não se desvincula em momento algum. Isso nos leva a entender que, quando um determinado ambiente- seja ele escolar, familiar ou social - se apresenta hostil diante das manifestações da sexualidade, é muito provável que o adolescente, desenvolva sentimentos de negação e intolerância com relação a sua sexualidade. Havendo qualquer tipo de rejeição o adolescente acaba se desinteressando pela escola, o que fortalece a evasão e a reprovação. Entender estas manifestações e oportunizar momentos de reflexão aos alunos faz parte da ação do educador.

Para a escola, é fácil trabalhar os alunos que não apresentam nenhuma dificuldade. Aqueles que realizam sua própria caminhada de forma autônoma. Os que se percebem inquietos, rebeldes, provocadores, desafiadores de tudo e de todos, rompendo com as normas do normativo, estes, geralmente, não são entendidos e aos poucos vão sendo excluídos, ou levados ao fracasso escolar.

Neste sentido Quartzzo (15, M) se culpa e expressa: *“Acho que a escola não falhou comigo, eu falhei com ela.”* Ele se culpa, pensa em

ter falhado com a escola por estar dela se afastando. No entanto, surge a pergunta: será que a escola não falhou com ele?

A omissão da escola no que tange ao assunto de sexo e sexualidade, fortalece a ignorância e provoca a exclusão NA e DA escola. Os alunos com dificuldades, desvinculados do processo educativo, se sentem com poucas alternativas e argumentos para continuarem na escola. Ao analisarmos o que ocorre com muitos jovens, nos damos conta que eles acabam sendo afastados da escola, pela própria escola, pois ela não oferece as condições necessárias para o enfrentamento das dificuldades e dos problemas existenciais dos adolescentes.

Nesta essência, os adolescentes apontam ter sonhos e ideais que buscam alcançar. Esperam que a escola trabalhe a questão da Orientação Sexual com muita determinação. Sugerem atividades e alternativas de ação, coerentes com suas necessidades e preocupações.

Constato que é urgente e necessária a educação sexual chegar à escola de outro modo, pelo qual, se estabeleça o diálogo como forma de interação entre alunos e professores. Diariamente os adolescentes tem acesso a múltiplos meios de informação sobre sexo: livros, revistas, vídeos, filmes estão aí à disposição, consegui-los é instantâneo, basta apenas buscá-los. No entanto, no cotidiano da escola eles só encontram restrições e silêncios quando o assunto envolve sexo, sexualidade. A escola deve ser um espaço participativo, que oportunize ao aluno conhecer, pensar, julgar e assumir compromissos.

Percebi, também, que os alunos mais fragilizados emocionalmente são deixados de lado e aos poucos se afastam da escola, conduzidos e sentenciados ao fracasso escolar. Existe uma

preocupação muito grande dos entrevistados em relação à construção de projetos e estratégias sobre a abordagem da sexualidade no ambiente escolar. Na minha percepção, é importante descobrir um caminho de análise, que tenha vertente na expressão do pensamento e dos sentimentos dos alunos, para, neste novo olhar, avançar e ajudar a construção de um ser humano mais autônomo e realizado.

AMIGOS: CADINHO DE EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS

“A adolescência é uma fase do desenvolvimento humano caracterizada pela vivência de importantes transformações biopsicológicas, pelo intenso dinamismo que processa a integração da identidade do ego e por ter no grupo de pares sua grande referência”.

Béria

Para o adolescente o grupo de pares é o cadinho onde se fundem alegrias, tristezas, emoções e, principalmente, sentimentos. Eles estão constantemente se questionando e o fazem buscando esclarecer suas dúvidas. Na maioria das vezes, são repassadas aos colegas no bate-papo informal, nos corredores e pátio da escola, lugares preferidos e especiais para troca de informações e apresentação de novas idéias. Neste convívio teorizam, buscam soluções, criam projetos.

Ribeiro (1990) salienta que, segundo um levantamento realizado entre jovens na região de Campinas, o maior índice de informações distorcidas que o jovens recebe é sobre educação sexual. Elas surgem da conversa informal entre os pares, das credences de cada um e dos conhecimentos adquiridos no contexto social.

A necessidade que o adolescente sente de se independizar dos pais é muito forte. Ferreira (1995) salienta que os jovens voltam-se para o grupo de amigos, no qual buscam apoio para enfrentar suas dificuldades e seus problemas. Estes amigos representam força, ousadia e coragem.

Hematita (16, F) relembra uma amizade na qual se apoiava muito: *“Tive uma grande amiga realmente. Ela me ouvia, me apoiava, tinha paciência, me entendia”.* Por estarem num momento de construção de suas

identidades a importância do outro é fato marcante e fundamental. A identificação é um processo pelo qual o indivíduo assimila o comportamento de outro e se comporta como se fosse esse outro.

Realizar esta investigação com adolescentes exigiu compreendê-los em vários enfoques, desde suas vivências pessoais compartilhadas com os amigos nos grupos até experiências pessoais marcantes. Percebi serem estas experiências determinantes e fundamentais na estruturação da personalidade dos jovens. Esta essência se apresenta revestida de significado e de sentimento desdobrando-se nas dimensões: Diálogo e trocas: A construção de Aprendizagens sobre Sexualidade e Drogas: Marcas se Delineiam no Mundo Vivido.

Diálogo e Trocas:

A Construção de Aprendizagens sobre Sexualidade

A influência do grupo de amigos na vida do adolescente é amplamente analisada por diversos autores. Bee (1997) considera que as relações com os companheiros se tornam bastante significativas na adolescência, mais do que foram em estágios anteriores. Esta autora relata uma pesquisa realizada por Csikszentmihalyi & Larson em 1984. Os adolescentes gastam mais da metade de suas de lazer com os amigos e menos de 5% de seu tempo com cada um dos pais.

Nestes encontros destaca-se o diálogo sobre sexo. Os adolescentes, no grupo, compartilham sonhos, queixas, incertezas. É um espaço em que

analisam fatos ocorridos, novas exigências... sentem-se envolvidos e compreendidos. O grupo torna-se fator importante na adolescência, na busca da independência e da construção da autonomia.

Béria (1998) salienta os motivos que mobilizam os adolescentes a buscar apoio no grupo: *“Para informar-se, tirar dúvidas ou pedir conselhos, trocam confidências entre amigos”*(p.66). A isto defino como *“cadinho”*, onde, se fazem questionamentos, se fundem emoções e sentimentos.

Alguns adolescente explicam como se constróem as aprendizagens sobre sexualidade nos diálogos e trocas. Cristal de Rocha (15, F) verbaliza: *“O grupo se reúne e bate papo, troca idéias nos momentos de recreio, intervalos e períodos vagos”*.

Turmalina (16, M) relata a necessidade do convívio com os amigos:

“Passo uma boa parte do dia com meus amigos, na rua, conversando... É com eles que divido minhas preocupações. Trocamos muitas idéias. Compenso com eles o que eu não consigo conversar em casa”.

Por sua vez, Malaquita (14, F) percebe que os adolescentes sofrem influências determinantes, do grupo de amigos:

“A gente pensa que amizade não influencia, mas ela influencia bastante. Quando os amigos começam a pressionar, alguns acabam fazendo tudo o que os outros fazem para provar que são iguais, para manter o prestígio junto àquela turminha”.

Existem pressões, ritos de cobrança que o grupo impõe para uma pessoa ser aceita e para nele permanecer. Alguns desses rituais dizem respeito ao sexo, à experimentação de drogas, ao furto. Algumas vezes, estes valores servem de refúgio e apoio diante dos conflitos, outras, estas imposições acabam envolvendo os adolescentes em situações não desejadas,

levando-os a assumirem papéis inadequados. Eles podem ser passageiros, típicos da adolescência, não acarretando problema maior ou podem ser incorporados no seu modo de vida, transformando-se num problema sério.

Suplicy (1988) salienta que as atitudes e os valores estabelecidos pelo grupo não diferem dos valores estabelecidos pela família, porque *“a vida cultural, a família, os amigos, o lugar onde se vive afetam o jeito de perceber e conceber a vida”* (p.30).

O adolescente no grupo adquire força, se torna mais livre e pensa que está quebrando todas as regras sociais. No entanto, elas estão sendo impostas, indiretamente, pelos valores estabelecidos pelo grupo. Os valores e hábitos de alguns passam a ser assimilados por outros. Segundo Malaquita (14, F):

“Algumas meninas sentem vergonha de dizer que são virgens, porque a maioria do grupinho não é. Tenho uma amiga que é virgem, mas, na escola, ela diz que não é mais, porque tem vergonha de sua virgindade”.

Sua afirmação demonstra o quanto ela quer ser aceita pelo grupo: *“É melhor mentir, do que ser diferente dos outros”.*

Jaspe (14, M) se considera muito tímido e frente a uma situação similar busca, também, se auto superar na frente do grupo:

“... já vivi esta situação. Eu era virgem até um ano atrás. Estávamos conversando num grupo de amigos,... e o assunto era sobre quem já transara... Todos estavam falando que tinham transado..., começou a me dar um sufoco. Eu não ia ficar por baixo, tive que mentir. Falei já ter transado”.

Por vezes este processo é tão intenso que a separação dos amigos parece impossível. Não se separam por nada. A idéia de um passa a ser

assumida pelos demais, a moda é incorporada como um uniforme. Não ser igual aos demais se traduz em sofrimento e suscita discriminação.

Knobel (1988), ao descrever a tendência grupal na adolescência, salienta que o processo de superidentificação é tão intenso que uns se identificam com os outros. Jaspe (14, M) relata que é preciso ser igual aos outros no grupo, caso contrário, acaba sendo foco de risos e brincadeiras.

No relato dos adolescentes, um dos questionamentos mais comuns e presentes nessas trocas é a questão do transar. Ametista (15, F) relata que quando ela e as amigas conversam ficam se perguntando: *“Como é transar? Se é bom, se não é”* Explica: *“Nós nos questionamos a fim de ajudar umas às outras, tirar dúvidas, tomar decisões corretas, estar bem preparadas quando chegar a hora”*.

Knobel (1988) diz creditar ao fenômeno grupal importância transcendental, já que se transfere ao grupo parte da dependência que antes era mantida com os pais. O grupo também serve de apoio e de ajuda nas dúvidas, conflitos. Muitas vezes, os adolescentes recorrem a ele para encontrar respostas aos questionamentos que vão surgindo, porque a escola e a família permanecem caladas.

Ametista (15, F) diz que quando só tem gurias no grupo a conversa é mais intensa: *“conversamos bastante sobre sexo...O que uma sabe, explica para a outra que não sabe. Se fala o que uma já fez e a outra ainda não fez... procuramos uma ajudar a outra”*. Outro fato ligado a curiosidades sobre sexo é quando surge a menarca. Ametista (15, F) verbaliza ser este um acontecimento partilhado pelo grupo: *“Perguntávamos como era, se era diferente”*.

Ferreira (1995) salienta que o jovem, sentindo-se apoiado no grupo, adquire aos poucos sua própria identidade, vence as dificuldades do momento e estabelece projetos e planos para o futuro.

Algumas vezes, porém, este processo é prejudicado por tabus e preconceitos, inclusos neste referencial. Informações do tipo credices e opiniões pessoais são transmitidas. Tiba (1992) considera tabus, as idéias falsa, errôneas, sem correspondência com a realidade. Salienta que nos diálogos os tabus sexuais estão presentes a ponto de interferir no comportamento sexual dos adolescentes.

Malaquita (14, F) relata: *“Algumas vezes, ao debater sobre sexo com meus amigos acabei ficando com muitas dúvidas. Nem sempre o grupo de amigos tem as informações corretas”*.

Blos (1985) salienta que, mesmo assim, o jovem adolescente volta-se *“para o amigo”* e este adquire uma importância até então desconhecida. O amigo representa aquilo que falta no próprio eu. A perda de um amigo pode provocar depressão, levando à perda total do interesse pela vida.

Trazendo a experiência de Hematita (16, F), podemos entender estas perdas. Mudar doze vezes consecutivas de residência acarretou-lhe sérios problemas e dificuldades:

“...tantas mudanças me fazem perder os amigos. Tenho medo de fazer amizade. Faço amizade com facilidade, mas como estou sempre me mudando, acabo sofrendo. Nunca consigo fazer vínculos fortes, eles se quebram a cada mudança. É um sofrimento muito grande... me sinto muito triste”.

Esta adolescente relata que as constantes perdas dos amigos lhe causaram momentos de muita solidão. Segundo Stearns (1990), a sensação de perda pode ser vivenciada como se tivesse ocorrido uma morte. No caso de Hematita (16, F), foram pequenas mortes ao longo de sua adolescência, isso resultou em muito sofrimento e tristeza. O referido autor salienta que: *“A vida deveria proporcionar mais oportunidades de crescimento através da felicidade que do sofrimento”* (p.181).

Stearns (1990) sustenta a idéia que:

“Em geral nos sabotamos ao tentar tolamente viver nossa vida em isolamento. Sem o conforto e o amor de outros seres humanos, nenhum de nós é muito forte. Aliados a outros que nos aceitam e nos apoiam, podemos sobreviver a quase tudo”(p.93).

Existe uma correlação entre a atitude de defesa de Hematita (16, F) e a teoria de Stearns (1990), quando ela relata em não se aproximar dos amigos para não sofrer uma possível separação e ele afirma que ela: *“trancou todas as portas que possibilitariam vivências com os outros”*. Ao cerrarmos completamente as portas entre o eu e os outros, *“fechamos os canais por onde poderia fluir aquilo de que precisamos como alimento”* (p.162), o apoio, a amizade, a compreensão. Talvez seja por isso que Hematita (16, F) está se sentindo tão solitária.

Segundo Spranger, o adolescente ao olhar para dentro de si revela traços opostos: *“a alegria turbulenta cede passo à profunda melancolia; à energia excessiva segue enorme desânimo;... à ruidosa sociabilidade seguem tendências ao isolamento”*(apud Ferreira,1995,p.97). Concordo plenamente com o autor e complemento: a falta de amigos cede lugar a uma profunda solidão.

Da mesma forma, a timidez de Turmalina (16, M) lhe causa sérios problemas no relacionamento com os amigos e ele sofre por isso:

“... não tinha muitas amizades não conseguia me expressar, tinha dificuldades de falar com as pessoas... Eu realmente não sou de falar...passo a maior parte do tempo calado, quieto, só falo de vez em quando”.

No grupo, diferentes estratégias são usadas para ajuda mútua. Chegam ao extremo de isolar um colega pensando ser a única forma de ajudá-lo. Opala (16, F) verbaliza: *“Acabei ficando isolada e afastada do*

grupo, sentada no fundo da sala, sem fazer e sem entender nada". Com isso ela sofria e sentia-se sem vínculos com o grupo.

Blos (1996) sintetiza a importância que o grupo tem para o adolescente:

"Essa idade representa, por excelência, o estágio da vida em que as relações exclusivas do grupo de iguais assume, visível e dramaticamente, uma preocupação e submissão que deixam todos os outros assuntos de lado, com franqueza apaixonada" (p.50).

Nesta dimensão, a fala dos adolescente reforça a afirmação de Bee (1997) em relação às experiências partilhadas no grupo de iguais:

"... as relações com os companheiros se tornam bastante mais significativas na adolescência do que o foram em estágios anteriores, e, talvez, mais do que ficariam em qualquer período posterior do ciclo vital.... As amizades adolescentes são muito íntimas, no sentido de que os amigos cada vez mais compartilham de seus sentimentos e segredos internos e sabem cada vez mais sobre os sentimentos uns dos outros"(p.360).

Nos relatos dos adolescentes percebe-se o quanto é forte a relação que eles estabelecem com o grupo. Buscam nos amigos apoio, afeto e interagem entre si construindo suas próprias teorias. Tomam decisões importantes, mas nem sempre as mais adequadas. Bee (1997) refere exatamente o que acontece no grupo: o envolvimento com os amigos é tão significativo que a cada dia partilham mais sentimentos, segredos, alegrias, e sofrimentos. Tudo é partilhado, dividido ou somado. O grupo passa a ter, neste momento de vida, um significado muito maior que a própria família. O grupo passa a ser o "cadinho", o lugar de encontro, o lugar onde ocorrem as mais variadas trocas e aprendizagens.

Drogas: Marcas se Delineiam no Mundo Vivido.

“Viver é tremendamente arriscado.”

Rogers

O uso de drogas é uma preocupação marcante dos jovens entrevistados. Há os que, com o tempo, abandonam a droga sem grandes problemas. Há os que dela não se aproximam com medo de se viciarem. Há, ainda, os que nela se fixam, tornando-se dependentes.

Zagury (1996) conceitua drogas no sentido científico como todo e qualquer medicamento. No sentido leigo, este termo passou a designar substâncias tóxicas que produzem alterações psíquicas ou de comportamento, pelos efeitos que produzem no sistema nervoso central.

Na adolescência, período em que os jovens trazem consigo conflitos emocionais e afetivos, uma imensa onda de solidão os invade e por vezes toma conta deles, mesmo tendo pais e amigos bem próximos. Sentem-se incomodados, incompreendidos, sozinhos e injustiçados. Há uma tendência de os jovens se afastarem dos pais, não aceitando seus conselhos. Atitudes anti-sociais aparecem nesta idade. Sem dúvida, o grupo de amigos é um referencial importante, nele encontram apoio e estabelecem diferentes vínculos, exercitam sua opinião, aprendem a falar e a silenciar, manifestam seus pontos de vista. Muitas vezes, os jovens tem a impressão de viverem numa sociedade que não os compreende e, frente a isso, buscam soluções nas drogas.

Os relatos dos entrevistados nos mostram pontos importantes para refletir sobre drogas, como a afirmativa de Quartzó (15, M): *“Acho que é*

mais fácil entrar no mundo das drogas do que na escola”. Isso nos remete a pensar: Como e por que entram para o mundo das drogas?

A esta pergunta, Quartzo (15, M) responde: *“Amigos meus ‘estão nesta’, são viciados. Eu acho isto horrível. Eles oferecem drogas para todos os amigos. Aceitar ou não depende de cada um. Mesmo assim, é preciso se manter firme na decisão”*.

Há outros casos como o de Opala (16, F) que, juntamente com sua melhor amiga, se envolveu com drogas. Ela revela: *“Fumar maconha, cheirar cocaína para alguns é moda e eu entrei nesta onda”*.

Jaspe (14, M) fala que as drogas estão presentes no seu dia a dia e, quando menos espera, encontra alguém fumando maconha:

“Outro dia, eu estava andando na rua e vi um amigo meu. Nunca imaginei ser ele capaz de usar drogas e ele estava ali fumando maconha. Fiquei ‘super espantado’. Ele sempre andava comigo, era todo direitinho e estava ali fumando maconha. Como eu disse, o número de usuário de drogas é muito grande e a cada dia nos surpreendemos ao ver quantos estão entrando nessa. Alguns ainda freqüentam a escola, acho que não estão totalmente viciados”.

Grande número de adolescentes se drogam por viverem em meio a um mundo conturbado, do qual fazem parte as brigas familiares, indiferenças, incompreensão, competitividade. Buscar soluções para todos estes problemas é difícil, mais fácil é buscar alívio imediato. As drogas oportunizam este alívio, lhes permitem “viajar” e esquecer as dificuldades cotidianas. Há situações em que o adolescente vive num ambiente relativamente organizado, no qual a relação afetiva é boa mas, mesmo assim, ele busca novas experiências, novos desafios. Muitos, querem

desafiar a si mesmos e aos outros. Precisam provar que são capazes e que as drogas não os prejudicam.

Quartzo (15, M) relata que tem amigos alienados do mundo, totalmente sem limites e sem projetos pessoais. Se afastaram da escola, convivem com as drogas. Tudo o que fazem é jogar bola na praça, ir a festas, “*ficar por aí*”. Perderam os objetivos da vida, se afundaram no mundo das drogas. Além disso, ele percebe que o uso de drogas aumenta constantemente:

“não são um ou dois, mas são 50,60 é muita gente. Este grupo de que eu falo são amigos da rua, vizinhos, amigos de festa e nele tem muitas gurias.... nenhum deles conseguiu se libertar das drogas, estão todos envolvidos e cada vez mais comprometido”.

Jaspe (14, M), por sua vez, fica impressionado ao ver os amigos usando drogas e se questiona como eles vão sair desta.

“Quando menos se espera, se encontra alguém fumando maconha. Ficam convictos de que poderão parar quando quiserem, sem problemas. Não é bem assim. Não sei quem poderia ajudá-los. Nem a escola pode intervir pois eles desistiriam de estudar”.

Aqueles que se mantêm distantes das drogas se mostram muito preocupados com alto índice de usuários encontrados entre seus amigos e com os constantes convites para delas experimentar. Eles relatam também o esforço e o empenho para não experimentá-las.

Este é o caso de Jaspe (14, M). Após conviver com colegas e amigos usuários de drogas, decide se afastar deles para não se envolver e incorrer no erro de experimentar-las. Relata que ele poderia ter entrado nesta, pois incentivo não lhe falta. Só consegue resistir porque tem um objetivo maior e muita força de vontade. Explica:

“comecei a jogar futebol. Ele me mantém longe das drogas e demais problemas. Canalizo toda minha energia para o jogo, isto me ajuda muito. Se alguém me convida para sair, eu até tenho vontade de ir junto, mas não posso”.

Outeiral (1994), referindo-se às possíveis causas da busca de drogas pelos jovens, salienta:

“os adolescentes, por viverem um corpo e uma mente em transformações, o que ocasiona uma menor ou maior dor, (sofrimento) psíquica (na dependência de sua personalidade anterior à adolescência), constituem uma população de risco em relação ao uso de drogas”(p.42).

Este autor complementa dizendo que alguns jovens começam a usar drogas para se relacionar melhor com um determinado grupo ou porque a(o) amiga(o) está usando. Outros, porque não sabem, não aprenderam a dizer não. Um amigo oferece alguma droga, o jovem aceita. Faz isto por causa da honra e da amizade, para mostrar aos outros o que eles querem ver.

É preciso refletir um pouco sobre como acontece esta iniciação.

Opala (16, F) começou fumar maconha com sua melhor amiga: *“Fumávamos na casa da minha amiga, na praça antes da aula e à tardinha. Ela tinha maconha com facilidade dentro de casa, pois o pai dela era traficante e a mãe morreu por consumir cocaína”.*

Jaspe (14, M) relata que muitas vezes sentiu pressão do grupo: *“nele é preciso ficar me mostrando ou tentando ser igual, me sentindo pressionado para fumar como eles fumam, bebendo como eles bebem ou listando o número de gurias com quem já transei”.*

Opala (16, F) não conseguiu parar, um tempo depois se envolveu com um traficante pois ele lhe dava drogas: Relata suas vivências:

“Nossos encontros aconteciam sempre à noite, num apartamento no centro. Algumas vezes, bebíamos uísque, outras vezes, fumávamos maconha e cheirávamos cocaína. Minha amiga não tinha limites, cheirava cocaína toda hora e não sei quantas linhas... Outras vezes, fomos a um cabaré...ela,, estava muito mal, mesmo assim queria cheirar mais cocaína. Eu não deixei, tinha medo de uma overdose”.

Böck (1996) ao falar sobre os motivos que levam os adolescentes a consumirem drogas, um deles é a falta de limites. Há jovens com baixa tolerância a frustrações, sem estrutura de ego para suportar os revezes da vida. Buscam o prazer imediato de seus impulsos e desejos.

As palavras de Böck (1996) estão retratadas nas constatações de Quartzo (15, M), quando ele diz: *“A droga é prazerosa, o problema são as conseqüências”.*

Por sua vez, Opala (16, F) usuária e dependente da droga, relata seu envolvimento com o traficante:

“não estava conseguindo viver sem a droga, ... ela só prejudica, acaba com a vida... De fato, senti medo de mim mesma porque estava vendendo o meu corpo por drogas.... Só não transei com o traficante porque com droga ‘não levanta’, ela bloqueia a capacidade de ereção”.

Kalina (1991) salienta que devido ao uso intenso de drogas: *“a conseqüência ou o preço a pagar é a perda transitória ou definitiva do desejo, da potência e/ou da capacidade sexual para o prazer” (p.72).*

As vivências de Opala (16, F) nos mostram a ligação entre sexualidade e drogas. Insatisfeita consigo mesma, usuária de drogas, aceita a relação sexual com o traficante, mesmo que, em determinado momento perceba o alto preço de sua atitude. Constata estar vendendo seu corpo em troca de drogas. Ao fazê-lo sente medo, mas o desejo e a necessidade da droga é muito forte. Ela mesma explica, que a relação sexual, por penetração, não ocorreu porque o uso continuado de droga torna o homem estéril e impotente.

Stearns (1990), ao constatar sentimentos de medo, ansiedade, raiva, diz que estes podem ser parte do processo de aceitação da realidade e do início da recuperação. É preciso passar por um período intenso de dor para chegar à cura.

Há ainda o caso do álcool, os que bebem para afogar as mágoas, a timidez, o medo de enfrentar as meninas e de não ter desempenho adequado, tanto afetivo, quanto sexual.

Turmalina (16, M), depois que os pais se separaram, foi morar um tempo só com o pai. Neste período, viveu experiências que marcaram sua vida:

“Ao retornar da casa do meu pai, ainda motivado pela lembrança e pelo hábito adquirido com ele, comecei a beber demais. Frequentava danceterias e bebia sem limites, como se fosse uma necessidade. Bebia porque sou muito tímido...”

Turmalina (16, M) explica que encontrava na bebida uma força, uma coragem nunca antes sentida. Dizia que bebendo conseguia enfrentar e falar com as pessoas:

“me abria mais com elas. Percebia que, quando estava numa festa o álcool me ajudava. Me sentia mais seguro, mais espontâneo e com mais coragem de enfrentar

as meninas. Parecia que bebendo me sentia como se fosse duas pessoas numa só. Uma tímida e outra não. Bebendo libertava-me da outra tímida de dentro de mim”.

Passados estes momentos fica o gosto amargo da incapacidade, da derrota, da culpa, do mal estar físico e emocional. O prazer que droga e o álcool proporcionam são passageiros e podem tornar a pessoa dependente, bloqueando a capacidade de autonomia e liberdade de cada um. Turmalina (16, M) relata que muitas vezes, não lembrava dos acontecimentos ocorridos na festa ou na noite anterior. Este é um dos efeitos do uso abusivo do álcool.

Com o passar do tempo Turmalina (16, M) se dá conta que a bebida só o prejudicava e que as conseqüências deste vício eram horríveis: ao chegar em casa, *“passava muito mal e no dia seguinte acordava morrendo de dor de cabeça”.*

Opala (16, F) relembra que, em decorrência das drogas, freqüentar a escola era uma tortura:

“Nesta época eu não queria mais vir ao colégio, era muito chato. Estava totalmente alienada do mundo. Não queria levantar cedo... minha mãe me obrigava a vir. Eu me debatia e gritava: ‘a escola é chata’, último bimestre, não quero mais ir. ...Minha aprendizagem decaiu muito”.

Opala (16, F) complementa, dizendo que naquela época não sentia nada, nem entendia o que se passava. Estava no meio das drogas e envolvida com traficantes. Sintetiza seu estado: *“nesta época não conseguia pensar, não me dava conta do meu estado”.* Ela começou a se desligar da família, o sentimento de estar só se fazia presente. Já não se relacionava com as irmãs e via a mãe como alguém desconhecida. Ela diz: *“Quando se está na droga não se aceita nada, nem o carinho, nem o amor”.*

Nestes relatos, se percebe o sentimento de ser incompreendido, de estar desvinculado da família. Esse distanciamento conduz à solidão, ao isolamento e à depressão.

OUTEIRAL (1994) fala sobre a solidão:

“produz um vazio interno e tem características depressivas. Ela deriva de carências afetivas vividas na infância, nas relações com os pais, e, por outro de vivências atuais eclodidas pela própria adolescência. É evidente que, quanto melhores tiverem sido as experiências na infância, mais habilitado estará o adolescente para lidar com as turbulências desta fase”(p.44).

Segundo a teoria de Spranger, Ferreira (1995) enfatiza :

“O adolescente tem consciência que se abriu um abismo entre ele e o mundo, que o afastou das coisas e das pessoas. Pela primeira vez tem consciência de sua profunda solidão – está só, com seu universo interior”(p.97).

Vários são os fatores que poderão levar o adolescente a usar drogas. Podemos considerar os aspectos individuais, como: se sentir mais independente, fisicamente crescido, psicologicamente mais preparado, desta forma quer provar que tem sua própria opinião e direito a novas experiências. A curiosidade também faz parte das experiências que o adolescente vive no grupo de iguais, uma vez que a oferta é constante. Há ainda os aspectos sociais como a aceitação pelo grupo. Alguns acham que a droga pode preencher o sentimento de solidão no qual se encontram.

Outeiral (1994) enfatiza que o grupo de iguais pode induzir ao uso de drogas por vários motivos: - por fazer parte de um ritual comum, provocando experiências e possibilitando a introdução, a iniciação no grupo e a identificação com ele; - por querer mostrar ao grupo como é

corajoso e não tem medo de nada; - receio de ser diferente dos outros e de ser considerado medroso.

Para este autor, um dos pontos instigantes ao uso de drogas é o sentimento de solidão, pois produz um “*vazio interno*” e leva o jovem a preenchê-lo com algo que o alivie deste sofrimento. A cada tensão da adolescência, o jovem busca “*algo*” que alivie seu “*sofrimento*”. (p.43)

Kalina (1991) traça um paralelo da droga com a sexualidade:

“As drogas, ...foram sempre o grande recurso para a procura de uma super-sexualidade que nos compensa de todas as nossas carências como seres humanos; é como se fosse possível que nos levassem a transpor os limites de nosso ego-realidade (eu-real) para um ego ideal triunfante em qualquer situação” (p.72).

Opala (16, F) relata experiências pessoais e nelas percebe-se a tentativa de busca da supressão das carências e de fortalecimento do ego, como Kalina refere. Opala (16, F) explica:

“a cocaína eu adorava, ela me deixava leve, extremamente disposta e agitada. Não sentia nada fisicamente, se recebesse um soco, não sentiria. Ela toma conta da gente. Para mim ela era ótima porque naquele momento eu estava ‘a mil’ e não sentia nada. Só ficava nas maravilhas de ficar cheirando, já não estava conseguindo viver sem a droga”.

Outeiral (1994) salienta que um efeito provocado pelo uso de droga é diminuição acentuada dos níveis de hormônios reprodutivos. Uso continuado pode causar esterilidade no homem.

Kalina (1991) explica que o uso abusivo de maconha na mulher altera o ciclo sexual e leva e ambos os sexos à supressão do interesse sexual. Da

mesma forma, do uso abusivo da cocaína sobrevém o esgotamento e o desinteresse sexual e, como destino final: substituição do sexo pela cocaína.

Além disso, as drogas levam a uma perda da noção de tempo e espaço. Eliminam a vontade de estudar e de trabalhar. As conseqüências recaem sobre o próprio sujeito, que, não tendo mais interesse, abandona a escola, se afasta dela, dos amigos e das relações inter-pessoais.

Zagury (1996), corrobora enfatizando que a droga tem implicações diretas com o estudo e o namoro. Para ela a maconha provoca:

“deformações na percepção de espaço e tempo e leva à introspecção. Em caso de uso prolongado, pode levar à desmotivação para o estudo, o trabalho e mesmo para o namoro”(p.102).

Outra droga buscada pelos adolescentes é o álcool. Kalina (1991) alerta que o indivíduo que abusa do álcool por um longo período, mesmo tendo deixado de beber há vários anos, não consegue ter um desempenho sexual satisfatório.

Mesmo que no relato, Turmalina (16, M) não tenha relacionado o uso de álcool com a capacidade sexual, percebe-se que o uso desta droga lhe permitia estabelecer relações afetivas. Relata, também, as conseqüências provocadas pelo abuso do álcool:

“bebia muito... só valia a pena porque eu conseguia falar com as pessoas, me abria mais com elas... depois passava muito mal e acabava vomitando e no outro dia acordava morrendo de dor de cabeça.... lembrava só vagamente dos acontecimentos ocorridos durante a noite”.

Percebe-se que nem a escola, nem a família sabem como lidar com problemas relacionados às drogas. Em termos operacionais, significa que a

escola precisa implementar ações de prevenção. O adolescente precisa saber que, além do prazer, as drogas trazem funestas conseqüências.

Drogas e sexo são as duas preocupações emergentes relatadas pelos jovens na pesquisa. Isso reforça a necessidade de haver um trabalho mais intenso nestas questões.

Lopes (1996), idealizador do “*Projeto Cara Limpa*”, enfatiza que a grande arma na solução do problema de drogas continua sendo a informação. Salaria que é preciso falar de drogas de uma maneira mais acessível, de modo que todos possam se envolver. Ele defende a idéia que nem a repressão, nem a legislação resolverão o problema, somente a informação é que poderá ajudar. Este autor adverte os jovens dizendo que usar drogas equivale a pular do alto de um edifício, achando que ao bater os braços sairá voando.

Analisando as entrevistas, concordo plenamente com este autor, o que mais leva os jovens ao uso de drogas é a falta de informação, a curiosidade e a necessidade de se afirmar no grupo de iguais. Alguns conseguem se dar conta e quando ajudados podem superar este problema. Opala (16, F): “*Hoje tenho certeza a droga foi e é uma droga para mim. Não leva a lugar nenhum. Só prejudica e acaba com a vida*”.

Os adolescentes buscam o prazer, a qualquer preço, para atenuarem sofrimentos psíquicos ou físicos. Assim, utilizam substâncias que lhes oportunizam um estado ilusório de bem-estar. É importante que percebamos claramente o que está acontecendo para não negar o fato nem, tampouco, aumentá-lo. Cabe aos educadores um olhar comprometido de apoio e diálogo na busca da solução deste problema.

VIVÊNCIAS PRECOCE DA SEXUALIDADE:

EXPERIÊNCIA, SENTIMENTOS E EMOÇÕES.

“O adolescente aborrece porque está gritando questões que, apesar de nos esforçarmos para que pareçam coisas do passado, continuam vivas dentro de nós. Ele está mexendo nas nossas feridas”.

Francisco Daudt da Veiga

Se fizermos um corte horizontal no período da adolescência notaremos que os fatos, as situações vividas se repetem. Elas são similares na maioria dos casos. Os relatos nos mostram que as experiências do cotidiano são de fundamental importância, através delas os jovens demonstram a aquisição da maturidade emocional e intelectual. Tudo o que acontece nesta fase vital precisa ser falado, dissecado. Para eles é um momento de descobertas, é uma festa cheia de mistérios, na qual, celebram a vida e descobrem suas possibilidades e potencialidades.

Na questão sexual, a precocidade com que os jovens estão iniciando sua vida sexual é surpreendente e, na opinião da maioria dos adultos, esta iniciação poderia ser postergada. Nesta investigação, ficou evidente que a maioria dos entrevistados tiveram sua iniciação sexual antes dos 15 anos e alguns, segundo seus relatos, aos 12 anos de idade, quando cursavam a sexta série do ensino fundamental.

A vida sexual ativa dos adolescentes de hoje é denominada pelo ginecologista Vitiello (2000) de “*monogamia temporária*” (p.123). Significa relacionamento estável e fidelidade, mas não envolve compromissos de longo prazo ou casamento.

Ficar e Namorar: Novas Descobertas, Novas Relações

A base do entendimento da sexualidade dos adolescentes nos dias de hoje está centrada no ficar e no namorar. Podemos dizer que Ficar-Namorar é a díade dos relacionamentos que se estabelece entre os jovens. Algumas vezes ficar é a denominação definidora de encontros afetivos passageiros, superficiais. Já, namorar, na maioria das vezes, implica em estabelecer vínculos mais íntimos, incluindo relações sexuais.

Os autores Béria (1998), Rieth (1998) e Zagury (1996) fazem distinção entre ficar e namorar. Pontuam cada qual com características próprias. Vejamos a conceituação destes teóricos.

Segundo Béria (1998), *“ficar para alguns adolescentes, pode ser bate-papo, beijo e amasso, como transar, podendo, no dia seguinte, não haver mais nenhum compromisso. Às vezes nem mesmo se cumprimentam mais”* (p.11).

Para Rieth (1998), *“o ficar contrasta com o namorar enquanto uma relação eventual, um ‘envolvimento passageiro’, tratando de distinguir, mesmo que potencialmente, a parceira sexual da parceira amorosa”* (p.16).

Para Zagury (1996), *“o ficar pode evoluir para um namoro, mas não porque esta seja a finalidade. É uma coisa puramente física, de atração, de vontade”* (p.173).

Para o grupo de adolescentes pesquisado, ficar é considerado um relacionamento passageiro que, dependendo do caso, pode ou não incluir transa. Os relatos dos(as) adolescentes sobre o ficar são reveladores e de extrema riqueza.

Hematita (16, F), referindo-se ao ficar, verbaliza: “*Se numa noite eu ficava com dois ou três estava bom. Estas relações não tinham nada com transas, não incluíam relações sexuais, era só beijar, ficar junto*”.

Ágata de Fogo (16, M): “*atualmente, é normal ficar hoje com uma menina e amanhã com outra, não tem como se apegar a elas. O contrário também é verdadeiro*”. Ágata de Fogo (16, M), no entanto, salienta que se ele encontra uma menina que nunca ficou com ninguém, acaba: “*se apaixonando por ela no mesmo momento*”. Diz: “*prefiro pegar meninas (...) que nunca ficaram com ninguém. Se a menina nunca beijou, ela vai beijar do meu modo. Eu vou ensiná-la como beijar. É, mais ou menos, como criá-la na palma da mão. Aquelas que já ficaram com quatro ou cinco é mais complicado. A gente acaba perdendo a confiança*”.

Béria (1998) relata que, numa pesquisa realizada pela Faculdade de Medicina, UFPel., com 24 jovens de escolas públicas daquela cidade, foi detectado que, tanto para rapazes virgens como para meninas virgens, ficar é bater-papo. Inclui beijo e abraço. Para os rapazes sexualmente ativos, ficar pode envolver relações sexuais.

Nos relatos dos adolescentes desta pesquisa, pude observar que alguns têm uma posição muito firme. Principalmente para as meninas, ficar inclui somente momentos de carícia e afeto. Por sua vez, os meninos relatam que para eles o ficar pode incluir a relação sexual. Eles salientam que podem ficar por um período juntos já transando para só depois iniciar o namoro.

Quartzo (15, M) diz que foi ficando com a menina e depois rolou a transa. Para ele o ficar pode incluir relacionamento sexual. Relata: “*Meu namoro começou há dois meses atrás. Fazia um ano que a gente só ficava. Fomos nos conhecendo, começamos a gostar um do outro... Foi antes de começar a namorar que aconteceu a primeira transa entre nós*”.

Rieth (1998) refere-se ao ficar da seguinte maneira:

“O ficar para conhecer outras pessoas trata de estabelecer o vínculo na experimentação da sexualidade, em que a atração entre os ficantes é explícita, porém, insinuada na sedução da troca de olhares, na linguagem corporal ou na vontade assumida de beijar, abraçar e “amassar” (p.23).

Segundo os relatos, percebe-se que o ficar em oposição ao namorar se define como uma relação eventual, sem compromisso, em razão de uma atração física, podendo ou não envolver relação sexual.

Namorar

“Não vá namorar ou ter relação sexual só porque suas amigas já estão tendo, ou porque você é o único garoto da turma que não tem namorada ou que não teve relação.”

Suplicy

Muitos adolescentes começam a namorar ou a transar no grupo porque isso dá mais moral e credibilidade como apontado por Suplicy (1988). Alguns adolescentes relatam que se eles já namoraram alguém e falam isso no grupo de amigos eles adquirem maior moral.

Rieth (1998) define o namoro como sendo o *“lugar do sentimento se opondo ao do interesse da atração. Aparece freqüentemente associado às idéias de compromisso e respeito que se armam sobre um vínculo de fidelidade e confiança; é concebido como um compromisso natural entre as pessoas que amam” (p.16)* Segundo ele, a iniciação sexual no namoro é

tornada vivência imperativa, salientando-se o valor do “*casal de namorados*” como indicativo de uma concepção romântica de amor.

Com o namoro surge a intimidade. Dos beijos e abraços iniciais, evolui para momentos mais íntimos e mais intensos. Surge a relação sexual. Nesta troca de experiências, os jovens adquirem maior conhecimento e confiança em si e no outro.

No grupo pesquisado, há relatos interessantes e esclarecedores sobre o namoro e o que ele representa para os adolescente.

Opala (16, F) diz que, para ela, namorar vai muito além de uma simples relação- ela encontrou no namorado uma luz: “*Ele me dá muita força, me ajuda muito... Conseguiu me convencer a não usar mais drogas. Vejo que consegui me libertar de tudo o que me aprisionava e vejo o quanto meu namorado tem me ajudado*”.

Ágata de Fogo (16, M) diz que namorar na adolescência é bom, quando a pessoa gosta mesmo. Mas salienta: “*Na adolescência é bom ter toda a liberdade, se prender a uma só menina não é bom. Na adolescência quase ninguém quer namorar. Todo mundo quer só ficar, sem compromisso*”.

Namorar é estar profundamente envolvido com alguém, é gostar imensamente desta pessoa. Assim foi o namoro de Ônix (14, M): “*feito de carinho, de respeito...Ela simplesmente brigou comigo, sem me dar nenhuma explicação. Sofro intensamente com tudo isso. Ela... me marcou muito e não consigo parar de pensar nela*”.

Hematita (16, F): “*Já fazem sete meses que estou com meu namorado. É um namoro bem firme. Ele é muito legal, quando estou ‘grilada’ ele me ajuda. Eu me apóio nele*”.

Água-marinha (15, M), ao falar em namoro, diz ter um lado positivo e outro negativo. Destaca como positivo: o apoio, a força para não matar aula, o convívio. Como negativo: *“as preocupações, como quando acontece uma briga. Isso faz com que eu venha para a aula preocupado, daí não consigo me concentrar...”*.

Quartzo (15, M), complementando a idéia do que significa namorar, afirma: *“em função dela minha vida mudou, não estou saindo tanto, fico em casa namorando. Namorar faz bem, me sinto feliz...Nos sentimos apoiados, sabemos que a pessoa que está do nosso lado gosta de nós e isso faz bem”*.

Ametista (15, F), no entanto, diz ter se envolvido demais com o namorado: *“não enxergava mais nada.”* Agora está receosa e não quer mais namorar: *“tenho medo que vá acontecer tudo de novo”*.

Por sua vez, Ágata de Fogo (16, M) relata que rompeu o namoro porque *“No sábado, se ela saísse à noite, deveria me comunicar. Algumas vezes, ela saiu e não me comunicou. Considerei isso uma quebra de confiança e aos poucos fomos acabando o namoro.”* Zagury (1996) salienta que quando os jovens namoram, em geral, a fidelidade é considerada muito importante. Isso quer dizer, não ficam com outros durante o tempo do namoro.

Para Ônix (14, M), iniciar o namoro foi maravilhoso, mas depois... foi horrível... Se apaixonou loucamente por uma menina, conforme ele conta: *“namoramos dois meses. Depois não deu certo, ela me deixou”*. Ele explica: *“Estávamos namorando firme, não era apenas “um ficar”..., mas não sei o que houve, ela não quis mais saber de mim”*. Ônix (14, M) revela que a ruptura deste namoro o abalou muito: *“Sofro intensamente com tudo isso. Ela foi alguém que me marcou muito e não consigo parar de pensar nela”*.

Este adolescente mostra seu sofrimento pela perda da namorada e nos faz ver o quanto uma relação afetiva rompida pode abalar e prejudicar. Segundo os demais relatos apresentados, o namoro é um compromisso mais sério o qual implica, na maioria das vezes, em relacionamento sexual, fidelidade, respeito e responsabilidade. A quebra de qualquer um destes vínculos abalam e acabam um namoro.

Transar: Experiência Desencadeadora de Sentimentos

Transar, na definição dos dicionários significa entendimento, combinação, acordo, pacto, ligação, trama, conluio, relação amorosa. Neste sentido, ele é aqui entendido. O adolescente tem muita curiosidade de saber como é a relação sexual. Como acontece... O que cada um sente... Se vão ter ereção é uma grande preocupação dos rapazes. Por sua vez, as meninas ficam angustiadas em saber se terão orgasmo, se a relação vai ser boa para os dois. Com o tempo, ambos vão adquirindo experiência e tendo respostas para suas perguntas. Na maioria das vezes este processo, envolto pelo desconhecimento, aparece carregado de angústias e ansiedade.

Para entendermos o transar e os sentimentos relacionados a este momento é importante refletirmos sobre as experiências dos adolescentes pesquisados. *“Transar significa gostar, ter uma relação com aquela pessoa, ter afeto, ter um sentimento de amor por ela”*. Este é o conceito de transar da Malaquita (14, F). Mas ela se questiona: *“se eu ceder e transar ... será que depois vamos continuar juntos? Pensa que para transar é preciso que haja laços, para depois não se arrepender”*.

Cristal de Rocha (15, F) complementa: *“tenho visto adolescentes que ao transarem não estão nem um pouco preocupados e não tomam nenhuma*

precaução, enfim, não se cuidam". Ela relata que há um deslumbramento pelo sexo, desvinculado de preocupações.

Opala (16, F) relata suas experiências e refere-se à sua primeira transa como geradora de muitas angústias. Diz ter se iniciado sexualmente, muito cedo, aos 13 anos teve a primeira experiência. Verbaliza:

"Nesta fase, temos muita curiosidade de saber o que é, como é, como acontece. Algumas meninas passam só pensando em transar, como será a primeira vez, como vai ser e esquecem o cotidiano da vida. Ser virgem é ser cafona, transar é estar na moda. Tudo está relacionado com o desejo de saber como é".

Ela relata com sentimento de pesar e tristeza que a sua primeira experiência sexual tenha sido traumática. Aconteceu durante uma festa e ela não tinha muita clareza do que acontecia *"...no decorrer da noite o irmão da minha amiga se aproveitou de mim... eu estava completamente embriagada"*.

Stearns (1990) faz uma reflexão muito importante quando afirma:

"se uma mulher já foi violentada, física ou simbolicamente, nunca mais poderá ser a mesma. Não que não possa superar essa experiência traumática e os sentimentos inquietantes que ela evoca. Pode sim. Mas, de qualquer modo, sofreu uma agressão à sua dignidade"(p.29).

Opala (16, F) relata ainda que suas amigas contam ter sido muito boa a primeira vez delas, acontecida com o namorado. Com Opala (16, F) foi de uma forma que ela não queria:

"Foi para mim algo desagradável e me marcou muito. A primeira vez deveria ser algo inesquecível, com alguém muito amado e nada disso ocorreu comigo. Deveria ter

sido como cada uma de nós sonha acontecer, mas foi totalmente ao contrário”.

Com bastante pesar ela lembra e verbaliza que, no dia seguinte, *“acordei toda dolorida, estava com dor no corpo, estava ferida... Encontrei-me com ele, mas ele não me olhou. Eu sentia uma dor física e um aperto no coração.”* Desde este fato, sua vida transformou-se em um turbilhão de acontecimentos inusitados que a conduziram à busca de drogas e, em conseqüência, quase à autodestruição.

Stearns (1990) corrobora, afirmando que: *“Uma mudança física drástica ou grave requer uma nova definição de si mesmo. O eu da pessoas passa por uma transformação. ...Depois não conseguimos mais esquecer por completo a fragilidade de nossa condição humana, não importa quão corajosamente sobrevivamos”* (p.30). *“...as coisas nunca mais serão as mesmas”*(p.31) . Encontro nestas palavras, resposta para angústias de Opala (16, F). É possível entender o quanto ela ficou marcada por este acontecimento que, causou-lhe sentimentos de culpa, apreensão e tristeza. Podemos entender que *“a culpa é uma emoção muito comum depois de uma agressão sexual”* (Gale 1989,p.167).

Ao ler as entrevistas, encontro nas palavras de Malaquita (14, F) uma preocupação muito forte com a influência exercida pelo grupo sobre o momento de transar. Ela se posiciona da seguinte maneira: *“Espero que aconteça naturalmente e não pressionada pelas amigas, ou namorado... tenho que estar me sentindo pronta e querendo”.*

Os sentimentos de Quartzzo (15, M) são desvelados ao relatar a ocasião em que ia transar com uma amiga com quem estava ficando: *“só não transamos naquele dia porque não tinha camisinha na hora. Hoje, pensando, eu acho que foi bom não ter acontecido, porque a amizade se altera depois que se entra na intimidade”.*

Cristal de Rocha (15, F) pensa que: “*o ideal seria namorar algum tempo para só depois transar*”. Ela refere que o importante é conhecer bem a pessoa, para só depois decidir o que vai fazer. Salienta que as moças não devem: “*sair se oferecendo para o primeiro que aparece, tipo se vendendo querendo transar... muitas amigas minhas estão assim*”.

Na opinião de Cristal de Rocha (15, F), transar aos quinze anos é muito precoce: “*Eu quero transar lá pelos dezessete ou dezoito anos, quando tiver mais clareza do que quero na minha vida.*” O pensamento desta adolescente não é o que prevalece nesta pesquisa, nela foi constatado, que quase a totalidade dos rapazes já haviam transado e mais da metade das meninas entrevistadas já eram sexualmente ativas. Suas idades variavam entre 14 e 16 anos. Para Hematita (16, F), a primeira transa ocorreu, quando ela tinha 12 anos, suas palavras: “*digamos assim, com doze anos eu era uma criança*”.

As transas vêm sempre acompanhadas de momentos de tensão, culpa e medo. Tensão pela inexperiência de não estar preparado e porque alguém pode descobrir ou chegar na hora em que está acontecendo a relação sexual. Culpa por não terem conversado antecipadamente com seus pais, pois normalmente a transa acontece impulsivamente. É o desejo que determina o momento. É a vontade de saber o que é e como é, que estimula a primeira transa. Medo por não estarem preparados e, como consequência, poder advir daí uma gravidez indesejada ou doenças sexualmente transmissíveis.

Ágata de Fogo (16, M) relata que, depois da transa, passava todo mês preocupado em saber se a menina engravidara ou não. Após oito meses, usando o método da “*interrupção*” da relação sexual, sua namorada engravidou.

A tensão de não estar preparado é relatada por Água-marinha (15, M): “*na minha primeira vez...toda a ansiedade se manifestou...Comecei a me sentir muito nervoso, não tinha experiência alguma e não sabia nada de*

como ia ser, o que tinha que fazer e ela também não". Acredita que transar tem a ver com gostar e estar preparado. Levou um tempo para decidir: *"Não sabia se seria certo..., se era aquilo mesmo que eu queria. Não sabia se era bom, se machucava. Se teria sucesso"*. Salienta que tem o lado ruim: *"O medo do desconhecido", "o medo de falhar"*.

Malaquita (14, F) avalia que as adolescentes não têm cabeça para pensar. Diz que na hora da transa pode ser bom mas depois a menina:

"pode ter um filho, pode ter pego uma doença. se tivessem uma orientação da escola, se os pais conversassem, as meninas perceberiam que teriam que estar mais amadurecidas. Manteriam uma relação só depois que estivessem prontas com uns 16, 17 anos, talvez. Não tem uma idade definida, isso vai de cada um, o amadurecimento vem da cabeça da própria pessoa".

A descoberta, a vivência da sexualidade, na opinião de Malaquita (14, F), estão começando muito precocemente, meninas com 12,13 anos já desejam transar. Reflete: *"se a garota iniciar com esta idade, imagina com quantos rapazes terá se relacionado quando tiver 18 anos. Eu acho que se transar com muitos a auto-estima vai ficar lá embaixo..."*. Outros relatos mostram que alguns adolescentes esperam o momento certo para iniciar suas relações sexuais.

Ametista (15, F) viveu momentos de muito conflito em decorrência da pressão do namorado, para transar. No entanto, afirma: *"Penso não estar preparada ainda. Sou muito nova, tenho uma vida pela frente"*. Ela muito se questionou, se deveria ceder ou não à pressão do namorado. Seu conflito era tão grande que começou a ter problemas na escola. Sentiu raiva, culpa por não ter cedido e por tê-lo perdido... hoje, no entanto, se dá conta que agiu certo. Conforme seu relato, foi isto que aconteceu após brigarem: *"começou a espalhar vários boatos sobre mim. Falou...várias coisas e*

nenhuma delas era verdade. Fiquei muito abalada. Me prejudiquei bastante na escola”.

Cristal de Rocha (15, F) e Malaquita (14, F) têm opinião semelhante. Acham que para transar é preciso esperar o momento certo, mas nem por isso deixam de ter curiosidade. Cristal de Rocha (15, F): *“Como será que é? Será que é bom? Fico curiosa. Tenho dúvidas. Às vezes, penso que tenho medo. Gostaria de saber o que as outras pessoas pensam”.* Malaquita (14, F): *“Como é, como eu vou fazer? Ela mesmo responde: “Não adianta eu ficar perguntando para um ou para outro”.*

Os jovens aponta a necessidade de conversar e com isso aplacar suas angústias. Eis um espaço que precisa ser preenchido. A escola poderia ocupá-lo. Ela, porém, se omite historicamente. Nem sempre ela percebe as angústias, incertezas e pedidos de ajuda dos adolescentes.

Os adolescentes se deslumbram com as emoções e sensações sentidas no seu corpo. Agem mobilizados pela impulsividade e acreditam na sorte. A seguir, apresento alguns relatos de suas vivências, experiências e seus sentimentos em relação à primeira transa.

Quartzo (15, M): *“minha primeira transa aconteceu antes de eu começar a namorar. Estava na 5ª série, tinha doze anos. Aconteceu numa festa, num sítio de um amigo: nem foi bem uma transa, foi... mais ou menos. Não representou nada para mim, porque a gente mal se conheceu, ficamos um tempo aí e ficou por isso”.* Conclui dizendo: *“Por sorte o incidente não teve maiores repercussões, ficou só nisso”.*

Turmalina (16, M): *“fui a uma festa, na casa de um amigo e fiquei com uma guria. Acabamos transando. (além desta mais uma duas vezes) depois, nos desentendemos e tudo acabou”.* Em nenhuma das transas, Turmalina (16, M) se preocupou em usar algum contraceptivo. Por sorte, não houve problema de gravidez ou doenças, mas marcas profundas ficaram

nele. Ficou abalado porque a menina rompeu com ele: *“foi difícil, sofri muito com isso... Sofri muito sua falta. Ainda lembro dela muitas vezes”*.

Jaspe (14, M) salienta que falar num grupo de amigos já ter transado com várias garotas *“dá muita moral, embora saibamos que, muitas vezes, não é verdade”* Ele revela: *“os seus sentimentos em relação a não ter transado ainda eram de medo... vou falhar na hora,...vou fazer alguma coisa errada?”* Outras preocupações não existiam na vida de Jaspe (14, M). *“Gravidez, doenças? Nem pensava nisso”*. Só mais tarde começa a se dar conta destes problemas: *“Várias vezes, eu tive problemas sérios, achando que a menina estava grávida”*. Ao ficar tentando encontrar uma solução para estas dificuldades, até sua aprendizagem foi prejudicada.

Hematita (16, F) transou pela primeira vez com doze anos e lembra: *“sei que não senti nem dor, nem prazer. Sei que eu queria, gostava do rapaz. achava que o sentimento que eu tinha por ele era amor, mas, digamos assim, com doze anos eu era uma criança”*. Ela complementa que nunca parou para pensar no que tinha acontecido: *“Nunca tinha me arrependido de ter transado antes. Mas agora teve um momento em que eu quase me arrependi. Penso que poderia ter esperado mais um pouco. Mas foi bem assim: pintou a oportunidade e eu deixei rolar”*.

Neste sentido, Stearns (1990) faz uma reflexão muito apropriada: *“Não é fácil nos dessensibilizarmos em relação a experiências antigas. A dor emocional do passado tem tendência de voltar muitas e muitas vezes”*(p.157).

Hematita (16, F) continua fazendo uma reflexão sobre o momento da transa. Não se coloca nem contra, nem a favor de transar cedo. Mas se posiciona contra a impulsividade. Relata que, ao transar, pensou apenas na descoberta da sexualidade e no prazer, depois, sentiu-se culpada. Posteriormente seu sentimento transformou-se:

“Na época em que eu transei pela primeira vez, ...ninguém sabia, eu escondia o fato, não contava. Depois pensei: não devo esconder, se fiz não devo me sentir culpada, nem devo esconder ou mentir... Se fiz está feito”.

Stearns (1990) apresenta uma afirmação que corrobora a compreensão dos sentimentos de Hematita (16, F): *“Crescer pode ser doloroso. Não é fácil reconhecer que cometemos erros, que tomamos decisões e fizemos escolhas erradas, e que parte de nosso sofrimento pode ter-nos sido infligido por nós mesmos”*(p.171).

Nos relatos dos entrevistados, percebe que o portar e o usar camisinha fazem parte do planejamento masculino e que as gurias até resistem em usá-la. Na entrevista de Ágata de Fogo (16, M), isto fica claro: *“Chegada a hora da transa, tirei uma camisinha, da carteira, para colocá-la. A garota, no entanto, não aceitou... falou: eu não gosto”.* Em outro momento, no entanto, Ágata de Fogo (16, M) verbalizou: *“a camisinha, parece ser algo que fica bloqueando. Concluí que a camisinha não gostou de mim e eu não gostei da camisinha”.*

Depois de ter passado por experiências sofridas, dolorosas e marcantes causadas pelo não uso de preservativos nas relações sexuais, a maioria dos rapazes entrevistados tomou a decisão de só transar usando camisinha. O uso da camisinha não agrada algumas meninas, elas alegam que não gostam, que ficam envergonhadas ou resistem por achar que perde muito do prazer. Nas palavras de Béria (1998) a colocação interrompe o clima. Hematita (16, F) diz que com camisinha: *“Parece que perde um pouco o clima. Sinto muita diferença, acho que ninguém consegue se acostumar”.*

Na hora da transa muitos adolescentes pensam estar protegidos, que com eles não vai acontecer nada, só com os outros. Ágata de Fogo (16, M) usa o método da interrupção e pensa: *“Deus é bom comigo, ele não vai*

deixar acontecer nada". Da mesma forma, Opala (16, F) afirma: *"transar com camisinha tira muito o prazer, eu inclusive já fiz a experiência. A transa acontece então, sem a camisinha, só com o método vou ter sorte"*.

Pelos relatos dos entrevistados, percebe-se que a transa acontece precocemente, pois eles são instigados pela curiosidade, desejo, busca da satisfação, da descoberta e do prazer. Só depois, ao se darem conta da realidade e dos problemas decorrentes de sua atitude, assumem um postura mais cuidadosa. Constata-se que o uso da camisinha é ainda bastante discutido. Para a maioria, não usá-la decorre de preconceitos e tabus. A consciência de realizar sexo seguro surge somente após um certo amadurecimento, que, segundo os jovens, é provocado por experiências difíceis. Assumir um método contraceptivo, portanto, tem a ver com a construção da maturidade, adquirida gradativamente.

Desta forma, percebe-se que a falta de diálogo com os pais e a ausência do debate sobre sexo, na escola, empurram o jovem para aprender apenas através da experiência e dos relatos dos amigos, nem sempre esclarecedores e oportunos.

Gravidez e Doenças: Preocupações Emergentes

"Sexo é uma relação humana natural, que nasce e morre conosco e dá muito prazer e alegria. Não deveria provocar conflitos psicológicos ou terminar em gravidez indesejada."

Suplicy

Como salienta a autora citada, o sexo faz parte da vida do ser humano e deveria ser o desencadeador de satisfação, realização e prazer. Percebe-se, no entanto, que muitas vivências sexuais dos adolescentes aparecem carregadas de angústias, conflitos, incertezas, medos. A iniciação sexual é desencadeada por curiosidade, impulso, desejo...- algumas vezes, geradores de instabilidade emocional. Segundo Freud (1972), o jovem precisa de meios e tempo para elaborar suas próprias soluções de vida. Salienta que existem poucas situações na vida que sejam mais difíceis de enfrentar do que a de um adolescente tentando independizar-se, tentando construir sua própria identidade pessoal e sexual.

Suplicy (1988) adverte que muitos adolescentes tiveram suas primeiras relações sexuais só para ver como é. Para saciar sua curiosidade latente. O mesmo fato aparece nesta pesquisa, destacando-se o grande número de jovens que acredita que uma vez só não engravida.

As estatísticas sobre gravidez de adolescentes impressionam. Mostram que mais de um milhão de garotas engravidam a cada ano. E como existem sempre 2 parceiros, isso significa que mais de dois milhões de adolescentes estão envolvidos com este problema. (Gale, 1989).

Estes dados são confirmados por Zagury (1996) quando afirma que no Brasil nascem, por ano, um milhão de crianças, filhas de adolescentes. Ela salienta que muitos mitos poderiam ser desfeitos se não houvesse tanto desconhecimento. Os jovens, em sua maioria, ignoram as informações básicas sobre fecundação, prazer, sexo seguro.

Os mesmos indicativos foram divulgados, recentemente, pela Revista Veja, através da afirmação de Vitiello (2000): “*no Brasil, nascem 1 milhão de filhos de mães adolescentes a cada ano*”(p.124). Isso comprova que os adolescentes não estão devidamente informados sobre os métodos contraceptivos existentes.

Pelos depoimentos dos entrevistados percebi que ainda é muito grande a falta de informações específicas na área sexual. Os métodos contraceptivos são ainda ignorados por muitos adolescentes. Quando conhecidos, seu uso aparece carregado de preconceitos e mitos como é o caso da camisinha. Há os que dizem: *“usar camisinha é como comer bala com papel”*.

Zagury (1996) salienta que ainda são muito grandes os mitos sobre os cuidados nas relações sexuais entre os adolescentes tais como: *“uma vez só não engravida; ou que sem penetração a gravidez não é possível, ou ainda que masturbação dá espinhas ou pêlos, etc..”*(p.170).

Ágata de Fogo (16, M) ao relatar sua história de prevenção à gravidez, exemplifica a afirmação da referida autora. Ele diz que o seu método contraceptivo era *“interromper a relação na hora da ejaculação. Procurava não gozar dentro dela”*. Sua namorada não queria tomar anticoncepcional, pois acreditava que engordava. Ele não usava camisinha, porque não gostava: *“é um bom método”* mas ao mesmo tempo é *“ruim, porque não dá muito prazer. Ela é uma borracha atrapalhando. Já tentei usar e não gostei. Botei corretamente, mas não me agradei”*.

Ágata de Fogo (16, M) diz que muitas vezes pensa: *“Engravidar alguém só acontece com o meu vizinho, não comigo”* e explica:

“...no momento do prazer, passam muitas idéias pela cabeça do adolescente. Vem aquela vontade de gozar, sem se preocupar em evitar a gravidez. Dá vontade de gozar na penetração e depois seja o que Deus quiser. Assim evitávamos a gravidez”.

Segundo Malaquita (14, F), muitos adolescentes de tão afoitos na hora da transa acabam esquecendo o preservativo, se dando conta tarde demais quando a menstruação da menina atrasa. Aparece então, a preocupação com a gravidez. Entram em crise e ficam pensando: *“O que vai*

ser? Como vai ser?” Se houvesse gravidez, acabaria: *“uma criança cuidando de outra criança”*. Relata ainda que aparecem questionamentos como: *“quem é que prova que este filho é meu?”*

A prevenção da gravidez não é uma questão de sorte, mas sim de planejamento. Existe uma vasta opção de métodos de limitação de filhos, que não fazem, porém, parte dos conhecimentos dos adolescentes. Eles precisam receber informações sobre estes métodos antes de sua primeira relação sexual e não depois. (Gale, 1989)

Opala (16, F) fala que o risco de engravidar e pegar uma doença nas transas é muito grande. Contar com a sorte nestes momentos é muito comum, ela fala:

“Na hora a pessoa se sente poderosa, acredita que não vai acontecer nada, mas depois passa o mês preocupada até chegar a menstruação. É uma expectativa. Não deveria ser assim. O ideal é se cuidar. A gravidez na adolescência não deveria acontecer. Não estamos preparados para cuidar de um filho”.

Pela análise que tem sido feita, percebo que os adolescentes não dialogam nem com os pais e nem com os professores. Algumas vezes, trocam idéias com seus amigos a respeito das descobertas e das relações que se estabelecem nesta idade. Outras, permanecem calados, soterrados sob as próprias angústias.

Suplicy (1988) sustenta que *“É melhor discutir esses conflitos e não guardá-los dentro a gaveta. Muitas vezes eles não serão solucionados, mas certamente conversar com alguém, ajudará a conviver com esses sentimentos”* (p.36).

Alguns adolescentes relatam o temor que sentem ao pensar que podem ser pais nesta idade. Ele não é infundado, aparece, para moças e rapazes, em função da gravidez, pois a responsabilidade de ter um filho

afeta os dois. Ainda existe o medo das doenças sexualmente transmissíveis como a AIDS.

Malaquita (14, F) pensa: *“a gravidez precoce é horrível, porque desestrutura toda a vida dos adolescentes e filho é para sempre”*. Turmalina (16, M) diz: *“gravidez na adolescência é burrice. Quem fica grávida é porque quis, não é por falta de informação ou esclarecimento. Isso inclui o menino”*.

Jaspe (14, M) várias vezes teve problemas, achando que a menina estava grávida.

“Eu na época não me cuidava mesmo. Só ficava pensando o que eu faria... Confesso que ficava muito preocupado... Isso me deixava muito angustiado, me sentia super mal. Passava dias horríveis, com uma coisa horrorosa dentro de mim e não tinha com quem conversar”.

Ele afirma que, ao invés de usar camisinha, pensava: *“azar, não faz mal, seja o que Deus quiser”*. Na entrevista, Jaspe (14, M) se dá conta de que *“Poderia ter evitado tantas preocupações.”* Frente a estes relatos fica evidente que a falta de orientação e de esclarecimentos sobre os métodos anticoncepcionais podem levar o adolescente a tomar decisões equivocadas. Diálogo e informações oportunizariam a conscientização quanto ao uso do preservativo.

Ágata de Fogo (16, M) relembra suas angústias: *“na hora da transa o adolescente pensa que é poderoso, que com ele nada vai acontecer. Eu sempre penso assim: Deus é bom comigo ele não vai deixar nada acontecer”*. Ágata de Fogo (16, M) foi o único adolescente que demonstrou estar feliz com a gravidez da namorada, até mais alegre se sentia. Verbaliza seu sentimento: *“vou ter um filho. E, pensando bem, ter um filho, até que não seria tão ruim.. poderíamos sair juntos, ir a uma festa, a boites”*.

Cristal de Rocha (15, F): *“iniciar a atividade sexual aos quinze anos ou antes disso, mesmo nos cuidando, corremos o risco de ter um filho. Uma gravidez agora seria abrir mão de muita coisa na minha vida, por exemplo, de meus estudos”*. Na sua opinião, o adolescente tem que amadurecer para fazer opções sexuais mais conscientes. Enfatiza que a jovem, ao decidir se iniciar sexualmente, deve tomar anticoncepcional, buscar orientação médica ou pelo menos usar camisinha para evitar gravidez e doenças que se transmitem pela relação sexual.

A gravidez na adolescência é preocupação para Água-marinha (15, M): *“Se acontecesse hoje comigo e com minha namorada, atrapalharia tudo: meus estudos, os estudos dela, o desenvolvimento... Seria um problema muito grande entre nós”*. Este pensamento reflete as tensões da maioria dos adolescentes da pesquisa. Muitos só lembram do método preventivo depois que transaram ou quando a menstruação da garota retarda.

Este estudo tem mostrado que a maioria dos adolescentes entrevistados *“arriscam”* uma gravidez indesejada não usando nenhuma proteção desde a primeira relação. Eles parecem não se importar muito com a questão da gravidez ou com a possibilidade de pegar uma doença, na hora da transa.

Jaspe (14, M) relata que precisou fazer o teste da AIDS: *“confesso que estava bem preocupado, ...fiquei com muito medo. Quando o resultado chegou, eu me senti aliviado, fiquei feliz por não estar com AIDS. Comecei uma vida nova, do zero”*. Jaspe (14, M) acreditava que por transar com meninas *“de família”*, nada poderia lhe acontecer.

Cristal de Rocha (15, F) se surpreende quando um colega fala que, se pegasse AIDS, iria transar com todo mundo e passar a doença: *“vou morrer*

mesmo, azar se eu passar para mais uns seis ou sete". Ela pensa que é algo vingativo.

Quartzo (15, M) relata que várias vezes transou sem camisinha e isso lhe acarretou problemas sérios, duas vezes consecutivas:

"a menstruação dela atrasou e eu fiquei com a consciência muito pesada, não conseguia nem dormir direito, fiquei muito ruim, é horrível. Só pensava como ficaria a minha vida e a vida dela, por causa de alguma coisa, que foi feito sem pensar. A partir daí, prometi usar camisinha, é uma necessidade para evitar AIDS e outras doenças que são transmitidas pelas relações sexuais".

Malaquita (14, F) relata que, hoje, transar sem camisinha:

"é estar sujeito a receber e passar o vírus da AIDS para muitas pessoas e estas repassarem para outras tantas. É muito fácil se contaminar, é só trocar de parceiro toda a hora, sem usar camisinha. Alguém pega AIDS de um parceiro e vai passando para outro e este passa para outro e o grupo de contaminados se amplia cada vez mais".

Os adolescentes entrevistados demonstraram, de modo geral, resistência ao uso da camisinha. Explicam que isso ocorre por ela ser bloqueadora do prazer. Percebe-se que a maioria deles acha este método bom por evitar o contágio de doenças e a gravidez, mas apresentam sérias restrições ao seu uso, principalmente quando iniciantes. Com o passar do tempo se dão conta do quanto uma relação sexual, sem os devidos cuidados, é arriscada.

Falar em AIDS, doenças sexualmente transmissíveis, métodos contraceptivos e orientação sexual nos remete a pensar na escola. Será que

ela não poderia ter um papel definido para ajudar no esclarecimento destas questões? Não caberia a ela ter um papel político com frente pedagógica para orientar os adolescentes que nela permanecem um período de sua vida? Por que não assumir uma educação sexual, nos espaços escolares? Estas questões têm surgido ao longo desta pesquisa, instigando que se busquem e se pensem, no ambiente escolar, soluções para elas.

A infecção pelo vírus HIV, a AIDS, as demais doenças sexualmente transmissíveis, a gravidez indesejada, associada ao nascimento de filhos de adolescentes, são fatores preocupante e instigam os educadores e os profissionais da saúde a pensar e buscar soluções. Segundo Bee *“talvez precisemos repensar nossas atitudes acerca do momento, e da importância dos conteúdos da educação sexual”* (1997, p. 366).

Ametista (15, F) relata: *“a televisão mostrou uma doença que uma garia pegou do namorado dela por nunca ter transado com camisinha”*. Ela salienta que a informação foi retirada da televisão, portanto, a escola, a família pouco esclareceram sobre este assunto. Surgem perguntas tais como: Qual de fato o papel da escola? Estarão pais e professores preparados para dialogar sobre este assunto? Por que essa omissão, esse silêncio?

Malaquita (14, F) salienta que para ir para uma transa os adolescentes deveriam conhecer todos os métodos de evitar a gravidez e as doenças sexualmente transmissíveis. Ela diz que normalmente os jovens: *“só querem transar e ter mais experiências, muitas emoções. Não pensam que podem pegar uma doença, por pura desinformação”*. Afirma que alguns dizem: *“se é com camisinha eu não transo”*, *“eu não uso porque não gosto”* ou ainda *“sou homem suficiente para não usar camisinha”*. Um de seus amigos contou para ela: *“meu pai falou que eu não usasse”*.

Malaquita (14, F) afirma que a camisinha é: *“uma coisa mal divulgada, mas, pelo menos, divulgada.”* Turmalina (16, M) complementa:

“Alguns têm preconceito sobre o uso do preservativo...mas já estão conscientes da necessidade”. A maioria dos adolescentes, no entanto, não faz uso dela, nem de outros métodos contraceptivos.

Jaspe (14, M), que pensara por vezes ter engravidado sua parceira, prometia a si próprio, que depois daquela experiência, usaria camisinha toda vez que fosse transar. Porém, a cada nova transa, tudo se repetia, não estava preparado: *“não tinha camisinha na hora”*. Fica evidente que a transa acontecia sem proteção, pois a garota também estava despreparada. Exemplo disso é o que diz a amiga de Ametista (15, F): *“Se o cara não tomar a iniciativa, ela também não tomará... terá vergonha de fazê-lo”*.

Hematita (16, F) já transava com seu namorado quando foi à ginecologista pela primeira vez. Foi aconselhada a usar camisinha, pois como estava com uma infecção poderia passá-la para o namorado. Salienta: *“Ele sempre usa camisinha apesar de eu não gostar. Sem camisinha é totalmente diferente”*.

Incertezas fazem parte do cotidiano da vida dos adolescentes. Ametista (15, F) ao listar suas dúvidas nos dá uma amostra dos conflitos enfrentados pelos jovens:

“tenho dúvidas quanto ao uso da camisinha; sobre quanto tempo uma guria pode transar sem que a camisinha vá estourar; se a mulher pode ficar grávida estando menstruada; quanto tempo a gente fica sem menstruar entre um período e outro...Muitas pessoas pensam que nossas dúvidas são banais, mas para nós não são”.

Malaquita (14, F) se dá conta da quantidade de preocupações que ela mesma tem sobre sexo: *“se eu começar a citar todas as dúvidas que nós temos, acho que ficaria toda manhã fazendo esta lista”*.

Na maioria dos casos, a gravidez na adolescência é indesejada. Ágata de Fogo (16, M) diz que ter um filho nesta idade seria difícil. Tudo mudaria e *“se o amor acabasse, ficaria o fruto deste amor, esta criança. ... Talvez, acabaria como minha namorada quando ela era pequena. Ela foi praticamente abandonada quando ela era pequena. Ter um filho, nesta idade... não é fácil”*.

Zagury (1996) aponta que estudos recentes, fundamentados em uma pesquisa, *“feita em escolas que tinham em seu currículo aulas sobre Educação Sexual, verificaram que os adolescentes não tiveram iniciação sexual mais precoce do que outros”*(p. 168). Ao contrário, nessas escolas, a iniciação dos jovens ocorria mais tarde. Na verdade, é muito mais provável que uma adolescente despreparada engravide, do que as suficientemente informadas sobre contracepção. É possível constatar que nas escolas com orientação sexual, a iniciação dos jovens ocorre mais tarde.

Teixeira, Borges (1998) abordam a questão da prevenção enfatizando temas sobre:

“sexualidade, drogas, doenças sexualmente transmissíveis, AIDS, morte, VIDA, envolvem uma dimensão política na medida em que se trata de uma atitude, uma postura, uma tomada de decisão frente ao problema, que exige de cada um de nós um posicionamento imediato. Comporta também uma dimensão pedagógica porque,...somos levados a socializar com outras pessoas os conhecimentos e as experiências que possuímos de forma educativa, formando opinião e, principalmente, oferecendo as ferramentas para que o outro, nossos alunos, colegas, familiares, amigos, também possam tomar uma atitude” (p.154).

Nas entrevistas os adolescentes apontam a escola como um espaço onde deveria acontecer a orientação sexual, incluindo informações sobre doenças sexualmente transmissíveis, gravidez, drogas.... Assuntos como

estes apareceram ao longo das entrevistas com os adolescentes e demonstram o quanto eles ainda estão despreparados.

Os jovens apresentam, muitas vezes, o pensamento mágico que com eles “*nada acontece*”, que “*estão protegidos*”. No transcorrer da adolescência, eles se apropriam destas idéias e pensamentos, para imaginarem uma certa proteção e segurança. Somente com o passar do tempo, com a conquista da maturidade intelectual e emocional percebem os reais problemas relacionados às relações sexuais. Só então, passam a preocupar-se em ter os cuidados necessários para evitar o risco de contrair alguma doença, como também, para evitar a gravidez indesejada.

Compreensão e Ressignificação das Vivências

“Sempre se fará necessário reaprender o mundo em que vivemos, uma vez que as mudanças se operam aceleradamente em todos os níveis da realidade na qual nos encontramos.”

Enderle

Os sujeitos desta investigação realizaram uma reflexão ao final de cada entrevista, lembrando sua história e ressignificando momentos vividos. Ressignificar é algo que exige esforço e um desejo de olhar para si próprio e poder enxergar além do habitual, além dos fatos objetivos. Significa olhar seu interior, sua subjetividade e traçar caminhos a serem atingidos. É aprender a conviver com a própria vida e acima de tudo encontrar a felicidade.

As alterações poderão a nossos olhos serem pequenos detalhes, mas para o sujeito podem ter dimensões profundas - sofridas ou gratificantes. Segundo Mosquera (1984), “*a conquista da maturidade é um provar-se a si mesmo, e nem sempre as pessoas têm condições de vislumbrar até que ponto é possível se desempenhar, aceitando-se de maneira radical*” (p.107).

Comiotto cita estudos realizados por Levinson ao considerar que os principais componentes da estrutura vital do ser humano seriam “*as relações de cada um: consigo mesmo, com outras pessoas, grupos e instituições, com todos os aspectos do mundo exterior que têm importância para a sua vida*” (1992,p.115) .

A oportunidade de pensar sobre momentos individuais ofereceu alternativas para sua vida presente e metas futuras. Foi preciso que cada um deles levasse em conta suas experiências e a partir delas fizesse sua reflexão. Segundo Maldonado (1986) estas vivências apresentam um significado próprio e singular: “*a vida de todos nós envolve separações, transformações, perdas e ganhos, a cada passagem do desconhecido para o novo*” (p.9). Isso não significa, que mesmo com perdas, o jovem não possa se auto-superar. Através delas realiza sua aprendizagem e retoma suas convicções.

Ferreira (1995) salienta que Spranger criou uma “*Psicologia Compreensiva*”, que se preocupa com as questões e a problemática dos jovens. Através dela é possível interpretar o significado das inúmeras expressões manifestas por eles, no seu cotidiano. É justamente este, o foco principal desta investigação, entender os sentimentos e as vivências dos adolescentes, para que, abrindo espaços de diálogo, possamos auxiliá-los.

Stearns (1990) explicita, ao analisarmos momentos vividos, podemos criar um espaço para uma verdadeira auto-renovação.

“começamos a nos recriar a nós mesmos, nossos objetivos, nossas relações com os outros, nossa perspectiva de vida. Como nossas expectativas quanto a nós mesmos e aos outros aos poucos se tornam mais realistas, fica mais difícil nos iludirmos, e mais fácil nos satisfazermos. A vida é como andar num jardim – desde que saibamos reconhecer que o jardim está onde nós estamos” (p.181).

Complemento esta idéia, com as palavras de Ferreira (1995), quando enfatiza que, segundo a teoria de Spranger, *“a educação do adolescente é sobretudo uma auto-educação, pois o jovem que descobre o seu ‘eu’ faz uma auto-avaliação e parte para a auto-educação” (p.106)*. Portanto, esta reflexão vai oportunizar ao adolescente a formação de seu projeto de vida, a seleção de seus valores existenciais e a construção de sua identidade.

Assim os adolescentes verbalizaram suas inúmeras experiências de vida dando novo significado a muitas delas. Estas reconstruções mostraram o caminho percorrido. Eles demonstraram ter compreendido suas experiências e se propuseram a tirar delas verdadeiras lições, para alcançar uma vida mais plena, com sabedoria, saúde e alegria de viver.

Segundo Erikson (1987), crescimento pessoal não pode ser dissociado de mudança social. As relações que os adolescentes estabelecem entre si estão vinculadas ao contexto social e ao seu momento existencial. Alguns dos entrevistados falam, em seus relatos, sobre a interação com os outros como oportunizadora de aprendizagens que auxiliam a compreensão das dificuldades vividas.

Quartzo (15, M) viveu momentos de sofrimento intenso depois de transar sem preservativo. Relata: *“fiquei muito mal, fiquei diferente, não consegui estudar mais. É uma preocupação que afeta toda a pessoa... Serviu de lição, de aprendizagem”*. Hoje, Quartzo tem clareza e redimensionou sua atitude, pois como ele diz: *“foi horrível...foram longos*

dias de espera, até a menina ficar menstruada. Quando ela menstruou...tomei uma determinação de nunca mais transar sem camisinha...foi um alívio indescritível". Este adolescente verbalizou que o medo, a insegurança permearam aquela etapa de sua vida.

Desde o momento da constatação do medo, da culpa de terem gravido alguém, o adolescente vive intensas transformações consigo mesmo e com aqueles com quem se relaciona. Isso ocorre, porque o adolescente, frente a fatos marcantes, amadurece, modifica suas atitudes e toma decisões mais coerentes.

É preciso não ter medo da interiorização, para poder estabelecer novos objetivos e projetos pessoais. Sendo assim, segundo Stearns "*a preocupação consigo mesmo é um dos caminhos para nos recuperarmos e reconstruirmos nossa vida*" (1990, p.25).

Quando Água-marinha (15, M) fala "*me fez rever o caminho que venho construindo*". Suas palavras mostram o quanto precisou refletir sobre tudo o que fez neste trecho de sua vida. Ela conclui: "*este assunto deveria ser levado mais a sério pela escola, tenho certeza que teria sido mais ajudado*".

Opala (16, F) relembra que, ao ser afastada das drogas pela mãe, chorava e sofria muito pela falta que ambas lhe causavam... A raiva que nutria pela mãe, por tê-la afastado das drogas, foi passando, explica: "*estranhei muito nos primeiros dias, principalmente quando anoitecia. Aos poucos fui me acostumando... Após este período, o qual posso chamar de purificação... consegui sobreviver*". Hoje ela tem certeza que só conseguiu se afastar das drogas pela decisão forte tomada por sua mãe, a qual lhe mostrou caminhos e possibilidades.

Opala (16, F) fala que, após estar totalmente perdida no vício das drogas, sua vida mudou, graças ao apoio da família e à descoberta do amor:

“Adoro meu namorado. Ele foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida, ele é maravilhoso. Em função dele, eu consegui me afastar definitivamente da maconha, da cocaína e das más companhias. Ele tem me ajudado muito e eu tenho conseguido vencer o vício”.

Neste período, Opala (16, F) lutou contra a auto-imagem abalada e descobriu no namorado novas forças para compreender e ressignificar sua vida. Assim, as drogas foram substituídas pelo amor, pelo afeto, pela proteção tão desejada e buscada. Ela mesmo relata o quanto este processo foi sofrido: *“lá eu não tinha a droga e não tinha ninguém para me cuidar... eu chorava e sofria muito, pela falta da droga e pela falta de minha mãe. Foram 28 dias de sofrimento, de um período difícil...”*.

A entrevista oportunizou a Hematita (16, F) falar sobre a morte do pai e do conflito de não conseguir transar. Falou dos bloqueios que a impedem de ter uma relação sexual. Ela diz que abre mão do seu prazer, pensa ser ele desnecessário para si, mas gostaria de oportunizá-lo ao namorado. Verbaliza:

“Quando estamos transando eu não consigo deixar ele colocar dentro de mim, dói muito. A dor que eu sinto é uma dor interna, não é física. Entro em pânico... é algo que me sufoca.... chega na hora eu não consigo. Já procurei o porquê disso tudo, se está relacionado com alguma coisa da minha infância, do meu pai...Eu não sei de onde vem, não consigo encontrar os motivos. Eu não sinto falta de ter prazer, mas sei que ele sente”.

Ela sintetiza: *“este é um dos motivos que me levaram a procurar uma psicóloga”*. Quando a pessoa procura alguém com quem conversar sobre algo que a sufoca e a deprime já é um primeiro passo para a cura. Já está à procura da sua felicidade e auto-realização. Segundo Gale, buscar ajuda de um terapeuta *“é buscar compreender seus sentimento e tomar suas próprias*

decisões” (1989, p. 187). Da mesma forma, Stearns (1990) fundamenta serem muitos os motivos que levam uma pessoa a buscar ajuda profissional:

“às vezes, os amigos não estão disponíveis para nos dar o tipo de apoio de que precisamos, ou nos incomoda a idéia de sobregarregá-los... chegamos à conclusão de que a terapia vai ajudar... Procurar ajuda não é indício de doença. É sinal de força e determinação de cuidarmos bem de nós mesmos” (p.139).

Segundo Cox (1990), refere que buscar nossa verdade é *“... dirigir-se para aquela luz no fim do túnel é olhar para si mesmo, descobrindo as próprias forças e admitindo a dor, pois varrê-la para debaixo do tapete não faz com que desapareça por encanto; ela se instala e degenera, podendo provocar doenças e depressão prolongada”*(p.7). Muitos dos adolescentes pesquisados tiveram vivências difíceis e ao analisá-las encontraram explicações e coragem para reorganizar seus diferentes caminhos.

Lembranças marcadas pelo sofrimento fazem parte da vida de Quartzo (15, M). Ele relembra que a separação dos pais o abalou muito, em poucas palavras resume: *“À medida que o tempo passa, a gente vai se acostumando, se distanciando... mas é uma situação muito difícil”*. Algumas vezes: *“sentimos raiva por ter de nos separar de uma pessoa ou coisa que amamos, e precisamos nos proteger contra o espantoso sentimento de vazio que a perda provoca”*(Stearns, 1990, p. 32).

A entrevista oportunizou a Turmalina (16, M) lembrar fatos ocorridos na sua vida: *“Me fez lembrar de algumas coisas que já estavam guardadas, mas me fez muito bem”*. Ao lembrar sua vida, Turmalina sentiu-se feliz, porque percebeu o quanto cresceu na sua caminhada. Salienta, também, que hoje já não bebe como antes, isso o deixa mais tranqüilo. As recordações que Turmalina relata são suas forças interiores para continuar sua busca de auto-afirmação. É importante usufruir destes

momentos únicos, pessoais e prazerosos, pois eles representam muito para os adolescentes. É na experiência de acertos e erros, que os jovens formarão sua personalidade.

Para compreender o ressignificar das vivências dos adolescentes temos que nos deter nas suas palavras, retirando delas seus significados.

Ônix (14, M) revelou seus sentimentos:

“...ela dizia que me amava,...e me largou assim... eu não entendo...Passaram-se nove meses e eu estou sofrendo como no primeiro dia... Preciso parar de pensar nela...sair deste sofrimento que está me matando por dentro... Estou afundando... Não quero mais sofrer...Preciso romper com ela dentro de mim”.

Ônix (14, M) olha para para si e se dá conta que precisa viver e para isso procura dar novo significado às suas vivências. Se propõe: *“A partir de hoje, não será mais assim...Eu sou livre e quero uma nova vida. Agora, consigo ver o que está acontecendo comigo. Este diálogo abriu um pouco os meus olhos. Me sinto melhor, mais aliviado”.*

Opala (16, F) diz que quando o namorado está para chegar fica ansiosa, fica feliz, salienta que: *“ele foi o milagre da minha vida. Sempre penso: a droga fazia efeito, mas ia embora, o meu namorado vai embora, mas depois ele volta”.* Este rapaz foi o milagre de sua vida porque uma das emoções despertadas foi o amor que se solidificou nesta relação interpessoal.

COMIOTTO (1992) faz uma reflexão importante neste sentido:

“No ato de perceber, o ser humano atribui um significado, uma conotação, um colorido particular e único, eivado de emoção que interfere, de modo decisivo, na

decodificação elaborada, dando ao fato percebido, um significado peculiar, por estar vinculado sempre ao sentimento” (p.96).

Ágata de Fogo (16, M) reavalia que ter um filho na adolescência não é tão bom quanto lhe parecia anteriormente: *“esta entrevista me fez pensar e me fez ver que para ter um filho, para ir a festa com ele não é bem assim Me fez pensar também no meu método de interrupção da relação sexual”*. Ágata de Fogo (16, M) concluiu que este não é nem prazeroso, nem eficaz. Resolveu rever seus conceitos e seus sentimentos em relação a ter um filho nesta idade.

Ametista (15, F) reflete sobre sua vida e relembra a pressão do namorado para transar e o sofrimento na relação cotidiana com o pai. Ela conseguiu encontrar significados e, ao fazê-lo, refez sua vida, estabelecendo metas: *“penso em dizer para meu pai o que estou sentindo...Vou conversar com ele e espero que nosso relacionamento mude. Eu gosto muito do meu pai, mas ele não enxerga a si mesmo”*.

Estas conclusões trazida por Ametista (15, F), encontram fundamento em Stearns (1990) quando ele enfatiza que a pessoa se auto-reconstrói à medida em que:

“essa experiência a faz saber, de maneira muito pessoal, o que significa ser degradada e humilhada. Esse saber pessoal não pode ser mudado, mas ela sim. E quando a mulher realmente reconquista a confiança na decência humana, percebe que a vida exigiu que descobrisse dentro de si forças que antes lhe eram desconhecidas”(p.29).

Este encontro fez Malaquita (14, F) rever *“uma série de problemas que acabam ficando de lado, trouxe assuntos que tinha guardado lá no fundo e pude analisá-los e refletir buscando entendê-los um pouco melhor”*.

A dor, a lembrança, o desejo de ser feliz relatados pelos entrevistados faz parte de suas histórias. Essas não podem ser vividas, de outra forma, que não seja a construída pelo sujeito ao longo do seu caminho percorrido. Percebe-se a reflexão de cada adolescente sobre o seu mundo vivido, levando ao redimensionamento de sua experiência e ao planejamento de ações futuras. Ao demonstrar sua experiência pessoal, o jovem expressa a unicidade de cada momento vivido. Os adolescentes se mostram vulneráveis e carentes, porém apresentam planos de buscar a felicidade e objetivam a consecução de seus projetos de vida.

CAPÍTULO VII

REVENDO O CAMINHO PERCORRIDO

MEDIAÇÕES POSSÍVEIS

“O homem é um ser aberto. Todo o ponto de chegada em seu caminho, significa um novo ponto de partida. Por isso, há temor, angústia, insegurança, risco, coragem, ousadia e esperança. Está sempre para além de si mesmo.”

Zilles

Iniciei este estudo com muitos questionamentos, dúvidas e incertezas. Ao observar o caminho percorrido, deparo-me com algumas constatações, como a de não ter encontrado soluções prontas e acabadas, nem respostas definitivas. Na verdade, este estudo, fundamentado na pesquisa qualitativa e no método fenomenológico, possibilitou-me compreender o significado das vivências e dos sentimentos dos adolescentes em relação à problemática da sexualidade e renovar a reflexão concernente à atuação profissional, apontando para a construção de uma nova abordagem.

Os relatos dos adolescentes foram permeados de lembranças e sentimentos em que a alegria, a dor, o sofrimento fizeram parte, pois eles impregnam as experiências vividas. Na medida em que lia, relia, escrevia e reescrevia os relatos dos sujeitos desta pesquisa, percebia que neles se desvelavam aproximações, rupturas, conflitos existenciais, projetos de

vida, dificuldades de aprendizagem, isto é, experiências vividas. A partir dos relatos ficava mais fácil compreender a existência ou não da abordagem da temática da sexualidade pelos professores em sala de aula. No decorrer do processo, fui compreendendo a influência e a interferência das relações intra e interpessoais nas vivências parentais e grupais, escolares ou não, na vida dos adolescentes.

Através dos relatos, percebi a maneira como cada entrevistado vai seguindo a trilha de sua vida. Nela nem sempre há opções, ela é traçada conforme suas possibilidades e as imposições da família, dos amigos e da escola. Suas histórias foram se desvendando, expressando seus sentimentos e envolvimento. Os adolescentes também evidenciaram o significado das vivências e experiências sobre sexualidade. A análise do fenômeno não se esgota neste trabalho, ele não é um trabalho conclusivo, mas dele decorrem considerações significativas e imprescindíveis.

A educação sexual é possível, necessária e urgente. Ela não deve ser dissociada do pessoal, do afetivo e do existencial. Deve abrir possibilidades significativas que permitam uma tomada de decisão com consciência crítica e oportunizem o desenvolvimento dos jovens em suas relações intra e interpessoais.

É preciso salientar que todo o processo da Orientação Sexual se fundamenta na troca, na relação dialética e não na informação unilateral. As experiências relatadas pelos adolescentes contextualizam-se no mundo onde vivem, trabalham, amam ou odeiam. Sofrem a influência da família, da escola e dos amigos. Experimentam contradições e alienações. Os relatos da pesquisa mostram um índice muito grande de desinformação ou informação distorcida, em relação a questões relacionados a sexo e sexualidade.

Através do estudo das emoções, dos sentimentos evidenciados ao longo da investigação, é possível entender que a escola e a família podem

e devem se apoiar e trabalhar juntas sobre a temática da sexualidade. Precisam se preocupar em falar sobre “*sexo seguro*”, deixando de lado a banalização e a vulgaridade, muitas vezes, encontradas na família e que, trazidas à escola pelo próprio adolescente, acabam sendo repassadas ao grupo. É preciso ressaltar a necessidade de propostas de trabalho preventivo, diminuindo com isso os riscos de aquisição de doenças sexualmente transmissíveis e de gravidez indesejadas.

A escola precisa descobrir formas de dinamizar a Orientação Sexual nos seus programas curriculares, aproximando e envolvendo os pais. Conforme constatado, muitos se encontram, desprovidos de conhecimentos e informações adequadas para um diálogo efetivo com seus filhos.

A instituição escola carece de trabalhos vinculados às famílias, oportunistas de diálogo e parceria. É preciso buscar novas propostas e novas perspectivas de trabalhar a questão sexual, pois através do esclarecimento, os jovens poderão ter uma melhor qualidade de vida. Escola e família interligadas fortalecerão laços e o adolescente se sentirá mais integrado, apoiado.

Neste fazer integrado - família e escola - , é possível caminhar para uma educação sexual, em que os jovens possam se sentir libertos de repressões sexuais. O alcance dos objetivos desejados dependerá do grau de comprometimento de todas as partes, pais, alunos e professores. É necessário possibilitar ao adolescente espaços de participação para que ele, inserido no processo, possa se auto-educar.

Capra (1997) afirma que para a ocorrência de modificações é necessário não apenas rever as novas percepções e maneiras de pensar, mas também os valores existenciais. Para que isso se concretize é preciso modificar a forma de trabalhar, na escola, a temática da sexualidade e nas relações que se estabelecem no cotidiano entre pais, educadores e adolescentes. O adolescente é tratado, na escola, como ser cognoscível, a

ele cabe adquirir conhecimentos. Ele é visto numa dissociação entre razão-emoção, corpo e mente. Deste modo, o ensino está voltado apenas para uma das dimensões educacionais, a cognitiva, impossibilitando o adolescente de expressar-se de forma mais espontânea, limitando seu desenvolvimento. Sabe-se, porém, que razão e emoção estão entrelaçadas e o jovem apresenta-se por inteiro na sala de aula manifestando sentimentos, emoções, sexualidade. Estas reflexões encaminham para a necessidade de um trabalho na Orientação Sexual, em que se veja o ser humano como um todo, no qual integram-se razão/emoção – corpo/mente.

Encontrei adolescentes refletindo sobre uma maneira possível de realizar a Orientação Sexual nos espaços escolares. Verbalizaram que ela não deve estar desvinculada dos processos de aprendizagem e de construção do conhecimento, na sala de aula. Ao contrário, sugerem assumir junto ao professor as proposta de dinamização e busca das informações. Pude constatar o quanto a escola pode oferecer aos adolescentes, por ser um lugar de vida, saúde, alegria e interação. Neste espaço escolar, acredito que possa ocorrer uma Orientação Sexual alicerçada na participação, envolvendo pais, professores e adolescentes. Porém, para que isso ocorra, a escola precisa rever sua forma de atuação, considerando o desejo e os sentimentos dos jovens que buscam explicações para suas angústias e questionamentos. É preciso, compreendê-los para poder ajudá-los. Não basta apenas repassar informações soltas e desconexas. O ideal é conjugar fundamentação teórica com vivências e questionamentos, realizar atividades lúdicas e prazerosas. Acredito que assim, se contemplem as curiosidades e as necessidades emergentes dos adolescentes.

No universo escolar, há redes de relacionamento inter e intrapessoais que devem ser repensadas. Elas estão centradas quase que exclusivamente no repasse de conteúdos e não na construção do sujeito reflexivo, com postura crítica. Quando o enfoque é apenas escolarizar

pessoas, os sentimentos e emoções deixam de fazer parte das relações que nela vicejam.

Assim, a escola como mola propulsora de implementação de trabalhos nesta área, poderá mobilizar os próprios adolescentes para que auxiliem no monitoramento das atividades propostas. É necessário também instigar a comunidade escolar, para que esta possa se envolver num processo participativo e dialógico. Oficinas lúdicas, pesquisas, teatro, gincanas, vivências, dinâmicas de grupo são propostas de trabalho que oportunizam o desenvolvimento e a inserção da Orientação Sexual nas estratégias escolares, muito mais do que aulas “técnicas”. As atividades devem centrar-se no âmbito do sentir e do pensar, respeitar os sentimentos e desejos dos adolescentes, fundamentais para estruturar seus valores e seus projetos de vida.

Cabe então refletir com os professores, as mudanças que se fazem necessárias na abordagem da temática da sexualidade em sala de aula. Não é mais possível silenciar, omitir-se - como os adolescentes relatam que acontece. É preciso romper com a acomodação e a alienação, partir para a construção de projetos que contemplem a realidade de cada escola e as necessidades evidenciadas pelos alunos. Retomar valores, identificar conflitos, questionar e trabalhar os tabus, os preconceitos existentes na própria instituição e em cada profissional, passa a ser importante para implementação da Orientação Sexual. Cabe ao professor estar atento, observar e propiciar espaço para os questionamentos, as dúvidas e as ansiedades dos adolescentes. Só assim poderemos caminhar para uma Orientação Sexual efetiva. O orientador sexual é um agente transformador de atitudes e multiplicador de valores. Ele não pode ter uma postura entendida como doutrinação, repressão ou agressão. O educador que, em vez de reprimir, cria alternativas e amplia possibilidades para uma vivência mais plena, transforma o desafio de trabalhar com sexualidade em momentos em que o proibido, passa do mundo velado para o permitido e necessário.

Para que as propostas de Orientação Sexual ocorram, são necessários professores que se envolvam e se comprometam com este estudo, ajudando os adolescentes a terem suas dúvidas esclarecidas. É preciso ajudar o jovem a encontrar respostas para que ele possa se transformar e assumir-se como sujeito de sua história.

Pela concretização destas propostas, haverá um número bem menor de professores reproducionistas, preocupados com o repasse de informações biológicas, com pouca abertura para o diálogo e o questionamento.

Segundo a psicóloga Suplicy (1988), a qualidade mais importante de um educador sexual deve ser a aquisição de atitudes de escuta e abertura para com os adolescentes. Estar alerta para seus questionamentos, nem sempre explicitados, é uma tarefa bastante complexa, pois decodificá-los exige estar atento às mensagens indiretas emitidas. Além disso, o educador precisa criar um clima de confiança, propício ao diálogo. Exige, ainda, que o professor busque atualização constante, tenha flexibilidade e esteja preparado para lidar com os diferentes acontecimentos emergidos no cotidiano escolar. Para realizar trabalhos que contemplem a Orientação Sexual, é preciso preparar-se, quer através de aprofundamento teórico, quer pela revisão dos próprios conceitos e posturas a respeito da sexualidade.

Para não cair no erro de reduzir a Orientação Sexual a mero roteiro de aspectos biológicos e moralistas, como acontece freqüentemente, é importante que se repense a formação dos professores que irão atuar nesta área. Cursos, palestras, treinamentos ajudarão estes profissionais a se atualizarem e se sentirem seguros para abordar este assunto tanto em sala de aula como na realização de trabalhos com os pais e com os demais professores. Já existem alguns cursos de extensão sobre sexo e sexualidade e também, assessorias sistemáticas, porém, são poucos e insuficientes face à demanda e à urgência destes trabalhos nas escolas.

Existe, em algumas escolas, uma preocupação muito grande em relação à construção de projetos e estratégias sobre a abordagem da sexualidade no ambiente escolar. É importante que ela se efetive num caminho que tenha como vertente a expressão do pensamento e dos sentimentos dos alunos, para, com um novo olhar, poder avançar e contribuir para a construção de um ser humano autônomo e realizado.

Para abordar a educação sexual, a escola poderia criar comitês, formados pelos adolescentes e orientados por adultos. Seriam espaços de discussão fortalecedores da troca de informações e vivências, possibilitadores de esclarecimentos.

Ao longo deste estudo sobre a questão da sexualidade, transparece o quanto a educação está enraizada no paradigma positivista. O que o aluno pensa ou sente pouco é levado em consideração. Acredito que num enfoque mais humanista, numa proposta de trabalho coletiva e participativa, fundamentada numa abordagem fenomenológica, na qual se respeitem, se resgatem os sentimentos, se atenda aos significados das vivências e os desejos dos adolescentes, alcançaremos propostas mais humanizantes e humanizadoras. Acredito que, desta forma, teremos um menor número de alunos excluídos do sistema escolar e um maior número de sujeitos mais realizados no contexto social.

Propostas renovadas de educação sexual que inclua encontro de pais e atividades participativas devem estar inseridas no cotidiano da escola. Habermas (1989) alerta que é preciso salvar o “*mundo da vida*” pois a organização social se estrutura e se mantém através de mecanismos de relação e de comunicação. Propõe que se busquem formas de consolidar as relações humanas, num fazer comunicativo. Esta interação precisa se caracterizar pela eliminação de todas as formas de coação externa e interna. É necessário que o indivíduo se construa na sua totalidade e que possa interagir com o outro, encontrando sua auto-realização. E isto, obviamente, se aplica também ao ambiente escolar.

Toda a expressão de sentimentos contém uma mensagem, nem sempre apreendida por quem a recebe. Ela está eivada de múltiplos significados. Aprende-se a decodificá-los no cotidiano, na leitura dos gestos, nas expressões do rosto, no tom de voz, nos tipos de reação e no comportamento expresso. Este estudo contribui para entender que o mundo da vida emerge de uma teia de relações, mescladas por sentimentos que se traduzem em conflitos, rupturas, aproximações, alegrias, tristezas, falas, silêncios – quer no ambiente familiar quer no escolar. Nestas relações, fatos vividos no passado ressurgem no presente projetando o futuro.

Ousar – propor-se a transpor barreiras, rompendo com o que está pronto e acabado - é uma premência inquestionável. Tanto a quantidade de questões levantadas pelos adolescentes, como as várias sugestões por eles expressas apontam para a urgência de um trabalho dinamizador. Os jovens estão sedentos de conhecimento e esperam que a escola se constitua num espaço de esclarecimento, orientação e diálogo. Omitir, reprimir e ignorar devem ser superados. A questão de ordem passa a ser construir, dinamizar, dialogar e saber ouvir. Isso passa pelo estabelecimento de relações de parceria quer entre professores e alunos, quer entre pais e professores, numa dimensão informativa e preventiva.

Se no início da pesquisa tinha a pretensão de entender os significados das vivências dos adolescentes, ao concluí-la, tenho a ousadia de propor:

⇒ - a inclusão urgente da Orientação Sexual nas escolas, havendo a necessidade de ser discutida, refletida e trabalhada com profundidade pelos educadores;

⇒ - a inclusão efetiva da Orientação Sexual como tema transversal no currículo escolar, estimulando o debate sobre a sexualidade nas diferentes disciplinas;

⇒

- ações que visem esclarecer e ajudar os adolescentes na compreensão da sexualidade;
- ⇒ - criação de cursos de capacitação, de extensão ou disciplinas nos cursos de graduação e pós-graduação, preparando os profissionais para interagir na escola e na comunidade com esta temática;
- ⇒ - realização de projetos, como oficinas pedagógicas de sexualidade, que respondam aos questionamentos dos alunos, desde as séries iniciais do ensino fundamental até as séries finais do ensino médio;
- ⇒ - promoção debates e reflexões, entre professores, pais e alunos, num processo participativo e dialógico, numa dimensão informativa e preventiva;
- ⇒ - encontros sistemáticos de Orientação Sexual, com os alunos na escola, observando que os meios empregados sejam atuais e reflitam a realidade dos jovens;
- ⇒ - trabalhos de pesquisa que ajudem a repensar a caminhada e orientar pais, professores e adolescentes, e que subsidiem a formulação da proposta político-pedagógica da escola;
- ⇒ - a dinamização de grupos de pais, nos quais, eles próprios possam organizar propostas de trabalho, interagindo com a comunidade escolar.

Considero este trabalho mais um passo na conscientização para a implementação da Orientação Sexual nas escolas. Desejo prosseguir neste rumo, como tenho feito até agora, compreendendo os sentimentos, o mundo vivido dos adolescentes e instigando a construção de propostas de trabalho mais efetivas que contemplem os desejos por eles revelados.

Mobilizada pelos relatos dos adolescentes, no que diz respeito a suas vivências, bem como, pelos desvelamentos encontrados nesta investigação, tenho me preocupado em dialogar e debater este assunto com adultos e jovens, em palestras, encontros e oficinas, oferecendo subsídios para que avancem em propostas mais efetivas. Tenho mostrado a importância e a urgência da implementação, da Orientação Sexual, no espaço escolar, bem como, a dinamização de projetos e ações, criando espaços de discussão.

Acredito que atingido este objetivo, o adolescente não terá mais necessidade de expressar suas angústias e desejos nas portas dos banheiros, em bilhetes e desenhos provocativos, em atitudes apelativas e de desequilíbrio, mas poderá fazê-lo, em sala de aula, orientado por um educador. Este será o diferencial: o espaço de interação entre adolescentes, pais e professores, no qual o jovem sintá-se próximo a alguém aberto e flexível, que o apóie e ajude na sua construção vital.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ABERASTURY, Arminda, KNOBEL, Maurício. **Adolescência Normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- ARROYO, Miguel. Fracasso – sucesso. O peso da cultura escolar e do ordenamento da Educação Básica. In: **Para Além do Fracasso Escolar**. Campinas. São Paulo: Papirus, 1997.
- AVANZINI, G. **O Tempo da Adolescência**. Lisboa: Edições 70, 1980.
- BEE, Helen. **O Ciclo Vital**. Porto Alegre: Artes Médicas.1997.
- BÉRIA, J., BARROS, A. O Gel Lubrificante no Uso do Preservativo. In: BÉRIA. J. **Ficar e transar... a sexualidade do adolescente em tempos de AIDS**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1998.
- BÉRIA, Jorge. **Ficar, Transar... a Sexualidade do Adolescente em Tempos de AIDS**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1998.
- BERNARDI, M. **A Deseducação Sexual**. São Paulo: Summus, 1985.
- BERTRAND, Yves, VALOIS, Paul. **Paradigmas Educacionais: Escolas e Sociedades**. Lisboa: Horizontes Pedagógicos e Instituto Piaget, 1994.
- BLOS, Peter. **Adolescência: uma Interpretação Psicanalítica**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- _____. **Transição Adolescente: Questões Desenvolvimentais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

- BÖCK, Vivian Rose. **Professores e Psicologia Aplicada na Escola**. Porto Alegre: Kinder, 1996.
- BORGES, Cecília., TEIXEIRA, Ana Maria. A prevenção da AIDS nas escolas e o papel dos professores. In: BÉRIA, Jorge. **Ficar, Transar... a Sexualidade do Adolescente em Tempos de AIDS**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1998.
- BRANDEN, Nathaniel. **Auto-Estima: Como Aprender a Gostar de Si Mesmo**. 5ª ed. São Paulo: Saraiva, 1992.
- BREPOHL , Margareth Novaes. **Gravidez, Parto e Saúde Mental**. Revista Psicologia Criança Atual . Ano V, nº 29 (12-18), dez, 1983.
- BRITZMAN, Deborah. **O que é esta Coisa Chamada Amor**. Educação e Realidade. vol 21 (1) . jan-jul. 1996.
- CAMINHA, Renato. **Curso Debate Violência Doméstica**. Jornal local, Correio do Povo. 2000, maio, 1º , Seção Serviços/Geral, p. 18 .
- CAPALBO, Creusa. Metodologia da Entrevista. In: CARVALHO, Anésia de Souza. **Metodologia da Entrevista. Uma abordagem Fenomenológica**. Rio de Janeiro: Agir, 1987.
- CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida – Uma Nova Compreensão Científica dos Sistemas Vivos**. São Paulo: Cultrix, 1997.
- CARVALHO, Anésia de Souza. **Metodologia da Entrevista uma Abordagem Fenomenológica**. Rio de Janeiro: Agir, 1987.
- CHAGAS, Eva R. Carrazoni. **Principais Características Pessoais e Profissionais do Educador para a Saúde que Atua na Área da Educação Especial: Problemática de sua Formação**. Dissertação de Mestrado, Porto Alegre: E.R.C.C., 1990.

COMIOTTO, Mirian Sirley. **Adultos Médios: Sentimentos e Trajetória de Vida.** Porto Alegre: UFRGS, 1992. Tese (Doutorado em Educação) FAGED Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

_____. **Método Fenomenológico em Pesquisa Educacional.** Apontamentos do Seminário. PPGE, Porto Alegre: PUCRS, 2000.

_____. **Percepção e Sentimentos.** Apontamentos do Seminário. PPGE, Porto Alegre: PUCRS, 1999.

CORREIO DO POVO. **As Drogas Atacam no Veraneio.** 13 de janeiro 2000. p. 22.

COX, Gill. Apresentação. In. STEARNS, Anny Kaiser. **Faça as Pazes com a Vida. Aprendendo a Conviver com as Perdas.** 2ª ed. São Paulo: Saraiva.

DELORS, Jacques. **Educação: Um Tesouro a Descobrir.** São Paulo: Cortez: MEC: UNESCO.1999. 2ªed.

ENDERLE, Carmem. **Psicologia da Adolescência: uma Abordagem Pluridimensional.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

ENGERS, Maria Emília Amaral. Pesquisa Educacional: Reflexões sobre a abordagem etnográfica. In: ENGERS, Maria Emília Amaral (org.) **Paradigmas e Metodologias de Pesquisa em Educação.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994. p. 65-74.

ERIKSON, Erik. **Identidade, Juventude e Crise.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

_____. **O Ciclo de Vida Completo.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FERRARI, Alceu. **Escola e Produção do Analfabetismo no Brasil.** Educação e Realidade. Porto Alegre. 12 (2): 81-96, jul./dez., 1987.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Berta Weil. **O Cotidiano do Adolescente**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Pedagógica**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. **Pedagogia da Esperança, em Reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREUD, Sigmund. **Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade**. (1905) Obras completas, vol. VII, Rio de Janeiro: Imago, 1972.

FURASTÉ, Pedro A. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico. Que Todo Mundo Pode Saber, Inclusive Você**. Porto Alegre: s.n., 2000.

GALE, Jay. **O Adolescente e o Sexo. Um Guia para os Pais**. São Paulo: Best Seller, 1989.

GIORGI, Amadeo. Phenomenological Method as a Qualitative Research Procedure. In: **Journal of Phenomenological Psychology**, nº 28, ano 02, p.248ss, 1997.

_____. **Phenomenology and Psychology e Research**. Pittsburga: Duquesne University Press, 1985.

_____. **Psicologia como Ciência Humana**. Belo Horizonte: Interlivros, 1978.

GOLDBERG, Maria Amélia. **Educação Sexual. Uma Proposta um Desafio**. São Paulo: Cortez, 1988.

GRAU, Juan. **El Mundo de las Piedras Preciosas**. Buenos Aires: Oikos, 1973.

GUADERER, Christian. **Sexualidade na Adolescência.**(s/d, s/l)

GUIA DE ORIENTAÇÃO SEXUAL: **Diretrizes e Metodologia da Pré-escola ao 2º Grau.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

GUIMARÃES, Isaura. **Educação Sexual na Escola: Mito e Realidade.** São Paulo: Mercado de Letras , 1995.

HABERMAS, Jürgen. **Consciência Moral e Agir Comunicativo.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

HAMACHEK, Don. E. **Encontros com o Self.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Interamericana, 1979.

HELLER, Agnes. **Teoria de los Sentimientos.** Barcelona: Fontamara, 1982.

KALINA, Eduardo, KOVADLOFFS. **Drogadição. Indivíduo, família e sociedade.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

_____. **Drogas Terapia Familiar e Outros Temas.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

KALINA, Eduardo. **Viver sem Drogas.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

LEAL, O., RIETH, F. Ficar, namorar: desvendando práticas e representações adolescentes sobre sexualidade. In: BÉRIA, J. **Ficar e Transar... a Sexualidade do Adolescente em Tempos de AIDS.** Porto Alegre: Tomo Editorial, 1998.

LIDZ, T. **A pessoa e seu Desenvolvimento Durante o Ciclo Vital.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

LOPES, Caho. **A Informação é o Melhor Remédio Contra as Drogas.** Mundo Jovem. Porto Alegre: 1996, p.12.

LOUREIRO, Almilcar. CAMPOS, Silvia. **Guia para Elaboração e Apresentação de Trabalhos Científicos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero Sexualidade e Educação - Uma Perspectiva Pós-Estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **Educação e Relações de Gênero**. Em Pauta. Rio de Janeiro. N.5. jun, 1995. p.5-15.

LOWEN, Alexander. **O Corpo Traído**. São Paulo: Summus, 1979.

MALDONADO, Maria Teresa. **Casamento: Término e Reconstrução**. Petrópolis: Vozes, 1986.

MARCELLI, BRACONNIER. **Manual de Psicopatologia do Adolescente**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1989.

MAY, Rollo. **O Homem à Procura de si Mesmo**. 11ªed. Petrópolis: Vozes, 1985.

MELLIE, Uydert. **A magia das Pedras Preciosas**. São Paulo: Pensamento, s/d.

MELO, Sônia Maria Martins. **Por uma Pedagogia Sexuada**. Revista Prospectiva. n ° 24. Porto Alegre . 1997.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Rio de Janeiro. Trad. Freitas Bastos, 1971.

MILANI, Feizi. **O Adolescente, a Escola e a Família: um Sistema Integrado**. Revista de Educação n° 10, 1996.

MONTORO, Gilda. **Vínculo Mãe-Filho: Aqui Nasce a Capacidade de Amar**. Revista Psicologia Atual. Ano V, n° 26, junho, 1982, (29-32) .

MORAES, Roque. **Fenomenologia: Uma Introdução**. Revista Educação. Porto Alegre: ano XVI, n.24, 1993,p.15-24.

MOSQUERA, Juan José Mouriño. **Psicodinâmica do Aprender**. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 1984.

_____. **Psicologia Social do Ensino**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 1977.

NÓVOA, Antônio. Vidas de Professores. In. HUBERMAN, M. **O Ciclo de Vida Profissional dos Professores**. Porto: Porto Editora,1992.

OSÓRIO, Luiz Carlos. **Adolescente Hoje**. Porto Alegre: Artes Médica, 1989.

OUTEIRAL, José. **Adolescer: Estudos Sobre a Adolescência**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1994.

PADRÃO REFERENCIAL DE CURRÍCULO: **Temas de Relevância Social, Ensino Fundamental**. 1ª versão, SEC, RS. Porto Alegre. 1998.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **Apresentação dos Temas Transversais e Ética**. v.8. MEC. Brasília. 1997.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **Pluralidade Cultural e Orientação Sexual . Temas Transversais**. v.10. MEC. Brasília. 1997.

PAVIANI, Jayme. Merleau-Ponty: A Fenomenologia e as Ciências do Homem. In: **Seminário sobre Pesquisa Fenomológica nas Ciências Humanas e Sociais**. Rio de Janeiro: ANPESS e CBCISS, Ano I, nº 1, 1990, p.23-42.

PIVATTO, Pergentino. **Paradigma Fenomenológico**. Educação nº 32. Porto Alegre: EDIPUCRS, ano XX, 1997, p.7-30.

RAPPAPORT, Clara R., FIORI, Wagner. DAVIS, Cláudia. **Psicologia do Desenvolvimento: A Idade Escolar e a Adolescência**. Vol. 4. São Paulo: EPU, 1982.

_____. **Teorias do Desenvolvimento: Conceitos fundamentais**. Vol. 1. São Paulo: EPU, 1981.

RECHE, Cleonice Carolina. **Educação Sexual e Deficiência Mental**. Revista de Educação Especial no.6, 1º Semestre, 1998.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Educação Sexual Além da Informação**. São Paulo: EPU, 1990.

RIETH, F. Amor e Sexualidade. In: Béria, J. **Ficar e Transar... a Sexualidade do Adolescente em Tempos de AIDS**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1998.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Educação Sexual na Escola**. Cadernos de Pesquisa, nº 53, São Paulo, p. 11-19, maio 1985.

ROTENBERG, Mauro. **Educação: Um Convite ao Momento da Vida**. Porto Alegre: PUCRS, 1999. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

SCHMIDT, Athos Pereira. **Sobre a Questão da Sexualidade do Deficiente Mental**. Manual do Curso da Capacitação de Recursos Humanos em Síndrome de DOWN. Brasília: Distrito Federal.1998.

SEBASTIANY, Joyce. **O que Você Deve Saber Para Implantar a LDB**. Porto Alegre: Edicom, 1997.

SHEEHY, Gail. **Novas Passagens – Crises Previsíveis da Vida Adulta**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985.

STEARNS, Anny Kaiser. **Faça as Pazes com a Vida – Aprendendo a Conviver com as Perdas**. 2ª ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

SULLIVAN, Kevin. **A Magia dos Cristais: A Descoberta Consciente do Poder das Pedras**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1987.

SUPLICY, Marta. **Educação Sexual: Verdade ou Moral?** Folha de São Paulo, 14/06/1981, p. 3.

____. **Sexo Para Adolescentes**. São Paulo: FTD, 1988.

TEIXEIRA, A.M., BORGES, C.M. A prevenção da AIDS nas escolas e o papel dos professores. In: BÉRIA, J. **Ficar e Transar... a Sexualidade do Adolescente em Tempos de AIDS**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1998.

THUMS, J., KIELING S. **Reflexões sobre uma Educação Sexual: Análise de um Estudo Exploratório**. Educação Periódicos. Porto Alegre. PUC. v.1, 1990, p. 37 a 45 Mestrados em Educação.

TIBA, Içami. **Respostas sobre Drogas**. São Paulo: Scipione. 1994.

____. **Sexo e Adolescência**. São Paulo: Ática, 1992.

VASCONCELOS, Naumi. **Amor e Sexo na Adolescência**. São Paulo: Moderna, 1985.

VEIGA, Semiramis G. **Buscando Paradigmas Indicadores da Interdisciplinaridade no Processo de Construção do Sujeito Sexuado na Escola**. Porto Alegre: UFRGS, 1996 Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

VITIELLO, Nelson, CONCEIÇÃO, Isméri. **O Exercício da Sexualidade na Adolescência**. Revista Brasileira de Sexualidade Humana II nº 1, 1991, p.15-23.

VITIELLO, Nelson. **Os Pais Estão Confusos**. Revista Veja. Editora Abril. ed. 1633. ano 33. nº 4 , 26 de janeiro de 2000. p.. 122-128.

ZAGURY, Tania. **O Adolescente por ele Mesmo**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

ZILLES, Urbano. Edmundo Husserl e o Movimento Fenomenológico. In. Seminário sobre **Pesquisa Fenomenológica nas Ciências Humanas e Sociais**. Rio de Janeiro: 1990.

_____. **Teoria do Conhecimento**. Porto Alegre: EDIPUCRS., 1994.

A N E X O S

ENTREVISTAS DOS ADOLESCENTES

Anexo A – Quartzo (15, M).....
Anexo B – Hematita (16, F).....
Anexo C – Opala (16, F).....
Anexo D – Água-marinha (15, M)....
Anexo E – Turmalina (16, M).....
Anexo F – Cristal de Rocha (15, F).....
Anexo G – Jaspe (14, M).....
Anexo H – Água-de-Fogo (16, M)
Anexo I – Malaquita ((14, F)
Anexo J – Ametista (15, F)
Anexo K – Ônix (14, M)

Quartzo (15, M)

Este ano, por mais que eu me esforce, não consigo ter vontade de estudar, de vir para a escola. Cheguei no meu limite, estou desistindo, não adianta mais querer continuar, não tenho mais estrutura para agüentar. São vários os motivos que me afastam do colégio: uns dizem respeito ao meu momento de vida outros à própria incompetência da escola.

O problema maior é que eu não gosto deste colégio aqui. É um lugar que só tem gente “*de cabeça muito pequena*” e eu estou acostumado a conviver com pessoas de mais idade. Sinto-me mal aqui dentro, me sinto diferente. Na minha aula, por exemplo, tem gente maior, mas só de tamanho, não de cabeça.

Outra coisa que me afasta bastante da escola é o cansaço, porque eu treino de segunda a sábado, das catorze às dezoito horas, chego de noite em casa, caio exausto na cama e tenho um desânimo muito grande para vir à escola pela manhã.

Em relação à aprendizagem, não estou bem em duas matérias, nas demais não há problemas. Só que agora estou mais desanimado do que eu já estava no início do ano, porque a professora disse que eu já estou rodado. Sendo assim, não consigo vir à escola, já tenho um número de faltas muito grande, não adianta mais vir. Eu tenho quase certeza de que não vou passar de ano, então resolvi parar de estudar. Eu acho ruim esta decisão que eu tomei de parar de estudar este ano, minha namorada também acha. Eu tenho a convicção de que não adianta mais. Ficar no colégio sabendo que vou rodar, é horrível. Eu sinto também a pressão da escola, já que eu não estou acompanhando igual aos outros é melhor que eu me afaste dela. Nas séries anteriores não tive problemas, este ano, na oitava série, mudei muito.

Em relação a escola eu não sei o que falar. Algumas professoras, me incentivam para não deixar de vir. Eu também tento me ajudar mas não consigo. Acho que a escola não falhou comigo, eu falhei com ela.

Acabei me prejudicando muito na escola porque eu saía todos finais de semana, chegava tarde, dormia até as 17 horas no sábado, acordava e saía novamente. Era festa e festa. Na segunda-feira, tinha aula de educação física e como estava quase morto de cansaço, não conseguia vir para a escola. Este é um dos motivos pelos quais já estou praticamente reprovado. Eu ia trazer um atestado comprovando que faço exercícios físicos no clube de futebol, mas a professora não aceitou - que eu saiba, é o único colégio que não aceita esta comprovação. Este é outro motivo por que não gosto deste colégio, não suporto falar com a direção. Digo para todo o mundo que este é um colégio muito pequeno para ter tantas regras, é um absurdo o que fazem aqui dentro.

Há algum tempo atrás, chamaram minha mãe. Viemos eu e ela, trouxemos o atestado do clube de futebol. A direção disse que não o teria aceito, mesmo se tivesse sido entregue no início do ano. Hoje, com tantos problemas, praticamente abandonei a escola. Estou mal em notas em matemática, ciências e história. Minha mãe diz que se eu não quero mais ir para a escola, que desista de uma vez.

Minha vida, até há algum tempo, era só futebol, festas e muito pouco de escola. Agora houve uma pequena mudança, pois estou namorando e por isso já não tenho saído tanto, fico em casa namorando, muito mais aquietado. No começo estávamos só ficando mas daí vimos que podíamos namorar, começamos e continuamos até hoje. Como ela mora perto da minha casa, nos vemos diariamente. Algumas vezes saímos e vamos a uma festa.

Namorar faz bem, me sinto feliz. Meu objetivo neste momento é continuar a namorar, me distraindo, saindo. Esta menina é minha primeira namorada, nunca fui de namorar antes, não me interessava. Mas aí eu vi que valia a pena, então comecei. Faz bem namorar, se está junto com aquela pessoa de quem se gosta e isso é bom. Quando estamos namorando, ficamos mais próximos um do outro. Nos sentimos apoiados, sabemos que a pessoa que está do nosso lado gosta de nós e isso faz bem.

Minha primeira transa aconteceu antes de eu começar namorar e foi muito engraçada. Foi uma coisa que não era nem para fazer, nem foi bem uma transa, foi por aí, mais ou menos. Ocorreu quando eu fui a um sítio com meus amigos e lá fizemos uma festa. Eu, até então, só tinha ficado com esta menina. Neste dia, ficamos num canto isolados e aí tudo começou e aconteceu. Não representou nada para mim, porque a gente mal se conheceu, ficamos um tempo aí e ficou por isso. Nesta época eu estava na 5ª série, tinha doze anos. Este incidente não teve maiores repercussões, ficou só nisso.

Em seguida, comecei a ficar com outra menina e daí a gente foi ficando um mês, dois e rolou de novo. Transei sem camisinha, resultado: a menstruação dela atrasou e eu fiquei com a consciência muito pesada, não conseguia nem dormir direito, fiquei muito ruim, é horrível. A partir daí, prometi usar camisinha, é uma necessidade para evitar AIDS e outras doenças que são transmitidas pelas relações sexuais. Mas naquele dia a minha maior e única preocupação era de ter engravidado a menina, foi horrível. Só pensava como ficaria a minha vida e a vida dela, por causa de alguma coisa, que foi feito sem pensar. Foram longos dias de espera, até a menina ficar menstruada. Quando ela menstruou, da mesma forma que o sangue desceu, desceu da minha cabeça a preocupação. A partir daí, tomei uma determinação de nunca mais transar sem camisinha. Foi horrível, eu imaginava tudo, eu tinha quase certeza que ela estava grávida, quando ela menstruou me deu um alívio indescritível.

Em outra ocasião quase transei com uma pessoa muito amiga. Já estávamos ficando há um tempão, acho que quase uns cinco meses. Só não transamos naquele dia porque não tinha camisinha na hora. Hoje, pensando, eu acho que foi bom não ter acontecido, porque a amizade se altera depois que se entra na intimidade.

Tenho uma posição bem definida, hoje, só transo com camisinha. Isso decorre de uma experiência muito complicada e conflituosa. Esta segunda experiência ocorreu quando eu transei, sem camisinha, com uma garota que estava numa festa comigo. Depois da festa eu e a garota, fomos dormir na casa de uma amiga. Saímos da festa nós dois, mais esta amiga e o namorado. Chegando lá só tinha uma camisinha, precisávamos decidir entre

eu e ele quem a usaria. Tiramos par ou ímpar. Foi tudo num clima de brincadeira. Ele ganhou e eu não pensei nada na hora, não tinha ninguém em casa, a menina aí esperando e foi assim mesmo. É difícil uma menina dormir fora e estava muito fácil e eu não ia perder a oportunidade. Eu tinha consciência de que deveria usar a camisinha, até quase brigamos por ela, mas só tinha uma e não havia outra alternativa. Ao tirar par ou ímpar, a sorte estava lançada, nem avaliei quantos problemas poderiam surgir daí: doenças, gravidez indesejada...

O azar é que a menstruação da menina também atrasou e foi mais horrível ainda, porque foi o segundo caso que aconteceu igual. Novamente uma expectativa e uma espera, só que este fato aconteceu neste ano (1999), na oitava série, no início do ano. Este foi um dos fatores que prejudicou minha aprendizagem na escola. Deve ter sido em março ou em abril, fiquei com medo e muito ruim até o dia em que ela menstruou. Fiquei todo mês pensando naquilo, até vir esta menstruação foi um sufoco. Comecei a faltar muito à aula, só ia treinar. No dia em que transamos fazia dez dias que ela tinha menstruado então ela poderia engravidar, pois estaria em período fértil. Não tinha tempo para pensar, tinha que treinar, tinha que resolver. Fiquei mal, fiquei diferente, não consegui estudar nada. Até no clube de futebol eu fiquei mal, fiquei diferente. É uma preocupação que afeta toda a pessoa.

Relacionando fatos ligados ao sexo com a aprendizagem, só posso dizer que estes problemas atrapalham demais. Foi horrível. Não conseguia me concentrar na matéria, não conseguia chegar a uma conclusão, ficava só pensando naquilo. Tentava tirar alguma conclusão, procurava encontrar respostas, mas não achava uma saída ... Este período, atrapalhou muito minha vida. Foram experiências, difíceis e com certeza muito sofridas.

Em relação à orientação sexual, a escola é muita fraca. Não há ninguém que nos oriente, os professores não falam. Os alunos acham que têm conhecimento do assunto, mas a maioria não sabe nada. Todos dão receitas perfeitas mas na hora tudo é diferente. Se a escola orientasse mais sobre sexo e ensinasse o que precisamos saber, acho que teríamos menos problemas.

Certa vez, a escola nos levou a uma palestra onde falaram sobre sexualidade, como evitar a gravidez, mas foi muito pouco. Conversar sobre este assunto com a turma inteira é muito difícil. Tem uns que falam muitas coisas teoricamente achando que sabem tudo. Tem outros que sabem, mas são muito tímidos. Para falar, tem que ter vivido, não adianta falar e não saber o que aconteceu. Alguns da minha turma são assim, não sabem nada, mas falam muito, até parece que falam por querer aparecer. O que eu sei é o que eu vivi, os outros que não viveram, não sabem nada. De qualquer maneira, é muito importante que a escola trabalhe estas questões de sexualidade para que outros não caiam em situações semelhantes àquelas em que eu me vi envolvido ou, pelo menos, para que tenham conhecimento suficiente para tomarem suas decisões.

Espero que ninguém passe pelo que eu passei. Isto pode acontecer e é até bastante comum ocorrer. Fico pensando quantos, como eu, enfrentaram experiência semelhante, sem necessidade. A menina também ficou muito

mal. Ficou pior que eu e, com certeza, ela se prejudicou também na escola. Hoje, quando nos encontramos, só de olhar para ela, eu lembro do pesadelo que foi. Foi isto o que permaneceu na lembrança. Serviu de lição, de aprendizagem, porque depois, quando surgiu a oportunidade de transar sem camisinha, não mais me arrisquei. Já tinha tido esta experiência muito forte, por isso não “rolou” nada. Hoje eu digo: “até foi bom e me livrou de um problemão. Como é que pode !!”

Meu namoro atual, começou há pouco, questão de dois meses atrás. Fazia um ano que a gente só ficava e agora começamos a namorar. No convívio, fomos nos conhecendo, começamos a gostar um do outro e descobrimos que era bom estarmos juntos, assim resolvemos namorar. E até foi um pouco antes de a gente começar a namorar que aconteceu a primeira transa entre nós. Com esta namorada é tudo seguro, sem preocupações, usamos camisinha. Sendo assim, percebo que isso não está interferindo na minha vida escolar, é até o oposto, ela me incentiva para que eu venha à escola.

Outro conflito entre os jovens são as brigas. Elas resultam de um olhar atravessado ou do excesso de bebida. Eu bebo, mas comedido. Nem todos são assim, vários de meus amigos bebem muito. Alguns não estudam mais, só vivem para se divertir. Quando vão a uma festa, misturam bebidas. São muito boleros, isto é, são muito brigões. Bêbados, tendo tomado muito álcool, não sabem o que fazem. Eles não estudam porque querem só festa, ficar na rua, voltar tarde, se divertir. Acordar cedo não é o bom para eles. Não sei o que pensam seus pais.

Na adolescência, os jovens deveriam ter mais responsabilidades, não ter tanta autonomia para decidirem se querem ou não estudar. Poderiam ter autonomia para fazerem o que querem, mas não relacionado ao estudo. Eu por exemplo, tenho esta liberdade de decidir, eu sei o que quero. Batalho por aquilo que pretendo conseguir. Para o estudo não deveria ser assim. Eu vou parar de estudar, eu não quero mais estudar. Deveria ser obrigatório estudar e ponto final. Estudo é uma das coisas que minha mãe cobra bastante, mas ela acaba aceitando minha decisão porque eu sou jogador, se não fosse nem ela aceitaria e nem eu.

Sinto que fiquei muito sacudido nesta entrevista. Quanto a continuar estudando ou não, de fato, nunca me propus a refletir sobre o assunto e agora estou aqui pensando contigo. Quero deixar para estudar no próximo ano, só que vai ser pior ainda. Terei treino de manhã e de tarde, de segunda a sábado. Precisaré estudar à noite. Fico pensando: “*quais serão minhas condições para estudar à noite?*”

Convivendo com meus amigos, percebo que a cada dia o uso de drogas aumenta. Eu não tenho vontade de experimentar. Acho que é mais fácil entrar para o mundo das drogas do que entrar na escola. Amigos meus “*estão nesta*”, são viciados. Eu acho isto horrível. Eles oferecem drogas para todos os amigos. Aceitar ou não depende de cada um. Mesmo assim, é preciso se manter firme na decisão. Eu poderia ter entrado nesta, porque incentivo tenho bastante, porém nunca tive vontade. Eu não tenho vontade e não quero. Tenho um objetivo maior e tenho muita força de vontade, se não

fosse isso eu não sei o que seria de mim. A droga é prazerosa, o problema são as conseqüências.

Meus amigos não tem limites, estão se afundando nas drogas. Eles jogam futebol na praça, vão para festas, ficam por aí e com isso perderam os objetivos da vida, se atiraram no mundo das drogas. E não são um ou dois, mas são 50, 60 é muita gente. Este grupo de que eu falo são amigos da rua, vizinhos, amigos de festas e nele tem muitas gurias. Até o momento, nenhum deles conseguiu se libertar das drogas, estão todos envolvidos e cada vez mais comprometidos. Quando eu estou junto, eles fumam e me oferecem sempre. Eu falo que não vou entrar nesta “viagem”. Digo para eles não fumarem, mas sempre tem aqueles que dizem: “*agora eu já comprei vou fumar este, vou parar amanhã*”. Percebo que as drogas mais usadas pelos jovens, principalmente por meus amigos, são maconha e cocaína. Na rua, é mais fácil fumar maconha, a cocaína eles cheiram na casa de um ou de outro.

Conversar com meu pai ou minha mãe sobre sexualidade é relativo. Há algum tempo atrás minha mãe me perguntou se eu era virgem, se já tinha tido relações com alguma menina. Na brincadeira, ela falou que é muito nova para ser avó. Eu lhe disse para não se preocupar. Sei que ela ainda me vê como se eu fosse uma criança. Eu, porém, sei que já posso ter decisões de adulto e que estas decisões implicam em acontecer coisas também de adulto.

Quando eu era pequeno, meu pai e minha mãe brigaram e se separaram. Ele se apaixonou por outra mulher. A separação aconteceu, quando eu tinha oito meses. Fiquei só com ela. Nós morávamos em São Paulo, daí acabamos voltando para cá. Meu pai ficou morando em São Paulo. Mais tarde minha mãe casou com outro homem. Este homem que ficou com a minha mãe foi um pai para mim, só que, eles acabaram se separando também. Assim, eu fiquei sem pai mais uma vez. Isso balançou e balançou muito a minha vida. Ela se sente culpada, porque foi neste ano que tudo aconteceu.

Minha mãe acha que a separação dos meus pais é um dos motivos por que eu estou mal na escola. Eu digo que não é culpa dela, que é minha culpa. Com a separação eu me abalei, fiquei triste. E no fundo, no fundo, isto foi e está sendo um baque. Ficar sem pai é horrível. Vivendo todo dia com ele, saindo com ele, jogando bola, convivendo como nós convivíamos, é muito difícil. Não vou deixar de andar com ele. Continuamos saindo, vamos ao jogo, fazemos muitas coisas juntos. Assim mesmo tenho sofrido muito, porque é totalmente diferente. Só o vejo de vez em quando e não mais todos os dias como era antes. À medida que o tempo passa, a gente vai se acostumando, se distanciando ... mas é uma situação muito difícil.

Eu disse para minha mãe que eu tinha sentido bastante a separação. Penso até que eu errei em ter falado. Eu perdi o pai, mas ela também perdeu o marido. Quando eu falei, ela ficou mal, muito ruim, porque para ela também é o segundo marido que perde. Ela se separou dele porque ele tinha outra mulher e tinha um filho com esta outra. Ela deve estar sentindo a falta dele também, não deve ser só o que eu disse para ela. É que tudo aconteceu neste ano que foi e está sendo um ano muito difícil para mim. Sinto falta do

meu pai para conversar. O jeito que ele tinha para falar comigo era uma conversa como se fosse sempre brincadeira. Assim, todos os assuntos mais sérios eu conversava com minha mãe.

Tenho amigos na escola, uma relação difícil. A maioria deles é pouco amadurecida. São ainda muito criança, pode-se contar nos dedos quantos deles tem alguma experiência de vida. Não tenho o mesmo modo de pensar que eles. Por este motivo me afasto. A maioria é completamente infantil e diferente dos meus amigos.

Ah!!acho que foi uma entrevista muito boa, porque consegui desabafar, parece que tirei um peso, consegui falar tudo o que me aconteceu. Foi ótimo. Também me ajudou a falar algumas coisas que talvez não quisesse falar com ninguém. Aqui me senti livre para contar estas coisas. Ser ouvido e ser entendido é maravilhoso.

Eu também consegui pensar em minha vida e percebi que tenho muitas saídas pela frente. Não devo simplesmente aceitar tudo o que vem e passar a me condenar dizendo que só eu errei e fracassei com a escola, ela também tem sua parcela de responsabilidade comigo. Perder um ano por puro desentendimento poderá me trazer sérios arrependimentos. Vou procurar verificar o que ainda posso fazer.

Hematita (16, F)

Estou vivendo momentos difíceis de minha vida, passando por uma fase muito complicada. Faz duas semanas que toda hora mudo de humor. Até os professores tem notado que, na aula, ando muito estranha e distante. A maioria dos conflitos de minha vida iniciou na infância e continua na adolescência. Trago lembranças tristes da infância que me acompanham ao longo de minha vida.

Moro com minha mãe, um irmão mais velho e uma irmã casada e separada várias vezes. Ela tem dois filhos pequenos e mora numa casa junto à nossa, separada apenas por uma porta. Eu não tenho pai. Ele morreu, em 1990, quando eu tinha uns 6 ou 7 anos. Isto aconteceu uma ou duas semanas depois do meu aniversário. Ele tanto nos prejudicou que mereceu morrer. Nunca senti falta dele e até tive problemas por causa disso. Nunca sinto sua falta, mas, às vezes, eu vejo vultos e penso que é ele. Eu realmente não sinto falta do pai. A única coisa boa que ele me deixou foi a pensão e o plano de saúde. Até casar tenho direito a receber e eu não vou casar nunca.

No ano passado fui a uma casa espírita com minha mãe. Ela tem problemas de varizes nas pernas e, na época, ia fazer uma cirurgia pelo espaço. Enquanto ela estava sendo atendida, fiquei no quarto junto a ela. Peguei no sono. Ao acordar, vi dois vultos: um escuro e outro branco. Concluí que o escuro era meu pai. Na casa espírita me explicaram que o vulto branco era meu pai e o escuro um desconhecido. Não sei muito sobre isso. Na minha maneira de pensar, meu pai ainda quer nos prejudicar, por isso ele fica aparecendo em forma de vulto. Ele nunca cooperou conosco. A forma como estamos vivendo atualmente é consequência dos atos de meu pai. Ele fez toda a família sofrer.

Antes de meu pai morrer, minha mãe trabalhava num supermercado e nós passávamos os dias em casa sozinhos ou com o pai. Ele era militar, mas estava afastado por problemas de saúde. Com ele não tínhamos nenhuma liberdade, com ele o regime era bem militar, a disciplina era rígida. Até para tomar água ou um suco precisávamos sentar à mesa. Tínhamos que fazer tudo como ele queria. Uma vez, isso não vou esquecer nunca, eu estava comendo arroz e feijão com o prato na mão, ele chegou na porta e me olhou. Só com aquele olhar o prato voou para o chão. Eu tinha muito medo que ele batesse em mim.

Quando minha mãe chegava do serviço, ele sempre achava motivos para desentendimentos e acabava batendo nela, em mim, no meu irmão. Minha irmã tentava intermediar na expectativa de acalmá-lo e com isso apanhava muito mais. Foram inúmeras às vezes em que vivi esse drama dentro de casa.

Eu e meus irmãos estudávamos neste mesmo colégio. Muitas vezes, o pai não nos deixava vir à escola, nos obrigava a ficar em casa. Minha irmã nos levava para o colégio, mas tínhamos que ir escondido, caso o pai percebesse não nos deixaria ir. Minha irmã era obrigada a ficar em casa, ele não permitia que ela freqüentasse a escola, não a deixava estudar. Era dominada por ele, tinha que cuidar da casa e também servir a comida para nós. E mais do que isso, quando saíamos, ele abusava sexualmente dela e

ninguém sabia. Isso aconteceu quando ela tinha uns doze ou treze anos. Nesta época eu tinha seis anos. Ela não contava para a mãe porque ele ameaçava matar todos nós. Ela tinha muito medo e ficava calada.

Quando a mãe descobriu o que o pai fazia com minha irmã, ela foi mandada para a casa da minha avó. Meu pai começou a segui-la e fazer ameaças para toda família, se ela não voltasse para casa. Isso aconteceu em agosto e em setembro ele morreu. Não sei há quanto tempo ele já abusava dela. Nunca toquei no assunto, nem falei a respeito. Não sei se a mãe falou com ela. Graças a Deus, ele nunca abusou de mim. Eu nem tinha pensado nisso. Só me dei conta quando a mãe comentou que se ele não tivesse morrido a próxima seria eu, era só uma questão de tempo. Eu penso que, com certeza, ele teria abusado de mim. Ele era muito agressivo e violento.

Meu pai era militar, por isso ganhava muito bem. Só que todo dinheiro ia para o jogo. Sempre foi muito problemático. Lembro de uma ocasião em que ele caiu no quartel e bateu a cabeça, ficando com problemas sérios. Foi mandado para o Rio de Janeiro para fazer uma série de exames, mas não melhorou muito porque ele já era meio louco. O problema de não ter dinheiro e de viver sob ameaças fazia parte das nossas vidas. A mãe recebia dois salários, mas ele pensava que era só um. Assim, ela entregava um salário para ele e com o outro ela “*se virava*” para comprar roupa e ajudar em casa.

Certa vez, ela esqueceu de dar para ele o troco de uma conta de luz. Ela estava sentada no sofá junto a mim e ao meu irmão. Ele nem pediu explicações, foi direto nela e deu-lhe um soco no olho, que ficou roxo. Ela tem um dedo quebrado e outro torto por causa dele. Minha mãe tem muitos problemas pelas agressões sofridas. Ela nunca fala do que sofreu, do que passou vivendo com ele.

Ao lembrar estes fatos, me emociono e choro muito como agora. Dou-me conta de quanto minha mãe protegia e ainda protege minha irmã. Comigo ela briga o tempo todo. Faço tudo o que precisa ser feito, mas qualquer coisa errada a culpada sou eu. Para brigar é só comigo. Se pergunto algo, já me agride. Esta proteção com a minha irmã a estraga, ela sempre faz tudo errado. Penso que o que meu pai fez com ela, já não justifica mais. Passaram -se nove anos que o fato aconteceu.

O que me faz sofrer é lembrar como vivíamos, todos os dias sob ameaças e brigas. Elas faziam parte do cotidiano da nossa vida. Um dia, meu pai foi ao supermercado onde minha mãe trabalhava, mostrou a ela duas facas que usaria para matar todos nós naquela noite. Ela, ao sair do trabalho, avisou minha avó. Ela morava longe da nossa casa. mas vinha passar as noites escondida no meu quarto, vigiando. Caso acontecesse alguma situação inusitada, estaria ali para interferir.

Minha mãe, ao chegar em casa, encontrou meu pai bebendo cerveja com um amigo. Contou-nos o ocorrido dizendo que não poderíamos dormir, porque ele havia feito ameaças e estava com duas facas na cintura. Ele sentado no sofá conversava com o amigo. Eu sentei no colo dele ,enquanto meu irmão procurava se tinha alguma faca. Não encontramos nada. Muito inocente falamos para a mãe que não tinha nenhuma faca ali. Ele percebeu.

Era o início de uma noite interminável. Poderíamos estar todos mortos porque ele dizia sempre que nos mataria a todos, meu irmão, minha mãe, a mim. Depois ele iria na casa de minha avó e mataria todos lá. Ele dizia que depois de matar minha irmã, a picaria e a colocaria numa caixa de sapatos. Era justamente este o medo que minha irmã carregava.

Nesta noite, acabei dormindo. Não sei bem o que ocorreu. Apesar de tudo o que aconteceu não lembro de nada. Só sei que minha avó deu com uma barra de ferro na cabeça de meu pai e, com isso, abriu seu crânio. Depois, ela o degolou com um fio de náilon. Não lembro de nada, acho que estava dormindo. Sei que quando me dei conta tudo já tinha acontecido. Pegamos um táxi e fomos para a casa de minha avó. Neste ínterim, ela fugiu, porque pensou que seria presa. Fomos enterrá-lo, numa cidade do interior. Ficamos pouco tempo lá, pois os parentes dele queriam bater na minha mãe.

Do ocorrido naquela noite, só sei que minha avó o atacou porque ele tentara matar minha mãe. Eu não sei como aconteceu. Tenho certeza que a história não está bem contada. Meu pai era um homem alto, forte; minha avó e minha mãe eram mais baixas. Ninguém explica o que ali aconteceu. Acho que só elas sabem a verdade. Há uns dois ou três anos atrás, eu perguntei para minha mãe sobre a morte do meu pai, mas ela não acrescentou nada. Ninguém toca no assunto. Sempre soube que ele foi uma pessoa muito má. Viemos do interior para a capital porque lá ele matou uma pessoa.

Eu tenho também uns três ou quatro irmãos por parte de pai. Outro dia eu estava conservando com a esposa de um deles e ela me perguntava se eu sabia o que aconteceu de fato aquela noite. Eu só sei a versão que todos sabem. Mas penso que não foi como está sendo contado. Pelo fato de meu pai ser um homem grande, as duas juntas não dariam conta, ele se debateria e as derrubaria. Deveria ter mais alguém para ajudá-las e alguém muito forte.

Minha avó tem um marido, ele é muito quieto, não fala, até parece ter medo da verdade. No último julgamento que aconteceu em 1994, minha avó foi, mas ele sempre evitou, sempre deu um jeito de não ir. Ficava muito nervoso e não ia. Pode ter sido ele que ajudou a mãe e a avó. Minha irmã também teve que depor em todos os julgamentos, penso ter sido bastante difícil para ela. O promotor estava tentando incriminar minha mãe, ele queria que ela fosse presa, mas nem a avó foi detida, porque o juiz deu a sentença como legítima defesa.

Na época da morte do meu pai, eu e meu irmão iniciamos um tratamento com uma psicóloga. Um era atendido antes e outro logo depois. Durante um período de dois ou três anos, não falhávamos nenhuma quinta-feira. Mas a impressão que eu tinha era que íamos lá só para brincar e que aquilo não ajudava nada. Hoje, percebo que cada brinquedo que pegava expressava e significava o que estávamos vivendo. Na época não entendia isso, tanto é que não quis mais ir, acabei desistindo. Agora tenho, novamente, uma consulta marcada, vou fazer uma avaliação para continuar o tratamento. Eu quero, eu preciso ir, preciso resolver meus problemas. Meu irmão, ao contrário, se nega a buscar ajuda.

Durante toda vida a mãe sempre procurou dar o melhor para nós. Ela tem lutado na justiça, há nove anos, pelo direito de receber a pensão do exército. O problema é que meu pai não estava casado legalmente com ela e isso dificulta muito. Foi aberto um processo que está tramitando na justiça. O advogado diz que agora é só aguardar o veredito final, mas é justamente isso que demora.

A mãe tinha um trailer alugado, onde vendia almoços e lanches. Atualmente ela está encostada. Atualmente, vivemos com o dinheiro que eu e meu irmão recebemos da pensão, mas as despesas são muitas. Se meu pai tivesse casado oficialmente, com minha mãe, ela, automaticamente, receberia o dinheiro. Foram anos de convivência e de sofrimento ao lado dele e hoje não precisaríamos passar por tudo isso: falta de dinheiro, falta de um lugar para morar... Minha vida em função das constantes mudanças de casa tem sido muito difícil. Sempre fui de fazer amizades, de ter um grupo. Mas ficar mudando de endereço, acarretou muitos problemas e dificuldades. Resolvi não fazer mais amigos onde morasse, porque depois eu iria embora e perderia todos eles. Assim, morei um ano em cada lugar, mas não fiz amizades com ninguém, só algumas no colégio e agora nem estas.

Deste colégio já saí uma vez porque mudei de casa. Voltei uns anos depois, mas não fiz amizades. Tenho me afastado muito delas, estou num período de ficar só. Tenho medo de fazer amizade. Faço amizade com facilidade, mas como estou sempre me mudando, acabo sofrendo. Por isso, prefiro andar sozinha. Às vezes, também, fico irritada pela maneira como as colegas agem, não se interessam pelas aulas, não se interessam por nada, só ficam brincando. Eu gosto de aprender e elas não.

Mudei muitas vezes de casa na minha vida e isso me fez e faz sofrer terrivelmente. Comecei minha adolescência em Viamão onde eu morei três anos. Tinha muitos amigos. Depois que mudei, todo final de semana voltava para rever os amigos. Às vezes, eu ia no sábado e voltava no domingo de manhã. Ao voltar de lá, ou quando não ia, ficava dentro de casa, não saía para a rua, não queria conhecer outros amigos.

Trocar de casa, trocar de escola, tantas mudanças me fazem perder os amigos. Acabo ficando só. Estas alterações na minha vida, são decorrentes de morar em casa alugada. Ao final de cada ano o contrato precisa ser renovado e como o aluguel sobe muito, temos que sair e ir para outro lugar.

Quando eu era pequena morei em Viamão, na casa de minha avó. Depois, na Vila Santa Isabel, no Partenon, na Santa Isabel, na parada 4 de Viamão, em São Tomé, na Vidal de Negreiros, na 1º de março, na parada 44 e onde moro hoje. Pela seqüência dos locais pode se ver o número de mudanças sofridas. Foram 11 casas, a décima segunda é a atual. Em algumas voltei duas vezes. Aos quatro anos de idade, já havia morado em duas casas, no interior, antes de vir para Porto Alegre. Este é o motivo por que tenho tantos problemas em fazer amigos. Ao mesmo tempo em que mudo de casa e escola, perco os amigos. Nunca consigo fazer vínculos fortes, eles se quebram a cada mudança. É um sofrimento muito grande.

Este é o motivo pelo qual decidi não fazer mais amizades. Acabo ficando só e, algumas vezes, me sinto muito triste.

Durante este período, tive uma grande amiga, realmente .Ela me ouvia, me apoiava, tinha paciência, me entendia... Só que ela também foi embora, nunca mais nos vimos. As gurias aqui da minha sala de aula são muito cínicas. A única com quem me dou “*super bem*” é a que senta ao meu lado, a gente se entende. Com as outras, numa hora elas são minhas amigas, em outra armam confusão. Quase briguei com duas delas, por causa da falsidade. Nunca corro atrás de amigas que são falsas. Quando elas se dão conta que estão erradas, acabam vindo me procurar e falam comigo novamente. Tenho que me cuidar, sei que são cínicas. Por isso não me dou com muita gente aqui do colégio.

Como estou concluindo a oitava série, terei que mudar de escola novamente no próximo ano. Vou estudar em outro lugar, não sei ainda onde. Com certeza, vou ter problemas em qualquer colégio que eu entrar .

Penso que, a respeito de assuntos ligados a orientação sexual, a escola poderia ter nos ajudado mais, conversado mais com a gente. Poderia ter uma orientadora para dialogar, nos ajudar a entender e resolver muitos problemas...Poucos se preocupam em nos ajudar, o ideal seria que procurassem nos auxiliar na escolha do caminho certo. Deveria ser assim, ter uma sala para este trabalho. Um dia iria um grupo, outro dia, outro grupo, até se acostumarem e poderem falar abertamente sobre o assunto. Eu tenho certeza que poderia ter sido ajudada neste assunto, mas sempre foi muito pouco o que a escola ensinou..

A orientação sexual deveria incluir todos os alunos desde os pequenos. Numa turma de 5^a, 6^a série, por exemplo, os alunos são ainda muito criança. Mesmo assim, dependendo do que vai ser tratado, eles começam a falar e a perguntar, vão aprendendo e se familiarizando. Quando retornei a este colégio, teve uma aula sobre orientação sexual, só para meninas e aberta para todas as meninas da 6^a série. Tinha muitas gurias que queriam perguntar, mas com muita gente ninguém fala. Sempre tive uma boa cabeça, sempre tive muito conhecimento sobre sexo, adquirido de revistas e um pouco, mas muito pouco da escola.

Na escola é difícil os professores cederem um espaço para podermos conversar. Os professores não tentam ajudar. Nem na escola nem em lugar algum poderia ter períodos vagos, todos eles deveriam ser preenchidos com aulas de formação. Normalmente em sala de aula a gente não fala, não faz perguntas. Têm os guris e ficamos com vergonha. Quando a professora de ciências começou a explicar sobre o aparelho reprodutor, eu falei abertamente, mas têm as colegas que não falam, ficam inibidas.

Tive algumas dificuldades na aprendizagem. Quando meu pai morreu, fiquei bastante prejudicada na escola. Lembro que, naquele ano, acabei tendo que mudar de casa. Fui morar longe da escola e por isso chegava atrasada todos os dias. Meus colegas falavam para a professora e eu chorava muito, sempre fui muito chorona.

Numa outra época, perto do final do ano eu tinha que fazer prova de recuperação e a minha mãe estava no hospital e não tinha ninguém para ficar no trailer. Ela reclamava muito que as recuperações aconteciam no sábado e que atrapalhavam bastante, porque eu só poderia abrir o trailer muito tarde. Frente a isso, optei por não fazer recuperação. Tinha ficado só em duas ou três disciplinas, mesmo assim decidi não fazer recuperação, uma vez que era muito difícil comparecer à escola no sábado pela manhã. Fui então reprovada. Durante o ano não consegui ir melhor porque eu tinha falta de vontade. Só consigo estudar se alguém me estimula, me incentiva. Em 1996, fui reprovada aqui no colégio. No ano seguinte fiquei com nota zero no 1º bimestre. As professoras me incentivaram, falaram tudo o que eu precisava ouvir e o resultado foi uma média bem alta no bimestre seguinte. Eu sou assim, se não tenho estímulo, não estudo, não faço nada.

Nesta época, não tinha perspectiva de futuro. Só queria viver o momento presente. Estudar era uma carga, não ligava para nada. Não era muito de matar aula. Algumas vezes, fui para a praça com as gurias, mais para ficar conversando. Com elas comecei a fumar cigarro, mas fui me dando conta que ele só me prejudicava, pois eu tinha bronquite. Fiquei pensando que com o dinheiro poderia comprar um doce, outra coisa, não ia gastar meu dinheiro em cigarro. Parei de fumar. Já fazem três anos que isso aconteceu.

Até agora falei de minha história familiar, das perdas de amigos que tive ao longo da minha vida, expliquei um pouco da minha solidão e dos prejuízos que tive na escola. Agora vou contar um pouco das minhas vivências e angústias da adolescência.

Eu tinha doze anos quando transei pela primeira vez e disto lembro muito pouco. Sei que não senti nem dor, nem prazer. Sei que eu queria, gostava do rapaz. Achava que o sentimento que eu tinha por ele era amor, mas, digamos assim, com doze anos eu era uma criança. Fiquei com ele algum tempo, depois me mudei. Logo soube que ele me trocou por outra, por isso nunca mais o procurei. Eu não pensava em ficar com alguém por muito tempo, não tinha esta perspectiva.

O que hoje eu sinto com o meu namorado é bem diferente. Antes de começar com ele, nunca parei para pensar no que tinha acontecido, de ter transado pela primeira vez aos doze anos. Nunca tinha me arrependido de ter transado antes. Mas agora teve um momento em que eu quase me arrependi. Agora é diferente, eu sinto a cobrança, não do meu namorado, mas da minha cabeça. Penso que poderia ter esperado mais um pouco. Mas foi bem assim: *“pintou a oportunidade e eu deixei rolar”*. Se eu tivesse segurado, hoje seria bem diferente. Nunca pensei que um dia eu poderia me arrepender.

Seria bem diferente se fosse só com o meu namorado desde a primeira vez. Não sou nem contra, nem a favor de transar cedo. Mas sou contra a impulsividade, quando se está com vontade a gente vai direto. Não se pensa no futuro, nas conseqüências que depois se fazem presentes, principalmente quando se começa a namorar firme. É difícil guardar segredo um do outro, conversando abertamente surge a cobrança de mim mesma, da minha cabeça.

Na época em que eu transei pela primeira vez, alguns amigos mais próximos ficaram sabendo. No colégio, até 1998, ninguém sabia, eu escondia o fato, não contava. Depois eu pensei: não devo esconder, se fiz não devo me sentir culpada, nem devo esconder ou mentir. Passei a assumir, contando a verdade. Para minha mãe eu nunca contei, nunca falei. Lá em casa ninguém sabe. Teve um amigo dele que me falou que a gente não faz algo para se arrepender depois. Arrepender-se daquilo que já fez e que sabe não poder voltar atrás é difícil. Se já fez, está feito. Podemos nos arrepender por não ter feito. Daí até podemos consertar. Sempre é tempo de poder fazer.

Depois deste fato nunca mais transei, até conhecer o namorado com quem estou atualmente. Pensava: *“quero curtir a vida, se eu quiser ficar com dez, com quinze, eu fico”* Não me importava com o que as outras pessoas falavam de mim, o que importava é que eu me achava feliz daquela maneira. Se numa noite eu ficava com dois ou três estava bom. Estas relações não tinham nada com transas, não incluíam relações sexuais, era só beijar, ficar junto.

Já fazem sete meses que estou com meu namorado atual. É um namoro bem firme. Os outros duraram, em média, um mês e mesmo assim sempre ficava com outros guris ao mesmo tempo. Com ele é diferente. Ele é muito legal, quando estou muito *“grilada”* ele me ajuda. Minha mãe briga demais comigo, normalmente ele percebe e me ajuda, conversa comigo. Eu me apóio nele, gosto muito de contar tudo o que eu faço em aula, não tenho ninguém para me escutar, só ele. No terceiro mês de namoro, eu fui a uma médica e ela me receitou alguns remédios. Nesta época, eu falei para a mãe, não que ela tenha perguntado, mas eu falei. Minha irmã me acompanhou na consulta. A médica me aconselhou a tomar anticoncepcional. No início, eu só usava camisinha, hoje tomo anticoncepcional também. A camisinha é em função do medo, não quero ter filhos. Mesmo usando anticoncepcional, pode acontecer de falhar.

Na segunda vez em que eu fui à médica, meu namorado me acompanhou. Perguntou para a doutora por que eu devia tomar aqueles remédios. Ela explicou e disse que aconselhava a usar camisinha. Isso evita passar doenças. Tive corrimento, precisei tomar e colocar remédio, passado algum tempo fiquei boa. Ele sempre usa camisinha apesar de eu não gostar. Parece que perde um pouco o clima. Sinto muita diferença, acho que ninguém consegue se acostumar. Sem camisinha é totalmente diferente.

Tenho tido muitos problemas quando surge o momento de transar, tenho sérias dificuldades. Desde quando começamos a namorar e a transar, eu acho que conseguimos ir até o final da relação uma ou duas vezes só. Quando estamos transando eu não consigo deixar ele colocar dentro de mim, dói muito. Não sei se é comigo ou se é do meu corpo, mas não consigo. A dor que eu sinto é uma dor interna, não é física. Entro em pânico. Parece que começa a dar uma angústia, uma coisa e não consigo. Eu não sinto falta de ter prazer, mas sei que ele sente. Procuro dar atenção, carinho para ele, só que não vai ser sempre assim. Eu já procurei dentro de mim o porquê disso tudo, se está relacionado com alguma coisa da minha infância, do meu pai ... Eu não sei da onde vem, não consigo encontrar os motivos.

Quando transei pela primeira vez, não consigo lembrar se foi bom para mim. Mas pelo menos eu me lembro que não doeu como está doendo ultimamente.. Só que agora não é uma dor física, é algo que me sufoca. Eu fico excitada, fico com vontade, mas chega na hora eu não consigo. Parece que quando ele quer ir para aquele lugar, eu entro em pânico. É algo interno, é um bloqueio e vira problema entre nós.

Lembro que uma vez eu conversei com uma professora sobre isso, depois eu até melhorei um pouco. Acho que neste momento conversando contigo eu também vou melhorar. Até parece que tenho necessidade de falar com alguém, para conseguir transar. Parece que falta confiança em mim mesma. Quando eu fui à médica, eu não falei para ela, fiquei com vergonha. Este é um dos motivos que me levaram a procurar uma psicóloga. Sei que esta conversa vai me ajudar muito, virei te procurar novamente quando voltares à escola.

Eu gostei muito desta entrevista. Eu gosto de conversar, de falar sobre a minha vida. O que é difícil é encontrar alguém disposto a escutar. Penso que este projeto que está sendo realizado aqui na nossa escola contigo, deveria acontecer para todos os alunos. Uma hora para cada aluno vir conversar, tenho certeza que ajudaria muita gente.

Converso sempre com o meu namorado ele é muito legal. Só que toda vez que começo a conversar, eu começo a chorar, por isso ele até me chama de choroninha. Não consigo controlar e parar de chorar. Mas hoje o meu choro não é só de lembranças, de sofrimento, é também de alívio.

Opala (16, F)

Minha primeira relação sexual não foi com meu namorado atual. Aconteceu durante uma festa oferecida por uma amiga e colega de aula, no salão de festas no prédio onde ela mora. Nesta época eu já havia experimentado maconha. No decorrer da noite, já completamente embriagada, fui até o apartamento dela e seu irmão se aproveitou de mim. Eu na época tinha recém feito 14 anos e estava na sexta série.

Arrependo-me muito que a minha primeira relação tenha acontecido daquela maneira. Pensar no fato ocorrido me deixa muito triste, porque eu realmente não quis assim. Na hora eu não conseguia avaliar a situação, estava muito envolvida, havia muita emoção e eu estava embriagada. Eu não sabia quase nada do que acontecia naquele momento, não tinha muita clareza, nem tinha condições de entender, pois não estava bem.

Minhas amigas ficam contando que, com elas, a primeira vez aconteceu com o namorado e que foi muito bom. Comigo, no entanto, foi de uma forma que eu não queria. Foi para mim algo desagradável e me marcou muito. A primeira vez deveria ser algo inesquecível, com alguém muito amado e nada disso ocorreu comigo. Deveria ter sido como cada uma de nós sonha acontecer, mas foi totalmente ao contrário.

Mais tarde, na mesma noite, contei tudo para minha amiga. Ela ficou indignada com seu irmão pelo fato de ter se aproveitado de mim, embriagada. Algum tempo depois, subi para o apartamento, tomei banho e fui dormir. No dia seguinte, acordei toda dolorida, estava com dor no corpo, estava ferida... Encontrei-me com ele, mas ele não me olhou. Eu sentia uma dor física e um aperto no coração.

Nunca mais falei com ele, nem toquei no assunto. Minha mãe ficou sabendo que eu havia perdido a virgindade com aquele rapaz, naquela noite, por intermédio da minha irmã do meio, que considero uma víbora. Nunca conversamos a respeito, nem para negar, nem para confirmar. Acho que é vergonha entre mãe e filha. Contei tudo para minha irmã mais velha. Ela me faz refletir quando estou errada, me dá conselhos, alerta sobre os perigos, sobre as doenças por transar sem camisinha.

Com meu namorado me sinto feliz. Namoramos há onze meses e há nove transamos na casa dele ou na minha. Só usei camisinha na primeira vez, depois nunca mais. Agora eu uso anticoncepcional, mas não uso camisinha, porque só transo com meu namorado. Tenho certeza de que não vou engravidar. Quanto às doenças, confiamos um no outro.

Minha mãe deve desconfiar. Contar para ela não adianta, não vai entender. É do tempo antigo, pensa que é preciso casar primeiro. Nunca conversamos sobre isso. Minha vontade é contar para ela, mas é preciso coragem.

Antes de começar com meu namorado atual, já naquela época da primeira transa com o irmão da minha amiga, tive um período muito complicado, comecei a fumar maconha. Fumávamos na casa de minha amiga, na praça antes da aula e à tardinha. Ela tinha maconha com

facilidade dentro de casa, pois o pai dela era traficante e a mãe morreu por consumir cocaína.

Com a ajuda da minha irmã algumas vezes me dava conta o quanto estava errada. Mesmo assim, eu e uma amiga acabamos nos envolvendo com um traficante. Ele morava perto da minha casa. Fumar maconha, cheirar cocaína para alguns é moda e eu entrei nesta onda. Fui apresentada ao traficante por uma prima dele, já andávamos juntas há algum tempo. Relutei com a idéia pois sabia ser ele um pessoa altamente comprometida. Mas não resisti, comecei a ficar com este traficante, pois me dava drogas e me sentia atraída por ele. Ele era casado, tinha um filho. O relacionamento com a mulher era complicado. Um traía o outro. Nesta época a mulher dele esteve na minha casa reclamando, para minha mãe, de meu envolvimento com seu marido. Só não transei com o traficante porque com droga “*não levanta*”, ela bloqueia a capacidade de ereção. Na época eu tinha 14 anos e ele, 29. Ainda hoje, ao cruzar comigo, me convida para usar drogas, mas eu não vou mais nessa.

Nossos encontros aconteciam sempre à noite, num apartamento no centro. Lá, algumas vezes, bebíamos uísque, outras vezes, fumávamos maconha e cheirávamos cocaína. Minha amiga sempre ia junto com um amigo dela. Ela não tinha limites, cheirava cocaína toda hora e não sei quantas linhas. Ela ia fundo, sempre foi muito louca, não media as conseqüências. Uma vez saímos de lá e fomos a um cabaré em uma cidade próxima. Ela estava muito mal, mas mesmo assim queria cheirar mais cocaína. Eu não deixei, porque tinha medo de uma overdose. Fumávamos maconha, da qual eu não gostava muito, a cocaína sempre foi minha preferida.

A maconha não me agradava pois me provocava muita dor no peito. Eu ficava muito mal logo depois de fumá-la, no entanto me sentia muito alegre, ria de tudo, ficava no mundo da lua. A cocaína eu adorava, ela me deixava leve, extremamente disposta e agitada. Não sentia nada fisicamente, se recebesse um soco, não sentiria. Ela toma conta da gente. Para mim ela era ótima porque naquele momento eu estava “*a mil*” e não sentia nada. Só ficava nas maravilhas de ficar cheirando, já não estava conseguindo viver sem a droga.

Nesta época, meu pensamento estava centrado no prazer que ela me dava. Hoje, tenho certeza, a droga foi e é uma droga para mim. Não leva a lugar nenhum. Só prejudica e acaba com a vida.

Muitas vezes eu chegava de manhã cedo no colégio já “*chapada*” e as minhas amigas me olhavam diferente. Tentavam me ignorar para ver se eu me dava conta do que estava acontecendo. Nada me abalava. Acabei ficando isolada e afastada do grupo, sentada no fundo da sala, sem fazer e sem entender nada.

Uma dessas amigas, minha vizinha, me procurou muito preocupada e falou comigo. Alertou-me sobre minhas amizades e disse que eu não era mais a mesma. De fato sempre fui amiga de todos, para conversar, brincar e estava muito mudada, ia acabar me destruindo. Fiquei com muita raiva dela, porque amiga, se fosse amiga, não me abandonaria, ficaria do meu lado.

Mas amiga não quer o teu mal, ela queria o meu bem. Elas tentaram se separar de mim para ver se eu largava as drogas, queriam ver se a amizade era mais forte. Eu não entendia assim, só percebia que elas estavam se separando de mim, então fiquei só com a amiga das drogas.

Nesta época, não queria mais vir ao colégio, era muito chato. Estava totalmente alienada do mundo. Não queria levantar cedo. Quando dormia na casa das minhas amigas, eu não vinha. Na minha casa, minha mãe me acordava e me obrigava a vir. Eu me debatia, reclamava, gritava: *“a escola é chata, último bimestre, não quero mais ir”*. Assim mesmo, minha mãe me fazia vir. Minha aprendizagem decaiu muito. Só consegui passar pelas notas boas que tinha no primeiro semestre, porque no último até zero vírgula dois eu consegui tirar. A escola estava sempre me controlando, me cobrando: *“tu não és mais a mesma, estás muito diferente”*.

Chamavam na direção meu pai, minha mãe e a mim e nada adiantava. Suspendiam-me, registravam ocorrência, pois eu estava muito rebelde e extremamente respondona e mal educada. Eu não queria mudar, não ouvia seus conselhos, na época pareciam todos absurdos. Reconheço hoje a intenção da escola e acredito ter valido a pena esta pressão. De alguma forma este controle também forçou minha família a tomar uma decisão e a me ajudar a superar os problemas enfrentados na época.

Eu me arrependo muito de ter feito minha mãe sofrer. Ela tentava muito me ajudar e eu não queria. Brigava muito com ela, saía de casa, dormia na casa das minhas amigas sem avisar onde ia. Naquele momento não sentia nada, estava no meio de tudo e de todos, não conseguia pensar, não me dava conta do meu estado.

Uma vez a mãe queria bater em mim, porque ela percebia que eu estava no limite. Ela falava e eu não ouvia. Não queria saber de nada, incomodava. Saía de casa e, quando voltava, chegava tarde. Neste dia ela veio, se avançou em mim e eu não quis aceitar. Não via nela a minha mãe, mas uma mulher qualquer, alguém a me pressionar e querer bater em mim. Não a deixei chegar perto, revidei com força, a agarrei, dando-lhe uns tapas. Arrependo-me muito, já lhe pedi perdão. Quando se está na droga não se aceita nada, nem o carinho e o amor.

Minhas irmãs já estavam cansadas, queriam me mandar para fora de casa. Minha mãe não agüentava mais, estava transtornada comigo. Por esta época a mulher do traficante procurou minha mãe, para relatar que eu saía com o marido dela, foi a gota d'água. Neste dia, ela tomou a decisão de me mandar para Santa Catarina onde meu pai estava trabalhando. Minha irmã mais velha me acompanhou. Graças ao seu carinho e à persistência dela e do meu pai, consegui sobreviver neste período.

Senti muita raiva de minha mãe por ela ter me mandado embora. Eu queria ficar aqui, estava envolvida no meio das drogas e dos amigos. Ela, no entanto, não suportava ver minha destruição. De fato, senti medo de mim mesma porque estava vendendo o meu corpo por drogas. Lá, junto com meu pai, a raiva que nutria pela minha mãe foi passando. Sentia muita falta dela, porque ela estava sempre comigo. Lá eu não tinha ninguém para me cuidar,

só minha irmã. Meu pai só chegava à noite, trabalhava o dia todo. Eu chorava e sofria muito, pela falta da droga e pela falta de minha mãe.

Queria muito que ela estivesse lá comigo, no final ela acabou indo. Desta forma, eu parei cheirar coca e fumar maconha porque não tinha. Meu pai não me dava dinheiro. Eu não podia comprar, não tinha onde conseguir. Obriguei-me a parar e decidi mudar de vida, me afastar daquelas amizades pois estavam me destruindo. Percebia também, o quanto precisava lutar para vencer a droga. O cigarro, não consegui parar de fumar. Era tudo a que eu tinha acesso e ele me ajudava, neste período difícil.

Fiquei lá, em Santa Catarina, vinte e oito dias. Estranhei muito nos primeiros dias, principalmente quando anoitecia. Aos poucos fui me acostumando, melhorei muito com a chegada da minha mãe. Após este período, o qual posso chamar de um período de purificação, voltamos para Porto Alegre todos juntos.

Ainda hoje minha mãe me pergunta se eu usei drogas, sempre nego. Ela sabe tudo o que se passou comigo, mas digo a ela que experimentei um pouco. Ela não tem idéia o quanto eu estava envolvida, não sabe também das minhas idas com o traficante no apartamento e do envolvimento com minhas amizades. Assim mesmo, estou ciente de que ela sabe mais do que demonstra. Ao voltar, tentei ajudar os meus amigos, envolvidos em drogas para, como eu, abandonarem o vício. Não consegui. Eles todos são sobrinhos deste traficante, então fica difícil. Hoje, não me dou mais com eles, porque eles continuam cada vez mais usando drogas.

Todo mundo fala que não tem problema usar drogas, é “*moleza*” entrar nesta e sair quando se quiser. Não é bem assim. Entrar é ótimo, é imediato. Para sair é complicado, muito sofrido e difícil. Para mim, não foi fácil, lutei muito contra o desejo de nelas permanecer. O último dia em que cheirei droga foi dia 5 de dezembro de 1997. Depois de sete meses, comecei a namorar o guri com quem estou até hoje.

Pensando na escola, me dou conta de que ela não faz nada ou faz muito pouco em relação ao uso de drogas. Isso acontece aqui dentro e ela não percebe. Até percebe, mas as tentativas de solução são inadequadas. Poderiam proporcionar alguns debates, encontros com profissionais para nos ajudar a entender melhor o mundo das drogas e a sexualidade. A escola não aceita que se fale sobre sexo. Ela existe para estudarmos outros conteúdos, mas na verdade precisamos aprender sobre a vida. O ideal seria que apreendêssemos isso na escola e não nas ruas ou com os amigos.

Se a escola oportunizasse um espaço no qual os alunos pudessem refletir sobre seus sentimentos e debater com outros jovens sobre suas angústias penso que todos seriam mais conscientes e tomariam melhor suas decisões. Nestes encontros seria preciso estudar o uso da droga, discutir sobre o uso da camisinha. Até hoje tivemos pouca informação e orientação sobre estes assuntos tão discutidos. Se “*badala*” muito a camisinha mas se fala pouco sobre sexualidade e amadurecimento

Na sétima série, se estuda o corpo humano. Eu, no entanto, não aprendi nada. Talvez porque eu era rebelde ou porque foi dado muito pouco.

Na oitava série, deveria ter uma organização diferente dos conteúdos. Uma parte para química, física e uma parte para explicar o corpo, a sexualidade. Acho que nós mesmos poderíamos explicar em sala de aula com orientação da professora. Poderíamos fazer trabalhos para apresentar aos colegas, realizar oficinas em grupos, conversar, trocar idéias, construir nossa teoria no grupo.

Nossa professora de ciências se preocupa em fazer algo para nos ajudar. Ela explica sempre o que perguntamos e convidou um médico para vir conversar conosco este ano, acho que será no segundo semestre. Isso é muito bom para nós, mas precisa acontecer desde as séries iniciais, principalmente da 5ª série em diante quando a sexualidade parece ser incontrolável. “*Sexo e sexualidade têm muito na adolescência*”. Muitos não sabem nada, não sabem o que é, não sabem tomar decisões certas, por isso existem tantas adolescentes grávidas.

Nesta fase, temos muita curiosidade de saber o que é, como é, como acontece. Algumas meninas passam só pensando em transar, como será a primeira vez, como vai ser e esquecem o cotidiano da vida. Ser virgem é ser cafona; transar é estar na moda. Até quem nunca transou diz já ter transado, para se sentir igual ao grupo. Tudo está relacionado com o desejo de saber como é. Tem um outro fator estimulador, a televisão, nela tudo pode, tudo é liberado.

Falar sobre drogas também é importante, saber os efeitos, se causa dependência, como evitá-las. Saber das doenças que podemos pegar usando a seringa dos outros, saber mais sobre as doenças sexualmente transmissíveis é fundamental.

A maior preocupação dos adolescentes são as doenças sexualmente transmissíveis e a gravidez, porque eles são muitos jovens e não se encontram preparados. A maioria só pensa em evitar a gravidez, com as doenças nem se preocupam. O anticoncepcional evita a gravidez, mas não evita as doenças.

Muitas meninas dizem que engravidam para segurar namorado, outras por falta de conhecimento. Existe um preconceito com a camisinha. A maioria fala que transar com camisinha tira muito o prazer. A transa então acontece sem a camisinha, só o método “*vou ter sorte*”. Eu também acho que transar com camisinha tira o prazer, já fiz a experiência. O risco de engravidar e pegar uma doença é grande. Na hora a pessoa se sente poderosa, acredita que não vai acontecer nada, mas depois passa o mês preocupada até chegar a menstruação. É uma expectativa. Não deveria ser assim. O ideal é se cuidar. A gravidez na adolescência não devia acontecer. Não estamos preparados para cuidar de um filho. Criar um filho não é bem assim.

Eu adoro meu namorado. Ele foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida, ele é maravilhoso. Em função dele, eu parei também de fumar. Consegui me afastar definitivamente, da maconha, da cocaína e das más companhias. Ele me dá muita força, me ajuda muito. Quando voltei de Santa Catarina, ainda ficava com vontade de usar drogas. Meu namorado nunca fumou, nem usou drogas e não admite que eu o faça. Já várias vezes me

colocou para decidir entre ele e o cigarro. Conseguiu me convencer a não usar mais drogas. Ele tem me ajudado muito e eu tenho conseguido vencer o vício.

Agora nos vemos menos, estamos um pouco distantes porque ele está prestando o serviço militar. Quando ele está para chegar, fico ansiosa esperando, até me emociono. Sinto-me muito feliz. Minha avó, minha mãe o adoram porque ele foi o milagre da minha vida. Sempre penso: *“a droga fazia efeito, mas depois ia embora, o meu namorado vai embora, mas depois ele volta.”*

Neste momento, lembrando tudo isso, me dou conta o quanto foi importante para mim falar contigo. Gostei, foi realmente muito bom. Estava ótimo. Senti-me bem à vontade, apesar de não estar acostumada a falar da minha vida, principalmente do meu passado. Nunca fico pensando no que aconteceu, mas agora, conversando contigo, parei para pensar. Vejo que consegui me libertar de tudo que me aprisionava e vejo o quanto meu namorado tem me ajudado.

Fiquei feliz de poder olhar como estou vivendo hoje, comparando com o modo como eu vivia anteriormente. Estou feliz por ter conseguido vencer muitas dificuldades surgidas em minha vida. Pude refletir o quanto eu consegui me superar e me libertar daqueles amigos que me estimulavam ao vício. Isso devo muito ao meu namorado, pois muito ele tem me ajudado. Ele é a minha força neste momento. Ele é a minha razão de viver.

Água-marinha (15, M)

Relaciono-me bem com as pessoas, principalmente com aquelas das quais eu gosto. Igualmente com a minha família tenho bom relacionamento. Converso bastante com meu pai. Falo com ele sobre as dúvidas que temos na adolescência, por exemplo, como acontecem as transas na adolescência, se é bom, se é ruim, como se relacionar – como, com quem, quando, onde. Meu pai sempre me dizia que, quando eu achasse que estava na hora de transar, a casa estaria disponível, era só avisar. Ele me falava sobre os cuidados que se deve ter num relacionamento: ver se é a pessoa certa, se a gente gosta realmente da pessoa, se é o momento adequado.

Na escola percebo que me dou bem com os meus colegas, com todo mundo, tenho de fato, muitos amigos. Do mesmo modo, me relaciono bem com minha namorada, com meu irmãos.

Quando tomei a decisão de falar com o meu pai sobre transar com uma menina, confesso que fiquei muito nervoso porque eu não sabia como ele ia reagir, como é que eu ia falar... Estava de fato angustiado antes de conversar com ele, mas depois que dialogamos tudo passou. Quando comecei a namorar, eu contei para com ele.

Com a minha mãe eu não consigo conversar, parece vergonha entre mãe e filho. Com o meu pai é bem diferente, eu me sinto bastante livre, ele é bem companheiro. Isso não é muito comum nos dias de hoje.

Eu tenho duas irmãs, uma de doze anos e outra de nove, e um irmão pequeno, com dois anos. Minha mãe consegue distribuir sua atenção entre nós, de forma equilibrada. Ela já cuidou muito bem de mim quando eu era menor, agora, já não preciso de tanta atenção, sei me “*virar*” sozinho. Ainda mais que neste momento também estou afetivamente equilibrado com a atenção e o carinho de minha namorada.

Ainda hoje, na frente do meu pai evito ficar de “*agarramento*” com minha namorada porque eu acho isso muito desagradável. Antes, também ficava constrangido em ir para o meu quarto com ela, mesmo que fosse só para ouvir música. Poderiam falar alguma coisa ou poderiam pensar equivocadamente sobre o que íamos fazer lá. Agora não, quando eu quero vou para o meu quarto com ela, sem problemas. Meu pai só alerta que não quer saber de transas quando os meus irmãos estão em casa.

Pensando na minha escola, eu acho que ela deixa a desejar em relação à orientação sexual dos adolescentes. Ela não ajuda muito a entendermos este momento e o que se passa conosco. Muitos de meus colegas não sabem quase nada sobre sexualidade. Eles não falam com seus pais, por vergonha ou constrangimento, então, ficam sem saber muitas coisas, sem ter certeza do que buscam descobrir.

Deveria haver mais conscientização sobre a adolescência e a sexualidade principalmente quanto às doenças e à gravidez fora de tempo, que é muito freqüente. A escola poderia oferecer palestras sistemáticas, para que professores, alunos e pais aproveitassem. Eu acho que a orientação sexual deveria iniciar na sétima série, antes disso não é necessário porque o jovem está envolvido com outras preocupações. Poderiam ser tratados assuntos como namoro, amizade e outros...

Eu percebo que a escola não fica punindo os alunos que estão namorando, mas a maioria sabe muito bem as regras do jogo que a própria escola impõe, não ficam de “*agarros*” e beijos. Nesta área, há pouca liberdade para os alunos. Ano após ano, a escola continua omissa em relação ao assunto sexualidade. Os alunos têm vergonha de falar sobre isso e pedir para os professores trabalharem este assunto, é mais fácil conversar com o grupo de amigos. Uma de nossas professoras fez alguns trabalhos sobre sexualidade na sala de aula e todo mundo gostou muito. Ela, então, nos prometeu trazer um médico amigo, para dar uma palestra, mas acabou não trazendo. Não sei o motivo por que isso aconteceu, mas também ninguém cobrou, ninguém perguntou. Acabamos ficando todos calados, até mesmo aqueles que estavam contando com esta oportunidade.

Há professores que explicam bem o conteúdo sobre as doenças, a parte biológica e científica, mas tem pouca conversa sobre os sentimentos, o que cada um pensa, ou como se sente nesta etapa da vida. Falar sobre isso seria muito importante, é preciso ter um espaço para conversarmos e tirarmos nossas dúvidas. Seria bom trabalhar em grupos, onde se pudesse debater sobre sexualidade e expor livremente nossas dúvidas.

Alguns colegas conversam com os pais assim como eu, cara a cara, mas ficam muito encabulados e o diálogo se torna muito difícil. Meu pai me abriu a oportunidade de poder conversar com ele e praticamente me autorizou a transar em casa e de o fazer sem culpa. Isso para mim é bem tranquilizador, mas esta não é a realidade da maioria de meus amigos.

Penso que os pais também precisariam assistir a alguma palestra sobre sexualidade. Poderia ser uma palestra aberta para pais e alunos, para que os filhos tivessem oportunidade de dizer como se sentem, pudessem trocar idéias com seus pais e estes tentassem entender o que se passa com

os jovens. Estou levantando a necessidade de os pais também se prepararem porque a maioria não sabe como agir com os filhos. É necessário o entendimento entre ambos para que os adolescentes possam crescer e se desenvolver sem problemas.

O jovem precisa encontrar um espaço para conversar, tirar dúvidas; destes esclarecimentos vai depender seu futuro. Há pais que não entendem e não sabem como reagem os adolescentes nesta idade, têm filhos que não sabem como os pais vão entender suas preocupações. Tudo deveria ser dialogado e discutido...

A escola, sem dúvida, poderia ser o contra-ponto nesta aprendizagem. O que normalmente acontece é que nem a escola ajuda o aluno, nem a família ajuda seu filho. Os adolescentes ficam com dúvidas muito sérias. Eles acabam transando escondido dos pais, sem ninguém saber, ficam com medo de alguém encontrá-los ou de serem surpreendidos. Isto é ruim, pode causar problemas por ser algo reprimido, escondido. Acho que assim a pessoa se sente mal, não se torna uma boa experiência. O fato de saber que meu pai me apoia, me dá uma confiança maior e liberdade no que quero fazer, no que acho que é bom.

Em relação à minha primeira vez, não tive maiores preocupações, só que toda a ansiedade se manifestou, na hora, em forma de nervosismo. No momento, comecei a me sentir muito nervoso, não tinha experiência alguma e não sabia nada de como ia ser, o que tinha que fazer e ela também não sabia. Mas tudo isso faz parte e foi, de fato, algo muito bom, porque foi com quem eu gostava e ainda gosto muito. Este fato aconteceu há alguns meses. Meus pais não estavam em casa, eles tinham viajado.

Transar, na minha idade, tem a ver com o gostar. Se for com uma pessoa de quem eu goste, se estiver preparado e achar que vai dar certo que é bom para mim que é algo importante, não tem por que ficar preocupado, são experiências que temos que enfrentar. Difícil foi tomar a decisão de enfrentar a primeira vez. Levei um tempo para decidir. Não sabia se seria certo, se era aquilo mesmo que deveria fazer, se era aquilo mesmo que eu queria. Eu pensava no lado bom e no lado ruim também. Ficava pensando como é que ia ser. Não sabia se era bom, se machucava. Se teria sucesso. Tinha o lado bom: a busca do prazer da satisfação, mas tinha o lado ruim: o medo do desconhecido. Foi um período curto, mas de muitas expectativas. Depois que aconteceu eu acho que foi bom, me trouxe uma certa tranquilidade. O importante é que foi com a pessoa de quem eu gosto.

A sexo é um assunto que gera uma certa preocupação, não dá para dizer que está tudo resolvido, tudo explicado e entendido. Necessariamente o sexo não interfere nas minhas relações diárias, por exemplo: penso que não altera meu relacionamento com meus amigos. Sexo, interfere, porém, na aprendizagem, porque muitas vezes me surpreendo pensando neste assunto. A minha vida depende do meu equilíbrio e isto está relacionado com uma série de fatos. Inclusive o sexo

Existem preocupações bem maiores que a busca do prazer, estas estão relacionadas com as doenças sexualmente transmissíveis e com a gravidez indesejada. Os cuidados que a maioria tem é de estar seguro na hora da

transa, para evitar estes problemas. Meu pai sempre fala para eu me cuidar, me alerta sobre a necessidade de usar camisinha, preservativos, porque evitam aborrecimentos futuros.

A gravidez nas adolescência é outra preocupação. Se acontecesse hoje comigo e com minha namorada, atrapalharia tudo: meus estudos, os estudos dela, o desenvolvimento físico dela. Seria um problema muito grande para nós dois. Na minha vida seria um problemão. Teria que parar de estudar, teria que dar mais atenção para ela. Sem falar que sustentar a criança seria outra grande dificuldade. Nós conversamos bastante sobre a questão da gravidez na adolescência. Minha namorada acha que nós mesmos temos que nos cuidar, porque nesta idade isto não pode acontecer.

Percebo que o namoro tem uma certa influência na aprendizagem. Há alguns fatores positivos: antes de vir à aula, minha namorada, passa lá em casa. Ela vem me chamar, me espera até eu me arrumar para ver se eu venho mesmo para a escola. Não gosta que eu fique matando aula. Estas são influências positivas e assim me sinto bem.

Tem outros fatores que são preocupações, como quando acontece uma briga. Isso faz com que eu venha para a aula preocupado, daí não consigo me concentrar e as aulas daquela manhã ficam muito prejudicadas. Passo todo o tempo com aquele problema na cabeça, “*martelando*”, só pensando como vou resolver, como vou fazer para que tudo volte ao normal. Com isso a aula vai passando e eu me desligando. Fico pensando quem foi que errou, onde é que errei, onde é que preciso acertar. As aulas vão passando e pouco consigo resolver. Às vezes, acontece de a professora chamar minha atenção em aula, porque talvez ela perceba meu distanciamento.

O relacionamento com os amigos não fica prejudicado por causa do namoro, porque nossos amigos são os mesmos. Algumas vezes nos reunimos e vamos juntos ao cinema e ao shopping.

Os conflitos que me rodeiam são problemas relacionados a brigas e intrigas com a minha namorada. Isso é algo “*chato*”. Eu acho que temos que ter confiança de ambas as partes. Confiança é um fator fundamental para um bom relacionamento. Eu confio nela e ela confia em mim, mesmo estudando em colégios diferentes. Mesmo, quando ela não pode sair, eu saio ou ela também sai quando eu não posso ir junto. Quando vejo que ela não quer que eu saia, fico em casa sem problemas maiores. Eu sempre saio com ela quando ela quer ir em algum lugar, mas se eu não puder ir, ela vai. Neste caso vejo com quem ela estará, se eu conheço as pessoas. Não adianta eu confiar nela, mas não conhecer as pessoas com quem ela vai sair.

Eu me sinto muito bem na minha adolescência. Gosto de estudar, de sair, gosto dos meus pais. Algumas vezes eles discutem entre eles. Discussões existem, mas não são tão graves. Eu acho que eles deveriam conversar e não ficar aos berros um com o outro. Eu prefiro resolver tudo no diálogo. Eu procuro conversar com eles, faço o que eles gostam, evito situações conflitantes. Temos que saber o que queremos da nossa vida e assim fazer acontecer tudo aquilo que buscamos.

Nesta fase, aparece também o problema de drogas com as quais alguns adolescentes acabam se envolvendo. Muitos as usam mais para fugir dos problemas, no entanto assim eles se tornam bem maiores. Alguns jovens que buscam as drogas são pessoas bem de vida, não deveriam ter tantos problemas assim. Acho que devem ser dificuldades familiares e de relacionamento ou brigas com as namoradas e isso pode levar ao uso de drogas.

Muitas escolas têm um trabalho bem intenso sobre o assunto sexo. A escola de ensino médio, onde meu primo estuda, tem palestras. Ele me convidou para assistir uma palestra lá sobre sexualidade, gravidez, doenças. Eu fui e gostei muito.

Existem trabalhos deste tipo em outras escolas, poderia ter na nossa também. Aquela palestra, que assisti na escola de meu primo, teve um significado muito especial para mim e me ajudou a compreender meu momento atual com bem mais tranquilidade.

Notei que alguns alunos pensam totalmente diferente talvez por serem do ensino médio. Talvez alguns pensem bem diferente de outros porque, naquela escola, as classes sociais são variadas e cada um pensa de uma maneira. No caso de drogas, por exemplo: uns pensam que é bom que ajuda, outros, como eu, pensam que , é a destruição da vida.

A entrevista para mim foi muito boa. É bom a gente se expressar, dizer como se sente, o que aconteceu na vida. Essa entrevista me ajudou a pensar sobre como os jovens se sentem a respeito da sexualidade.

Para mim foi um olhar para o passado, chegando até o dia de hoje, me fazendo rever o caminho que venho construindo. É importante deixar registrado que este assunto de sexo deveria ser levado mais a sério pela escola. A entrevista para mim foi muito boa, é bom a gente se expressar, dizer como se sente e ter alguém para escutar tudo o que já vivemos.

Turmalina (16, M)

A convivência , lá em casa, é muito difícil. Eu quase não falo muito com a minha mãe. Posso dizer que nós conversamos e não conversamos ao mesmo tempo. Por vezes até falamos, mas não o importante para mim. Às vezes, fico muito magoado com minha mãe, em outros momentos deixo passar, não ligo. Já fiz muitas tentativas, mas é difícil ter diálogo na minha casa.

Eu até tento conversar com minha mãe, mas acabo sempre me desentendendo. Este desentendimento é causado pelo ciúme, porque ela só dá atenção para os meus irmãos menores. Eu sou o filho mais velho, a impressão que eu tenho é que ela não se importa muito comigo. Somos quatro irmãos, o menor tem dois anos. Minha mãe dá mais atenção a ele por ser pequeno e o menor. Meu sentimento é que ela só cuida dele, nunca tem tempo para conversar comigo, precisa atendê-lo ou está sempre ocupada com outras coisas. Quando estou em casa normalmente fico dormindo. Passo uma boa parte do dia com meus amigos, na rua, conversando ou jogando futebol. É com eles que divido minhas preocupações. Trocamos muitas idéias. Compenso com eles o que eu não consigo conversar em casa. Os assuntos que eu precisaria falar com minha mãe acabo conversando com os meus amigos que já são bem experientes, já conhecem bem a vida.

Minha mãe nunca tratou comigo sobre assuntos de sexualidade, nem eu com ela. Eu sinto um pouco de vergonha de abordar estes assuntos com minha mãe. Não consigo falar. Acho que é vergonha entre mãe e filho. Acabo conversando só sobre o trabalho, a escola.

Meus pais se separaram quando eu tinha uns sete anos. Antes de meu pai se mudar para Minas Gerais, eu o visitava nos fins de semana. Depois da transferência para Minas, eu fui morar com ele, mas a convivência com minha madrasta foi muito difícil. Ela começou a ditar muitas normas e a determinar minha vida, por isso eu não fiquei muito tempo lá. Passados seis meses, acabei voltando para cá.

Quando eu fui para Minas Gerais, meu irmão sentiu muita saudade, mas nunca expressava este seu sentimento. Manifestava em forma de raiva, ele dizia que estava bravo, não queria falar comigo. Na verdade ele queria que eu voltasse. Ele sofria calado e não falava nada. Com a mãe também ele é fechado não conversa muito. Comigo raramente ele fala ou fala muito pouco. Brigamos mais que conversamos. Eu me considero muito tímido, ele é muito mais que eu. Ele não fala nada dessas coisas com ninguém.

Meu pai se mudou novamente, foi para Uruguaiana. Ele está sempre se mudando. No próximo mês, ele vai para a Bahia. Ultimamente quase não tenho falado com ele. Sinto saudade, de estar com ele. Se não fosse pela madrasta eu até ficaria morando com ele. No entanto, não dá certo viver com ela, porque ela manda muito no meu pai.

Ele continua com esta pessoa até hoje. Não os tenho visitado, só falamos, algumas vezes, por telefone. Uma das coisas que me faz mais falta é a presença do pai para poder conversar com ele. Conversar com meu pai não era tão fácil assim, porque quando ele morava conosco, ele estava sempre trabalhando. Quando chegava em casa eu estava dormindo, quase não o via. Mesmo assim, conversar com ele sempre foi mais fácil do que com minha mãe. Com mulher parece mais difícil conversar certos assuntos. O bom é que no final de semana saíamos um pouco. Ficávamos juntos. Trocávamos algumas idéias.

Além de meu pai, eu conversava bastante com um primo, mais velho do que eu, com ele era muito bom conversar. Também tenho um tio que me dá muita força. Eu sempre me interessei por eletrônica e este tio é técnico em eletro-eletrônica. Este tio é quem me dá força, eu gosto muito dele. Ele me ajuda sempre, até nos trabalhos escolares. Não moramos juntos, mas ele faz um pouco o papel de pai, ele reside aqui perto da escola.

Converso com meus amigos como se fossem minha família. Abro-me com eles e eles se abrem comigo. Falamos sobre gurias, sobre a vida. No grupo sempre se conversa sobre sexo. Fala-se sobre experiências vividas, como foi a primeira vez, se foi boa, se não foi.

Eu tinha uns amigos que são meus vizinhos. Jogávamos futebol na praça todos os dias. Eles começaram a fumar maconha e isso complicou nossa amizade. Eu e outros amigos tentamos falar com eles para que parassem, mas de nada adiantou. A grande maioria deles continua fumando

maconha até hoje. Para evitar me incomodar, me envolver, parei de jogar bola, de ir à praça.

Minha primeira vez foi assim: fui a uma festa, de noite, na casa de um amigo e fiquei com uma guria. Acabamos transando. Nós dois queríamos, “daí aconteceu”. Esta foi a primeira vez para ela também. Acho que foi bom para nós dois. Depois disso, começamos a nos encontrar mais seguidamente e ficamos namorando. Transamos mais umas duas vezes durante este mês. Depois, nos desentendemos e tudo acabou. Ela terminou comigo, não quis mais me ver. Foi meio difícil, sofri muito com isso. Nunca mais conversei com ela. Eu a vi algumas vezes no shopping, depois nunca mais. Foi uma experiência que me ajudou muito, por ter sido muito marcante. Eu gostava muito dela, mas tudo acabou. Sofri muito sua falta. Ainda lembro dela muitas vezes. Já faz dois anos que este fato aconteceu. Na época, eu estava repetindo a 6ª série, tinha 14 anos, agora tenho 16. Depois desta namorada, surgiram outras. Mas era bem diferente, parecia não ser a mesma emoção. Sempre que penso nela surge um silêncio, um vazio - como agora aconteceu. Foi uma relação muito forte para mim, um momento muito marcante. Aos poucos fui me esquecendo dela, para não continuar sofrendo tanto. Ao transar, usamos camisinha. Isto é importante e nós não esquecemos. Alguns tem preconceito sobre o uso do preservativo, mas a maioria já usa. Parece-me que todos já estão conscientes da necessidade.

Em função do final do namoro, da separação, me sentia desinteressado pelos estudos. Ficava pensando nela muito tempo, me questionava porque ela me deixara. Não saía muito de casa, ficava buscando uma resposta. Depois parece que foi passando, fui me esquecendo.

Na escola de vez em quando eu ficava pensando na namorada, daí eu me esquecia que estava na aula, não conseguia me concentrar. Foi um ano difícil para mim. Eu estava repetindo a 6ª série. Apesar de ter ficado “*bem balançado consegui dar a volta por cima*”. Me dei conta do quanto seria difícil repetir novamente a mesma série, perdendo o grupo mais uma vez..

Quando voltei da casa do meu pai, eu passava boa parte do tempo da aula conversando com meus colegas. Eles, no entanto, ao contrário do que eu fazia, copiavam o conteúdo explicado, eles conseguiram passar mas eu não. Com esta experiência, eu vi que ficar conversando ou ficar pensando no que tinha acontecido não me ajudaria. No final do ano, não seria aprovado novamente. Ao retornar da casa do meu pai, ainda motivado pela lembrança e pelo hábito adquirido com ele, comecei a beber demais. Freqüentava danceterias e bebia, sem limites, como se fosse uma necessidade. De fato, comecei a beber com o meu pai. quando eu fui morar com ele. Bebíamos, mais na rua do que em casa.

Agora não estou mais tomando tanto álcool assim. Tento não sair para não beber mais. Eu bebia muito, porque sou muito tímido. Nas festas, fazia isto para me “*desligar*” um pouco e ficar mais descontraído, mais extrovertido. Até conseguia algum resultado imediato, mas depois as conseqüências eram muito piores. Quando chegava em casa dormia e no outro dia acordava morrendo de dor de cabeça, passava muito mal e acabava vomitando. A mãe sempre falava para eu beber em casa e moderadamente.

Percebia que, quando estava numa festa o álcool me ajudava. Sentia-me mais seguro, mais espontâneo e com mais coragem de enfrentar as meninas. Parecia que bebendo me sentia como se fossem duas pessoas numa só. Uma tímida e outra não. Bebendo muito percebia libertar-me da outra pessoa tímida de dentro de mim. No dia seguinte, eu lembrava só vagamente dos acontecimentos ocorridos durante a noite.

Lembro-me de tudo o que aconteceu na noite em que conheci a menina, com a qual transei pela primeira vez. Com certeza não tinha bebido muito. Beber, só valia a pena porque eu conseguia falar com as pessoas, me abria mais com elas. Hoje, eu mudei um pouco, tento ficar mais aberto com os amigos, faço tentativas de conversar mais. Algumas vezes, eu consigo me sentir bem, mas raramente. Eu sou realmente muito tímido para falar com as pessoas. Hoje, já mudou um pouco. Antes, numa festa, eu bebia muito. Agora eu tomo só uma, duas cervejas. Comecei a confiar mais em mim, a dizer para mim mesmo que vou conseguir sem beber. Percebi que o álcool não ia me levar a nada, então, parei de beber.

Com relação à escola, é muito difícil os professores abrirem espaço para podermos perguntar e falar alguma coisa sobre sexo. Ela não é muito aberta quando se trata de falar sobre este assunto. Entre meus professores, só um falou alguma coisa sobre este tema. Precisaria ter um professor específico, mais preparado, para falar conosco em sala de aula. Quanto a mim não sou muito de perguntar alto, só se for individualmente. Eu que não consigo conversar com a minha mãe, tenho muitas dúvidas e a escola não oportuniza maiores debates e troca de experiências.

Desde a sétima série, poderiam designar um professor para conversar, mesmo que fosse uma meia hora por semana. Ele explicaria, num clima em que os alunos pudessem conversar mais à vontade e descontraídos, assuntos como o uso da camisinha, fundamental e necessária para evitar doenças, e muitos outros.

Hoje, penso que a gravidez na adolescência é uma burrice. Já existe camisinha tanto para homem como para mulher, é só ter a cabeça no lugar e pensar a respeito. Quem ficar grávida na adolescência é porque quis, não é por falta de informações ou de esclarecimentos. O menino também tem que estar preparado. Se ele se tornar pai, como enfrentará este novo problema ?

Se a menina engravidasse, de uma transa comigo, eu assumiria o filho. Só que tudo mudaria. Eu precisaria trabalhar, deixaria de estudar, teria que abrir mão da adolescência. Essa conscientização acontece com alguns jovens, mas só em parte. Há aqueles que não usam nenhum preservativo, outros usam de vez em quando. Eles sempre falam assim: *“se eu tiver um filho, eu fujo do Estado”*. Coisas deste tipo. Só que eu penso: *“se eles tivessem um filho, no início ficariam bravos, tristes, com raiva, mas isso tudo passa, acabariam assumindo”*.

Sexo não é das coisas mais importantes na vida. O melhor é conhecer a pessoa bem, começar a gostar dela, se sentir envolvido com ela. Esta relação tem uma direta implicação nos estudos. O simples fato de estarmos envolvidos com alguém, muda, de alguma forma, a pessoa. Passamos a nos

preocupar com outras coisas não mais só com as relacionadas com a escola. Pela experiência que eu tive de me envolver com minha namorada, posso afirmar isso. Percebi que o nosso interior fica muito sensível e acaba modificando nossa forma de pensar e de prestar a atenção em aula.

Eu realmente não sou de falar. Quando estou com os amigos, passo a maior parte do tempo calado, quieto, só falo de vez em quando. Antes não tinha muitas amizades eu não conseguia me expressar, tinha dificuldades de falar com as pessoas, agora mudou um pouco. Percebo que eu estou melhorando e isso se dá aos poucos.

Eu acho que esse ciúme que eu sinto dos meus irmãos porque são menores e o fato de a minha mãe dar mais atenção a eles é uma coisa que acaba passando, acho que não adianta muito eu conversar com ela, nem ficar magoado.

Lembro muitas coisas que meu pai e eu tivemos juntos, quando ele morava conosco. Agora ele mudou bastante, é outra pessoa. Ele fica muito tempo longe de nós, porém ainda tenta dar um pouco de apoio.

A mãe tem um companheiro dentro de casa, é o meu padrasto. Ele é legal, também converso um pouco com ele. Acho que nunca brigamos, sempre nos damos bem, ele também é quieto, não é muito de falar. Mesmo assim é bem mais fácil conversar na rua, do que dentro de casa.

Avaliando esta entrevista eu diria que ela foi muito boa, fez com que eu me expressasse bastante. Isto é muito difícil para mim, quase não converso com ninguém, principalmente coisas íntimas. A entrevista me ajudou a relembrar coisas que eu já passei na vida. Fez-me lembrar de algumas coisa que já estavam guardadas, mas me fez muito bem.

Cristal de Rocha (15, F)

Esta entrevista para mim é muito especial porque hoje estou fazendo quinze anos. Sinto-me um pouco mais velha e com mais algumas responsabilidades, mas estou muito feliz. Acho-me muito madura. Como minha mãe sempre diz, eu tenho “*muita cabeça*” para pensar e decidir principalmente na questão do sexo. Eu sempre estou disponível para dar conselhos para as minhas colegas, sempre trocamos muitas idéias.

Eu tenho um irmão e o meu relacionamento com ele é muito bom. É muito difícil brigarmos. Com a mãe também é tranqüilo. Com meu pai, surgem algumas brigas quando ele está de mau humor.

Eu tenho muita ajuda da minha mãe, eu converso bastante com ela. Se estou namorando ou ficando com um guri, ela sempre me fala que ainda não chegou a hora de eu ter um relacionamento mais íntimo. No entanto, ela diz que se eu quiser e achar que está na hora de transar, devo avisá-la. Ela me levará ao médico para que ele me dê as orientações necessárias quanto ao uso do anticoncepcional. Ela também me adverte que é preciso usar camisinha para evitar doenças.

Meu pai não pensa assim. Ele diz “*guria que anda com camisinha na bolsa é porque está querendo transar*”. Ele acha que é errado levar junto um preservativo. Eu e minha mãe pensamos totalmente diferente, usar camisinha é um modo de se prevenir. A mãe me dá bastante conselho. Ela fala bastante comigo, me dá conselhos. Eu sigo muito do que ela me ensina e sempre acabo me dando bem.

Com o pai, o diálogo é mais difícil, ele não quer me ver namorar tão jovem, diz: “*tu só tens catorze anos, é muito cedo*”. Questiona: “*por que se entregar logo, para o primeiro namorado que aparece?*” Na opinião dele, não devo transar. Por ele, eu posso continuar virgem até os dezoito, vinte anos. Meu pai está vivendo hoje com a cabeça no tempo antigo. Muita coisa que ele viveu quando era jovem, está querendo passar para mim. Eu sempre digo para ele, agora mudou, tudo é diferente. Independente disso, preciso me cuidar e ainda é muito cedo para ter uma relação sexual. Falo para o pai me ajudar, me fazer entender este momento. Não ficar só criticando e falando estas coisas negativas para mim.

O relacionamento do meu pai com minha mãe é bom. Eles se entendem, apesar de sempre ter alguma briga porque ele é muito ciumento. Isso gera sérias confusões e problemas para todos nós. Ele começa a brigar e a falar muitas coisas da mãe, fica muito bravo. Quando está irritado com ela descarrega em nós. Passa um tempo xingando a gente e reclama de tudo.

Fico até constrangida de falar num outro fato. Na sala em que minha mãe trabalha tem muitas mulheres. Meu pai diz que elas são “*machorras*”. Ele é horrível, chega a pensar que minha mãe está saindo com elas. Ele não gosta que minha mãe vá, na companhia delas, para Caxias do Sul ou para outro lugar. Assim, surgem as brigas, provocadas pela crise de ciúmes. Ele tem ciúmes das colegas da mãe e das ex-colegas de faculdade, que ainda andam com ela e trabalham junto, na mesma sala. Não sei por que este ciúme, não entendo.

Acho que meu pai está precisando de um tratamento. Ele não anda muito bem, está muito revoltado. Às vezes, eu paro para conversar com ele, mas vejo que não adianta, ele me manda calar a boca. Ele diz para eu sair de perto. Percebo que ele não me entende, não sei realmente o que eu poderia fazer. Tenho vontade de fazer alguma coisa, mas não sei o quê, nem por onde começar.

A raiva dele está centrada na mãe. Porém sempre “sobra” para nós que estamos em casa, é em quem ele descarrega. Quando ele está com muita raiva, ele xinga muito. Uma vez ele chamou o meu irmão que estava escutando som. Como a música estava muita alta, ele não ouviu o pai chamar. Isso resultou numa confusão muito grande. Ele começou a xingar e a dizer: “*tu não escutou guri, tu não escutou, tá surdo?*” É assim, ele começa a xingar por bobagem, por pouca coisa. Comigo também, ele fica falando sem parar. Ele diz palavrão, fala “*desgraçada*”...O pai é bem... muito estourado...muito há...fico muito sensível ao falar sobre o que acontece na minha casa....me emociono muito e choro sempre, como agora.

Eu sempre penso que os pais tem um pouco de ciúmes das filhas. Sinto que ele tem um pouco de ciúmes de mim. Ele reclama do rapaz que estou namorando, não gosta dele. O pai não me proíbe de namorar, mas fica repetindo: “*vais ver, ele não é boa pessoa para ti, ele não serve para ti*”. Ele tem ciúmes de mim e ao mesmo tempo sente orgulho de mim. O motivo do orgulho é o meu desempenho na escola. Sou muito aplicada e interessada.

Na escola acontecem brigas entre os adolescentes. Essas brigas, acontecem normalmente por causa de fofocas, por causa de rapazes, principalmente porque uma pega o namorado da outra. As gurias, hoje em dia, ficam disputando os homens. As brigas surgem quando alguém fica com o namorado da outra; quando há traição ou uma amiga fica “*dando em cima*” do namorado da outra.

O sexo sempre faz parte das relações que se estabelecem na escola, só não tão claramente. Existe muita competição e rivalidade no grupo. Acho isso ridículo, nunca vou brigar por homem como algumas gurias fazem. Ficam com um guri hoje. No mesmo dia transam com ele e, a partir desse momento, acham que ele passa a ser propriedade delas.

Percebo que nem todas as gurias são assim. Na minha aula tem gurias com boa cabeça, que sabem o que querem. Acham que ainda não está na hora de transar, estão esperando encontrar a pessoa certa e ter um momento mais apropriado. Não sei dizer quantas da minha turma já transaram.. O que se vê em regra geral, aqui, no Brasil e no mundo, é que a maioria das gurias se joga nas relações sexuais e na troca de parceiros muito precocemente. Querem fazer tudo o que vêem por aí, principalmente o que aparece na televisão.

Nas séries anteriores, que cursei nesta escola, pouco foi conversado sobre o tema da sexualidade. No ano passado ninguém falou nada sobre orientação ou informação sexual. O que eu sei, aprendi sobre sexo foi com minha mãe ou olhando televisão e ouvindo pessoas falarem e explicarem. Na sexta e sétima séries, tem uma explosão de sexualidade muito grande. Todos ficam muitos agitados e curiosos. Queremos saber tudo, só pensamos em conversar. Na oitava série, talvez por preocupação da professora, tivemos um pouco mais de trabalho voltado ao adolescente, aos conflitos e à sexualidade.

Transar com quinze anos é muito precoce. Entretanto, se a opção for por transar, é preciso ter muito cuidado. Em primeiro lugar, por causa das

doenças sexualmente transmissíveis. Em segundo lugar, ao iniciar a atividade sexual aos quinze anos ou antes disso, mesmo nos cuidando, corremos o risco de ter um filho. Ficar com barriga de grávida nesta idade, eu não quero isso para mim. Me pergunto o que poderia dar para o meu filho nesta idade? Claro, só poderia dar amor, carinho. Como iria sustentá-lo? Necessariamente, seríamos sustentados, eu e meu filho, pelos meus pais. Eles acabariam sustentando a mim e à minha criança. Este é um dos motivos que me levou a decidir só transar mais tarde, deixando que tudo aconteça no seu tempo.

Tenho visto adolescentes que ao transarem não estão nem um pouco preocupados e não tomam nenhuma precaução, enfim, não se cuidam. Passam dias desligados, só depois ao se darem conta que podem ter engravidado ou ter pego alguma doença ficam completamente transtornados e isso acaba interferindo na aprendizagem. O estudo acaba ficando em segundo plano, totalmente prejudicado. Devem ficar pensando: “*O que vou fazer agora? Como vou falar para minha mãe, pro meu pai...*” Para evitar esses conflitos é preciso usar a camisinha e tomar anticoncepcional. Isso vai ajudar a evitar estas preocupações posteriores, porque fica muito presente a angústia e o medo de ficar grávida.

Eu ainda não fui no médico, por uma única razão, é muito cedo ainda. Eu não gostaria de transar logo, porque eu sei minha cabeça vai mudar e estou apenas iniciando minha vida. Eu penso em transar lá pelos dezessete ou dezoito anos, quando tiver mais clareza do que quero na minha vida. Sei que daqui a algum tempo vou estar mais amadurecida para pensar e decidir sobre este assunto. Eu nunca transei. Eu não quero transar agora. Busco o momento certo. Quero algo mais. Quero ser feliz, encontrar a pessoa certa. Uma gravidez agora seria abrir mão de muita coisa na minha vida, por exemplo, de meus estudos. Se eu estivesse grávida, eu não viria à escola barriguda, eu ficaria em casa. Perderia minha adolescência para cuidar da criancinha. Até não consigo imaginar como ficaria minha vida com um bebê dependendo de mim.

Eu tenho amigas que já transaram muitas vezes e com cada rapaz que elas ficam elas têm vontade de transar. Vejo que elas se tornam gurias “*bem faladas*”, mas eu não gostaria de ficar assim como elas. Penso bastante e avalio os dois lados da situação. Se for para transar tem que ser com namorado já bastante firme, com alguém de quem eu goste muito. Eu penso que o ideal seria namorar algum tempo para só depois transar. Não sair se oferecendo para o primeiro que aparece, tipo se vendendo e querendo transar. Têm muitas amigas minhas que estão assim, aparece alguém já ficam com ele.

O adolescente na minha opinião tem que amadurecer para fazer opções sexuais, mais conscientes. A jovem ao decidir, se iniciar sexualmente, deve tomar anticoncepcionais, precisa buscar orientação médica e usar camisinha. Se na hora não está preparada, tomando anticoncepcional, pelo menos deverá estar usando camisinha para assim, evitar gravidez e doenças que se transmitem pela relação sexual.

Eu até sinto muita curiosidade. Parece algo meio misterioso, me dou conta disso agora falando contigo pois estou quase sussurrado, parece até

um segredo. Fico pensando: “*será que eles, meus amigos já transaram mesmo? Como será que é? Será que é bom? Como é que deve ser um beijo?*” Fico bem curiosa. Tenho muitas dúvidas. Às vezes, penso que tenho medo. Gostaria de saber o que as outras pessoas pensam.

A escola, na questão do sexo, não ajuda muito os jovens a tomarem suas decisões. Ela não abre o diálogo, não oportuniza momentos de troca de idéias. O que se percebe é que o assunto de sexo surge nas próprias relações que se estabelecem na escola, nos namoros, no ficar. O próprio grupo se reúne e bate papo, troca idéias nos momentos de recreio, intervalos e períodos vagos. Aprendi também a ser amiga de todos e conversar sem com isso comprometer minha pessoa.

Hoje, saio com um grupo de guris para dançar, vamos todos, em turma, num bar e isso não significa ser vulgar, ou ser falada isso significa ter amigos e ser feliz. Aprendi que pode existir uma relação de afeto e de amizade no grupo entre meninos e meninas e isso é saudável. Acontece naturalmente pela integração que ocorre no ambiente escolar.

Descobri também, alguma coisa sobre sexo, quando a professora nos levou ao posto de saúde do IAPI. Ali tivemos uma palestra com uma médica. Ela nos explicou sobre sexo, adolescência e drogas. Aqui no colégio fizemos alguns trabalhos, organizamos uns cartazes sobre sexo e drogas, acho que eles me ajudaram um pouco.

Mas têm coisas aqui na escola que não dá para entender. Já é uma tradição de muitos anos, os alunos formandos da 8ª série realizarem uma excursão até o Beto Carreiro.. Este ano é a nossa vez e nós vamos fazer este passeio com professores e a direção nos acompanhando. Só que a diretora da escola não nos está permitindo dormir no hotel à noite. Ela usa o seguinte argumento: “*de sessenta alunos que vão, voltam depois setenta*” (se referindo às meninas que voltarão grávidas). Eu penso que isso não tem sentido, cada um deve ter consciência do que está fazendo. Se os pais liberarem sabendo tudo o que pode acontecer isso não tem nada a ver com a escola. A diretora não poderia ter tomado a decisão pelos pais e alunos, deveria perguntar o que nós pensamos a respeito. Para nós seria uma excelente experiência, para sabermos como cada um enfrentaria este momento, porém, isso não foi permitido.

Eu estive na reunião de pais coordenada pela diretora e falei: “*cada um tem que ter consciência e tomar as suas próprias decisões*”. No grupo, pode ter sempre os que vão com a intenção de transar, mas isso é de cada um. Penso que ela poderia ter transferido a responsabilidade para cada um e para a família. Ela não nos deu liberdade.

A escola deve e pode fazer muito mais do que vem fazendo sobre a questão da sexualidade. Deveria ter alguém para conversar sobre em todas as turmas. Poderia ser um profissional qualificado, uma assistente social, uma psicóloga, uma orientadora, alguém para conversar que dominasse o assunto.

Eu penso muito na escola, no meu estudo, no meu futuro, quero fazer minha vida. Eu estava namorando um guri, ele tinha dezesseis anos, estava

na 6ª série. Minha mãe falou comigo e me alertou: “*Cristal de Rocha este guri não é bom para ti, não é o rapaz ideal, não serve para ti, tu queres ser uma grande profissional, este guri não vai te ajudar nada a crescer*”. Concluí que ela tinha razão e me afastei.

Não quero casar porque hoje em dia eu vejo as famílias brigando, é aquela incomodação. Marido ciumento, bem como acontece com a minha mãe. Ela sempre me alerta, que comigo pode ser diferente, mas eu não penso em casar. Não consigo ficar com o mesmo guri muito tempo. Parece que eu me enjoa da cara da pessoa. Não consigo ficar muito tempo com alguém, por isso não pretendo casar. Pode ser que lá no futuro eu até troque de idéia, me apaixone, goste muito de alguém, mas por enquanto nem falar.

Eu achei a entrevista muito boa. No começo fiquei bem nervosa pensando se conseguiria falar. As palavras foram saindo, um pouco erradas, mas foram saindo da cabeça, do coração. Se precisar completar mais esta entrevista, fazer algum outro relato, estou disponível.

Se tiveres outra entrevista para fazer, podes contar comigo. Se achares que eu posso fazer melhor posso repetir, eu gostei muito. Gostei porque é muito difícil eu comentar isso com alguém. Consegui me abrir, falar sobre meus pais, pois isso eu não converso com ninguém. Contar sobre minha vida, minhas angústias, aquilo que me preocupava e dizer tudo o que eu estava sentindo foi realmente maravilhoso.

Hoje que eu estou de aniversário, fiz um balanço, uma retomada sobre minha vida, minha família, meu futuro, meu estudos, sobre os namoros, as transas e a escola.

Gostei muito, obrigado.

Jaspe (14, M)

Olhando a adolescência pelo lado masculino, eu acho que os homens não dão muita importância para o afetivo. Eles querem é transar com as gurias. Quantas mais melhor! Falar no grupo de amigos já ter transado com várias garotas, “*dá mais moral*”. Reverte em maior promoção pessoal, embora saibamos que, muitas vezes, não é verdade. Alguns amigos dizem: “*hoje, eu peguei uma, ontem peguei outra, aquele dia, várias*”. Quase sempre, é mais farol do que fato concreto. Falam até para ver se com isso conquistam mais algumas gurias. Até comigo já aconteceu isso. Um amigo meu falou que tinha transado com uma guria e tenho certeza de que não era verdade, pois a conheço muito bem.

Esta forma de falar, parece até propaganda e funciona muito bem com as gurias. Se eu digo que já fiquei com várias meninas, que sou experiente, outras vão querer ficar comigo também. Eu também já vivi esta situação. Eu era virgem até um ano atrás. Estávamos conversando num grupo de amigos, tinha algumas gurias na roda e o assunto era sobre quem já transara alguma vez. Todos estavam falando que tinham transado com uma ..., começou a me dar um “*sufoco*”. Eu não ia ficar por baixo, tive que mentir. Falei já ter transado. Na hora não me veio nenhum nome à cabeça. Então eu disse que fora com uma prima, alguma coisa assim. Até as gurias iam ficar gozando, rindo da minha cara se eu tivesse dito a verdade, que era virgem. Eu tive que mentir. Acho que fiz uma coisa errada. Na hora, entretanto, não é possível avaliar muito se está certo ou errado, a gente só quer ser igual aos outros. Sou muito tímido e precisava me auto afirmar no grupo.

Os meus sentimentos em relação a não ter transado ainda eram de medo. Eu tinha medo mesmo. Eu não sabia o que iria fazer com uma mulher. Não sabia, eu olhava, mas tinha dúvida. Hoje, já sei, sou experiente. Já fiz várias vezes, sei bem como é. Antes, eu tinha medo de chegar na menina. Vinham dúvidas: “*será que eu vou falhar na hora, será que eu vou fazer alguma coisa errada?*” Eu achava que tinha de ter um bom desempenho. Mas na primeira vez aconteceu tudo muito bem.

Além desta preocupação de falhar ou não, eu não tinha mais nem uma outra. Este era o meu drama maior. Não tinha nenhuma preocupação com relação à gravidez. Doenças? Nem pensava nisso. Só depois de iniciar a transar é que comecei a pensar nisso e a ouvir os outros falarem a respeito.

Várias vezes, eu tive problemas sérios, achando que a menina estava grávida. Passava parte do mês muito mal, muito preocupado, aguardando que a menina menstruasse. Só pensava o que eu faria se ela estivesse grávida. Eu não me cuidava mesmo. Até minha mãe falava que era preciso usar camisinha, mas eu não dava importância. Só mais tarde é que eu fui

ver que não dava para viver com toda esta carga de preocupação. Precisava me cuidar.

A mãe e o pai falavam que tinha que usar a camisinha. Não falavam assim, diretamente, explicando como era, como tinha que ser. Eu é que fui me virando, fui aprendendo com meus amigos. Quem mais me ajudou a entender e a evitar os problemas que poderiam surgir foram os meus amigos da rua.

Com relação à sexualidade, a escola não me ajudou em nada. Apenas no ano passado, tivemos uma aula em que uma professora explicou sobre gravidez . Isto me ajudou um pouco. Mas foi só uma vez, poderia ter sido bem mais. A escola não fez mais nenhuma atividade para nos orientar e nos preparar para a vida. Isso eu acho errado. A escola deveria dar um incentivo para ajudar os alunos, mostrar como é, orientá-los como devem se cuidar. Acho que os alunos poderiam ter palestras, oficinas, oportunidades para perguntar e falar sobre que precisam saber .

As preocupações que eu tinha durante aquele mês de expectativa, aguardando se a menina tinha engravidado ou não, foram terríveis. Meu pai sempre afirmava: “*se engravidares alguém, tu vais ter que largar o futebol*”. Eu jogo no Grêmio. Meu pai dizia que ter um filho mudaria a minha vida. Iria interferir no meu plano de vida. Confesso que ficava muito preocupado, eu pensava no que poderia falar, no que o pai dela diria quando soubesse que ela estava grávida. Isso tudo me deixava muito angustiado, eu me sentia “*super*” mal. Passava dias horríveis, com uma coisa horrorosa dentro de mim e não tinha com quem conversar.

Quando chegava na escola até passava. Conversava com os amigos e esquecia um pouco. Durante as aulas, eu acabava lembrando do problema a toda hora. Ficava tentando encontrar uma solução. Com isso, claro, não prestava atenção e algumas vezes, me dava muito mal. Tudo isto me prejudicou bastante na aprendizagem. Eu ficava, grande parte do tempo, procurando uma solução para os meus problemas ...

Ao tomar conhecimento que a menina não estava grávida, eu prometia para mim mesmo que eu iria me cuidar, que usaria camisinha. No entanto, toda a vez que tinha que acontecer uma nova transa eu não estava preparado, não tinha camisinha na hora. Daí acabava ficando preocupado novamente e começava tudo de novo. Eu nunca estava preparado com um preservativo na hora em que ia transar. Eu sempre pensava: “*azar, não faz mal, seja o que Deus quiser*” e justamente aí estava o risco, estava a possibilidade de engravidar a menina.

Fico pensando por que eu fiz isso. Poderia ter evitado tantas preocupações! Isso tudo que relatei, ocorreu no ano passado (1998), ao longo da sétima série. Enquanto tudo isso acontecia comigo, as aulas transcorriam normalmente e eu cada vez me prejudicava mais. Dou-me conta agora, falando contigo, o quanto poderia ter sido mais fácil se a escola nos oportunizasse algum tipo de orientação.

Aqui na escola, alguns guris estão indo para as drogas. Eles mudaram muito. Nunca me envolvi com eles. Alguns ainda freqüentam a escola, acho

que não estão totalmente viciados. Quando menos se espera, se encontra alguém fumando maconha. Outro dia, eu estava andando na rua e vi um amigo meu. Nunca imaginei ser ele capaz de usar drogas. e ele estava fumando maconha! Fiquei “*super*” espantado. Ele sempre andava comigo, era todo direitinho e estava ali fumando maconha. Como eu disse, o número de usuário de drogas é muito grande e a cada dia nos surpreendemos ao ver quantos estão entrando nessa.

A relação com minha mãe é difícil. Eu acho que tenho vergonha. Se eu for falar com ela, assim como estou falando agora, sobre transar com alguma guria, eu tenho certeza que ela não acreditará. Ela ainda não viu que eu cresci. Ela acha que eu ainda tenho doze anos. Ela não quer acreditar que já estou crescido e já possa ter transado com alguém. Eu falo muito pouco com ela.

Eu tenho mais liberdade para falar com meu pai do que com minha mãe. Ele me diz muitas coisas. Parece que com ele me sinto melhor. Por ser homem, me entende mais. Mesmo assim, nunca falei com ele sobre minhas dificuldades e curiosidades na área sexual. Meu pai só fala que tenho que usar camisinha. Ele afirma que se eu engravidar uma menina, vou estragar minha vida. Adverte-me que se isto acontecer, ele vai me deixar enfrentar tudo sozinho. Não sei se fala assim para me alertar e prevenir ou para me assustar. Não esqueço de uma de suas frases: “se engravidares alguma guria, tu vais te ralar sozinho”. Acho que é a maneira que ele encontra de me passar o recado de que eu devo me cuidar.

Quando viajei com o time de futebol, tive que fazer vários exames, inclusive o teste da AIDS. Confesso que estava bem preocupado, mas também pensava “sempre transei com gurias de família, elas não podem ter a doença”. Mesmo assim, fiquei com muito medo. Quando o resultado do exame da AIDS. chegou, eu me senti aliviado, fiquei feliz por não estar com a doença.. Comecei , então, uma vida nova, do zero. O futebol é o objetivo maior da minha vida. Ele me mantém longe das drogas e dos demais problemas. Canalizo toda minha energia para o jogo, isto me ajuda muito. Se alguém me convida para sair, eu até tenho vontade de ir junto, mas não posso. Tenho jogo no outro dia ou no final da semana, então eu não saio. Primeiro eu penso no jogo, depois no divertimento.

Minha relação de amizade com as gurias é boa. Eu sou mais amigo delas do que dos gurus. Com elas não tem esse papo todo de drogas. Claro, têm algumas que usam droga, mas são poucas. A maioria gosta de sair, ir para o shopping. Bater papo com as gurias é bem diferente do que com os gurus. E também não tem muita competição. Não preciso ficar no grupo me mostrando ou tentando ser igual aos outros, me sentido pressionando para fumar como eles fumam, bebendo como eles bebem ou listando o número de gurias com quem já transei.

No grupo das gurias é mais calmo. Elas conseguem transmitir tranqüilidade. Mostram que não precisamos ser mais do que o outro. Cada um tem que ser e mostrar o que é de fato. As gurias tem “*uma cabeça melhor*” que a dos gurus. Elas são mais amadurecidas. Eu acho que elas tem mais liberdade com a mãe delas para conversar e tirarem suas dúvidas. Os pais, de alguma maneira, também conversam muito com elas, porque elas os

agradam muito. Acredito que as meninas tem mais liberdade de falar com os pais do que nós. Com as gurias, os pais são mais meigos, oferecem um tratamento bem diferente do dispensado aos meninos.

Os guris são educados para serem machos. Quando pequenos, não podem chorar. O que sempre se ouve é: “*Tu és homem, tu vais brincar de boneca?*” Desde cedo, impõem que temos que gostar de mulher, que temos que ser homem macho, durão. Chorar é coisa de mulherzinha e os sentimentos não devem ser expressos.

Minha relação com os professores não é muito boa. Eu nunca converso com eles. Na minha percepção, não gostam de mim, então não falo com eles. Não tenho nenhuma relação de amizade com os professores. Desde a sexta série, freqüentemente chamam a minha mãe à escola. Acho que estão sempre fazendo queixas de mim, porque não tenho muita ligação com eles. Penso até que chamam a minha mãe por pura implicância. Ela reclama demais. Por qualquer coisinha, ela chama minha mãe. No fundo, acho que ela não gosta de mim.

A professora de matemática também não dá liberdade nenhuma. Ela jamais interrompe a aula para falar alguma coisa da vida. Ela só passa contas e mais contas. Ela nunca falou da vida para nós. Esta professora de matemática tem um distanciamento muito grande dos alunos, principalmente de mim.

Com a professora de ciências, é diferente. Ela pára a aula e fala sobre a vida, sobre a sexualidade, sobre o adolescente. Conta histórias de fatos acontecidos, de experiências sobre pessoas que entraram no mundo das drogas e depois se afastaram. Explica bastante tudo o que acontece. Todo mundo gosta dela porque ela é amiga, muito amiga dos alunos. Ela conversa, ela nos entende. Com a professora de Matemática aula fica longe do aluno. Ela não consegue perceber o que pensamos e sentimos. É só conteúdo, não há espaço para o aluno. Ela fica cuidando, pressionando para ver se fazemos os exercícios, é cobrança pura.

Analisando minha adolescência, percebo que luto com muita garra para conseguir aquilo que eu quero. Afasto-me de tudo aquilo que pode me prejudicar, inclusive dos meus amigos. As drogas passam pela minha vida e me deixa muito preocupado. Eu, graças a Deus, não uso drogas. Porém fico preocupado quando estou com um amigo usuário de drogas. Só pelo fato de estar junto com ele, a polícia pode me prender. Fico muito preocupado pensando que isso possa acontecer.

Os usuários de drogas são muitos, muito mais do que se possa imaginar. Para evitar este tipo de problema eu parei de andar com alguns amigos. Tomar esta decisão foi muito difícil. Eles viviam na minha casa, eram “*super legais*”, mas começaram a entrar neste mundo de drogas. Ainda bem que eu saí por outro caminho, comecei a jogar futebol. Até tentei tirá-los das drogas, falei muitas vezes para eles: “*larga isso!., que isso não vai te levar a nada, só vai te destruir!!*”

Eu e outro amigo tentamos conversar com um colega que começava a usar drogas. Tentamos mostrar que o caminho da droga é perigoso e ele

prometeu que ia largar. Mais tarde, vimos que não adiantou nada. A gente tenta orientá-los mas parece que eles não dão muita importância. Eles deixam e voltam de novo. Ficam convictos de que poderão parar quando quiserem, sem problemas. Não é bem assim. Não sei quem poderia ajudá-los. Nem a escola pode intervir pois eles desistiram de estudar.

Lá em casa sempre me alertam para não andar com este guri porque ele é maconheiro. Dizem que se a polícia der uma batida, me levam junto se eu estiver com ele. Isto é uma verdade. Até provar o contrário, eu já terei sido levado para a FEBEM. Como meu amigo não quer ser ajudado e eu tenho um ideal na vida, me afastei dele.

Eu tenho uma irmã mais velha do que eu. Ela tem um filho. Minha relação com ela não é muito boa. Ela seguidamente me coloca contra a minha mãe. Minha irmã é uma guria que já teve muitas experiências. Ela me dá algumas dicas, me mostra alguns problemas, que ela já enfrentou e passou. Ela me alerta para me cuidar bastante, cuidar com as amizades que podem me levar para um caminho errado. Diz para eu não usar drogas, pois para sair delas é muito difícil. Minha irmã até me ajuda bastante.

Minha mãe está sempre me xingando, outro dia ela estava com pressão alta e ficou me acusando. Disse que eu a incomodo, que eu sou o culpado da sua pressão alta. Eu fico muito preocupado. Se ela morrer, vou me sentir culpado. Todos vão me acusar e me culpar. Acho que eu não tenho feito grandes coisas para causar tanto mal a ela, o que eu faço são coisas de guri.

Agora, durante a entrevista, me dei conta que eu vou ter que conversar com minha mãe: saber de fato qual é o problema., o que está acontecendo, em que ela está sendo prejudicada. Quero saber se tem algum fato concreto que a está incomodando. Vou falar também com a minha irmã, para ela não ficar me jogando contra a mãe deste jeito. Quero saber tudo, que me expliquem a quem estou incomodando. Talvez eu esteja falhando com a mãe, talvez esteja faltando um pouco de afeto, um momento de maior conversa, para resolver o problema.

Eu achei esta entrevista muito interessante, muito bom este momento de pensar na vida. Não tenho muita coisa para falar. Porém eu achei “legal”, eu gostei. Estava realmente preocupado que fosses me perguntar algo difícil que eu não soubesse responder. Vi, no decorrer da entrevista, que eram coisas relacionadas à minha vida, o que acontece comigo, e isso é fácil de falar e explicar.

Esta oportunidade me ajudou muito, eu até comecei a me soltar mais, me fez pensar e tentar achar os caminhos para a minha vida. Até já decidi falar com a minha mãe e encontrar uma solução. Com os gurus, meus amigos, é mais difícil de falar, mas mesmo assim vou tentar. Gostaria muito de que a senhora conversasse com um deles. Ele já não está mais na escola, mas eu acho que como fui ajudado ele também seria ajudado. Gostei muito de conversar assim com calma e poder dizer tudo aquilo que estava sentindo.

Ágata de Fogo (16, M)

Posso dizer que assuntos sobre o sexo são pouco trabalhados na escola. Na verdade, raras vezes este tema foi tratado com os alunos daqui. Na minha opinião, a escola deveria se preocupar em trabalhar sobre sexo com os estudantes. Os professores poderiam oportunizar encontros de orientação sexual nos quais o objetivo maior seria a troca de idéias. Eles poderiam acontecer, no mínimo, uma vez por mês.

Precisamos aprender os métodos de prevenção, como se coloca a camisinha, etc... Se esta orientação ocorresse, os jovens teriam mais presente os cuidados necessários para evitar problemas posteriores. Assumiriam com mais consciência e responsabilidade as primeiras transas. Sabendo dos perigos, começariam a usar camisinha sem preconceito. Primeiro para evitar doenças e segundo para não cometer a “*besteira*” de engravidar alguém.

Alguns métodos anticoncepcionais nós não conhecemos. A maioria dos jovens não sabe usar a camisinha. Todos falam, que tem que usar camisinha, mas a grande maioria nunca pegou uma na mão. Não sabem usá-la, nem como colocá-la. Quando os amigos se encontram, dizem que usam camisinha, mas isso nem sempre é verdadeiro. Chega a hora da transa, dá um nervoso na pessoa, começa a tremer e a ter dúvidas de como deve fazer.

Na hora da transa, no momento do prazer, passam muitas idéias na cabeça do adolescente. Vem aquela vontade de gozar, sem se preocupar em evitar a gravidez. Dá vontade de gozar na penetração e depois “*seja o que Deus quiser*”. Este método, que eu uso, gera muita angústia e ansiedade pois somente no final do mês, fica-se sabendo se a menina engravidou ou

não. Estas tensões acabam prejudicando os estudos, pois a cabeça fica centrada neste problema.

Na sétima série, ano passado, a professora explicou um pouco sobre sexo, mas foi muito rápido não deu para gravar muita coisa. Ela se deteve explicando mais sobre o corpo humano, os órgãos de reprodução do homem e da mulher. Ficamos sabendo de algumas doenças que passam na relação sexual, mas só. Não houve abertura para diálogo ou troca de idéias. Seria importante falar sobre como cada um vê a vida, o que cada um pensa, debater sobre doenças, gravidez e as conseqüências que dela decorrem.

Comecei a transar com minha namorada no sexto mês de namoro. Não usei camisinha, porque só transei com ela. Ficamos um ano e dois meses juntos e antes disso ela nunca transara com alguém. Este foi o motivo de não usarmos camisinha. Ela anotava na agenda o dia da relação sexual. Só fui ouvir falar sobre o período fértil das mulheres, quando a professora nos levou no posto de saúde do IAPI para uma palestra de orientação sexual. Aí nos explicaram o que isso significa. Agora, já não lembro direito, mas acho que o período menos perigoso das meninas para evitar gravidez é dez dias antes da menstruação e dez dias depois.

Durante oito meses transamos. Houve um período em que a menstruação dela não vinha e começamos a ficar muito preocupados. Assim que a menstruação dela atrasou, ela começou a falar que se estivesse grávida, fugiria para bem longe. Não teria coragem de enfrentar a gravidez, esta estragaria sua vida. Ela estava grávida. Logo que tivemos certeza, deu uma angústia e um medo terrível. Tinha medo, pois pensava que minha família não aceitaria, que começariam a dizer que eu era irresponsável. Imaginei: *“eles vão me mandar embora de casa, ninguém vai aceitar”*. Por outro lado, pensava que no início é normal uma reação de rejeição, geralmente ela é horrível. Depois tudo passa, se acomoda, se acostumariam com a idéia e acolheriam a criança. Pensava que depois que a criança nascesse, meus familiares e a família dela se apegariam ao bebê, o aceitariam, porque criança encanta a todos, conquista a todos.

Realizamos um exame de gravidez num laboratório, para nos certificarmos que ela estava realmente grávida. No mesmo dia procurei o apoio de minha mãe, porque meu pai espera primeiro minha mãe dar sua opinião, para depois se manifestar. Ao conversarmos com ela, minha namorada, começou a chorar. Minha mãe nos apoiou. Não nós repriminou, até disse *“se vocês fizeram, vocês tem que segurar. Se a família dela não aceitar, ela poderá morar aqui em nossa casa. Vamos criar esta criança”*. Minha mãe me apoiava, me dava segurança. Eu pensava *“vou ter que assumir”*. Eu e minha namorada não estávamos sós.

Minha mãe, que não tinha feito nada, estava disposta a ajudar a gente. Quando a mãe começou a nos dar força, fui ficando mais aliviado, me sentia bem melhor. Até mais alegre me sentia. Imaginava *“vou ter um filho”*. E, pensando bem, ter um filho, até que não seria tão ruim. Eu tenho 15 anos, quando eu tiver 30, meu filho vai ter 15 como tenho hoje. Poderíamos sair juntos eu e ele, ir a festas, a boites. Se só tiver filho com 25, 30 anos, quando ele completar 15 anos, eu vou estar na beira dos 50, daí não vai dar para aproveitarmos juntos.

Minha garota, antes de iniciar nosso namoro, morava com os avós. Permaneceu na casa deles dos cinco aos quatorze anos. O pai e a mãe dela bebiam muito e se embebedavam diariamente. Um dia a mãe dela resolveu sair de casa deixando-a com o pai. Como o pai também não conseguia controlar a bebida, ele deixou a criança com a avó, que era mãe da mãe dela. Aos quinze anos ela começou a namorar comigo e os avós não aceitaram. Eles cuidavam muito dela e achavam muito cedo namorar aos 15 anos, diziam que, primeiro, ela deveria concluir o ensino fundamental. Por este motivo, ela saiu da casa dos avós e foi morar com a mãe, que logo aceitou nosso namoro.

Quando ela engravidou, a família dela nem ficou sabendo. Só a minha família tomou conhecimento, porque em seguida tudo mudou. Ela foi jogar uma partida de futebol e recebeu um chute muito forte na barriga. No outro dia ela começou a expelir bolas de sangue e daí perdeu a criança. Acho que ela estava com um mês e pouco de gravidez.

Quando eu soube que a minha namorada não estava mais grávida senti uma sensação de alívio. Tirei um peso dos meus ombros. Depois, quando pensei melhor, fiquei triste, porque já estava até conformado e estava alegre em ser pai aos quinze anos. Minha namorada ficou bem eufórica. Ficou aliviada. Cheguei até a brigar com ela, porque ela ficou toda contente e repetia: *“ainda bem que perdi a criança”*. Eu fiquei muito chateado e falava: *“por que dizer isso?”* Ela repetia: *“Deus sabe o que faz”*.

Durante este período, tivemos várias preocupações. Uma delas era saber se a gente teria condições de sustentar este filho. Concluimos que quem teria que sustentar todos nós seriam os avós. Além disso, ia ser muito ruim para nós dois, nesta idade, termos este filho, tudo mudaria. Se o amor acabasse, ficaria o fruto deste amor, esta criança. Se, cada um fosse para um lado diferente, como seria a vida desta criança? Talvez, acabaria como minha namorada quando ela era pequena. Ela foi praticamente abandonada pelos pais, na casa da avó. Se a gravidez tivesse ido até o final minha namorada teria que parar de estudar, para cuidar do filho. Todos iam ajudar, principalmente os avós, mas ela em primeiro lugar teria que assumir a maternidade.

Ter um filho, nesta idade, como diz minha mãe, não é tão fácil. Ao contrário, é bem difícil. Amamentar, cuidar dele, exige em primeiro lugar, resignação, é preciso abrir mão da nossa liberdade. Passamos a ser responsáveis por ele. Sair sábados à noite ficaria difícil. Ele precisa de atenção e cuidados. Ser responsável por uma criança, até dá medo. Agora que eu estou falando contigo, me dou conta que se tivesse tido aquele filho eu teria que educá-lo e com certeza, não seria parceiro de festa para ele. Acho que ele não iria gostar de ir às festas comigo, porque eu também, não gosto que o meu pai vá junto. Imagine eu dançando e meu pai olhando ou querendo dançar do meu lado. Seria até constrangedor. Ficaria até com vergonha, porque todo mundo estaria na festa sozinho e eu lá com o pai, que *“chato”*.

Alguns meses depois deste acontecimento, eu e minha namorada acabamos o namoro. No início, tínhamos vários tratos e eles foram rompidos. Por exemplo, se um de nós, não saísse o outro também não poderia ir. No sábado, se ela saísse à noite, deveria me comunicar. Algumas vezes, ela saiu e não me comunicou. Considerei isso uma quebra de confiança e aos poucos fomos acabando o namoro. Hoje, não namoramos mais. Ela mora novamente com seus avós. Fico feliz porque ela está bem melhor com eles do que com a mãe dela. Mesmo que tenhamos terminado nosso namoro, eu torço por ela.

Agora, quando quis ficar com ela telefonei, perguntei como ela estava e a convidei para ir lá em casa. Ela foi, transamos mais umas cinco vezes, todas elas sem camisinha. Depois daquele fato da gravidez, eu sempre pedia para que usasse anticoncepcional. Minha irmã tomava um, que engordava muito. Por este motivo, minha namorada não queria tomar. Depois ela descobriu um que não engordava. Comprei para ela tomar, mas mesmo assim, ela se negou a fazê-lo. A preocupação de tomar o anticoncepcional era para evitar a gravidez. Como ela não queria, quando transávamos, acabava sendo como anteriormente, interrompendo a relação na hora da ejaculação. *“Procurava não gozar dentro dela, porque não usávamos camisinha”*, assim evitávamos a gravidez. Mesmo com a experiência tida, continuamos transando sem a camisinha e sem anticoncepcional, só com este tipo de prevenção: *“interrupção”*.

Na hora das transas o adolescente pensa que é poderoso, que com ele nada vai acontecer. Eu sempre penso assim: *“Deus é bom comigo ele não vai deixar acontecer nada comigo. Engravidar alguém só acontece com o meu vizinho, não comigo.”* Não consigo usar camisinha, apesar de considerar um método muito bom de prevenção, mas ao mesmo tempo é ruim, porque não dá muito prazer. É uma borracha atrapalhando. Já tentei usar e não gostei. Botei corretamente, mas não me agradei. Parece ser algo que fica bloqueando. Concluí que a *“camisinha não gostou de mim e eu não gostei da camisinha”*.

Depois desta experiência que acabei de relatar, saí uma noite com meu irmão, minha cunhada e uma amiga dela. Fomos a um bar dançar e depois fomos para casa dela e acabamos indo dormir juntos. Chegada a hora da transa, tirei uma camisinha, da minha carteira, para colocá-la. A garota, no entanto, não aceitou transar de camisinha e falou: *“tu não vais usar camisinha, eu não gosto”*. Fiquei meio preocupado e disse a ela que só transaria se fosse de camisinha. Ela pegou minha carteira e jogou longe, não consegui encontrar o preservativo. Disse a ela que só transaria de camisinha, pois não a conhecia, não sabia com quem ela tinha andado anteriormente, nem o que fazia. Fui lá no outro quarto ao lado, onde estava meu irmão e pedi a ele outra camisinha, mas ela foi irredutível, preferiu não transar ao ter que fazê-lo de camisinha.

Transar sem camisinha com quem eu não conheço, me deixa preocupado, não só pela gravidez, mas também pela AIDS. Se eu pegar esta doença, sei que não tem cura, sei que vou morrer. Eu também penso que se transasse com aquela guria e ela tivesse uma doença ela passaria para mim e eu passaria para outra parceira.

Na adolescência é bom ter toda a liberdade, se prender a uma só menina não é bom. Várias meninas bonitas ficam presas, em função de namorado. Namorar é bom, quando a pessoa gosta mesmo. Na adolescência quase ninguém quer namorar. Todo mundo quer só ficar, sem compromisso. Hoje em dia há muita mulher para pouco homem e as gurias acabam pegando vários ao mesmo tempo

Atualmente, é normal ficar hoje com uma menina e amanhã com outra, não tem como se apegar a elas. O contrário também é verdadeiro. O guri sabe que se ficar com uma garota logo vai ser traído, porque as garotas estão provocando e transando com vários homens ao mesmo tempo. É mais fácil as mulheres estarem "*dando em cima de um homem do que um homem em cima de uma mulher*". Elas estão muito atrevidas. É muito difícil uma menina ficar fiel a um menino. Porém se encontramos uma menina que nunca ficou com ninguém, acabamos nos apaixonando por ela no mesmo momento. Eu prefiro pegar meninas assim, ficar com meninas que nunca ficaram com ninguém. Se a menina nunca beijou, ela vai beijar do meu modo. Eu vou ensiná-la como beijar. É mais ou menos como criá-la na palma da mão. Aquelas que já ficaram com quatro ou cinco é mais complicado. A gente acaba perdendo a confiança.

Avaliar esta entrevista inclui dizer que ela foi muito boa. Primeiro, esta entrevista, me fez pensar e me fez ver que para ter um filho, para ir à festa com ele não é bem assim, não seria muito bom, não daria muito certo. Eu não gosto de sair com o meu pai e meu filho certamente não gostaria de sair comigo também. Agora estou vendo que ter um filho não é tão fácil assim, seria muito complicado. Com um filho, tudo se torna difícil, principalmente a situação financeira e há o problema da liberdade: não poderia mais sair à noite.

Esta entrevista me fez pensar também no meu método de interrupção da relação sexual. Acho que não é muito eficaz, nem muito prazeroso. Comecei a pensar que tenho que rever meus conceitos sobre o uso da camisinha, pois ela é uma das alternativas mais confiáveis.

Esta entrevista foi muito legal, ao mesmo tempo foi um desabafo. Poder contar e dividir com alguém tudo isso, que até então, nunca contara a ninguém foi ótimo. És a primeira pessoa que ficou sabendo de toda a minha história e da gravidez. Nunca falei para ninguém, a não ser para minha mãe.

Malaquita (14, F)

No que diz respeito à sexualidade, antigamente, os pais não falavam com os seus filhos e muito menos a escola com os seus alunos. Era uma coisa feia e, portanto, proibida de ser falada. A maioria das pessoas ficam tímidas ao falar neste assunto. Tudo que tem um ar de proibido, parece ser mais desejado. Alguns afirmam que sexo não é proibido, mas continua sendo algo que todo mundo esconde, ninguém fala. Passa a ser então,

reprimido. Este assunto não é conversado abertamente. Na escola não se pode falar, em casa não se tem liberdade para abordá-lo.

Se o sexo fosse tratado como algo mais comum, como parte de nós mesmos, seria bem mais tranqüilo, não teria tanto mistério. Por ser uma coisa assim escondida que ninguém fala abertamente, existe a curiosidade para saber como é. Se fosse diferente, fazer a opção de transar seria bem mais natural. A pessoa escolheria seu momento quando se sentisse pronta, madura o suficiente. Muitos adolescentes acabam transando antes da hora para satisfazer sua curiosidade.

Atualmente, alguns pais conversam com seus filhos sobre sexo; outros acham isso um absurdo e pensam que a escola também não deve falar sobre este assunto. Parece incrível, mas ainda hoje, quase no ano 2.000, existem pais bastante alienados que preferem calar a orientar seus filhos. Consideram ser eles muito jovens e pensam que informá-los equivale a estimulá-los à prática do sexo. Para qualquer pai o filho sempre é muito novo, acha sempre muito cedo iniciar a conversa sobre sexo.

Os pais deveriam dar liberdade para os filhos falarem este assunto em casa, conversar sobre suas dúvidas. Pai e mãe são as pessoas nas quais a gente mais confia. Para muitos pais, não tem problema dos filhos falarem sobre sexo ou de eles explicarem o que sabem. Mesmo nestes casos, os adultos pensam encontrar na escola uma ajuda. Certos pais não conseguem falar, sentem dificuldades ao fazê-lo, pois estão despreparados. Alguns dão muita liberdade para seus filhos, outros fingem não saber das suas vivências, não ligam para o que o adolescente faz, já que não sabem como agir. Eles se mostram indiferentes, mesmo quando a filha já sai à noite, eles dizem: *“minha filha ainda brinca de boneca”*. Eles se iludem e criam falsas interpretações.

Quando ocorre de a menina ficar grávida ou de o filho engravidar a namorada, os pais que iludiram a si mesmos fazem uma história, dizem que foram os últimos a saber. Na verdade, eles já sabiam o que estava acontecendo, só ficavam tapando o sol com a peneira, faziam o jogo, dizendo não saber nada. Quando os pais tem conhecimento que os filhos estão transando eles deveriam falar: *“meu filho é preciso ter cuidado, é preciso usar camisinha, porque se tu tiveres um filho, nesta idade, vai atrapalhar toda a tua vida”*. São poucos os pais preocupados em orientar e conversar abertamente.

Normalmente, os pais das meninas não enxergam o que está acontecendo com sua filha, porque a nossa sociedade é machista, a nossa sociedade só permite que os meninos tenham liberdade. Juntando isso à falta de preparação psicológica da família e do não envolvimento da escola, o adolescente fica sem nenhum apoio. Se a gravidez acontecer, a escola exclui, a sociedade exclui, algumas famílias também fazem o mesmo. Com isso os jovens envolvidos perdem as amigas e acabam ficando isoladas numa hora tão difícil.

Temos que considerar também a diferença entre as gerações e o conseqüente choque de idéias. Antes, no tempo de meus pais e professores, era de uma maneira, agora já mudou completamente. Para os pais de nossos

pais falar sobre sexo com seus filhos, seria um absurdo. Este é um dos maiores problemas, os pais não estão prontos para falar com seus filhos nem os professores com os alunos. O professor não sabe até que ponto pode falar, porque, em cada turma, ele encontra alunos com experiências diferentes, então ele não sabe como abordar este tema. Cada aluno tem um tipo de formação, se encontra em uma determinada fase .

Com os professores aconteceu o mesmo fato quando eles eram jovens: nunca ninguém conversou com eles, como acontece conosco hoje. Os pais não falavam, a escola menos ainda. Para os professores e para os pais atuais faltou também orientação. O pai do professor não dialogava com ele enquanto filho, da mesma forma, como aluno não falava com o professor. O assunto sexo não podia ser discutido, era algo proibido e feio.

Hoje, se chegar na escola um programa do governo sobre orientação sexual para ser trabalhado com os alunos, sem oferecer algum treinamento ou preparo para os professores será bastante difícil conseguir um trabalho efetivo. É preciso ajudá-los para que consigam vencer suas dificuldades e tabus. É necessário fazer cursos, palestras, algum trabalho no sentido de prepará-los melhor, para que possam conversar com os alunos, sem medo e sem rodeios. Na verdade os professores, precisariam ser reeducados em relação ao assunto orientação sexual e assim conseguirem falar em sala de aula com os alunos.

Os pais precisam confiar na escola, estimulando na implementação deste trabalho relacionado à sexualidade. A escola também precisa dar “*um empurrãozinho*”: fazer reuniões, realizar palestras para os pais, enfim, mostrar a necessidade deste estudo. Não é culpa dos pais não falarem com os filhos, eles têm muitas dificuldades em relação a isto, até na sua própria vida. Alguns amigos meus encontram muitos obstáculos para conversar sobre sexo com os pais. Este não é o meu caso, eu converso bastante com minha mãe, todas as minha angústias eu divido com ela. Com ela tenho muita liberdade, esclareço dúvidas perguntando- lhe tudo o que quero saber. Vejo que muitos de meus amigos não têm esta liberdade de perguntar aos pais e acabam tendo idéias erradas. Por exemplo: “*sexo todo mundo fica falando, mas ninguém sabe por que tem que usar a camisinha, por que tem que se cuidar, como se pega AIDS.*”

Sinto, em sala de aula, as dificuldades dos professores. Eles não conseguem entrar no detalhamento da questão. Ficam com receio de falar, constrangidos de explicar, tem toda uma série de preconceitos morais, acho que isto é muito culpa da sociedade. Para aqueles professores que nunca tiveram contato com orientação sexual, abordar este tema em sala de aula parece ser bastante difícil. Há dificuldades para trabalharem com os alunos, por não estarem preparados. Igualmente é difícil também para os alunos confiarem nos professores e contar suas angústias.

Sexo não é um tema para ser falado em sala de aula, Sexo é um assunto para descobrir sozinho e de preferência não comentar com ninguém. Esta é a filosofia de muitas escolas. Só que não é mais assim, esta mentalidade surgiu há muito tempo e vem se arrastando de década para década, criando um circulo vicioso. Talvez a nossa geração também tenha problemas como este porque a sexualidade ainda é um assunto pouco

trabalhado. Acredito ser este tema de fundamental importância para os jovens, talvez haja uma mudança radical no próximo milênio e este assunto passe a ser mais estudado e aprofundado.

Este professor que não teve orientação nenhuma, com quem ninguém falou sobre sexo, como vai chegar e falar com seus alunos, em sala de aula? Ele se sente também inseguro. E surge a dúvida: “*Eu posso falar isso? Os alunos irão comentar em casa. Será que virá alguém me cobrar por estar falando isso com o filho dele?*” Aí tem a cobrança, o medo de se expor e de ser questionado pelos pais e também pela direção da escola, principalmente nas escolas particulares, muitas delas com uma filosofia conservadora.

Há necessidade de uma preparação dos professores para que consigam entrar nesta realidade. Como está agora, para os professores é difícil escutar os alunos e ajudá-los. É muito difícil os jovens falarem com os professores sobre o que eles sentem, quais são suas angústias. A conversa tem que ser com alguém que inspire confiança. Na sala de aula é preciso um clima descontraído, para ficar mais fácil. Depois que um começa a falar todo mundo fala.

Na escola precisaria ter uma aula ou um período para conversar sobre sexualidade, para explorar todas as dúvidas, esclarecer tudo o que os alunos deveriam saber. Quando a gente conversa, todos têm dúvidas e de uma dúvida vai surgindo outra e outra. No grupo, a dúvida de um pode ser a dúvida de outro que tem vergonha de perguntar.

Pelo fato de não haver um espaço de aula para conversar sobre sexualidade, os alunos acabam não prestando atenção no que a professora explica, concentrados apenas nas suas preocupações. Se tivesse este espaço para tirar dúvidas sobre sexualidade, no restante do tempo todos prestariam mais atenção nas aulas. Como isto não existe, as dúvidas são tiradas com os colegas, em plena aula, por isso a aprendizagem fica em segundo plano.

Acredito que pichar banheiro tem a ver também com a falta deste diálogo. E mais, se o aluno foi lá e pichou todo o banheiro, é porque tem uma ansiedade, ele tem alguma coisa não resolvida. Neste caso o que a escola faz é dar bilhete e registrar ocorrência. A escola não tenta conversar, falar com aquele aluno. Chamam o pai, pressionam os pais e o aluno vai lá e faz de novo. A escola deveria ser mais aberta. Deveria ter mais diálogo. Assim, o aluno teria mais chances de construir seus valores.

Penso que sexo e aprendizagem estão interrelacionadas, uma tem a ver com a outra. Vamos imaginar todo mundo na aula de matemática, daí um aluno está com a cabeça um pouco na sala de aula e um pouco no que ele fez e no que ele quer fazer. Já não sabe mais o que a professora está falando. Só está pensando “*naquilo*”, na relação sexual que teve, ou vai ter nestes dias.

Se observarmos, com atenção, uma sala de aula, veremos uns pouco alunos prestando atenção no que o professor está falando, um grupinho conversando e os demais preocupados com outra coisa, “*estão no mundo da lua*”. Se perguntarmos o que eles estão pensando, a maioria dirá que pensa na transa que teve, que não usou camisinha ou então que não transou ainda,

se tem fazer isto logo ou esperar. Naquele grupinho que está conversando pode ter certeza, se é grupo de gurias, estão falando das gurias, se é de gurias estão falando dos gurus.

Enquanto o professor explica, a conversa “*consultório*” corre solta. Os alunos conversam para tirar dúvidas, porém acabam criando outras dúvidas na cabeça deles. Um diz: “*eu penso assim*”, “*isto tá errado*”, o outro diz: “*eu penso diferente*”, muitas vezes surge um conflito muito mais complicado do que existia antes da conversa com os colegas. Algumas vezes, ao debater sobre sexo com meus amigos acabei ficando com muitas dúvidas. Nem sempre o grupo de amigos tem as informações corretas.

Quando penso em uma aula de orientação sexual, imagino que não precisa ser uma aula assim todo mundo sentado um atrás do outro. Tem que ser uma aula descontraída, todos sentados em círculo, tipo estar batendo papo. Se os alunos estão sentados na sala de aula com o professor ali na frente, fica aquela idéia de respeito e ninguém consegue falar. A aula sobre sexualidade precisa ser bem mais descontraída e até com brincadeiras.

Seria bem melhor para o rendimento escolar se o colégio proporcionasse uma orientação, se fizesse oficinas, palestras sobre sexualidade dentro da sala de aula. As preocupações com fatos ligados à sexualidade pode levar o aluno à reprovação. Ele vem para a sala todos os dias porque o pai manda, mas chega na aula e não presta atenção. Aí surge a prova, não sabe nada do conteúdo e nem consegue se concentrar nela. Como resolvê-la e se sair bem? Tem alunos que reprovam por não prestarem atenção na aula, só prestarem atenção nas suas angústias e seus problemas pessoais.

Na 7ª série, quando estávamos trabalhando o corpo humano, os órgãos reprodutores masculinos e femininos, os óvulos, os espermatozoides, todas essas coisas, a professora era bombardeada com perguntas que pareciam ser idiotas, mas, na verdade, eram dúvidas de muita gente. A professora explicava, mas ela ficava constrangida de falar sobre o assunto. Ela procurou tirar todas as dúvidas mas as perguntas eram muitas para pouco tempo. As dúvidas que foram levantadas surgiram em função deste estudo. Só que não era um momento específico para falar sobre sexo e tirar dúvidas existenciais. Na 8ª série, surgiu, em sala de aula o assunto sobre sexo e a professora começou a ver as nossas dúvidas, as nossas perguntas. Ela disse “na 7ª série vocês não estudaram isso?” Respondemos que sim, mas as dúvidas eram tantas que não tinham acabado.

Quando temos oportunidade de conversar sobre sexo, a primeira pergunta sempre é a mais difícil, depois vem uma atrás da outra. Há, sem dúvida, aqueles que estão loucos para perguntar e não conseguem, devido à timidez e ao medo das gozações do grupo.

Existem diferentes posicionamentos sobre o tratamento do tema pelos professores. Alguns dizem que isto não pode ser falado na escola, outros acham que deveria haver uma abordagem mais aprofundada, levando o aluno a fazer uma reflexão. Outros, ainda, percebem que a ansiedade dos alunos vem muito da descoberta e das incertezas relacionadas à sexualidade. Mas

no fundo existe uma certa proibição: os assuntos de sexo devem permanecer fora da sala de aula.

A descoberta, a vivência da sexualidade está sendo muito precoce, meninas com 12, 13 anos já querem ter namorado e já querem sair transando. Elas não esperam para conhecer bem seu namorado, aguardar um tempo ...Se com esta idade já transou com o primeiro namorado que aparece, imagina só com quantos ela já vai ter saído quando tiver uns 18 anos. Eu acho que ao transar com muitos a auto-estima vai ficar lá embaixo por causa dos comentários: *“aquela ali, eu fiquei com ela eu também fiquei com ela é uma baita galinha”*. Quando alguém chega a isto é tarde para pensar. É preciso pensar antes sobre o que se vai fazer. Para pegar fama numa escola, num prédio ou em qualquer outro lugar basta beijar dois, três meninos, nem precisa transar. A garota que transa com todo mundo deve se sentir um pouco confusa, porque ela deve misturar os sentimentos, não sabe mais o que sente por um e o que sente por outro. Acho que, quem anda com várias pessoas, perde um pouco sua identidade.

Meninas adolescentes não têm cabeça para pensar. Na hora da transa pode ser bom, mas depois ela vai pensar que pode ter um filho, pode ter pego uma doença. Se tivesse uma orientação da escola, se os pais conversassem, as meninas perceberiam que teriam que estar mais amadurecidas. Manteriam uma relação só depois que estivessem prontas, com uns 16, 17 anos, talvez. Não tem uma idade definida, isso vai de cada um, o amadurecimento vem da cabeça da própria pessoa.

Quando eu escuto as gurias falando que fizeram isto ou aquilo e vejo quanto são novas e tão pouco amadurecidas, eu fico pensando: *“não quero isso para mim. Eu quero que seja uma relação boa, que eu tire proveito, que não fique me preocupando, que eu tenha algumas vantagens”*. Eu não estou pronta para ter uma relação agora, quando eu estiver com a cabeça pronta e não tiver mais dúvidas, do tipo: *“será que eu vou pegar uma doença sexualmente transmissível? Será que eu vou ter um filho agora?”* Acho que daí estarei mais livre.

Se eu engravidasse, um filho agora iria atrapalhar todos os meus estudos. Se eu não estudar, aí mesmo que não vou conseguir nenhum serviço. Fazer o ensino médio, fazer uma faculdade é meu sonho agora. Mais tarde, quando eu me sentir pronta sexualmente, vou transar. Espero que aconteça naturalmente e não pressionada pelas amigas, ou namorado. Não adianta eu ficar pensando, *“tá na hora, vai ser com este, com aquele”* tudo tem o seu tempo. Quando tiver que acontecer, vai acontecer. Tem que ser uma coisa natural. Eu tenho que estar me sentindo pronta e querendo, não tendo nenhuma dúvida a respeito de nada, porque senão pode acontecer alguma coisa que eu não estou esperando.

As gurias falam assim: *“eu fiquei com aquele ali e fiz aquilo com aquele lá.”* A pessoa muitas vezes quer contar vantagem dizendo que fez isto ou aquilo e nem sempre é verdade. Eu se fizer alguma coisa é porque eu quis fazer, é porque eu achei que seria bom fazer e portanto não vou sair contando. A transa deve acontecer quando a pessoa se achar pronta. É fazer e *“ficar na dela”*, não ficar espalhando. Se a pessoa sair divulgando por aí, isso mostra imaturidade e falta de cabeça.

Os amigos também influenciam bastante. Há vários tipos de amizades: amigos mais velhos, amigos da mesma idade, amigos que têm uma cabeça já formada e ainda os que estão formando sua personalidade. Sem dúvida, os companheiros acabam influenciando demais. A gente pensa que amizade não influencia, mas ela influencia bastante. Quando os amigos começam a pressionar, alguns acabam fazendo tudo o que os outros fazem para provar que são iguais, para manter o prestígio junto àquela turminha.

Devido à pressão do grupo, alguns acabam entrando também no cigarro e na bebida. Esta influência aparece também na questão da transa e do namoro. A turma fala: *“porque tu não ficas com aquele menino? por que não transas com ele, ele é um gato!!!”* – isto pesa bastante. Minha mãe se preocupa com minhas amizades, não que ela as proíba, mas ela fala: *“não anda com esta ou com aquela, elas não são companhia para ti...”*, mas eu não lhe dou ouvidos. Depois de um tempo, quando percebo como esta amiga fala *“besteira”*, eu me dou conta, lembro da minha mãe e acabo me afastando desta pessoa.

Se meu pai e minha mãe não me explicassem nada, se a escola se calasse totalmente e uma amiga, muito amiga, começasse a me pressionar *“é bom por que tu não fazes?”* - talvez eu acabasse cedendo de tanto ouvi-la, principalmente se não tivesse esclarecimento de nenhuma outra pessoa. Acabaria indo sem pensar muito, mais pelo envolvimento. Se a escola explicasse, se os pais conversassem mais, acho que cada um teria mais clareza do melhor para si e não se daria tanta importância para os amigos.

O adolescente vive num mundo de incertezas, se eu começar a citar todas as dúvidas que nós temos acho que ficaria toda manhã fazendo esta lista. Em tudo o adolescente tem dúvida. Ele pode até dizer que não tem mas quando começa a conversar e logo inicia a perguntar: *“por que isso, por que aquilo”*. A maioria dos jovens quer saber sobre sexualidade, bebidas.

O maior conflito em relação a transar é *“se eu ceder e transar com aquele ali, será que depois vamos continuar juntos? Será que ele gosta de mim?”* O que mais importa é se ele gosta de mim. É saber se o amor é correspondido. Se eu gostar muito de um menino e ele não gostar de mim, ele vai ficar comigo só por ficar. Não adianta um só gostar. Não adianta olhar e ser uma pessoa linda. E depois descobrir que por dentro não tem cabeça, *“só fala besteira e não está nem aí”*.

Para mim, transar significa gostar, ter uma relação com aquela pessoa, ter afeto, ter um sentimento de amor por ela. Como é que vai se chegar numa festa e já ter uma relação com alguém? Eu acho que se precisa conhecer para depois não haver arrependimento. Se conhecermos a pessoa não vamos nos arrepender, porque sabemos como ela pensa, como ela é. O perigo é, depois de transar, um não querer mais nem olhar para o outro. Se a gente não gosta, só sente atração física, desejo, só acha aquela pessoa bonita, penso que não vai ser bom como se a gente gostasse dela, se a conhecesse como ela realmente é, não por fora, mas o seu interior. O que influi muito é o interior o que ela é por dentro.

Quanto à transa, sempre surgem questionamentos do tipo “*como é, como eu vou fazer ?*” Eu acho que só quando chegar a hora é que eu vou saber. Não adianta eu ficar perguntando para um ou para outro. Ninguém tem a resposta. Para cada um é de um jeito diferente, uns dizem que é bom, outros dizem que é ruim. Outros dizem que gostaram com este e não gostaram com aquele. Só na hora que eu tiver a minha relação é que eu vou saber como é.

Muitos adolescentes que se preocupam com métodos para não engravidar, às vezes, só lá no meio da transa é que eles se lembram da camisinha. De tão afoitos acabam esquecendo o preservativo, se dando conta depois, quando já é tarde demais. Se conversarmos com meninas grávidas, a maioria acabará dizendo: “*nós estávamos tão envolvidos quando vimos já estava acontecendo*”. Quando perceberam já era tarde demais, porque foram rápido demais.

Todo mundo sabe que a camisinha existe e para que serve. É uma coisa mal divulgada, mas, pelo menos, divulgada. Ainda que não a conheça muito bem, todo mundo sabe um pouquinho sobre a camisinha. Sabe que existe um método para evitar a gravidez, mesmo não o conhecendo direito. Ao ir para uma transa temos que conhecer todos os métodos para evitar uma gravidez. A camisinha não serve só para evitar um filho também é para evitar doenças sexualmente transmissíveis como a AIDS. Há várias doenças sexualmente transmissíveis que muitas pessoas nem sabem que existem por desconhecimento total do assunto. Só querem transar e ter mais experiências, muitas emoções. Não pensam que podem pegar uma doença, muitas vezes, por pura desinformação.

Muitos jovens até sabem sobre a camisinha, mas estão tão preocupados em ter prazer que acabam se esquecendo de tudo. Tem muita gente que diz assim: “*se é com camisinha eu não transo, eu não vou usar*”. Muitas vezes isso acontece por falta de orientação, por irresponsabilidade. Quando acontece de terem um filho, surgem sérios problemas: o guri não quer assumir, os pais não querem saber, ninguém quer saber. A menina acaba tendo um filho, sem terminar os estudos, sem trabalho e sem nada. Acaba ela com uma criança para cuidar. Uma criança cuidando de outra criança.

Muitos gurus falam que não usam camisinha porque não gostam. Dizem ser homem suficiente para não usar a camisinha. Gira em torno disso: “*eu não uso porque eu não gosto*” e aí a menina acaba transando várias vezes com aquele guri, sem camisinha. Depois, quando vai transar com outro, possivelmente não queira mais usar camisinha.

Assim, tem o grupo que usa camisinha e o que não usa ou porque não gosta ou porque o pai falou para o menino não usar. Por incrível que pareça, nós estávamos em um grupo conversando e um guri afirmou: “*meu pai falou que eu não usasse*”. Parece opinião de 50 anos atrás, mas é uma coisa que acontece. Este é um fato grave ao qual não é dada a devida importância. Se a menina aparece grávida, o menino logo diz que não assume, afirmando: “*quem é que prova que este filho é meu?*” Tem muito pai que diz que seu filho não vai assumir a criança, a menina fez, ela que

agüente. No entanto, para existir uma criança os dois tiveram que querer, estavam de comum acordo.

O caso da gravidez é sério. Como é que a menina vai vir para a aula com uma enorme barriga ? vai ser rejeitada por toda a escola. Todo mundo vai apontar: aquela ali está grávida. Embora tenham muitas pessoa na escola que transem, quem estiver grávida vai ser marcada, não vai ter condições psicológicas para permanecer. E depois, como deixar um bebezinho de um mês em casa? Muitas meninas até trazem seus bebês, mas eles acabam sendo rejeitados na escola.

Penso que uma gravidez precoce é horrível, porque desestrutura toda a vida dos adolescentes e filho é para sempre. Em muitos casos são os avós que acabam tomando conta da criança, acabam sendo pais de seu neto, porque são eles que o assumem, já que o filho ou a filha não estão preparados para isto. O pior são as drogas, porque uma pessoa envolvida nelas pode até se matar. Os pais reagem melhor frente a uma gravidez do que frente às drogas. O mundo das drogas é um caminho sem volta.

Transar sem camisinha, hoje, é estar sujeito a receber e passar o vírus da AIDS para muitas pessoas e estas repassarem para outras tantas. É muito fácil se contaminar, é só trocar de parceiro toda hora, sem usar camisinha. Alguém pega AIDS de um parceiro e vai passando para outro e este passa para outro e o grupo de contaminados se amplia cada vez mais.

Particpei de uma oficina sobre sexo que me marcou positivamente. As médicas que coordenavam, nos perguntaram o que sentimos em relação a ser portador do vírus da AIDS. Por incrível que pareça, teve gente que falou que agora ia transar com todo mundo, ia passar para todo mundo, porque se ele tinha a doença ele queria era contaminar muitos outros. É uma coisa meio de vingança: *“vou morrer mesmo, azar se eu passar para mais uns seis ou sete.”*

Durante o trabalho realizado naquele dia, todo mundo começou a falar, falar, a tirar dúvidas. Acho que muita gente conseguiu esclarecer sua preocupações. Muitas vezes as nossas incertezas parecem ser banais, mas para os jovens, não são. Algumas vezes, dúvidas bastante sérias para alguns, para outros parece não ter tanta importância.

Um trabalho alegre e descontraído é o que precisa acontecer na escola. Começar com algo simples, com jogos, brincadeiras, mobilizando o grupo. Fazer alguma atividade chamando atenção, estimulando todos a falarem, porque sexualidade é um assunto com muitos bloqueios, parece que não tem barreiras, mas elas existem. Palestras e oficinas deveriam acontecer também na escola. Acredito que teríamos jovens mais conscientes e com um resultado bem melhor na aprendizagem, porque não teriam tantas dúvidas, nem tantas preocupações durante as aulas. Alguns passam as aulas preocupados com alguma coisa que aconteceu, ficam um longo tempo pensando: *“será que eu engravidei porque transei com ele sem camisinha ontem?”* Este tipo de preocupação é muito forte e muito comum.

A entrevista foi importante porque me fez rever uma série de problemas que acabam ficando de lado, não nos preocupamos com aquilo

que de fato acontece no dia a dia. Fazendo a entrevista eu trouxe assuntos que tinha guardado lá no fundo e pude analisá-los e refletir buscando entendê-los um pouco melhor. Por isso eu achei a entrevista muito importante e me ajudou muito.

Ametista (15, F)

No colégio não há muito questionamento sobre sexo, não há debates. Às vezes, na aula de ciências, a professora dá algumas explicações para nós. Mas não é muito. Eu acho que deveria ter mais espaço aberto na escola para falar sobre sexo.

No grupo de amigos conversamos bastante sobre sexo, mas nem sempre. Quando têm mais gurias a conversa é mais intensa. O que uma sabe, explica para a outra que não sabe. Se fala sobre o que uma já fez e a outra ainda não fez. Sinceramente, eu não considero o sexo muito importante e até agora eu não tenho por que pensar nisso. Como eu penso assim, também não considero a virgindade algo muito importante. Todo mundo sabe sua hora de perder a virgindade e quando ela chegar, cada um vai saber que é a hora certa. Não considero isto tão significativo, não acho que seja tão fundamental.

A adolescência para mim não representou uma mudança brusca. A minha mãe vinha me preparando desde pequena. Ela sempre me explicou tudo. Eu não senti uma mudança muito rápida, realmente não senti. Quando eu tinha os meus doze, treze anos, me dei conta de que já era grande, de que não era mais criança.

A mãe me preparou para enfrentar a vida, ela me explicou tudo sobre o sexo, desde pequena. O diálogo com ela sempre foi muito aberto. Ela começou a me explicar as mudanças do corpo. Disse-me que aquela menininha que eu era ia ter corpo de mulher. Falou sobre a primeira menstruação, como é que ia ser... Quando tinha meus oito anos, tinha vontade de ficar menstruada, até mesmo para mudar meu corpo e ter corpo

de mulher. Eu fiquei menstruada muito nova, aos dez anos. Não foi um choque muito grande, porque eu sabia exatamente o que estava acontecendo comigo. Tenho que agradecer a ela o que eu sou hoje. Tudo o que ela não teve oportunidade de saber quando jovem, procurou me explicar. Por exemplo: eu via as minhas primas mais velhas, as filhas das amigas dela eu perguntava: “*quando eu vou menstruar?*” Ela respondia: “*É só daqui a um tempo quando ficares mocinha, daí cada mês tu vais ficar menstruada.*”

Quando eu fiquei menstruada, gostei e não gostei ao mesmo tempo. Gostei pois pensei que deixara de ser criança. Depois eu não gostei tanto porque foi um desconforto para mim, um sacrifício me acostumar. Usar o absorvente me atrapalhava ao andar. Ficava me cuidando. Minha menstruação era muito intensa e também vinha muito desregulada, falhava alguns meses. Minha mãe, então, me explicou que era normal, que isto aconteceria só no início, depois normalizaria. Agora eu já estou bem acostumada. Entre amigas o fato de ficar menstruada é um acontecimento partilhado pelo grupo. A gente fala nisso. Algumas gurias ficam distraídas, outras ficam chateadas porque ainda não menstruaram e desejam que isso ocorra. Hoje, a gente não questiona mais isso. Há quatro anos atrás, no entanto, todas do grupo queriam ficar menstruadas. Sempre que uma ficava, nos juntávamos para perguntar, para ver como era, se era diferente.

Eu sou a única filha mulher e a caçula da família, meus irmãos são mais velhos do que eu.. Eles estão sempre falando que minha mãe me explicou tudo muito cedo e, por este fato, eles têm medo que eu vá fazer alguma coisa errada e que vá acontecer comigo também o que acontece com outras jovens. Existem muitas adolescentes grávidas por aí. Meu pai tem medo também, eles condenam minha mãe por ela ter me explicado tudo. A mãe dizia: “*eu prefiro explicar, para que ela esteja bem orientada. É melhor do que não ter orientação nenhuma*”. Eu acho que recebi uma boa orientação. Nunca precisei de psicólogo.

Eu acho bom ter recebido essas orientações da minha mãe desde cedo. A maioria das adolescentes que ficam grávidas, possivelmente, não tiveram orientação. Não lhes explicaram nem em casa nem no colégio. Penso que há falta de orientação e também de responsabilidade. Neste ponto, tenho muita orientação e entendo a preocupação do meu pai e dos meus irmãos.

Hoje em dia, são poucas as gurias que nunca tiveram relações sexuais, que não tiveram envolvimento com algum rapaz. Meus irmãos acham que eu sou uma dessas que daqui a uns dias vai aparecer grávida dentro de casa. Eles sempre falam isso.

As dúvidas são tiradas no grupo de amigas. Sempre que uma amiga me pergunta alguma coisa, se eu posso, eu ajudo. Sempre converso bastante. Algumas meninas sentem vergonha de dizer que são virgens, porque a maioria do grupinho não é. Tenho uma amiga que é virgem, mas, na escola, ela diz que não é mais, porque tem vergonha de sua virgindade. Eu e minhas amigas conversamos bastante. As dúvidas sempre aparecem. Em conjunto, escrevemos para essas revistas de adolescentes para esclarecer dúvidas ou até mesmo vamos ao ginecologista buscar orientações, depois comentamos uma com a outra.

Coragem temos bastante, o que nos falta é liberdade de perguntar para os pais. Algumas coisas não gostamos de perguntar, ficamos constrangidas. Assim procuramos uma ajudar à outra. Nunca tivemos problemas no nosso grupo, nos ajudamos e buscamos esclarecimentos. Temos dúvidas: quanto ao uso da camisinha; sobre quanto tempo uma guria pode transar sem que a camisinha vá estourar; se a mulher pode ficar grávida estando menstruada; quanto tempo a gente fica sem menstruar entre um período e outro... Muitas pessoas pensam que nossas dúvidas são banais, mas para nós não são. Não temos tantos conhecimentos. Temos diversas dúvidas, porém não as expressamos. Não que nossos pais ou professores não saibam responder, mas porque eles vão ficar meio chocados com as nossas perguntas. Por exemplo: como será a primeira vez? Pode ser assim, mas pode não ser. O que a guria sente. Tem idade determinada para transar? Nós sempre questionamos isto, para nós mesmas.

Nós nos questionamos a fim de ajudar umas às outras, tirar dúvidas, tomar decisões corretas, estar bem preparadas para quando chegar a hora. Por exemplo: quando em um grupinho de cinco gurias, três não são mais virgens e duas são, a gente fica perguntando como é. Se é bom, se não é. A maioria das gurias diz ter se desencantado muito na primeira experiência. Tanto elas como os rapazes se decepcionaram porque não era aquilo que estavam imaginando. Foi uma grande frustração.

Algumas gurias, se arrependeram de não ter esperado mais um pouco, para ter a primeira relação. Elas têm medo e vergonha de dizer o que é este "*não foi bom*". Elas não falam nada. Talvez, tenha a ver com o lugar onde aconteceu. No meu caso eu não tenho este medo. Penso não estar preparada para isso ainda. Sou muito nova, eu tenho muita vida pela frente. Não me sinto preparada, quero esperar mais. Transar não deve gerar tanto medo, porque se fosse assim, não haveria um número tão alto de meninas que perdem a virgindade, cada vez mais novas.

Para as gurias, a virgindade tem muito valor. Claro que não para todas. Algumas, no entanto, procuram se guardar para o homem certo. Para o homem, a virgindade não tem tanto valor. Se a guria, porém, facilitar ele faz o que ele quiser. A guria procura se guardar mais. Ela não aceita transar em qualquer lugar, nem com qualquer pessoa.

Quando eu iniciar a minha vida sexual, pretendo usar camisinha, não só para evitar gravidez, mas porque muitas doenças estão aí. A televisão mostrou uma doença que uma guria pegou do namorado dela por nunca ter transado com camisinha. O seu uso não é para evitar filhos mas para evitar doenças. A gente tem medo de pegar doença, não tanto da gravidez.

A escola não trata sobre este assunto de sexo. Os adolescentes ficam sem os conhecimentos necessários. Na escola não têm espaço para questionamentos sobre este assunto. Na verdade se fala muito pouco sobre isso. Assim como tem uma professora para o SOE, eu acho que deveria ter um professor disponível no colégio que pudesse esclarecer dúvidas sobre sexo. Acho que se esta escola tivesse uma pessoa que pudesse esclarecer nossas dúvidas, com uma aula semanal, tudo seria diferente. Há muitos

adolescentes no colégio que não tem como perguntar em casa, eles esperam ajuda da escola.

No ano passado, na 7ª série, quando a professora chegou no capítulo que falava sobre o aparelho reprodutor, teve um questionamento grande por parte do grupo. As explicações, porém, foram muito poucas, insuficientes para tirar todas as dúvidas. Como já disse, no colégio poderia ter alguém para esclarecer dúvidas, de vez em quando ter alguma palestra com um ginecologista, para esclarecer aquilo que nos preocupa. A falta de conhecimento não é tanta, porque o sexo está exposto em todos os lugares: televisão, rádio ... está tudo aí. O que nos falta são oportunidades de discutir e conversar sobre o assunto, para de fato entendermos o que acontece conosco. Eu acho que as gurias ficam grávidas não tanto pela falta de orientação mas por falta de responsabilidade ou por ingenuidade.

Hoje fala-se abertamente em usar camisinha, tomar anticoncepcional. Uma de minhas amigas diz que, quando for transar com o cara, terá vergonha de pedir para ele usar camisinha. Se o cara não tomar iniciativa, ela também não tomará.

Ainda na 7ª série, quando estudamos o corpo humano, tínhamos curiosidade em saber se, depois da primeira relação sexual, o corpo da guria ficava o mesmo ou mudava. Sempre tivemos esta curiosidade. Queríamos saber se era verdade ou se era mentira. A professora nos explicou que o corpo muda depois que a moça começa a tomar anticoncepcional pois eles influenciam nos hormônios. A minha curiosidade sempre foi sobre que tipo de transformações haveria se o corpo mudaria ou não mudaria. Havia outras dúvidas: *“por que a gente tem cólica no período da menstruação? Tem algum remédio para a cólica passar... Porque demora tanto a menstruação?”*

Na 6ª série tive um namoro que me abalou muito. Eu estava com problemas sérios em minha casa. Eu estava carente. Meus pais estavam quase se divorciando e eu não tinha com quem conversar. Então, eu comecei a ficar com um guri. Ele dizia que me amava, dizia várias coisas para mim e aquilo foi mexendo comigo. Depois de um tempo, ele falou com a minha mãe e ela autorizou o namoro. Namoramos sério uns cinco ou seis meses. Depois brigamos e ele começou a espalhar vários boatos sobre mim. Falou para a rua inteira várias coisas e nenhuma delas era verdade. Tudo isso mexeu muito comigo e eu me decepcionei. Fiquei muito abalada. Me prejudiquei bastante na escola.

Eu tenho muita facilidade de me apegar a uma pessoa. Não sei se é assim com os guris também. Eu me apeguei muito a este namorado. Na época, eu estava com a cabeça fraca. Tudo o que me mandavam, fazer eu fazia. Cheguei a passar uma semana inteira de aula sem vir à escola. Ficava na praça com outras gurias. Ficava por ai ou voltava para casa, me jogava na cama, dormia e chorava. Quando percebi, eu já estava praticamente rodada. Fiz recuperação, mas não consegui aprovação.

Como eu disse, o namoro abalou minha cabeça pela pressão que meu namorado fazia. Ele me pressionava muito para transar com ele, na época eu tinha 12 anos. Eu era muito nova, eu ainda acho que sou muito nova. Eu

não queria de jeito nenhum, não queria, não queria e ele me largou. Mas ele sempre me disse que gostava de mim e por que ele me deixou ? Eu fiquei “*super*” decepcionada. Os guris me diziam que ele era sem-vergonha. As gurias me aconselhavam a terminar com ele. Eu nunca ouvia ninguém. Ele me largou pelo fato de eu não querer transar com ele. Em seguida, ele começou a namorar outra guria. Eu fui me abalando, me abalando, não consegui mais prestar atenção no colégio e acabei rodando. É exatamente por isso que eu não quero namorar agora. Pretendo esperar um pouco. Eu não desejo rodar de novo.

Eu e minhas amigas conversávamos, questionávamos “*eu estou há tanto tempo com ele, ele sempre me pressiona a transar com ele, não transei com ele e ele me largou, mas se eu transasse com ele, ele não me largaria? Se eu transar eu vou conseguir proporcionar para ele o que ele quer.*” Com a maioria das minhas amigas aconteceu isso, transaram e o “*cara*” as largou.

Quando minha mãe começou a me ajudar, eu consegui esquecer este rapaz, esse guri que eu namorei. Alguns dos comentários que o rapaz vinha espalhando, chegaram aos ouvidos de meu pai. Como ele é do tempo antigo, a cabeça dele não evoluiu, ele pensava que tudo que o guri andava falando era verdade. Ele pensava que eu fazia e acontecia. Nem meu pai, nem meus irmãos me apoiaram. Somente minha mãe. Meu pai só não me expulsou de casa porque eu era muito nova. Ele não me ajudou em nada. Foi horrível para mim superar tudo, foi horrível mesmo. Só com a ajuda de minha mãe, eu consegui. Minha mãe não me condenou tanto, porque ela também estava com problemas. Quem se culpa até hoje sou eu, por ter rodado. Já podia estar acabando o primeiro ano do ensino médio.

Na hora em que precisei não tinha ninguém para conversar comigo, nem essa amiga que eu tenho até hoje. A gente nunca parava para conversar sobre este assunto. Eu matava aula. Perguntava-me: “*será que eu devo, será que não devo, não sabia o que fazer, o que decidir.*” Eu deveria ter conversado com minha amiga, teria me ajudado, pelo menos não teria matado aula. Até minha mãe conseguir superar os problemas com o meu pai, para poder me ajudar, foi horrível. Eu não conseguia botar para fora o que sentia, eu não conseguia falar com ela.

Na escola eu não me abro muito. Não consigo ter um diálogo com eles. Na minha cabeça, não vão conseguir me ajudar. A escola é bem rígida, acho que é pelo bem estar do aluno. Os professores xingam, brigam, mas na verdade é tudo para nos ajudar. Quando vêem um aluno triste, eles até perguntam o que está acontecendo, mas eu não consigo conversar com eles.

Se o aluno está com problemas eu acho que é ele que tem que procurar ajuda e não o professor que tem que resolver. Ele é quem tem que pedir ajuda. Muitas famílias não aceitam a opinião da escola. Têm famílias que não aceitam, porque não sabem o que está acontecendo. É muito fácil dar opinião, mas é muito difícil conhecer o que está acontecendo.

Um dia, na escola a diretora me chamou, mas eu não me abri com ela. A minha mãe estava com dificuldades eu queria conversar, mas eu não conseguia falar. Eu queria me abrir com minha mãe pois não conseguia

conversar com ninguém. Entretanto, ela não tinha atenção para mim, ela estava cheia de problemas. Eu não queria encher mais sua cabeça com os meus problemas e eu acabei me afundando.

Minha mãe chegou a cancelar minha matrícula na escola. Fiquei uma semana parada, depois eu voltei mas não consegui passar. Rodei em ciências, por décimos. Eu ficava na praça ou vinha até o colégio e saía quando queria. Pensava em tudo e ao mesmo tempo não pensava em nada. Concentrar-me era uma dificuldade. Quando finalmente “*botei a minha cabeça em ordem*”, no lugar, já era tarde. Era tarde para obter aprovação, eu me esforcei mas não consegui.

Hoje, olhando para tudo isso eu penso no que significou para mim. Foi uma lição que recebi. A gente tem que saber separar as coisas. Eu me envolvi demais no namoro e não enxergava mais nada. Justamente por isso que eu não quero namorar agora tenho medo que vá acontecer tudo de novo.

Eu não quero casar. Meus pais estão sempre brigando, discutindo por causa dos filhos. Na hora das coisas boas é o “*nosso*” filho, mas se eu ou meu irmão fazemos alguma coisa errada são os “*teus*” filhos.

Meus irmãos e eu insistimos para o pai e a mãe ficarem juntos. Hoje, sinceramente me arrependo. Em casa, moramos só nós três. Às vezes, eles passam um pelo outro dentro de casa e um não olha para a cara do outro. Eu me sinto mal. Ambos cobram minhas atitudes. Se dou mais atenção para minha mãe é porque eu gosto mais dela e não gosto do meu pai. Se eu dou mais atenção para o meu pai é porque eu não gosto da minha mãe. Eu fico super dividida, às vezes, fico sem falar com ninguém dentro de casa, me tranco no meu quarto e não falo com ninguém.

Meu pai só serve para mandar. Ele não quer saber se estou precisando de alguma coisa, se estou com algum problema. Ele apenas manda e se impõe. Minha mãe me conhece tanto que quando chego no portão ela olha para mim e pergunta o que houve, se briguei com alguém... Meu pai não se importa comigo. Se conversamos mais longamente, logo começamos a discutir. Acabamos sempre brigando.

Com meu pai eu nunca tive um diálogo muito aberto. Ele nunca me deu liberdade para trocar idéias com ele. Já tentei, mas não consigo. Eu vejo minhas amigas conversando com seus pais, eu acho “*super bacana*”, mas eu não consigo, é impossível dialogar com ele. Até um tempo atrás, eu não gostava de ver, na frente dele, uma cena de beijo na televisão. Quando apareciam cenas de sexo, eu saía, não conseguia permanecer perto dele. Acho que pelo fato de nunca termos conversado, sempre senti vergonha. Hoje não, acho que não tem mais problema nenhum. Ele tem que saber que eu já não sou nenhum bebê, que eu já sei várias coisas, apesar de ele nunca ter me explicado nada.

Eu me sinto constrangida em falar alguns assuntos com o meu pai. Meu pai faz comentários sobre todas as pessoas, principalmente sobre as minhas amigas. Eu não me dou bem com o meu pai. Tenho vontade de me dar melhor com ele, mas a gente não consegue a gente não se entrosa um com o outro. Meu pai é muito ignorante, ele não mede as palavras. Na hora ele

fala e não interessa se ele vai magoar o outro ou não. Ele já me magoou muito com palavras. A mãe diz que é para eu esquecer porque ele fala “*da boca para fora*” em momentos de raiva ou brabeza. Mas ele nunca me pediu desculpas pelo que disse, então a gente não se dá bem.

Eu me lembro do que aconteceu certa vez. Meu pai viu quando eu dei meu primeiro beijo. Estávamos na praia e eu tinha quase onze anos. Ele não aceitou aquilo, achou horrível. Para ele era o cúmulo uma guria de onze anos beijando na boca. Meu pai me xingou, me deixou dois dias de castigo, sem sair na rua. Minha mãe não, ela perguntou como tinha sido, se eu tinha gostado. Minha mãe afirma que, para o pai, eu sou um nenê, que eu nunca vou crescer .

Meu pai sempre brigou com a minha mãe por ela me dar liberdade. Ele tem medo que eu saia para casa de alguma amiga, ele acha que eu vou fazer alguma coisa errada. O errado para ele é sexo, ele pensa que eu vou fazer algo deste tipo: “*sair e transar com o primeiro que aparece*”.

Na última vez que brigamos, fiquei dois meses sem falar com ele. Fazem dois anos que tentamos nos entender, mas ainda não deu certo. Ele não mede as palavras e acaba me magoando. Eu preciso também de um pai, um dia pretendo “*botar isso para fora*” e falar com ele. Eu penso em dizer tudo o que eu estou sentindo, mas terá que ser um dia em que ele esteja bem calmo. Vou esperar um pouco mais, quero deixar ele perceber que não sou mais aquela garotinha pequeninha, ele precisa ver que já estou crescida.

A partir desta conversa pude pensar em muitas coisas e vou mudar. Quando chegar o momento vou conversar com o pai e espero que o nosso relacionamento mude. Eu gosto muito do meu pai, mas ele não enxerga a si mesmo. Ele não gosta das minhas amigas. Ele quer que eu me dê só com aquelas que ele escolhe, só vê as diferenças. Ele só percebe o que eu faço de errado, ele não enxerga o que eu faço certo. Cruzar com o meu pai dentro de casa e não falar com ele é horrível. Mesmo quando ele não fala com a minha mãe, eu fico dividida. Eu não posso ficar do lado de um ou do lado do outro. Por mais que eu esteja contra o meu pai, eu tenho que me dividir, é horrível isso aí.

Eu não sei como seria se eles fossem se separar agora. Não sei como ia ser. Eu tenho liberdade de escolha, mas se eu ficar com um é porque eu gosto menos do outro. Isso é horrível. Meu pais chegaram a ficar oito meses brigados e para mim foram os piores oito meses da minha vida. Eu ouvia queixa da minha mãe de um lado e do meu pai de outro. Eu tinha que ficar quieta, eu não podia reclamar. Por isso eu e meus irmãos tentamos uni-los de novo, para não ter problemas. Ele me dá tudo o que eu quero, materialmente, mas eu não queria nada disso eu queria dar-lhe a minha afetividade, eu queria receber carinho.

Sinceramente, eu me senti até mais aliviada, ao verbalizar tudo o que aconteceu desde os meus onze anos e que foi muito tumultuado. Para mim foi interessante ser entrevistada. Gostei, porque só a minha mãe sabendo , às vezes, não é suficiente, é preciso que outras pessoas saibam para poder ajudar.

Eu achei bastante proveitosa a entrevista. Ela me fez refletir, sobre coisas que gosto de lembrar e sobre coisas que não gosto de lembrar. É bom, de vez em quando, fazermos uma reflexão da vida, para ver o que já aconteceu, como amadurecemos ...é bem interessante. Às vezes, não queremos lembrar o que passou, mas ao lembrar, fazemos uma reflexão. Formulamos novas propostas de vida.

Ônix (14, M)

Tenho problemas. Eles surgiram quando fiquei com uma guria durante as férias. Namoramos dois meses. Depois, não deu certo, ela me deixou.

Tudo iniciou quando fui visitar um amigo de meu pai que havia mudado de residência. Eu estava em frente à casa deste amigo e vi passar uma menina. Ela despertou minha atenção. Acabei gostando dela. Enviei-lhe uma carta e fui correspondido. Começamos a namorar. Passados dois meses, não sei o que houve, a menina não quis mais saber de mim. Estávamos namorando firme, não era apenas “*um ficar*”.

Ela simplesmente brigou comigo, sem me dar nenhuma explicação. Desde fevereiro até agora, outubro 1999, estou sem entender por que ela me deixou. Permaneço sem nenhuma explicação. Eu gostava muito dela. Nosso amor era feito de carinho, de respeito. Fico me perguntando o que aconteceu e não consigo compreender. Ela nem me olha mais quando passa por mim. Sofro intensamente com tudo isso. Ela foi alguém que me marcou muito e não consigo parar de pensar nela.

Eu tenho 14 anos e a menina, 12. Depois que ela terminou comigo, já ficou com outro guri também de 14 anos. Eu sei disso pois a encontrei em uma festa, acompanhada deste outro namorado. Quando a vi com outro, quase morri.

O fato desta guria ter me deixado, me abalou muito. Depois que ela me largou, as pessoas dizem que estou insuportável. Fico constantemente de mau humor. Estou quase sempre bravo, irritado, revoltado, rebelde. Não consigo mais me relacionar com meus pais, com meus amigos. Está muito difícil viver assim.

Antes deste namoro, eu estava sempre bem. Não carregava as mágoas e as feridas de agora. Minha mãe me pergunta o que está acontecendo, qual o motivo de eu estar sempre de mau humor. Eu simplesmente digo a ela que não acordei muito bem. Ela não sabe o que se passa comigo, mas respeita meu silêncio e minha irritação. Nunca falo para meus pais o que acontece comigo.

Só consegui contar esta história para meus amigos. Eles, entretanto, já a conheciam. A menina lhes revelara que não queria mais nada comigo.

Ela dizia que me amava, que gostava muito de mim. No entanto, me deixou sem nenhuma explicação. De uma hora para outra, ela parou de me amar como um relógio que pára. Acabou ali, como se tivesse acabado a corda. Nada a fez mudar de opinião. Junto acabou-se minha alegria. Ainda hoje, passados quase nove meses, eu estou triste e permaneço muito abalado. Está difícil aceitar. Não adiantaria forçar o namoro, ela um dia iria embora certamente. A relação se quebrou e não entendo por quê.

Meu namoro com esta menina não incluía transa. Era beijar, abraçar, se gostar e ter muito carinho um pelo outro. A experiência sexual não precisa acontecer no início da adolescência. Tudo tem seu tempo. Não é

uma necessidade assim tão grande como alguns falam. É importante mas não tem pressa.

Acho que se precisa pensar bem antes de transar. Não precisa ser logo no início do namoro. Sempre existe o perigo de ocorrer uma gravidez indesejada. Ter um filho assim tão jovem é muito difícil. Considero que provocar uma gravidez na adolescência é falta de inteligência. Os adolescentes não têm condições de sustentar uma criança. Uma gravidez precoce traz conseqüências desfavoráveis: a menina pode ser rejeitada pelos pais e amigos; o menino terá que trabalhar e ficará com poucas oportunidades de continuar estudando.

Estou na 8ª série e o rompimento com minha namorada tem me causado sérias dificuldades na aprendizagem. Estou me prejudicando muito. Não encontro a mim mesmo. Estou sempre muito distraído. Sinto imensa dificuldade de concentração na sala de aula, não consigo prestar atenção. Quando as aulas são mais interessantes, ainda consigo participar um pouco. Estou fazendo de tudo para me concentrar. Venho tendo algumas dificuldades em matemática, história e português. No primeiro e segundo bimestres fui muito mal nestas matérias, necessito recuperá-las para não perder o ano. Eu precisaria me dedicar aos estudos, mas não estou conseguindo. Muitas vezes, me dou conta que passo um tempo enorme olhando pela janela, para a rua, pensando nela. Tento conversar com os colegas, para esquecê-la, em seguida, porém, volto a pensar nela.

Uma mistura de amor e raiva surge quando ela me vem ao pensamento. Amor, porque gosto dela. Raiva porque sofro demais. Fico muito triste. Fico imaginando que ela ficou com outro, que ela está com alguém. Perco-me nestes pensamentos sofridos. Tento sair, espairar, mas não adianta.

No recreio, eu sempre consigo esquecê-la. Saio, dou uma volta, converso com alguém. Porém quando chega a aula de português, que é meio monótona, vem outro sufoco. Eu começo a pensar e não paro mais. Enquanto penso em minha ex-namorada, parece que as horas passam mais rápidas, mesmo sendo sofridas, tristes. O tempo todo me pergunto: “*por quê? por quê?*” Não consigo entender. Não encontro respostas.

Se a escola oferecesse uma aula específica sobre sexo, namoro, amor, acho que me sentiria ajudado. Deveria ser uma aula de sexologia. Uma aula que ajudasse os alunos a entender que sexo tem o seu tempo que não precisa ser imediato. Seria fundamental falar sobre a camisinha, o anticoncepcional. Na escola onde meu primo estuda, tem aula de sexologia. Assim, ele me ajuda bastante. Fala sobre sexo, sobre a menstruação das mulheres, explica como se usa a camisinha. Esta escola aqui oferece aos alunos muito pouco sobre estes assuntos.

Esta conversa contigo está me mostrando que nove meses de sofrimento é muito tempo perdido. É um grande investimento de vida. Já passou quase um ano e nada se alterou. Só venho me prejudicando no relacionamento com meus pais, com meus amigos e com as outras pessoas que estão perto de mim. Estou me prejudicando na escola, estou sofrendo demais.

Percebo, agora, que não está valendo a pena. Esta situação não está me trazendo nada de positivo, só vai somando problemas. A menina já deixou bem claro que não gosta de mim. Este é o foco da questão. Antes, ela dizia que me amava, que gostava de mim e de uma hora para outra me largou assim... eu não entendo, fico confuso.

Passaram-se nove meses e eu estou sofrendo como no primeiro dia. Eu até decidi esquecê-la mas não adianta, ela sempre volta ao meu pensamento. Não me sinto com coragem de enfrentar outras gurias. Já pensei em procurar outra menina, mas não consegui. Uma colega tentou me ajudar, queria me apresentar uma amiga. Na hora, faltou-me coragem.

Agora, percebo que não vou conseguir a explicação que queria. Necessito tomar uma decisão. Com coragem, preciso enfrentar a situação, virar esta página da minha vida. Vejo, neste momento, a necessidade de encontrar uma nova alternativa de vida. Eu noto que estou mal e continuo acorrentado a algo que não vai dar certo. Preciso resolver o problema. Preciso parar de pensar nela. Largar estes pensamentos. Isso exigirá coragem para mudar e sair deste sofrimento que está me matando por dentro. Não quero mais sofrer.

Tomarei uma decisão a partir de hoje: parar de pensar nela; tentar esquecê-la; romper com ela dentro de mim. Vou procurar outra gurua para namorar. Isso será difícil, mas preciso resolver esta questão. Vou lutar para vencer.

Olhando para trás, constato que o Ônix de antes deste namoro era um pouco melhor. Eu gostava de todo mundo, me relacionava bem com as pessoas. Hoje, estou "sem moral", perdido, sem rumo e sem direção. Sinto-me triste, magoado. Estou afundando. Os amigos percebem que estou me afastando deles, que não estou bem. Cada vez tenho menos amizades.

Preciso mudar..

A partir de hoje, não será mais assim. Vou tentar mudar isso. Eu sou livre e quero uma nova vida. Vou batalhar para tornar-me um Ônix com bastante alegria, descontraído, bem decidido, sabendo o que quer. Na escola, vou dar tudo de mim para conseguir passar de ano. Quero ser aprovado.

Eu gostei muito da entrevista. Apesar de ser um pouco tímido e estar sofrendo bastante, consegui dizer o que sinto. Achei bom ter falado contigo. Agora, consigo ver, com mais clareza, o que está acontecendo comigo. Este diálogo abriu um pouco meus olhos. Talvez, eu consiga resolver meu problema. Estou saindo daqui com uma decisão tomada e vou assumi-la desde hoje. Sinto-me melhor, mais aliviado. Foi muito bom, tudo o que conversamos foi bem interessante e vai me ajudar a seguir a decisão certa. Eu me senti ajudado.

